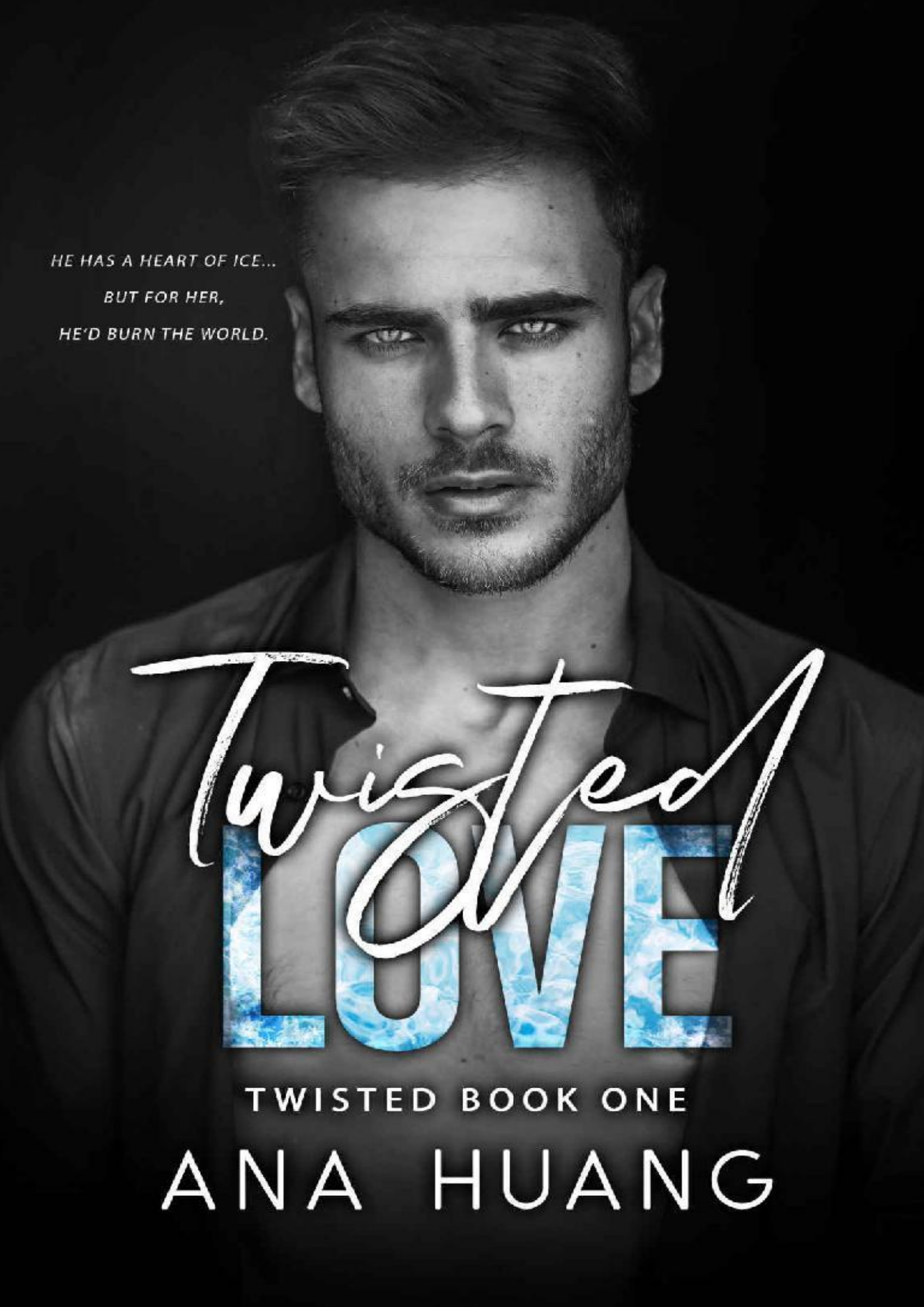

HE HAS A HEART OF ICE...
BUT FOR HER,
HE'D BURN THE WORLD.
Twisted
LOVE
TWISTED BOOK ONE
ANA HUANG


2 ANOS
WICKED LADY



ANA HUANG

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

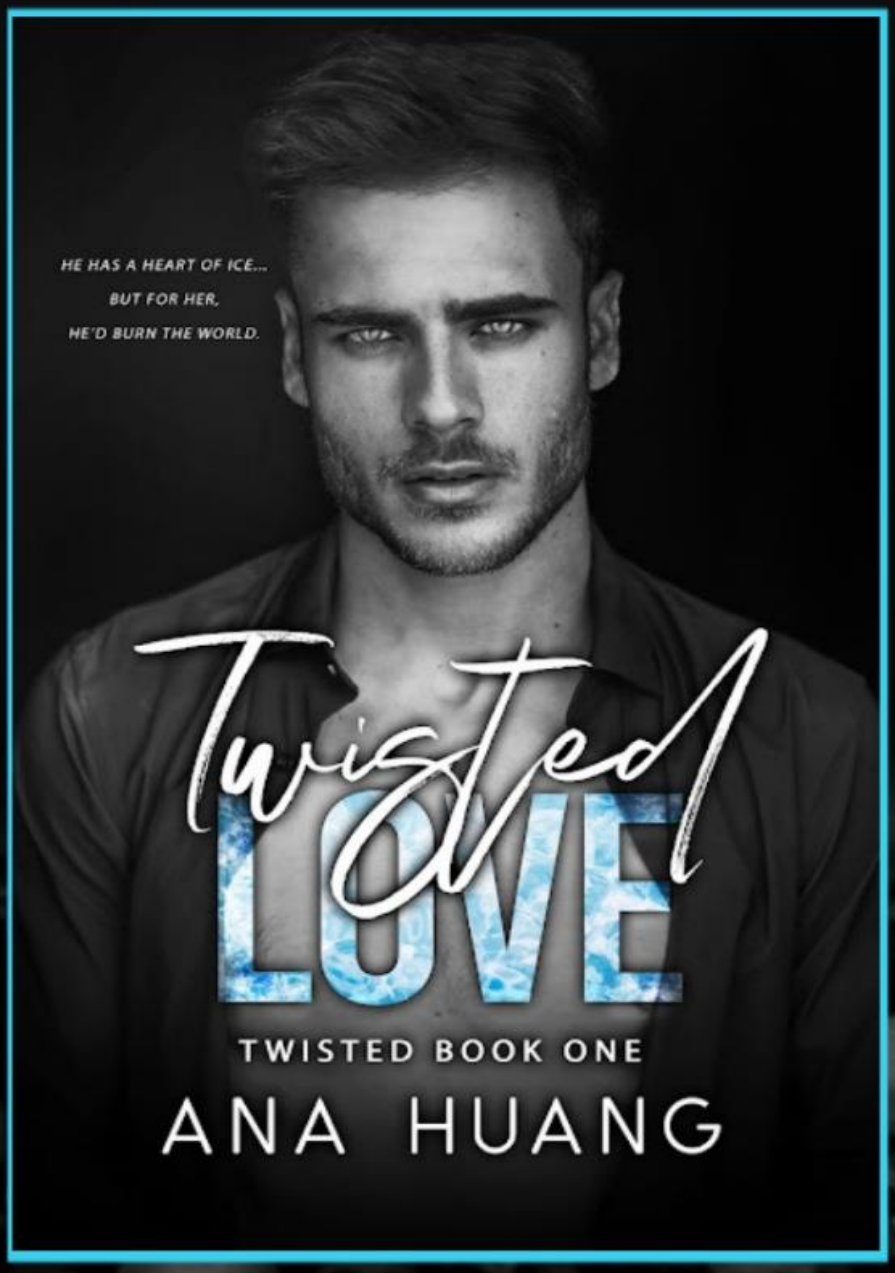
O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WL de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

2 ANOS
WICKED LADY

Série

Twisted

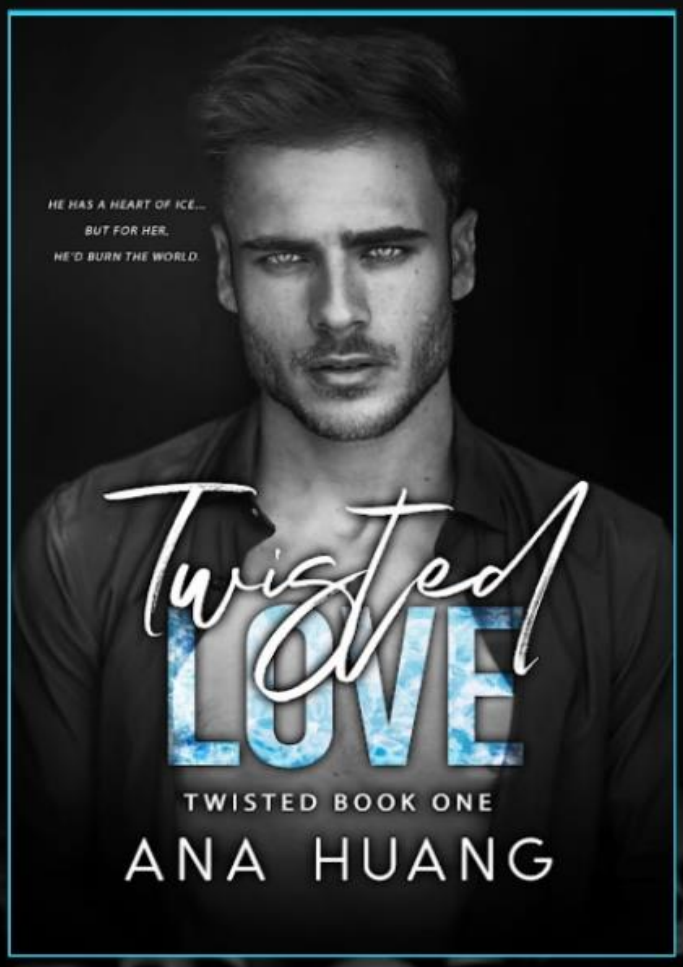
LANÇAMENTO



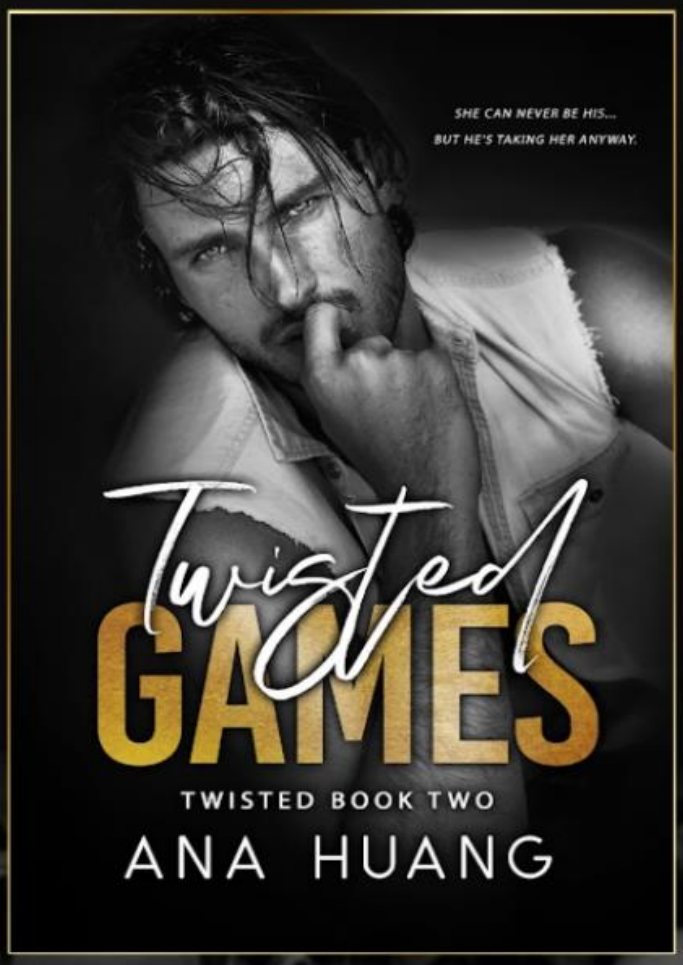
LIVRO UM

Twisted

ORDEM DA SÉRIE



LIVRO UM



LIVRO DOIS



PLAYLIST

"Twisted" - MISSIO
"Ice Box" - Omarion
"Feel Again" - One Republic
"Dusk Till Dawn" - ZAYN & Sia
"Set Fire to the Rain" - Adele
"Burn" - Ellie Goulding
"My Kind of Love" - Emeli Sandé
"Writing's on the Wall" - Sam Smith
"Ghost" - Ella Henderson
"What Doesn't Kill You" - Kelly Clarkson
"Wide Awake" - Katy Perry
"You Sang to Me" - Marc Anthony

Twisted LOVE

ANA HUANG

SINOPSE

Ele tem um coração de gelo... mas, para ela, ele queimaria o mundo.

***Alex Volkov** é um diabo abençoado com o rosto de um anjo e amaldiçoado com um passado do qual ele não pode escapar.*

Motivado por uma tragédia que o tem assombrado durante a maior parte de sua vida, suas perseguições implacáveis pelo sucesso e pela vingança deixam pouco espaço para assuntos do coração.

Mas quando ele é forçado a cuidar da irmã de seu melhor amigo, ele começa a sentir algo em seu peito:

Uma brecha.

Um derretimento.

Um fogo que poderia acabar com seu mundo como ele o conhecia.

***Ava Chen** é uma alma livre presa por pesadelos de uma infância da qual ela não consegue se lembrar.*

Mas apesar de seu passado quebrado, ela nunca deixou de ver a beleza do mundo... incluindo o coração sob o exterior gelado de um homem que ela não deveria querer.

O melhor amigo de seu irmão.

O vizinho dela.

Seu salvador e sua ruína.

O amor deles é um amor que nunca deveria ter acontecido, mas quando acontece, desencadeia segredos que poderiam destruir aos dois... e tudo o que eles apreciam.



1

Ava

Havia coisa pior do que ficar presa no meio do nada durante uma tempestade.

Por exemplo, eu poderia estar fugindo de um urso raivoso com a intenção de me espancar até o próximo século. Ou eu poderia ser amarrada a uma cadeira em um porão escuro e forçada a ouvir "Barbie Girl" do Aqua repetidamente até que eu prefira roer meu braço a ouvir a frase homônima da música novamente.

Mas só porque as coisas podiam ser piores, não significa que não fossem ruins.

Pare. Tenha pensamentos positivos.

— Um Uber vai aparecer... *agora.* — Olhei para o meu telefone, reprimindo minha frustração quando o aplicativo me assegurou que estava encontrando minha carona, do jeito que tinha estado na última meia hora.

Normalmente, eu ficaria menos estressada com a situação porque, ei, pelo menos eu tinha um telefone funcionando e um abrigo de ônibus para me manter seca da

maior parte da chuva. Mas a festa de despedida de Josh começaria em uma hora, eu ainda não tinha pegado seu bolo surpresa na padaria, e logo escureceria. Eu posso ser um copo meio cheio para uma garota, mas eu não era uma idiota. Ninguém, especialmente uma universitária com zero habilidades de luta, quer ficar sozinha no meio do nada depois de escurecer.

Eu deveria ter feito aquelas aulas de autodefesa com Jules como ela queria.

Eu mentalmente passei pelas minhas opções limitadas. O ônibus que parava neste local não circulava nos fins de semana e a maioria dos meus amigos não tinha carro. Bridget tinha serviço de carro, mas estaria em um evento da embaixada até as sete. O Uber não estava funcionando e eu não tinha visto um único carro passando desde que a chuva começou. Não que eu fosse pedir carona, de qualquer maneira, eu assisti filmes de terror, muito obrigada.

Eu só tinha uma opção, uma que eu *realmente* não queria escolher, mas os mendigos não podiam escolher.

Procurei o contato no meu telefone, fiz uma oração silenciosa e apertei o botão de chamada.

Um toque. Dois toques. Três.

Vamos, atenda. Ou não. Eu não tinha certeza do que seria pior, ser assassinada ou lidar com meu irmão. Claro, sempre havia a chance de que meu irmão me matasse por me colocar

em tal situação, mas eu lidaria com isso mais tarde.

— O que há de errado?

Eu torci meu nariz em sua saudação.

— Olá para você também, querido irmão. O que te faz pensar que algo está errado?

Josh bufou. — Uh, você me *ligou.* Você nunca liga, a menos que esteja com problemas.

Verdade. Nós preferíamos enviar mensagens de texto, e morávamos ao lado um do outro, não foi ideia minha, a propósito, então raramente tínhamos que mandar mensagens.

— Eu não diria que estou com *problemas,* — Eu me esquivei. — Mais como... encalhada. Não estou perto de transportes públicos e não consigo encontrar um Uber.

— Cristo, Ava. Onde você está?

Eu disse a ele.

— O que diabos você está fazendo aí? Isso é uma hora do campus!

— Não seja dramático. Tive uma sessão de fotos de noivado, e é uma viagem de trinta minutos. Quarenta e cinco se houver trânsito. — O trovão ribombou, sacudindo os galhos das árvores próximas. Eu estremeci e encolhi mais para trás no abrigo, não que isso tenha me feito muito bem. A chuva caia para o lado, respingando em mim com gotas de água tão

pesadas e fortes que doeram quando atingiram minha pele.

Um farfalhar veio da extremidade de Josh, seguido por um gemido suave.

Fiz uma pausa, certa de que tinha ouvido errado, mas não, lá estava de novo. Outro gemido.

Meus olhos se arregalaram de horror. — Você está fazendo *sexo* agora? — Eu sussurrei - gritei, embora ninguém mais estivesse por perto.

O sanduíche que engoli antes de sair para a sessão de fotos ameaçou reaparecer. Não havia nada, repito nada, mais nojento do que ouvir um parente enquanto eles estão no meio do coito. Apenas o pensamento me fez vomitar.

— Tecnicamente, não. — Josh parecia arrependido.

A palavra “arrependido” fez muito trabalho pesado ali.

Não era preciso ser um gênio para decifrar a resposta vaga de Josh. Ele pode não estar tendo relações sexuais, mas *algo* estava acontecendo, e eu não tinha nenhuma vontade de descobrir o que era esse “algo”.

— Josh Chen.

— Ei, foi você quem me ligou. — Ele deve ter coberto o telefone com a mão, porque suas próximas palavras saíram abafadas. Eu ouvi uma risada suave e feminina seguida por um grito, e eu queria clarear meus ouvidos, meus olhos, minha *mente.* — Um dos caras levou meu carro para comprar mais

gelo. — Josh disse, sua voz clara novamente. — Mas não se preocupe, eu pegarei você. Coloque um marcador em sua localização exata e mantenha seu telefone próximo. Você ainda tem o spray de pimenta que comprei no seu aniversário no ano passado?

— Sim. A propósito, obrigada por isso. — Eu queria uma bolsa nova para a câmera, mas Josh me comprou um pacote de oito sprays de pimenta em vez disso. Eu nunca usei nada disso, o que significava que todas as oito garrafas, menos a que estava enfiada na minha bolsa, estavam bem acomodadas no fundo do meu armário.

Meu sarcasmo passou por cima da cabeça do meu irmão. Para um aluno de pré-medicina com nota A ele poderia ser bastante estúpido.

— De nada. Fique aí, e ele estará aí em breve. Falaremos sobre sua total falta de autopreservação mais tarde.

— Sou auto preservada. — Protestei. *Essa era a palavra certa?* — Não é minha culpa que não haja Ub - espere, o que você quer dizer com 'ele'? Josh!

Muito tarde. Ele já tinha desligado.

Acho que era a única vez que eu queria que ele conversasse, e ele me troca por uma das suas companheiras de cama. Fiquei surpresa por ele não ter surtado mais, considerando que Josh colocou o “muito” em superprotetor. Desde “O Incidente”, ele assumiu a responsabilidade de cuidar

de mim como se fosse meu irmão e guarda-costas em um só. Eu não o culpei, nossa infância foi uma centena de tons de bagunça, ou pelo menos foi o que me disseram, e eu o amava, mas sua preocupação constante poderia ser um pouco demais.

Sentei-me de lado no banco e abracei minha bolsa ao meu lado, deixando o couro aquecer minha pele enquanto esperava o misterioso "ele" aparecer. Pode ser qualquer um. Josh não tinha falta de amigos. Ele sempre foi o Sr. Popular, jogador de basquete, presidente do corpo estudantil e rei do baile no colégio; Irmão da fraternidade Sigma e Big Man no Campus na faculdade.

Eu era o seu oposto. Não era *impopular em* si, mas me esquivei dos holofotes e preferia ter um pequeno grupo de amigos próximos do que um grande grupo de conhecidos amigáveis. Onde Josh era a vida da festa, sentei-me em um canto e sonhei acordada com todos os lugares que adoraria visitar, mas provavelmente nunca iria. Não se minha fobia tivesse algo a ver com isso.

Minha maldita fobia. Eu sabia que era tudo mental, mas *parecia* físico. A náusea, o coração acelerado, o medo paralisante que transforma meus membros em *coisas* congeladas e inúteis...

Pelo lado bom, pelo menos eu não tinha medo de chuva. Eu poderia evitar oceanos, lagos e piscinas, mas chuva... sim, isso teria sido ruim.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei encolhida no

pequeno abrigo de ônibus, amaldiçoando minha falta de previsão quando recusei a oferta dos Graysons de me levar de volta para a cidade depois de nossa filmagem. Eu não queria incomodá-los e pensei que poderia ligar para um Uber e estar de volta ao campus de Thayer em meia hora, mas os céus se abriram logo depois que o casal saiu e, bem, aqui estava eu.

Estava ficando escuro. Cinzas suaves se misturavam com o azul frio do crepúsculo, e parte de mim temia que o misterioso "ele" não aparecesse, mas Josh nunca me decepcionou. Se um de seus amigos não conseguisse me pegar como ele pediu, eles não teriam as pernas funcionando amanhã. Josh era estudante de medicina, mas não tinha nenhum escrúpulo em usar violência quando a situação exigia, especialmente quando a situação me envolvia.

O feixe de luz brilhante dos faróis cortou a chuva. Eu apertei os olhos, meu coração batendo forte em antecipação e cautela enquanto eu pesava as chances de o carro pertencer ao meu motorista ou a um psicopata em potencial. Esta parte de Maryland era bastante segura, mas você nunca sabia.

Quando meus olhos se ajustaram à luz, suspirei de alívio, apenas para enrijecer novamente dois segundos depois.

Boas notícias? Eu reconheci o elegante Aston Martin preto se aproximando de mim. Pertencia a um dos amigos de Josh, o que significava que eu não acabaria sendo uma notícia local esta noite.

Más notícias? A pessoa que estava dirigindo o Aston

Martin era a *última* pessoa que eu queria, ou esperava, me pegar. Ele não era um *Eu vou fazer um favor ao meu amigo e resgatar sua irmãzinha abandonada.* Ele era *me olhe errado e eu vou destruir você e todos que você gosta,* esse tipo de cara, e ele faria isso parecendo tão calmo e lindo que você não notaria seu mundo queimando ao seu redor até que você já fosse um monte de cinzas em seus pés vestidos com Tom Ford.

Passei a ponta da língua nos lábios secos quando o carro parou na minha frente e a janela do passageiro baixou.

— Entre.

Ele não levantou a voz, ele nunca levantou a voz, mas eu ainda o ouvi alto e claro sobre a chuva.

Alex Volkov era uma força da natureza por si mesmo, e imaginei que até mesmo o tempo se curvaria a ele.

— Espero que você não esteja esperando que eu abra a porta para você. — Disse ele quando eu não me mexi. Ele parecia tão feliz quanto eu com a situação.

Que cavalheiro.

Pressionei meus lábios e reprimi uma resposta sarcástica enquanto me levantava do banco e entrava no carro. Cheirava a ar fresco e caro, como colônia picante e couro italiano fino. Eu não tinha uma toalha ou qualquer coisa para colocar no assento embaixo de mim, então tudo que pude fazer foi rezar para não danificar o interior caro.

— Obrigada por me pegar. Eu agradeço. — Eu disse em uma tentativa de quebrar o silêncio gelado.

Eu falhei. Miseravelmente.

Alex não respondeu ou mesmo olhou para mim enquanto percorria pelas curvas das estradas escorregadias que levavam de volta ao campus. Ele dirigia da mesma maneira que andava, falava e respirava, firme e controlado, com uma corrente de perigo alertando aqueles tolos o suficiente para contemplar cruzar com ele que fazer isso, seria sua sentença de morte.

Ele era exatamente o oposto de Josh, e ainda me maravilhava com o fato de eles serem melhores amigos. Pessoalmente, achava que Alex era um idiota. Eu tinha certeza de que ele tinha seus motivos, algum tipo de trauma psicológico que o transformou no robô insensível que era hoje. Com base nos fragmentos que recolhi de Josh, a infância de Alex foi ainda pior do que a nossa, embora eu nunca tivesse conseguido arrancar os detalhes do meu irmão. Tudo que eu sabia era que os pais de Alex morreram quando ele era jovem e deixaram para ele uma pilha de dinheiro que ele quadruplicou quando recebeu sua herança aos dezoito anos. Não que ele precisasse porque inventou um novo software de modelagem financeira no colégio que o tornou um multimilionário antes que pudesse votar.

Com um QI de 160, Alex Volkov era um gênio, ou perto disso. Ele foi a única pessoa na história de Thayer a concluir seu programa conjunto de graduação/MBA de cinco anos em

três anos e, aos 26 anos, foi COO de uma das empresas de incorporação imobiliária de maior sucesso do país. Ele era uma lenda e sabia disso.

Enquanto isso, achei que estava indo bem se me lembrasse de comer enquanto fazia malabarismos com minhas aulas, atividades extracurriculares e dois empregos, serviço de recepção na McCann Gallery e meu lado agitado como fotógrafa para qualquer um que me contratasse. Graduações, noivados, festas de aniversário de cachorros, fiz tudo isso.

— Você está indo para a festa de Josh? — Tentei conversar de novo. O silêncio estava me matando.

Alex e Josh eram melhores amigos desde que moraram juntos no Thayer, oito anos atrás, e Alex se juntou à minha família no Dia de Ação de Graças e em vários feriados todos os anos desde então, mas eu ainda não o *conhecia.* Alex e eu não conversamos a menos que tivesse a ver com Josh ou passando as batatas no jantar ou algo assim.

— Sim.

Está bem então. Acho que conversa fiada estava fora de questão.

Minha mente vagou em direção às milhões de coisas que tinha que fazer naquele fim de semana. Editar as fotos da sessão de fotos dos Graysons e, trabalhar em minha inscrição para a bolsa de estudos da World Youth Photography, ajudar Josh a terminar de fazer as malas depois de...

Porcaria! Eu tinha esquecido tudo sobre o bolo de Josh.

Eu tinha pedido duas semanas atrás porque era o tempo máximo de entrega para algo da Crumble & Bake. Era a sobremesa favorita de Josh, um chocolate amargo de três camadas coberto com calda de chocolate e recheado com pudim de chocolate. Ele só se entregava no dia de seu aniversário, mas como estava deixando o país por um ano, imaginei que ele poderia quebrar sua regra anual.

— Então... — Eu coloquei o maior e mais brilhante sorriso no meu rosto. — Não me mate, mas precisamos fazer um desvio para Crumble & Bake.

— Não. Já estamos atrasados. — Alex parou em um sinal vermelho. Havíamos voltado à civilização e vi os contornos borrados de um Starbucks e um Panera através do vidro respingado de chuva.

Meu sorriso não mudou. — É um *pequeno* desvio. Isso levará quinze minutos, no máximo. Eu só preciso correr e pegar o bolo de Josh. Você sabe, o Death by Chocolate[1] que ele gosta tanto? Ele vai ficar na América Central por um ano, eles não têm C&B lá, e ele vai embora em dois dias, então...

— Pare. — Os dedos de Alex se curvaram ao redor do volante, e minha mente louca e hormonal percebeu como eles eram lindos. Isso pode parecer loucura, porque quem tem *dedos* bonitos? Mas ele tinha. Fisicamente, *tudo* nele era lindo.

[1] É algo como ´´morte por chocolates``

Os olhos verde-jade que brilhavam sob as sobrancelhas escuras como lascas de uma geleira; o queixo acentuado e as maçãs do rosto elegantes e esculpidas; a estrutura esguia e o cabelo castanho claro espesso que de alguma forma parecia ao mesmo tempo despenteado e perfeitamente penteado. Ele parecia uma estátua em um museu italiano ganhando vida.

A vontade insana de bagunçar seu cabelo como se fosse uma criança me agarrou, apenas para que ele parasse de parecer tão perfeito, o que era bastante irritante para o resto de nós, meros mortais, mas eu não tinha um desejo de morte, então mantive minhas mãos plantadas no meu colo.

— Se eu te levar ao Crumble & Bake, você vai parar de falar?

Sem dúvida, ele se arrependeu de me pegar.

Meu sorriso cresceu. — Se você quiser.

Seus lábios se estreitaram. — Certo.

Sim!

Ava Chen: Um.

Alex Volkov: Zero.

Quando chegamos à padaria, soltei o cinto de segurança e estava na metade do caminho para fora da porta quando Alex agarrou meu braço e me puxou de volta para o meu assento. Ao contrário do que eu esperava, seu toque não era frio, era abrasador e queimou minha pele e músculos até que senti seu

calor na boca do estômago.

Eu engoli em seco. *Hormônios estúpidos.* — O que? Já estamos atrasados e eles vão fechar em breve.

— Você não pode sair assim. — A menor sugestão de desaprovação gravada nos cantos de sua boca.

— Como o quê? — Eu perguntei, confusa. Usei jeans e camiseta, nada escandaloso.

Alex inclinou a cabeça em direção ao meu peito. Eu olhei para baixo e soltei um grito horrorizado. Porque minha camisa? Branca. Molhada. *Transparente.* Nem mesmo um pouco transparente, como você poderia *tipo* ver o esboço do meu sutiã se você olhar duro o suficiente. Isso era totalmente transparente. Sutiã de renda vermelha, mamilos duros, obrigado, ar condicionado, por tudo isso.

Cruzei meus braços sobre o peito, meu rosto em chamas da mesma cor do meu sutiã.

— Estava assim o tempo todo?

— Sim.

— Você poderia ter me contado.

— Eu te disse. Agora mesmo.

Às vezes, eu queria estrangulá-lo. Eu realmente queria. E eu nem era uma pessoa violenta. Eu era a mesma garota que não comia biscoitos de gengibre por anos depois de assistir

Shrek porque sentia que estava comendo membros da família de Gingy ou, pior, o próprio Gingy, mas algo em Alex provocou meu lado sombrio.

Eu exalei uma respiração e deixei cair meus braços por instinto, esquecendo-me da minha camisa transparente até que o olhar de Alex pousou no meu peito novamente.

As bochechas em chamas voltaram, mas eu estava cansada de ficar sentada aqui discutindo com ele. O Crumble & Bake fechava em dez minutos e o relógio estava correndo.

Talvez tenha sido o homem, o tempo ou a hora e meia que passei presa sob um abrigo de ônibus, mas minha frustração se derramou antes que eu pudesse impedi-la. — Em vez de ser um idiota e ficar olhando para os meus seios, você pode me emprestar sua jaqueta? Porque eu realmente quero pegar este bolo e entregar para meu irmão, seu melhor amigo, embora em grande estilo, antes de deixar o país.

Minhas palavras ficaram suspensas no ar enquanto eu tapava a boca com a mão, horrorizada. Eu acabei de dizer a palavra, seios, para Alex Volkov e o acusei de me cobiçar? *E* chamá-lo de idiota?

Querido Deus, se você me ferir com um raio agora, não ficarei brava. Prometo.

Os olhos de Alex se estreitaram uma fração de polegada. Isso se classificou entre as cinco respostas mais emocionais que eu tirei dele em oito anos, então isso era alguma coisa.

— Acredite em mim, eu não estava olhando para seus seios. — Ele disse, sua voz fria o suficiente para transformar as gotas persistentes de umidade na minha pele em pingentes de gelo. — Você não é meu tipo, mesmo se você não fosse irmã de Josh.

Ai. Eu também não estava interessada em Alex, mas nenhuma garota gosta de ser dispensada tão facilmente por um membro do sexo oposto.

— O que seja. Não há necessidade de ser um idiota sobre isso. — Eu murmurei. — Olha, a C&B fecha em dois minutos. Deixe-me pegar sua jaqueta emprestada e podemos sair daqui.

Eu tinha pré-pago online, então tudo que eu precisava era pegar o bolo.

Um músculo pulsou em sua mandíbula. — Eu vou buscar. Você não vai sair do carro vestida assim, nem com a minha jaqueta.

Alex puxou um guarda-chuva de baixo de seu assento e saiu do carro em um movimento fluido. Ele se move como uma pantera, toda graça enrolada e intensidade de laser. Se ele quisesse, ele poderia fazer uma matança como modelo de passarela, embora eu duvidasse que ele faria algo tão "constrangedor".

Ele voltou menos de cinco minutos depois com a caixa de bolo rosa e verde-menta, que é a assinatura do Crumble & Bake, debaixo de um braço. Ele o jogou no meu colo, fechou o

guarda-chuva e saiu da vaga de ré sem piscar.

— Você nunca sorri? — Eu perguntei, espiando dentro da caixa para ter certeza de que eles não tinham bagunçado o pedido. Não. Um death for Chocolatte, chegando. — Isso pode ajudar com sua condição.

— Qual condição? — Alex parecia entediado.

— Stickuptheassitis[2]. — Eu já tinha chamado o homem de idiota, então o que era mais um insulto?

Posso ter imaginado, mas pensei ter visto sua boca se contorcer antes que ele respondesse com um suave — Não. A condição é crônica.

Minhas mãos congelaram enquanto minha mandíbula desequilibrou. — V-você fez uma piada?

— Explique por que você estava lá em primeiro lugar. — Alex evitou minha pergunta e mudou de assunto tão rápido que tive uma chicotada.

Ele fez uma piada. Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos. — Fiz uma sessão de fotos com clientes. Há um belo lago em...

— Poupe-me dos detalhes. Eu não me importo.

Um rosnado baixo escapou da minha garganta. — Por que *você* está aqui? Não imaginei você para o tipo de motorista.

[2] É uma expressão que coloca o ´´pau enfiado no rabo`` como se fosse uma doença ou algo assim.

— Eu estava na área, e você é a irmã mais nova de Josh. Se você morresse, ele seria uma pessoa chata. — Alex parou na frente da minha casa. Na porta ao lado, também conhecido como na casa de Josh, as luzes acenderam e eu pude ver as pessoas dançando e rindo através das janelas.

— Josh tem o pior gosto para amigos. — Eu falei. — Eu não sei o que ele vê em você. Espero que esse pedaço de pau na sua bunda perfure um órgão vital. — Então, como fui criada com boas maneiras, acrescentei: — Obrigada pela carona.

Eu saí do carro. A chuva tinha diminuído para uma garoa, e eu senti o cheiro de terra úmida e hortênsias agrupadas em uma panela perto da porta da frente. Eu iria tomar banho, me trocar e pegar a última metade da festa de Josh. Com sorte, ele não me daria merda por ficar presa ou atrasar porque eu não estava com humor.

Eu nunca fico com raiva por muito tempo, mas naquele momento, meu sangue fervia e eu queria dar um soco no rosto de Alex Volkov.

Ele era tão frio e arrogante e... e... *ele.* Era irritante.

Pelo menos eu não tive que lidar com ele frequentemente. Josh geralmente ficava com ele na cidade, e Alex não visitava Thayer, embora ele fosse um ex-aluno.

Graças a Deus. Se eu tivesse que ver Alex mais do que algumas vezes por ano, ficaria louca.

2

Alex

— Devíamos levar isso para algum lugar mais... privado. — A loira arrastou seus dedos pelo meu braço, seus olhos castanhos brilhando com um convite enquanto ela passava a língua sobre o lábio inferior. — Ou não. O que quer que você goste.

Meus lábios se curvaram, não o suficiente para classificar como um sorriso, mas o suficiente para transmitir meus pensamentos. *Você não pode lidar com o que estou interessado.*

Apesar do vestido curto e justo e das palavras sugestivas, ela parecia o tipo que esperava palavras doces e sexo na cama.

Eu não fazia nada doce nem fazia amor.

Eu comia de uma certa maneira, e apenas um tipo específico de mulher gostava dessa merda. Não é BDSM hardcore, mas não é suave. Sem beijos, sem contato cara a cara. As mulheres concordavam, então tentavam mudar no meio do caminho, depois disso eu parava e mostrava a porta. Não tolero pessoas que não conseguem cumprir um acordo simples.

Foi por isso que me mantive em uma lista de nomes rotativos familiares quando precisei de uma liberação; ambos os lados sabiam o que esperar.

A loira não estava entrando nessa lista.

— Não essa noite. — Eu girei o gelo em meu copo. — É a festa de despedida do meu amigo.

Ela seguiu meu olhar em direção a Josh, que estava se deleitando com a atenção feminina dele. Ele se esparramou no sofá, uma das poucas peças restantes da mobília depois de embalar a casa em antecipação ao seu ano no exterior, e sorriu enquanto três mulheres o bajulavam. Ele sempre foi charmoso. Enquanto eu colocava as pessoas no limite, ele as deixava à vontade, e sua abordagem em relação ao sexo frágil era o oposto da minha. Quanto mais, melhor, de acordo com Josh. Ele provavelmente tinha fodido metade da população feminina da área metropolitana de DC agora.

— Ele também pode entrar. — A loira se aproximou mais até que seus seios roçaram meu braço. — Eu não me importo.

— Mesmo. — Sua amiga, uma morena pequena que tinha estado quieta até agora, mas que me olhou como se eu fosse um bife suculento desde que entrei pela porta, saltou. — Lyss e eu fazemos *tudo* juntas.

A insinuação não poderia ter sido mais clara se ela tivesse tatuado em seu decote exposto.

A maioria dos caras teria aproveitado a oportunidade,

mas eu já estava entediado com a conversa. Nada me desanimava mais do que o desespero, que cheirava mais forte do que o perfume delas.

Não me incomodei em responder. Em vez disso, examinei a sala em busca de algo mais interessante para prender minha atenção. Se fosse uma festa para qualquer outra pessoa além de Josh, eu teria pulado. Entre meu trabalho como COO do The Archer Group e meu... projeto paralelo, eu tinha o suficiente no meu prato sem participar de reuniões sociais inúteis. Mas Josh era meu melhor amigo, uma das poucas pessoas cuja companhia eu poderia ficar por mais de uma hora por vez, e ele estava saindo na segunda-feira para seu ano sabático como voluntário médico na América Central. Então, aqui estava eu, fingindo que realmente queria estar aqui.

Uma risada prateada ecoou no ar, atraindo meus olhos para a fonte.

Ava. Claro.

A irmã mais nova de Josh era tão doce e ensolarada o tempo todo que eu meio que esperava que flores brotassem no chão onde quer que ela andasse e um círculo de animais cantantes da floresta a seguisse enquanto ela vagava pelos prados ou o que quer que garotas como ela fizessem.

Ela ficou em um canto com suas amigas, seu rosto brilhando de animação enquanto ela ria de algo que uma delas disse. Eu me perguntei se era uma risada verdadeira ou uma risada falsa. A maioria das risadas, inferno, a maioria das

pessoas, era falsa. Eles acordavam todas as manhãs e colocavam uma máscara de acordo com o que queriam naquele dia e quem queriam que o mundo visse. Eles sorriam para as pessoas que odiavam, riam de piadas que não eram engraçadas e beijavam a bunda daqueles que secretamente esperavam destronar.

Eu não estava julgando. Como todo mundo, eu tinha minhas máscaras e elas tinham camadas profundas. Mas, ao contrário de todo mundo, eu tinha tanto interesse em beijos de bunda e conversa fiada quanto em injetar alvejante em minhas veias.

Conhecendo Ava, sua risada era real.

Pobre garota. O mundo iria comê-la viva assim que ela deixasse a bolha de Thayer.

Não é problema meu.

— Ei. — Josh apareceu ao meu lado, seu cabelo despenteado e sua boca esticada em um sorriso largo. Suas parasitas não estavam em lugar nenhum, espere, não. Lá estavam elas, dançando Beyoncé como se estivessem fazendo um teste para um show no The Strip Angel, enquanto um círculo de caras as assistia com a língua para fora. *Homens.* Meu gênero poderia usar um pouco mais de padrões e um pouco menos de raciocínio com sua cabeça pequena. — Obrigado por aparecer, cara. Desculpe, não disse oi até agora. Eu estive ocupado.

— Eu vi. — Eu arqueei uma sobrancelha para a impressão de batom manchada no canto de sua boca. — Você tem uma coisinha no rosto.

Seu sorriso se alargou. — Medalha de Honra. Falando nisso, não estou interrompendo, estou?

Olhei para a loira e a morena, que passaram a se beijar depois de falhar em capturar meu interesse.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Cem dólares dizem que você não sobreviverá o ano inteiro em Bumfuck, Nowhere. Sem mulheres, sem festas. Você estará de volta antes do Halloween.

— Oh, vocês de pouca fé. Haverá mulheres, e a festa é onde eu estiver. — Josh pegou uma cerveja fechada de um refrigerador próximo e abriu-a. — Na verdade, eu queria falar com você sobre isso. Eu indo embora — Ele esclareceu.

— Não me diga que você está ficando sentimental comigo. Se você nos comprou pulseiras da amizade, estou fora.

— Foda-se, cara. — Ele riu. — Eu não compraria joias para sua bunda se *você me* pagasse. Não, isso é sobre Ava.

Meu copo parou a uma polegada de meus lábios antes que eu o trouxesse para a boca e a doce queimadura de uísque desceu pela minha garganta. Eu odeio cerveja. Tem gosto de mijo, mas como era a bebida do dia nas festas de Josh, eu sempre levava um cantil de Macallan sempre que ia.

— O que tem ela?

Josh e sua irmã eram próximos, mesmo que brigassem tanto que às vezes eu queria colocar fita adesiva em suas bocas. Essa era a natureza dos irmãos, algo que eu nunca tinha chegado a experimentar.

O uísque azedou na minha boca e eu coloquei meu copo na mesa com uma careta.

— Estou preocupado com ela. — Josh esfregou a mão no queixo, sua expressão ficando séria. — Eu sei que ela é uma garota crescida e pode cuidar de si mesma, a menos que ela fique presa no meio da porra de lugar nenhum; obrigado por pegá-la, a propósito, mas ela nunca esteve sozinha por tanto tempo e ela pode ser um pouco... confiante.

Eu tinha uma ideia de onde Josh queria chegar com isso, e não gostei. Em absoluto.

— Ela não estará sozinha. Ela tem seus amigos. — Inclinei minha cabeça em direção aos ditos amigos. Uma delas, uma ruiva curvilínea com uma saia dourada que a fazia parecer uma bola de discoteca, escolheu aquele momento para pular na mesa e sacudir a bunda ao som da música rap explodindo nos alto-falantes.

Josh bufou. — Jules? Ela é uma responsabilidade, não ajuda. Stella é tão confiante quanto Ava e Bridget... bem, ela tem segurança, mas ela não está por perto tanto tempo.

— Você não precisa se preocupar. Thayer está seguro e a

taxa de criminalidade aqui é próxima de zero.

— Sim, mas eu me sentiria melhor se tivesse alguém em quem confiasse cuidando dela, sabe?

Porra. O trem estava indo direto para um penhasco e eu não podia fazer nada para impedi-lo.

— Eu não perguntaria, eu sei que você tem um monte de merda acontecendo, mas ela terminou com seu ex algumas semanas atrás, e ele a está assediando. Sempre soube que ele era um merda, mas ela não me ouvia. De qualquer forma, se você pudesse ficar de olho nela, só para ter certeza de que ela não será morta ou sequestrada ou algo assim? Eu ficaria em dívida com você.

— Você já me deve por todas aquelas vezes que salvei sua bunda. — Eu disse ironicamente.

— Você se divertiu enquanto fazia isso. Você é muito tenso às vezes. — Josh sorriu. — Então isso é um sim?

Eu olhei para Ava novamente. Ela tinha vinte e dois anos, quatro anos mais jovem que Josh e eu, e conseguia parecer mais jovem e mais velha do que era. Era a maneira como ela se portava, como se ela tivesse visto tudo, o bom, o ruim, o absolutamente feio, e ainda acreditasse na bondade.

Era tão estúpido quanto admirável.

Ela deve ter sentido que eu estava olhando, porque ela pausou sua conversa e olhou diretamente para mim, suas

bochechas ficando rosadas com o meu olhar firme. Ela trocou de jeans e camiseta por um vestido roxo que girava em torno de seus joelhos.

Muito ruim. O vestido era bonito, mas minha mente voltou para o nosso passeio de carro, quando sua camisa úmida agarrou-se a ela como uma segunda pele e seus mamilos se esticaram contra a renda vermelha decadente de seu sutiã. Eu quis dizer o que disse sobre ela não ser meu tipo, mas gostei da vista. Eu podia me imaginar levantando aquela camisa, puxando seu sutiã de lado com os dentes e fechando minha boca em torno daqueles bicos doces e endurecidos,

Eu me arranquei dessa fantasia surpreendentemente rápido. O que diabos havia de errado comigo? Essa era a *irmã* de Josh. Inocente, com olhos de corça e tão doce que poderia vomitar. O oposto total das mulheres sofisticadas e ousadas que eu preferia dentro e fora da cama. Não precisei me preocupar com sentimentos por este último; elas sabiam que não deveriam desenvolver nada ao meu redor. Ava não era nada *além de* sentimentos, com um toque de atrevimento.

O fantasma de um sorriso passou pela minha boca quando me lembrei de sua frase de despedida mais cedo. *Espero que esse pedaço de pau na sua bunda perfure um órgão vital.*

Não é a pior coisa que alguém me disse, nem de longe, mas mais agressivo do que eu esperava vindo dela. Eu nunca a tinha ouvido dizer uma palavra ruim para ou sobre ninguém

antes. Tive um prazer perverso com o fato de poder irritá-la tanto.

— Alex. — Josh chamou.

— Eu não sei, cara. — Eu arrastei meus olhos para longe de Ava e seu vestido roxo. — Não sou muito de babá.

— Que bom que ela não é um bebê. — Ele brincou. — Olha, eu sei que isso é uma grande pergunta, mas você é a única pessoa em quem eu confio que não, você sabe...

— Vai foder com ela?

— Jesus, cara. — Josh parecia ter engolido um limão. — Não use essa palavra em relação à minha irmã. É nojento. Mas sim. Quer dizer, nós dois sabemos que ela não é o seu tipo e, mesmo que fosse, você nunca iria lá.

Uma lasca de culpa passou por mim quando me lembrei da minha fantasia errante alguns momentos atrás. Era hora de ligar para alguém da minha lista se eu estava fantasiando sobre Ava Chen, entre todas as pessoas.

— Mas é mais do que isso. — Continuou Josh. — Você é a única pessoa em quem confio, ponto final, fora da minha família. E você sabe como estou preocupado com Ava, especialmente considerando essa coisa toda com o ex dela. — Seu rosto escureceu. —Eu juro, se eu ver aquele filho da puta...

Suspirei. — Eu vou cuidar dela. Não se preocupe.

Eu iria me arrepender disso. Eu sabia, mas aqui estava eu, assinando minha vida, pelo menos pelo próximo ano. Não fiz muitas promessas, mas quando o fiz, cumpri. Comprometi-me com eles. O que significava que se eu prometesse a Josh que cuidaria de Ava, eu cuidaria dela, e não estou falando sobre uma verificação de texto a cada duas semanas.

Ela estava sob minha proteção agora.

Uma sensação familiar e assustadora de condenação deslizou em volta do meu pescoço e apertou, cada vez mais forte, até que o oxigênio escasseou e pequenas luzes dançaram diante dos meus olhos.

Sangue. Em todos os lugares.

Em minhas mãos. Em minhas roupas. Respingado no tapete creme que ela tanto amava, aquele que ela trouxe da Europa em sua última viagem ao exterior.

Uma necessidade insana de esfregar o tapete e arrancar aquelas partículas de sangue das fibras macias de lã, uma por uma, me agarrou, mas eu não conseguia me mover.

Tudo o que pude fazer foi ficar parado olhando para a cena grotesca em minha sala de estar, uma sala que, nem meia hora antes, explodira em calor, risos e amor. Agora estava fria e sem vida, como os três corpos aos meus pés.

Pisquei e eles desapareceram, as luzes, as memórias, o laço em volta do meu pescoço.

Mas eles voltarão. Eles sempre fizeram.

—...você é o melhor — Josh estava dizendo, seu sorriso de volta agora que eu concordei em assumir um papel que eu não deveria assumir. Eu não era um protetor. Eu era um destruidor. Quebrei corações, esmaguei adversários de negócios e não me importei com o resultado. Se alguém era estúpido o suficiente para se apaixonar por mim ou me contrariar, duas coisas que eu avisei as pessoas que nunca, jamais fizessem, eles mereciam. — Eu vou te agradecer de volta, porra, eu não sei. Café. Chocolate. Libras de tudo o que é bom lá embaixo. E eu devo a você um grande favor no futuro.

Eu forcei um sorriso. Antes que eu pudesse responder, meu telefone tocou e levantei um dedo. — Volto logo. Eu tenho que atender isso.

— Não tenha pressa, cara. — Josh já estava distraído pela loira e morena que estavam em cima de mim mais cedo e que encontraram um público muito mais disposto no meu melhor amigo. No momento em que entrei no quintal e atendi minha chamada, elas estavam com as mãos debaixo de sua camisa.

— Дядько — Eu disse, usando o termo ucraniano para tio.

— Alex. — A voz de meu tio soou rouca na linha, áspera de décadas de cigarros e o desgaste da vida. — Espero não estar interrompendo.

— Não. — Olhei pela porta de vidro deslizante para a festa

lá dentro. Josh morava na mesma casa desconexa de dois andares fora do campus de Thayer desde a graduação. Tínhamos morado juntos até que eu me formei e me mudei para DC para ficar mais perto do meu escritório, e para ficar longe das hordas de estudantes universitários bêbados e bêbadas que desfilavam pelo campus e pelos bairros vizinhos todas as noites.

Todo mundo tinha comparecido à festa de despedida de Josh, e por todos, quero dizer metade da população de Hazelburg, Maryland, onde Thayer estava localizado. Ele era o favorito da cidade, e imaginei que as pessoas sentiriam falta de suas festas tanto quanto sentiam a falta do próprio Josh.

Para alguém que sempre dizia estar se afogando nos trabalhos escolares, ele achava muito tempo para beber e fazer sexo. Não que isso prejudicasse seu desempenho acadêmico. O bastardo tinha 4,0 GPA.[3]

— Você cuidou do problema? — Meu tio perguntou.

Ouvi uma gaveta abrir e fechar, seguida pelo leve clique de um isqueiro. Eu o incentivei a parar de fumar inúmeras vezes, mas ele sempre me rejeitou. Os velhos hábitos são difíceis de morrer; velhos, hábitos *ruins* ainda mais, e Ivan Volkov havia chegado a uma idade em que não podia ser incomodado.

— Ainda não. — A lua estava baixa no céu, lançando fitas

[3] GPA é o sistema de notas utilizada nos EUA, valendo de 0 (nota mínima) a 4 (nota máxima)

de luz que serpenteavam pela escuridão do quintal. Luz e sombra. Duas metades da mesma moeda. — Eu vou. Estamos perto.

Para a justiça. Vingança. Salvação.

Por dezesseis anos, a busca por essas três coisas me consumiu. Eles eram todos os meus pensamentos ao acordar, todos os meus sonhos e pesadelos. Minha razão de viver. Mesmo em situações em que eu estava distraído por outra coisa, o jogo de xadrez da política corporativa, o prazer fugaz de me enterrar no calor apertado e quente de um corpo disposto, eles se escondiam em minha consciência, levando-me a alturas de ambição e crueldade.

Dezesseis anos pode parecer muito tempo, mas me especializo no jogo longo. Não importa quantos anos eu tenha que esperar, enquanto o fim vale a pena.

E o fim do homem que destruiu minha família? Seria glorioso.

— Bom. — Meu tio tossiu e meus lábios se contraíram.

Um dia desses eu o convenceria a parar de fumar. A vida tirou qualquer sentimentalismo de mim anos atrás, mas Ivan era meu único parente vivo. Ele me acolheu, me criou como se fosse seu e ficou ao meu lado em cada curva espinhosa do meu caminho em direção à vingança, então eu devia isso a ele, pelo menos.

— Sua família estará em paz em breve — Disse ele.

Talvez. Se o mesmo poderia ser dito de mim... bem, essa era uma questão para outro dia.

— Há uma reunião do conselho na próxima semana. — Eu disse, mudando de assunto. — Estarei na cidade durante o dia. — Meu tio era o CEO oficial do Archer Group, a empresa de incorporação imobiliária que ele fundou há uma década com minha orientação. Eu tinha um talento especial para os negócios, mesmo quando era adolescente.

A sede do Archer Group chamava Filadélfia de casa, mas tinha escritórios em todo o país. Como eu estava baseado em DC, esse era o verdadeiro centro de poder da empresa, embora as reuniões do conselho ainda ocorressem na sede.

Eu poderia ter assumido o cargo de CEO anos atrás, de acordo com meu tio e meu acordo quando iniciamos a empresa, mas a posição de COO me ofereceu mais flexibilidade até eu terminar o que tinha que fazer. Além disso, todos sabiam que eu era o poder por trás do trono, de qualquer maneira. Ivan era um CEO decente, mas foram minhas estratégias que o catapultaram para a Fortune 500 depois de apenas uma década.

Meu tio e eu conversamos mais um pouco sobre negócios antes de eu desligar e voltar para a festa. As engrenagens em minha cabeça começaram a se mover enquanto eu avaliava os acontecimentos da noite, minha promessa a Josh, a cutucada de meu tio sobre o pequeno soluço em meu plano de vingança. De alguma forma, eu teria que reconciliar os dois ao longo do

próximo ano.

Mentalmente reorganizei as peças da minha vida em padrões diferentes, jogando cada cenário até o fim, pesando os prós e os contras e examinando-os em busca de possíveis rachaduras até chegar a uma decisão.

— Tudo bem? — Josh gritou do sofá, onde a loira beijou seu pescoço enquanto as mãos da morena conheciam intimamente a região abaixo de sua cintura.

— Sim. — Para minha irritação, meu olhar se desviou para Ava novamente. Ela estava na cozinha, mexendo no bolo meio comido do Crumble & Bake. Sua pele bronzeada brilhava com um leve brilho de suor da dança, e seu cabelo negro ondulava ao redor de seu rosto em uma nuvem suave. — Sobre seu pedido anterior... tenho uma ideia.

3

Ava

— Espero que aprecie a boa amiga que sou. — Jules bocejou enquanto caminhávamos pelo nosso jardim em direção à casa de Josh. — Por acordar bem cedo para ajudar seu irmão a limpar e fazer as malas quando eu nem gosto do cara.

Eu ri e enrolei meu braço no dela. — Vou comprar um mocha de caramelo para você no The Morning Roast depois. Promessa.

— Sim, sim. — Ela fez uma pausa. — Grande, com coberturas extra crunch?

— Você sabe disso.

— Certo. — Jules bocejou novamente. — Isso faz com que valha a pena.

Jules e Josh não eram fãs um do outro. Eu sempre achei isso estranho, considerando que eles eram tão parecidos. Ambos eram extrovertidos, charmosos, inteligentes como o inferno e destruidores de corações.

Jules era uma versão humana de Jessica Rabbit, todo o cabelo vermelho brilhante, pele cremosa e curvas que me fizeram olhar para o meu corpo com um suspiro. No geral, eu estava feliz com a minha aparência, mas como membro do Comitê Itty Bitty Titty[4], eu queria um tamanho de peito extra ou dois sem ter que recorrer a cirurgia plástica. Ironicamente, Jules às vezes reclamava de seu duplo Ds, dizendo que eram duros com suas costas. Deveria haver um Venmo para seios que permitisse às mulheres enviar e receber tamanhos de seios com o apertar de um botão.

Como eu disse, fiquei feliz com minha aparência na maior parte do tempo, mas ninguém, nem mesmo supermodelos ou estrelas de cinema, estavam imunes às inseguranças.

Além de suas queixas com os seios, Jules era a pessoa mais confiante que eu já conheci, além do meu irmão, cujo ego era tão grande que poderia abrigar toda a costa leste dos Estados Unidos com espaço sobrando para o Texas. Suponho que ele tinha razão para ser, considerando que ele sempre foi o menino de ouro, e embora me doesse admitir porque ele era meu irmão, ele também não era feio. Com um metro e oitenta de altura, cabelos negros e grossos e uma estrutura óssea afiada como navalha, que ele *nunca* deixou ninguém esquecer. Eu estava convencida de que Josh encomendaria uma escultura de si mesmo e mostraria no gramado da frente, se

[4] É um filme. Anna, que se formou no colegial, encontra seu propósito e a si mesma depois de se relacionar com as feministas radicais no The Itty Bitty Titty Committee. O título em tradução literal faz alusão à seios pequenos.

pudesse.

Jules e Josh nunca divulgaram por que eles não gostavam tanto um do outro, mas eu suspeitei que poderia ser porque eles se viam muito um no outro.

A porta da frente já estava aberta, então não nos incomodamos em bater.

Para minha surpresa, a casa estava bem limpa. Josh tinha guardado a maior parte de seus móveis na semana passada, e as únicas coisas que sobraram para empacotar eram o sofá (que alguém pegaria mais tarde), alguns itens de cozinha perdidos e a estranha pintura abstrata na sala de estar.

— Josh? — Minha voz ecoou no grande espaço vazio enquanto Jules sentou no chão e puxou os joelhos contra o peito com uma expressão mal-humorada. Se você não sabia, ela não era uma pessoa matinal. — Onde você está?

— Quarto! — Eu ouvi um baque alto no andar de cima, seguido por uma maldição abafada. Um minuto depois, Josh desceu segurando uma grande caixa de papelão. — Merda, estou doando. — Explicou ele, colocando-a no balcão da cozinha.

Eu enruguei meu nariz. — Coloque uma camisa. Por favor.

— E privar JR de seu colírio para os olhos matinal? — Josh sorriu. — Eu não sou tão cruel.

Eu não era o único que achava que Jules se parecia com Jessica Rabbit. Josh sempre a chamava pelas iniciais do personagem de desenho animado, o que a irritava profundamente. Então, novamente, tudo que Josh fez a irritou.

Jules ergueu a cabeça e fez uma careta. — Por favor. Já vi abdominais melhores na academia do campus. Ouça Ava e vista uma camisa antes de me fazer perder o jantar da noite passada.

— Eu acho que a senhora protesta demais. — Josh falou lentamente, batendo a mão contra seu pacote de seis. — A única coisa que você vai perder é...

— Ok. — Eu balancei meus braços no ar, interrompendo a conversa antes que ela fosse por um caminho que me deixaria marcada para o resto da vida. — Chega de conversa fiada. Vamos fazer as malas antes que você perca o voo.

Felizmente, Josh e Jules se comportaram pela próxima hora e meia enquanto empacotamos os itens restantes e os colocamos no SUV que ele alugou para a mudança.

Logo, a única coisa que restou para embalar foi a pintura.

— Diga-me que você está doando isso também. — Eu olhei para a tela enorme. — Eu nem sei como vai caber no carro.

— Nah, deixe isso aí. Ele gosta.

— Quem? — Pelo que eu sabia, ninguém havia assumido

o contrato de Josh ainda. Mas ainda era julho e eu esperava que o lugar fosse assumido mais perto do início do semestre.

— Você vai ver.

Não gostei do sorriso em seu rosto. Em absoluto.

O ronronar baixo de um motor potente encheu o ar.

O sorriso de Josh se alargou. — Na verdade, você verá agora.

Jules e eu trocamos olhares antes de correrm os para a porta da frente e abri-la.

Um Aston Martin familiar estava parado na garagem. A porta se abriu e Alex saiu, parecendo mais lindo do que qualquer humano tinha o direito de parecer em jeans, óculos aviador e uma camisa de botão preta com as mangas arregaçadas.

Ele tirou os óculos escuros e nos avaliou com olhos frios, imperturbável pela minifesta de boas-vindas nos degraus da frente.

Só que não me sentia particularmente receptiva.

— Mas... mas esse é Alex. — Gaguejei.

— Está muito bem, devo acrescentar. — Jules me cutucou nas costelas e eu fiz uma careta em resposta. Quem se importava se ele era gostoso? Ele era um idiota.

— Ei cara. — Josh bateu nas mãos de Alex. — Onde estão

suas coisas?

— Empresa de mudança trazendo isso mais tarde. — Alex olhou de soslaio para Jules, que o avaliou como se fosse um brinquedo novinho em folha. Além de Josh, Alex era o único cara que nunca se apaixonou por seus encantos, o que a intrigou mais. Ela era louca por um bom desafio, provavelmente porque a maioria dos caras caíam a seus pés antes mesmo que ela abrisse a boca.

— Espere. — Eu coloquei minha mão para cima, meu coração batendo em um ritmo de pânico contra minha caixa torácica. — Empresa de mud...você não está se mudando para *cá.*

— Na verdade, ele está. — Josh passou o braço por cima do meu ombro, seus olhos brilhando de malícia. — Conheça seu novo vizinho, irmãzinha.

Meus olhos pularam entre ele e Alex, que não poderia parecer mais entediado com a conversa.

— Não. — Havia apenas uma razão para Alex Volkov deixar sua confortável cobertura em DC e voltar para Hazelburg, e eu aposto que minha nova câmera não teve nada a ver com a nostalgia de seus dias de faculdade. — Não, não, não, não, não.

— Sim, sim, sim, sim, sim.

Eu olhei para meu irmão. — Eu *não* preciso de uma babá. Tenho vinte e dois anos.

— Quem disse alguma coisa sobre babá? — Josh encolheu os ombros. — Ele está cuidando da casa para mim. Vou me mudar quando voltar no ano que vem, então faz sentido.

— Besteira. Você quer que ele fique de olho em mim.

— Isso é um bônus. — O rosto de Josh se suavizou. — Não faz mal ter alguém em quem você pode confiar quando não estou aqui, especialmente levando em conta essa coisa toda com Liam.

Eu estremeci com a menção do meu ex. Liam estava explodindo meu telefone desde que eu o peguei me traindo, um mês e meio atrás. Ele até apareceu na galeria onde trabalhei algumas vezes, implorando por outra chance. Não fiquei arrasada com nosso rompimento. Tínhamos namorado por alguns meses e eu não estava apaixonada por ele nem nada, mas a situação trouxe todas as minhas inseguranças à tona. Josh estava preocupado com a possibilidade de Liam sair do controle, mas vamos ser honestos, Liam era um bebê do fundo fiduciário que usava o irmão Brooks e jogava polo. Eu duvidava que ele fizesse qualquer coisa que bagunçasse seu cabelo com gel perfeito.

Eu estava mais envergonhada de ter saído com ele do que preocupada com minha segurança física.

— Eu me viro sozinha. — Tirei o braço de Josh do meu ombro. — Ligue para a empresa de mudanças e cancele — Eu disse a Alex, que estava nos ignorando e navegando em seu

telefone o tempo todo. — Você *não* precisa se mudar para cá. Você não tem... coisas para fazer em DC?

— DC fica a 20 minutos de carro. — Disse ele sem erguer os olhos.

— Para que fique registrado, eu sou totalmente a favor de você se mudar para a casa ao lado. — Jules saltou. *Traidora.* — Você corta a grama sem camisa? Se não, eu recomendo fortemente.

Alex e Josh franziram a testa ao mesmo tempo.

— Você. — Josh apontou para ela. — Não *faça* nenhuma de suas travessuras enquanto eu estiver fora.

— É fofo como você acha que tem uma palavra a dizer na minha vida.

— Eu não dou a mínima para o que você faz com sua vida. É quando você arrasta Ava para seus esquemas estúpidos que estou preocupado.

— Notícia: você também não tem uma palavra a dizer na vida de Ava. Ela é dona de si.

— Ela é minha irmã.

— Ela é minha melhor amiga.

— Lembre-se de quando você quase a prendeu...

— Você *tem* que deixar isso ir. Isso foi há três anos!

— Pessoal! — Pressionei meus dedos na minha têmpora. Lidar com Josh e Jules era como lidar com crianças. — Parem de argumentar. Josh, pare de tentar controlar minha vida. Jules, pare de provocá-lo.

Josh cruzou os braços sobre o peito. — Como seu irmão mais velho, é meu trabalho protegê-la e nomear alguém para me substituir quando eu não estiver aqui.

Eu cresci com ele. Eu reconheci aquele olhar em seu rosto. Ele não estava se mexendo.

— Presumo que Alex seja o substituto? — Eu perguntei em um tom resignado.

— Eu não sou um 'substituto' de nada. — Alex disse friamente. — Não faça nada estúpido e ficaremos bem.

Eu gemi e cobri meu rosto com as mãos.

Este seria um longo ano.

4

Ava

Dois dias depois, Josh estava na América Central e Alex havia mudado. Eu assisti os carregadores levarem uma TV de tela plana gigante e caixas de tamanhos variados para a casa ao lado, e o Aston Martin de Alex agora era uma visão diária.

Já que me preocupar com minha situação não me faria muito bem, decidi fazer limonada com meus limões.

A galeria fechava às terças-feiras durante o verão e eu não tinha nenhuma sessão programada, então passei a tarde assando meus biscoitos de veludo vermelho exclusivos.

Eu tinha acabado de embalá-los em uma pequena cesta bonita quando ouvi o barulho inconfundível do carro de Alex parando na garagem, seguido por uma batida de porta.

Merda. Ok, eu estava pronta. Eu estava.

Limpei minhas palmas suadas nas laterais das minhas coxas. Eu não deveria ficar nervosa em trazer biscoitos para o homem, pelo amor de Deus. Alex tinha se sentado à nossa mesa de Ação de Graças todos os anos durante os últimos oito anos, e com todo o seu dinheiro e boa aparência, ele era

humano. Intimidador, mas mesmo assim humano.

Além disso, ele deveria cuidar de mim, e ele não poderia fazer isso se ele arrancasse minha cabeça, não é?

Com essa garantia em mente, peguei a cesta, minhas chaves e meu telefone e fiz meu caminho para a casa dele. Graças a Deus Jules estava em seu estágio de direito. Se eu tivesse que ouvi-la falar sobre o quão quente Alex era mais uma vez, eu gritaria.

Parte de mim achava que ela fazia isso para me irritar, mas outra parte se preocupava que ela estivesse realmente interessada nele. Minha melhor amiga saindo com o melhor amigo do meu irmão abriria uma lata de minhocas com a qual eu não tinha interesse em lidar.

Toquei a campainha, tentando acalmar meu coração acelerado enquanto esperava a resposta de Alex. Eu queria jogar a cesta no degrau da frente e correr para casa, mas essa foi a saída covarde, e eu não era covarde. Na maioria das vezes, de qualquer maneira.

Um minuto se passou.

Toquei a campainha novamente.

Finalmente, ouvi o som fraco de passos, que ficou mais alto até que a porta se abriu e me vi cara a cara com Alex. Ele havia tirado a jaqueta, mas por outro lado, ele ainda usava sua roupa de trabalho, camisa branca Thomas Pink, calça e sapatos Armani, gravata azul Brioni.

Seus olhos percorreram meu cabelo (preso em um coque), meu rosto (quente como areia queimada pelo sol sem motivo aparente) e minhas roupas (meu conjunto favorito de camiseta e shorts) antes de se acomodar na cesta. Sua expressão permaneceu ilegível o tempo todo.

— Eles são para você. — Eu empurrei a cesta em direção a ele. — São biscoitos. — Acrescentei desnecessariamente, porque duh, ele tinha olhos e podia ver por si mesmo que eram biscoitos. — É um presente de boas-vindas à vizinhança.

— Um presente de boas-vindas à vizinhança. — Ele repetiu.

— Sim. Já que você é... novo. Para a vizinhança. — Eu parecia um idiota. — Eu sei que você não quer estar aqui mais do que eu quero você aqui. — *Merda, isso saiu errado.* — Mas já que *somos* vizinhos, devemos fazer uma trégua.

Alex arqueou uma sobrancelha. — Eu não sabia que uma trégua era necessária. Não estamos em guerra.

— Não, mas... — Eu soltei um suspiro frustrado. Ele *tinha* que tornar isso difícil. — Estou tentando ser legal, ok? Estaremos presos um ao outro pelo próximo ano, então quero tornar nossas vidas mais fáceis. Pegue os malditos biscoitos. Você pode comê-los, jogá-los fora, dá-los para a sua cobra Nagini, o que for.

Sua boca se contraiu. — Você acabou de me comparar com Voldemort?

— O que? Não! — *Pode ser.* — Usei a cobra como exemplo. Você não parece o tipo que teria um animal de estimação peludo.

— Você está certa nessa parte. Mas também não tenho uma cobra. — Ele tirou a cesta das minhas mãos. — Obrigado.

Eu pisquei. Pisquei novamente. Alex Volkov me *agradeceu?* Eu esperava que ele pegasse os biscoitos e fechasse a porta na minha cara. Ele nunca me agradeceu por nada em minha vida.

Exceto, talvez, aquela vez que passei para ele o purê de batatas no jantar, mas eu estava bêbada, então minha lembrança era nebulosa.

Eu ainda estava paralisada de choque quando ele acrescentou: — Você quer entrar?

Isso foi um sonho. Tinha que ser. Porque as chances de Alex me convidar para entrar em sua casa na vida real eram menores do que eu resolvendo uma equação quadrática na minha cabeça.

Eu me belisquei. *Uau.* Ok, não é um sonho. Apenas um encontro incrivelmente surreal.

Eu me perguntei se os alienígenas sequestraram o verdadeiro Alex em seu caminho para casa e o substituíram por um impostor mais legal e civilizado.

— Claro. — Eu consegui dizer, porque inferno, eu estava

curiosa. Eu nunca tinha entrado na casa de Alex antes e estava curiosa para ver o que ele fez com a casa de Josh.

Ele se mudou há dois dias, então eu esperava ver caixas perdidas espalhadas, mas tudo era tão polido e organizado que parecia que ele morava aqui há anos. Um sofá cinza elegante e uma TV de tela plana de oitenta polegadas dominavam a sala de estar, acentuada por uma mesa de centro baixa laqueada, luminárias chiques industriais e a pintura abstrata de Josh. Vislumbrei uma máquina de café expresso na cozinha e uma mesa com tampo de vidro e cadeiras estofadas branco na sala de jantar, mas fora isso, não havia muitos móveis dignos de nota. Era uma diferença drástica da coleção bagunçada, mas aconchegante, de Josh, de livros aleatórios, equipamentos esportivos e itens que ele colecionava em suas viagens.

— Você é minimalista, hein? — Examinei uma estranha escultura de metal que parecia um cérebro explodindo, mas provavelmente custava mais do que meu aluguel mensal.

— Não vejo sentido em coletar itens que não uso e não gosto. — Alex colocou os biscoitos na mesa de centro e caminhou até o carrinho do bar no canto. — Bebida?

— Não, obrigada. — Sentei no sofá, sem saber o que fazer ou dizer.

Ele se serviu de um copo de uísque e sentou-se à minha frente, mas não foi longe o suficiente. Senti o cheiro de sua colônia, algo amadeirado e com cheiro caro, com um toque de especiarias. Era tão delicioso que eu queria enterrar meu rosto

em seu pescoço, mas não achei que ele aceitaria isso muito bem.

— Relaxe. — Ele disse secamente. — Eu não mordo.

— Estou relaxada.

— Seus nós dos dedos estão brancos.

Olhei para baixo e percebi que estava segurando as bordas do sofá com tanta força que meus dedos estavam, de fato, brancos.

— Eu gosto do que você fez com o lugar. — Eu estremeci. *Fale sobre uma linha clichê.* — Sem fotos, no entanto. — Na verdade, não vi nenhum objeto pessoal, nada que mostrasse que eu estava em uma casa real e não em um showroom de modelos.

— Por que eu precisaria de fotos?

Eu não sabia se ele estava brincando ou não. *Provavelmente não.* Alex não brincava, exceto por aquela vez em seu carro alguns dias atrás.

— Para as memórias. — Eu disse, como se estivesse explicando um conceito simples para uma criança. — Para lembrar pessoas e eventos?

— Não preciso de fotos para isso. As memórias estão aqui. — Alex bateu na lateral de sua testa.

— As memórias de todos desaparecem. Fotos não. — Pelo

menos, não digitais.

— Não a minha. — Ele colocou seu copo vazio na mesa de centro, seus olhos escuros. — Tenho uma memória superior.

Meu bufo escapou antes que eu pudesse impedir. — Alguém tem uma opinião elevada de si mesmo.

Isso me rendeu a sombra de um sorriso malicioso. — Eu não estou me gabando. Tenho hipertimésia, ou HSAM. Memória autobiográfica altamente superior. Procure.

Eu pausei. Isso, eu não esperava. — Você tem memória fotográfica?

— Não, elas são diferentes. Pessoas com memória fotográfica lembram detalhes de uma cena que observaram por um curto período de tempo. Pessoas com HSAM se lembram de quase tudo sobre suas vidas. Cada conversa, cada detalhe, cada emoção. — Os olhos de jade de Alex se transformaram em esmeraldas, escuros e assombrados. — Quer eles queiram ou não.

— Josh nunca mencionou isso. — Nem uma vez, nem uma dica, e eles eram amigos há quase uma década.

— Josh não te conta tudo.

Nunca tinha ouvido falar de hipertimésia. Parecia fantástico, como algo saído de um filme de ficção científica, mas ouvi a verdade na voz de Alex. Como seria se lembrar de

tudo?

Minha frequência cardíaca aumentou.

Seria maravilhoso. E terrível. Porque embora houvesse memórias que eu queria manter perto do meu coração, tão vívidas como se estivessem acontecendo bem diante dos meus olhos, havia outras que eu preferia deixar cair no esquecimento. Eu não conseguia imaginar não ter a rede de segurança de saber que eventos horríveis acabariam por desaparecer até que fossem apenas sussurros fracos do passado. Então, novamente, minhas memórias eram tão distorcidas que eu não me lembrava de nada antes dos nove anos de idade, quando os eventos mais horríveis da minha vida aconteceram.

— Como é? — Eu sussurrei.

Que irônico éramos nós dois sentados aqui: eu, a garota que não lembrava de quase nada, e Alex, o homem que lembrava de tudo.

Alex se inclinou em minha direção e fiz tudo o que pude fazer para não recuar. Ele estava muito perto, muito opressor, *muito.*

— É como assistir a um filme da sua vida passando diante dos seus olhos. — Ele disse baixinho. — Às vezes é um drama. Às vezes é horror.

O ar pulsava com tensão. Eu estava suando tanto que meu top grudou na minha pele.

— Sem comédia ou romance? — Tentei brincar, mas a pergunta saiu tão sem fôlego que não parecia uma brincadeira.

Os olhos de Alex brilharam. Em algum lugar à distância, a buzina de um carro tocou. Uma gota de suor escorreu entre meus seios, e eu vi seu olhar mergulhar para ela brevemente antes de um sorriso sem humor tocar seus lábios.

— Vá para casa, Ava. Fique longe de problemas.

Levei um minuto para recuperar meu juízo e me retirar do sofá. Assim que o fiz, quase fugi, meu coração batendo forte e os joelhos tremendo. Cada encontro com Alex, não importa o quão pequeno, me deixava no limite.

Eu estava nervosa, sim, e um pouco apavorada.

Mas também nunca me senti mais viva.

5

Alex

Eu bati meu punho no rosto do manequim, deleitando-me com a explosão aguda de dor que sacudiu meu braço com o impacto. Meus músculos queimavam e o suor escorria da minha testa até os olhos, embaçando minha visão, mas não parei. Eu tinha feito isso tantas vezes que não precisava ver para acertar meus golpes.

O cheiro de suor e violência manchou o ar. Este foi o único lugar em que me permiti liberar a raiva que mantive sob controle cuidadoso em todas as outras áreas da minha vida. Eu comecei o treinamento de Krav Maga uma década atrás para autodefesa, mas desde então se tornou minha catarse, meu santuário.

Quando terminei de esmurrar o manequim, meu corpo estava uma confusão de dores e suor. Sequei o suor do rosto e tomei um gole d'água. O trabalho tinha sido uma merda, e eu precisava dessa liberação para reiniciar.

— Espero que você tenha superado sua frustração. — Disse Ralph, o dono do centro de treinamento e meu instrutor

pessoal desde que me mudei para DC, disse secamente. Baixo e atarracado, ele tinha a constituição poderosa de um lutador e uma estatura média, mas no fundo, ele era um ursinho de pelúcia. Ele apagaria minhas luzes se eu dissesse isso a ele ou a qualquer outra pessoa. — Você parecia ter uma vingança pessoal contra Harper.

Ralph batizou todos os bonecos de treinamento com nomes de personagens da TV ou pessoas da vida real de que ele não gostava.

— Semana de merda. — Estávamos sozinhos no estúdio de treinamento privado, então falei com mais liberdade do que faria de outra forma. Além de Josh, Ralph era a única pessoa que considerava um verdadeiro amigo. — Eu poderia ir para a coisa real agora.

Manequins eram bons para a prática, mas Krav Maga era um método de combate corpo a corpo por uma razão. Era tudo sobre a interação entre você e seu oponente responder rapidamente. Não poderia fazer isso se seu oponente fosse um objeto inanimado.

— Sim, vamos fazer isso. Mas tem que terminar às sete, sem hora extra. Há uma nova classe chegando.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Aula?

A KM Academy atendia profissionais de nível intermediário a avançado e se especializava em sessões individuais ou em pequenos grupos. Não hospedava grandes

turmas como a maioria dos outros centros.

Ralph encolheu os ombros. — Sim. Estamos abrindo o centro para iniciantes. Só uma aula por enquanto, ver no que dá. Missy me incomodou com isso até eu concordar, disse que as pessoas estariam interessadas em aprender para autodefesa e que temos os melhores instrutores da cidade. — Ele soltou uma risada. — Trinta anos de casamento. Ela sabe como acariciar o velho ego. Então aqui estamos nós.

— Sem falar que é uma boa decisão de negócios. — KMA tinha pouca concorrência na área, e provavelmente havia uma demanda grande por aulas, sem mencionar muitos yuppies que podiam pagar os preços.

Os olhos de Ralph brilharam. — Isso também.

Tomei outro gole d'água, minha mente girando. *Aulas para iniciantes...*

Pode ser uma boa ideia para Ava. Para qualquer pessoa, realmente, homem ou mulher. Autodefesa é uma habilidade que você nunca quer usar, mas que poderia significar a diferença entre a vida e a morte, quando você *não* tem que usá-lo. O spray de pimenta só leva você até aí.

Mandei uma mensagem rápida para ela antes de Ralph e eu começarmos nossa sessão.

Eu ainda não estava feliz em bancar a babá, mas Ava e eu tínhamos estabelecido uma trégua cautelosa, palavra dela, não minha, desde o ramo de oliveira dela na semana anterior.

Além disso, quando me comprometo com algo, me comprometo cem por cento. Sem meia-asserção ou telefonema.

Prometi a Josh que cuidaria de sua irmã, e é o que faria. Inscrevê-la em aulas de autodefesa, atualizar o sistema de alarme de merda de sua casa, ela teve um ataque quando a empresa de segurança a acordou às sete da manhã para instalar o novo sistema, mas ela superou, custe o que custar. Quanto mais ela ficava longe de problemas, menos eu tinha que me preocupar com ela e mais eu poderia me concentrar em meu negócio e planejar minha vingança.

Eu não me importaria em receber mais desses cookies de veludo vermelho, no entanto. Eles eram bons.

Eu especialmente não me importaria se ela os entregasse vestindo o short minúsculo e a blusa que ela usou em minha casa. Uma imagem espontânea de uma gota de suor escorrendo por sua pele bronzeada em seu decote passou pela minha mente.

Eu grunhi quando Ralph acertou um soco no meu estômago. *Porra.* Isso foi o que ganhei por permitir que meus pensamentos se dispersassem.

Eu apertei minha mandíbula e me concentrei novamente na sessão de treinamento, empurrando todos os pensamentos sobre Ava Chen e seu decote para fora da minha cabeça.

Uma hora depois, meus membros pareciam gelatina e eu tinha vários hematomas florescendo em meu corpo.

Eu fiz uma careta, esticando meus membros enquanto o zumbido baixo de vozes filtrava pela porta fechada do estúdio privado.

— Essa é a minha deixa. — Ralph me deu um tapinha no ombro. — Boa sessão. Você pode até me vencer um dia, se tiver sorte.

Eu sorri. — Foda-se você. Já posso te vencer se quiser.

Eu cheguei perto de fazer isso uma vez, mas parte de mim gostou do fato de que eu não era o melhor, ainda. Isso me deu uma meta pela qual lutar. Mas eu venceria. Eu sempre vencia.

A risada de Ralph rolou pelo espaço úmido de suor como um trovão. — Continue dizendo isso a si mesmo, garoto. Vejo você na terça.

Depois que ele saiu da sala, verifiquei meu telefone em busca de novas mensagens.

Nada.

Uma pequena ruga vincou minha testa. Eu mandei uma mensagem para Ava quase uma hora atrás, e ela era uma respondedora compulsivamente rápida, a menos que ela tivesse uma sessão de fotos. Ela não tinha uma hoje. Eu sabia porque a fiz prometer que me contaria sempre que o fizesse, juntamente com a localização, os nomes dos clientes e as informações de contato. Sempre fiz verificações de antecedentes dos clientes com antecedência. Havia pessoas loucas lá fora.

Enviei um texto. Esperei.

Nada.

Liguei. Sem resposta.

Ou ela desligou o telefone, algo que eu disse a ela para nunca fazer, ou ela poderia estar em apuros.

Sangue. Em todos os lugares.

Em minhas mãos. Em minhas roupas.

Minha frequência cardíaca disparou. O nó familiar em volta do meu pescoço se apertou.

Fechei os olhos com força, concentrando-me em um dia diferente, uma memória diferente, aquela de mim assistindo à minha primeira aula de Krav Maga aos dezesseis anos, até que as manchas vermelhas do meu passado se retiraram.

Quando os abri novamente, a raiva e a preocupação formaram um bloqueio no meu estômago, e não me incomodei em trocar minhas roupas de treino antes de sair do centro e ir para a casa de Ava.

— É melhor você estar lá. — Eu murmurei. Eu bloqueei e virei uma Mercedes que tentou passar na minha frente no Dupont Circle. O motorista, um tipo de advogado exagerado, olhou para mim, mas eu não dei a mínima.

Se você não pode dirigir, saia da estrada.

Quando cheguei à casa de Ava, ainda não havia recebido

uma resposta e um músculo pulsou perigosamente em minha têmpora.

Se ela estava me ignorando, ela estava na merda.

E se ela se machucasse, eu enterraria o responsável a quase dois metros do solo. Em pedaços.

— Onde ela está? — Dispensei as saudações habituais quando Jules abriu a porta.

— Quem? — Ela perguntou, toda inocente. Eu não fui enganado. Jules Ambrose era uma das mulheres mais perigosas que eu já conheci, e qualquer pessoa que pensasse o contrário por causa da forma como ela parecia e flertava era um idiota.

— Ava. — Eu rosnei. — Ela não está atendendo ao telefone.

— Talvez ela esteja ocupada.

— Não brinque comigo, Jules. Ela pode estar em apuros e eu conheço seu chefe. Não demoraria muito mais do que uma palavra minha para atrapalhar o seu estágio.

Eu fiz minha pesquisa sobre todos os amigos mais próximos de Ava. Jules era estudante de direito, e o estágio entre o primeiro e o último ano do aluno era fundamental para ser admitido em uma faculdade de direito competitiva.

Todos os traços de coquetismo sedutor desapareceram. Jules estreitou os olhos. — Não me ameace.

— Não brinque.

Nós nos encaramos por um minuto, segundos preciosos passando antes que ela cedesse.

— Ela não está com problemas, ok? Ela está com uma amiga. Como eu disse, ela provavelmente está ocupada. Ela não está grudada no telefone.

— Endereço.

— Você é gostoso, mas pode ser um idiota realmente autoritário.

— *Endereço.*

Jules soltou um suspiro. — Eu só estou te dizendo se eu puder ir com você... para ter certeza de que você não fará nada estúpido.

Eu já estava na metade do caminho para o meu carro.

Cinco minutos depois, estávamos voltando rapidamente para DC. Eu iria cobrar de Josh todas as minhas despesas com gasolina quando ele voltasse, apenas por vingança.

— Por que você está tão preocupado? Ava tem sua própria vida, e ela não é um cachorro. Ela não precisa pular toda vez que você diz buscar. — Jules baixou o espelho retrovisor e retocou o batom quando paramos no sinal vermelho.

— Para alguém que afirma ser sua melhor amiga, você não está preocupada o *suficiente.* — Irritação enrolou em meu

estômago. — Quando você soube que ela não respondeu minutos depois de receber uma mensagem de texto ou uma ligação?

— Uh, quando ela está no banheiro. Aula. Trabalhos. Dormindo. Tomando banho. Uma foto.

— Já faz quase uma hora — eu rebati.

Jules encolheu os ombros. — Talvez ela esteja fazendo sexo.

Um músculo saltou na minha mandíbula. Eu não tinha certeza de qual versão de Jules era pior, aquela que sempre tentava me convencer a cortar a grama sem camisa, ou aquela que gostava de me provocar.

Por que Ava não poderia ter vivido com uma de suas outras amigas? Stella parecia mais complacente e, dado seu passado, Bridget nunca diria a merda que Jules disse.

Mas não, eu estava preso à ameaça ruiva.

Não admira que Josh sempre reclamasse dela.

— Você disse que ela está com uma amiga. — Virei para a rua onde ficava a casa da dita amiga e estacionei.

— Um amigo *homem.* — Ela soltou o cinto de segurança com um sorriso beatífico. — Obrigada pela carona e conversa. Foi... esclarecedor.

Não me incomodei em perguntar o que ela quis dizer. Ela

acabava de me alimentar com um monte de besteiras com açúcar.

Enquanto Jules tomava seu doce tempo, saí do carro e bati um punho impaciente contra a porta da frente.

Ela se abriu um minuto depois, revelando um homem magro de óculos com confusão estampada em seu rosto quando viu Jules e eu parados ali. — Posso ajudar?

— Onde está Ava?

— Ela está lá em cima, mas quem... — Eu abri caminho passando por ele, o que não foi difícil considerando que ele pesava sessenta, no máximo.

— Ei, você não pode subir aí! — Ele gritou. — Eles estão no meio de algo.

Porra. Que não posso. Se Ava *estava* fazendo sexo, um ritmo perigoso pulsava atrás da minha têmpora com o pensamento, esse era mais um motivo para uma interrupção. Universitários excitados eram algumas das criaturas mais perigosas que existiam.

Eu me perguntei se ela tinha voltado com seu ex. Josh mencionou que a doninha a traiu, e ela não parecia o tipo que rasteja de volta para alguém depois de tratá-la terrivelmente, mas eu não colocaria nada além da Senhorita Luz do Sol e Rosas. Aquele coração sangrando dela a colocaria em um monte de problemas um dia.

Assim que cheguei ao segundo andar, não precisei adivinhar em que quarto ela estava, ouvi sons saindo pela porta entreaberta no final do corredor. Atrás de mim, Jules e óculos subiam os degraus, este último ainda tagarelando sobre como eu não poderia estar aqui, embora já estivesse entrado aqui.

Eu não sabia como os humanos sobreviviam tanto tempo. A maioria das pessoas eram idiotas.

Abri a porta totalmente e congelei.

Não sexo. *Pior.*

Ava estava no meio da sala, vestida com um traje de renda preta que deixava pouco para a imaginação. Ela se aconchegou ao lado de um cara com cabelo loiro espetado segurando uma câmera. Eles estavam cochichando e rindo enquanto olhavam para a tela da câmera, tão absortos em seu pequeno tête-à-tête que nem perceberam que tinham companhia.

Minha têmpora pulsou com mais força.

— O que... — Minha voz cortou o ar como um chicote. — Está acontecendo aqui.

Não foi uma pergunta. Eu sabia o que estava acontecendo. A configuração, a cama amarrotada, a roupa de Ava... eles estavam no meio de uma sessão de fotos. Com Ava como modelo. Vestida com algo que não sairia do lugar na revista *Playboy.*

A mistura de tiras que Ava usava mal cobria os pedaços necessários. Enlaçava seu pescoço, deixando seus ombros à mostra, e caía até o umbigo na frente. O decote alto deixava suas pernas e a maior parte de sua bunda nua, e além das áreas que cobriam seus seios e entre as pernas, a renda preta transparente revelava mais do que cobria.

Eu nunca a tinha visto assim. Não era apenas a roupa; foi tudo. O cabelo preto geralmente liso caía em ondas deliciosas por suas costas, o rosto maquiado com olhos esfumados e lábios vermelhos brilhantes, os quilômetros de pele dourada e curvas que se gravaram em meu cérebro para sempre.

Eu estava preso entre uma luxúria perturbadora, ela era a irmã do meu melhor amigo, pelo amor de Deus, e uma fúria inexplicável por outros homens estarem vendo-a assim.

Os olhos de Ava se arregalaram de alarme quando ela me viu.

— Alex? O que você está fazendo aqui?

— Eu tentei pará-lo — Óculos ofegou, sem fôlego. Prova viva de que magreza não é sinônimo de boa forma.

— Ele está aqui para você, querida. — Jules se encostou na porta, seus olhos âmbar brilhando com diversão. — Você está superquente, a propósito. Mal posso esperar para ver as fotos.

— Você não está vendo as *fotos*. — Eu grunhi. — *Ninguém*

está vendo as *fotos.* — Puxei o cobertor da cama e joguei sobre os ombros de Ava, cobrindo-a. — Estamos indo embora. Agora mesmo. E o loiro aqui está excluindo todas as fotos que ele tirou de você.

Seu queixo caiu. — Não, eu não vou, e não, ele não vai. Você não pode me dizer o que fazer. — Ela jogou o cobertor no chão e ergueu o queixo em desafio. — Você não é meu pai ou irmão e, mesmo que *fosse,* não tem voz no que faço no meu tempo livre.

— Ele está tirando fotos de você seminua. — Eu retruquei. — Você sabe quão destrutivas podem ser se elas vazarem? Se um futuro empregador as vir?

— Eu me ofereci para isso, — Ela retrucou. — É fotografia de boudoir. Artístico. As pessoas fazem isso *o tempo todo.* Não é como se eu estivesse mostrando tudo para um site pornô. Como você sabia que eu estava aqui?

— Oops. — Disse Jules atrás de nós. Ela não parecia nem um pouco arrependida.

— Você pode muito bem estar. — A fervura no meu sangue atingiu uma fervura completa. — Vamos. Vista-se.

— Nã-ão. — O brilho de Ava se intensificou, e ela arrastou a palavra, não, até que tivesse duas sílabas.

— Ei, cara, eu não quero fazer mal. — O loiro soltou uma risada nervosa. — Como ela disse, isso é arte. Vou editar para que seu rosto fique na sombra e ninguém possa dizer que é

ela. Só preciso das fotos para o meu portfólio, o que você está fazendo? — Ele gritou em protesto quando eu peguei a câmera de suas mãos e comecei a deletar as fotos, mas ficou em silêncio quando eu o lancei com um olhar mortal.

— Pare! Você está sendo ridículo. — Ava tentou recuperar a câmera, sem sucesso. — Você sabe quanto tempo essas fotos demoraram? *Pare.* Você está... — Ela puxou meu braço. Ele não se mexeu. — Sendo — Outro puxão, o mesmo resultado. — Irracional!

— Estou protegendo você, já que você claramente não pode fazer isso sozinha.

Meu humor piorou ainda mais quando vi as fotos dela deitada na cama, olhando sedutoramente para a câmera. Há quanto tempo ela e o loiro estão fazendo isso, sozinhos? Não era preciso ser um gênio para descobrir o que passara por sua mente o tempo todo. Era a mesma coisa que teria passado pela mente de qualquer homem de sangue quente. Sexo.

Eu esperava que o loiro gostasse de seu par de olhos enquanto ele ainda os tinha.

Ava recuou por um minuto, então se lançou para a câmera em uma tentativa mal disfarçada de me pegar desprevenido. Eu esperava o movimento, mas ainda grunhi com o impacto enquanto ela tropeçava em cima de mim como a porra de um macaco-aranha. Seus seios roçaram meu braço e seu cabelo fez cócegas na minha pele.

Meu sangue esquentou com as sensações.

Ela estava tão perto que eu podia ouvir sua respiração saindo em ofegos suaves. Tentei não notar como seu peito arfava ou como sua pele parecia lisa pressionada contra a minha. Eles eram perigosos, pensamentos tortuosos que não tinham lugar em minha mente. Nem agora, nem nunca.

— Devolva. — Ela ordenou.

Era quase fofo como ela pensava que poderia mandar em mim.

— Não.

Ava estreitou os olhos. — Se você não me devolver, juro por Deus que vou sair para a rua usando essa roupa.

Outro raio de fúria chiou através de mim. — Você não faria isso.

— Me teste.

Nossos rostos estavam a centímetros de distância, nossas palavras tão suaves que ninguém podia ouvi-las, exceto nós.

No entanto, abaixei minha cabeça para que pudesse sussurrar bem em seu ouvido.

— Se você pisar fora desta sala com aquela roupa, não vou apenas deletar todas as fotos desta câmera, mas vou destruir a carreira do seu 'amigo' até que ele tenha que recorrer a anúncios de merda de cinco dólares por hora. No Craigslist.

— Um sorriso infernal tocou meus lábios. — Você não gostaria disso, não é?

Existem duas maneiras de ameaçar as pessoas: atacá-las diretamente ou atacar aqueles de quem elas gostam. Eu também não estava acima de fazer.

A boca de Ava tremeu. Ela acreditou em mim, como deveria, porque eu quis dizer cada palavra. Eu não era senador ou lobista, mas um patrimônio obsceno, arquivos volumosos de material de chantagem e anos de networking me concederam mais do que meu quinhão de influência em DC.

— Você é um idiota.

— Sim, eu sou, e não se esqueça disso. — Eu me endireitei. — Vista-se.

Ava não discutiu, mas também se recusou a olhar para mim enquanto desaparecia no banheiro do outro lado do corredor para se trocar.

O loiro e os óculos ficaram boquiabertos para mim como se o próprio diabo tivesse entrado em sua casa. Enquanto isso, Jules sorria como se estivesse assistindo ao filme mais divertido do ano.

Terminei de deletar as fotos e coloquei a câmera de volta nas mãos do loiro.

— Nunca peça a Ava para fazer algo assim novamente. — Eu me ergui sobre ele, saboreando a sacudida sutil de seus

ombros enquanto ele tentava não se encolher. — Se você fizer isso, eu saberei. E você não vai gostar do que vai acontecer a seguir.

— Ok. — O Loiro guinchou.

A porta do banheiro se abriu. Ava passou por mim e disse algo para o loiro em voz baixa. Ele assentiu. Ela colocou a mão em seu braço e meu queixo pulsou.

— Vamos. — As palavras saíram mais nítidas do que eu pretendia.

Ava finalmente olhou para mim, seus olhos brilhando. — Iremos quando eu estiver pronta.

Eu não sabia como Josh lidou com ela todos esses anos. Duas semanas depois, e eu já queria estrangulá-la.

Ela murmurou outra coisa para o loiro antes de passar por mim sem dizer uma palavra. Jules a seguiu, ainda sorrindo.

Lancei um último olhar na direção do loiro antes de sair.

O silêncio permeou o carro enquanto voltávamos para Thayer. Jules sentou no banco de trás, digitando em seu telefone, enquanto uma Ava com o rosto impassível olhava para fora da janela do banco do passageiro, com os ombros tensos.

Eu não me importava com o silêncio. Eu ansiava por isso. Havia poucas coisas que eu achava mais irritantes do que uma

conversa incessante e sem sentido. O tempo, o último sucesso de bilheteria, quem terminou com quem... quem se importava?

Ainda assim, algo me obrigou a ligar o rádio na metade do caminho, embora eu tenha deixado o volume tão baixo que quase não consegui ouvir a música.

— Foi para o seu próprio bem. — Eu disse sobre as batidas minúsculas do último hit de rap.

Ava afastou seu corpo ainda mais e não respondeu.

Certo. Ela poderia ficar brava o quanto quisesse. A única coisa que lamentei foi não ter destruído a câmera do loiro completamente.

Não era como se eu me importasse com seu tratamento silencioso. Nem um pouco.

6

Ava

— ...Então disse, *nunca* peça a Ava para fazer algo assim de novo, ou eu vou matar você e sua família inteira. — Jules terminou dramaticamente antes de tomar um gole de seu mocha de caramelo.

— Cale-se. — Stella se inclinou para frente com os olhos arregalados. — Ele não disse isso.

— Não, ele não disse. — Eu lancei a Jules um olhar de desaprovação. — Pare de exagerar.

— Como você saberia? Você estava no banheiro. — Ela rebateu. Quando minha carranca se aprofundou, ela suspirou. — Certo. Ele não disse essas palavras *exatas,* pelo menos não a última parte, mas a ideia geral era a mesma. Ele avisou Owen para ficar longe de você. — Jules arrancou um pedaço de seu bolinho de cranberry e colocou na boca.

— Pobre Owen. — A culpa me incomodou enquanto eu traçava padrões distraídos na mesa. Jules, Stella, Bridget e eu estávamos no The Morning Roast para nosso café semanal de terça-feira, e Jules estava entretendo as outras garotas com

um relato hiperbolizado do que aconteceu na casa de Owen no sábado. — Eu gostaria que ele não tivesse sido arrastado para isso. Todas aquelas horas de fotos, acabadas.

Trabalhei com Owen na McCann Gallery, onde servi como assistente de galeria no último ano e meio. Meu pai nunca disse abertamente que desaprovava minha carreira na fotografia, mas deixou claro que não financiaria nenhum dos meus equipamentos. Ele pagou minhas mensalidades e outras despesas escolares, mas se eu quisesse uma nova lente, câmera ou mesmo um tripé? Isso seria comigo.

Tentei não deixar sua desaprovação tácita me incomodar. Tive mais que sorte de me formar sem dívidas de empréstimo estudantil e não tinha medo de trabalhar duro. O fato de ter desembolsado meu próprio dinheiro para cada peça do equipamento me fez apreciá-los um pouco mais, e gostava de meu trabalho na McCann. Era uma das galerias de fotografia mais prestigiadas do Nordeste, e eu amava meus colegas de trabalho, embora não tivesse certeza se Owen iria querer mais alguma coisa comigo depois do que Alex tinha feito.

Mesmo agora, minha pele esquentou de raiva com a memória de sua atitude autoritária.

Eu não podia acreditar que ele teve a ousadia de aparecer e mandar em mim daquele jeito. Ameaçar meu amigo. Agir como se eu fosse um... um servo ou empregado dele. Mesmo Josh nunca tinha ido tão longe.

Esfaqueei meu iogurte com o garfo, furiosa.

— Parece que perdi um momento interessante. — Bridget suspirou. — Todas as coisas divertidas acontecem enquanto estou fora.

Bridget estava participando de um evento no consulado de Eldorra em Nova York, conforme exigido da Princesa de Eldorra.

Isso mesmo. Ela era uma princesa da vida real, honesta com Deus, a segunda na linha de sucessão ao trono de um pequeno, mas rico país europeu. Ela parecia adequada também. Com seu cabelo dourado, olhos azuis profundos e estrutura óssea elegante, ela poderia se passar por uma jovem Grace Kelly.

Eu não sabia quem era Bridget quando ela, Jules, Stella e eu nos encontramos designadas para o mesmo quarto no primeiro ano. Além disso, eu esperava que uma maldita princesa tivesse um quarto privado.

Mas isso era o que havia de melhor em Bridget. Apesar de sua educação insana, ela era uma das pessoas mais pé no chão que eu já conheci. Ela nunca usou a sua posição e insistiu em viver a vida como uma estudante universitária normal sempre que pudesse. Nesse sentido, Thayer era o mais adequado para ela. Graças à sua proximidade com DC e seu programa de política internacional de classe mundial, o campus fervilhava de descendentes políticos e realeza internacional. Outro dia, eu ouvi o filho do presidente da Câmara e o príncipe herdeiro de um polêmico reino do petróleo discutindo sobre videogames.

Você não pode inventar essas coisas.

— Confie em mim, *não* foi divertido. — Eu resmunguei. — Foi humilhante. E eu devo um jantar a Owen, pelo menos.

Meu telefone piscou com uma nova mensagem. *Liam.* Novamente.

Eu limpei a notificação antes que alguma das minhas amigas a visse. Eu não estava com humor para lidar com ele ou suas desculpas agora.

— Au contraire, achei hilário. — Jules terminou o resto de seu bolinho. — Você deveria ter visto o rosto de Alex. Ele estava *chateado.*

— Como isso é hilário? — Stella tirou uma foto de seu latte art antes de entrar na conversa.

Ela era uma grande blogueira de moda e estilo de vida com mais de 400.000 seguidores no Instagram, e estávamos acostumadas com ela capturando tudo para o 'Gram. Ironicamente, para alguém com uma presença social tão grande, ela era a mais tímida do grupo, mas disse que o anonimato da Internet tornava mais fácil ser ela mesma online.

— Você me ouviu? Ele estava *chateado.* — Jules colocou ênfase extra na última palavra como se fosse suposto significar algo.

Bridget, Stella e eu olhamos para ela sem expressão.

Ela suspirou, obviamente exasperada por nossa falta de

compreensão. — Quando foi a última vez que qualquer um de nós viu Alex Volkov chateado? Ou feliz? Ou triste? O homem não mostra emoção. É como se Deus tivesse dado a ele porções extras de beleza e nenhuma dose de sentimento humano.

— Acho que ele é um psicopata. — Disse Stella. Ela corou. — Nenhuma pessoa normal é controlada o tempo todo.

Eu ainda estava chateada com Alex, mas uma parte estranha de mim se sentiu compelida a defendê-lo.

— Você só o encontrou algumas vezes. Ele não é tão ruim quando não está...

— Sendo ruim? — Bridget terminou.

— Tudo o que estou dizendo é que ele é o melhor amigo de Josh e confio no julgamento do meu irmão.

Jules bufou. — Este é o mesmo irmão que usou aquela fantasia de rato horrível na festa de Halloween do ano passado?

Eu enruguei meu nariz enquanto Bridget e Stella caíram na gargalhada. — Eu disse julgamento, não *gosto.*

— Desculpe, eu não queria chatear você. — Stella inclinou a cabeça até que seus brilhantes cachos escuros caíssem em cascata sobre seu ombro. Sempre brincamos dizendo que ela era a Organização das Nações Unidas para os humanos por causa de sua formação multicultural, alemã e japonesa por parte de mãe; Negra e porto-riquenha por parte

de pai. O resultado foi um metro e setenta e quatro com pernas altas, pele morena escura e olhos verdes de gato. Material de supermodelo, se ela tivesse algum interesse em ser uma supermodelo, o que ela não tinha. — Foi só uma observação, mas você tem razão. Eu não o conheço bem o suficiente para julgar. Declaração retirada.

— Eu não estou chateada. Eu estou... — Eu hesitei. O que diabos eu estava fazendo? Alex não precisava que eu o defendesse. Não era como se ele estivesse aqui, nos ouvindo. Mesmo se estivesse, ele não se importaria.

Se havia uma pessoa no mundo que não dava a mínima para o que os outros pensavam dele, era Alex Volkov.

— Gente, vocês estão perdendo o ponto. — Jules acenou com a mão no ar. — O ponto é, Alex *fez* show de emoção. Por Ava. Podemos nos divertir com isso.

Ah não. A ideia de diversão de Jules geralmente envolvia um monte de problemas e uma dose potencial de constrangimento da minha parte.

— Que tipo de diversão? — Bridget parecia intrigada.

— Bridge! — Eu a chutei por baixo da mesa. — Não a incentive.

— Desculpe. — A loira fez uma careta. — Mas tudo o que tenho feito ultimamente é... — Ela olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava ouvindo. Eles não estavam, exceto por seu guarda costas Booth, que se sentou à mesa

atrás de nós e fingiu ler o jornal enquanto na verdade ficava de olho nos arredores. — Eventos diplomáticos e deveres cerimoniais. É terrivelmente chato. Enquanto isso, meu avô está doente, meu irmão está agindo de forma estranha e eu preciso de algo para tirar minha mente de tudo isso.

Seu avô e irmão, também conhecido como Rei Edvard e Príncipe Herdeiro Nikolai de Eldorra. Eu tinha que me lembrar que eles eram seres humanos como todo mundo, mas mesmo depois de anos de amizade com Bridget, eu não estava acostumada com ela falando tão casualmente sobre sua família. Como se eles não fossem uma realeza literal.

— Eu tenho uma teoria. — Jules se inclinou para frente, e o resto de nós, até eu, nos inclinamos, ansiosos para ouvir o que ela tinha a dizer. Chame de curiosidade mórbida, porque eu tinha certeza de que não gostaria do que estava prestes a sair de sua boca.

Eu tinha razão.

— Ava de alguma forma irrita Alex. — Disse Jules. — Devemos ver até onde isso vai. *O quanto* ela pode fazê-lo sentir?

Eu revirei meus olhos. — Todas aquelas longas horas que você dedicou ao estágio devem ter bagunçado seu cérebro, porque você não está fazendo nenhum sentido.

Ela me ignorou. — Eu chamo isso... — Pausa dramática. — Operação Emoção. — Ela olhou para cima e desenhou um arco com a mão como se as palavras aparecessem

magicamente no ar.

— Criativo. — Provocou Stella.

— Me ouça. Todos nós pensamos que Alex é um robô, certo? Bem, e se *ela*... — Jules apontou para mim. — .... Pode provar que ele não é? Não me diga que vocês não querem vê-lo agir como um ser humano real pela primeira vez.

— Não. — Joguei minha xícara de café vazia na lata de lixo mais próxima e quase derrubei um aluno que passava em um moletom Thayer. Eu estremeci e murmurei desculpe antes de retornar à proposta ridícula em mãos. — Essa é a ideia mais idiota que já ouvi.

— Não critique antes de experimentar. — Cantarolou minha suposta melhor amiga.

— Qual seria o ponto? — Eu joguei minhas mãos no ar. — Como isso funcionaria?

— Simples. — Jules puxou uma caneta e um bloco de notas de sua bolsa e começou a rabiscar. — Nós criamos uma lista de emoções, e você tenta fazer com que ele sinta cada uma delas. Será uma espécie de teste. Como fazer um exame físico anual para ter certeza de que está funcionando corretamente.

— Às vezes, — Disse Bridget. — a maneira como sua mente funciona me assusta.

— Não. — Eu repeti. — Não vai acontecer.

— Ele *não* parece o tipo ... maldoso. — Stella bateu com

as unhas pintadas de dourado na mesa. — Que emoções você tem em mente?

— Stel!

— O que? — Ela lançou um olhar culpado em minha direção. — Estou curiosa.

— O que tenho em mente? Já o vimos com raiva, então felicidade, tristeza, medo, nojo... — Um sorriso perverso apareceu no rosto de Jules. — Ciúmes.

Eu bufei. — Por favor. Ele nunca teria ciúme de mim.

Ele era um executivo multimilionário com um QI de nível genial; eu era uma estudante universitária que tinha dois empregos e comia cereais no jantar.

Sem resposta.

— Não tendo ciúme *de* você. Ciúmes *sobre* você.

Bridget se animou. — Você acha que ele gosta da Ava?

— *Não.* — Eu estava cansado de dizer essa palavra. — Ele é o melhor amigo do meu irmão, e eu não sou o tipo dele. Ele me disse isso.

— Psshh. — Jules dispensou meu protesto como faria com um mosquito. — Os homens não sabem *o* que querem. Além disso, você não quer se vingar dele pelo que fez com Owen?

— Eu não. — Eu disse com firmeza. — E eu não vou

concordar com essa ideia maluca.

Quarenta e cinco minutos depois, decidimos que a Fase Um da Operação Emoção começaria em três dias.



EU ME ODIAVA POR CONCORDAR.

De alguma forma, Jules *sempre* me convenceu a fazer coisas contra meus melhores instintos, como aquela vez em que dirigimos quatro horas até o Brooklyn para assistir a uma apresentação de uma banda porque ela achava que o vocalista era gostoso, e acabamos presas no meio da estrada quando nosso o carro alugado quebrou. Ou daquela vez que ela me convenceu a escrever um poema de amor para o cara bonito da minha aula de literatura inglesa, apenas para sua namorada, que eu não sabia que existia, me caçar no meu dormitório.

Jules era a pessoa mais persuasiva que já conheci. Uma boa qualidade para uma aspirante a advogada, mas não tanto para uma amiga inocente, ou seja, eu, que queria ficar longe de problemas.

Naquela noite, subi na cama e fechei os olhos, tentando organizar meus pensamentos acelerados. A Operação Emoção deveria ser um experimento divertido e leve, mas me deixou

nervosa, e não apenas por ser mesquinha. Tudo sobre Alex me deixava nervosa.

Estremeci, pensando em como ele retaliaria se descobrisse o que estávamos fazendo, e a ideia de ser esfolada viva me consumiu até cair em um sono leve e intermitente.

— Ajuda! Mamãe, me ajude!

Tentei gritar essas palavras, mas não consegui. Eu não conseguia. Porque eu estava debaixo d'água e, se abrisse a boca, toda a água correria para dentro e nunca mais veria mamãe, papai e Josh. Isso foi o que eles me disseram.

Eles também me disseram para não chegar perto do lago sozinha, mas eu queria fazer lindas ondulações na água. Gostei daquelas ondulações, gostei de como jogar uma pedrinha poderia causar um efeito tão grande.

Apenas aquelas ondulações estavam me sufocando agora. Milhares e milhares delas, arrastando-me cada vez mais para longe da luz acima da minha cabeça.

Lágrimas escorreram de meus olhos, mas o lago as engoliu e enterrou meu pânico até que fôssemos apenas eu e meus apelos silenciosos.

Eu nunca vou sair, nunca vou sair, nunca vou sair.

— Mamãe, ajuda! — Eu não conseguia segurar mais. Eu gritei, gritei tão alto quanto meus pequenos pulmões permitiam. Gritei até minha garganta ficar em carne viva e eu senti que ia

desmaiar, ou talvez fosse a água correndo, enchendo meu peito.

Tanta água. Em todos os lugares. E sem ar. Não há ar suficiente.

Eu bati meus braços e pernas na esperança de que ajudasse, mas não ajudou. Isso me fez afundar mais rápido.

Chorei mais, não fisicamente, porque não conseguia mais distinguir entre chorar e existir no meu coração.

Onde estava a mamãe? Ela deveria estar aqui. As mamães sempre deveriam estar com as filhas.

E ela tinha *estado lá comigo no convés, observando-me... até que ela não estava. Ela havia retornado? E se ela também estivesse afundando na água?*

A escuridão estava chegando. Eu vi, senti. Meu cérebro ficou confuso e meus olhos fecharam.

Eu não tinha mais energia para gritar, então murmurei as palavras. — Mamãe, por favor...

Eu empurrei para cima, meu coração batendo um milhão de tambores de advertência enquanto meus gritos desbotados eram absorvidos pelas paredes. Minhas cobertas se enrolaram em minhas pernas e eu as tirei, minha pele arrepiando com a sensação de estar emaranhada, de estar presa sem nenhuma maneira de me libertar.

As letras vermelhas brilhantes do meu despertador me disseram que eram quatro e quarenta e quatro da manhã.

Uma pontada de pavor floresceu na base do meu pescoço e desceu pela minha espinha. Na cultura chinesa, o número quatro é considerado azarado porque a palavra para ele soa como a palavra morte. *Sim,* quatro; *sǐ,* morte. A única diferença entre sua pronúncia é a inflexão do tom.

Nunca fui uma pessoa supersticiosa, mas calafrios tomavam conta de mim toda vez que acordava de um dos meus pesadelos durante as quatro da manhã, o que era quase sempre. Não conseguia me lembrar da última vez que acordei em uma hora diferente. Às vezes eu acordava sem me lembrar que tive um pesadelo, mas aquelas ocasiões abençoadas eram raras.

Eu ouvi o barulho de passos suaves no corredor e mudei minhas feições em algo diferente de terror absoluto antes que a porta se abrisse e Jules entrasse. Ela acendeu a lâmpada, e a culpa rodou por mim quando vi seu cabelo desgrenhado e rosto exausto. Ela trabalhava muitas horas e precisava dormir, mas sempre me checava, mesmo depois que insistia para que ela ficasse na cama.

— Quão ruim foi? — Ela perguntou suavemente. Minha cama afundou sob seu peso quando ela se sentou ao meu lado e me entregou uma xícara de chá de tomilho. Ela leu online que ajudava com pesadelos e começou a fazer isso para mim alguns meses atrás. Isso ajudou e eu não tinha pesadelos há mais de duas semanas, o que era um recorde, mas acho que minha sorte acabou.

— Nada fora do comum. — Minhas mãos tremiam tanto que o líquido derramou pela lateral da caneca e pingou na minha camiseta favorita do Pernalonga do colégio. — Volte a dormir, J. Você tem uma apresentação hoje.

— Foda-se. — Jules passou a mão pelo cabelo ruivo emaranhado. — Eu já estou acordada. Além disso, são quase cinco horas. Aposto que há dezenas de viciados em exercícios físicos excessivamente ambiciosos, vestindo Lululemon, correndo do lado de fora agora.

Eu reuni um sorriso fraco. — Eu sinto muito. Eu juro, podemos deixar meu quarto à prova de som. — Eu não tinha certeza de quanto isso custaria, mas lidaria com isso. Eu não queria ficar acordando ela.

— Que tal não? Isso é totalmente desnecessário. Você é minha melhor amiga. — Jules me envolveu em um abraço apertado e eu me permiti afundar em seu abraço reconfortante. Claro, ela me levava a situações duvidosas às vezes, mas ela tinha sido minha carona ou morreria desde o primeiro ano, e eu não teria mais ninguém ao meu lado. — Todo mundo tem pesadelos.

— Não como eu.

Eu tive esses pesadelos terríveis e vívidos que eu temia que não fossem pesadelos, mas memórias reais desde que eu conseguia me lembrar. Para mim, isso foi aos nove anos. Tudo antes disso era uma névoa, uma tela salpicada de sombras fracas da minha vida antes do Blackout, como eu chamava a

divisão entre minha infância esquecida e meus últimos anos.

— Pare. Não é sua culpa e eu não me importo. Sério. — Jules se afastou e sorriu. — Você me conhece. Eu nunca diria que algo estava bem se eu não estivesse realmente bem com isso.

Soltei uma risada suave e coloquei a caneca agora vazia na minha mesa de cabeceira.

— Verdade. — Eu apertei a mão dela. — Estou bem. Volte a dormir, corra ou faça um mocha de caramelo ou algo assim.

Ela torceu o nariz. — Eu, correr? Acho que não. Cardio e eu nos separamos há muito tempo. Além disso, você sabe que não posso usar uma máquina de café. É por isso que estou perdendo todos os meus salários no The Morning Roast. — Ela me examinou, uma pequena ruga estragando sua testa lisa. — Me dê um grito se precisar de alguma coisa, ok? Estou bem no final do corredor e não saio para trabalhar antes das sete.

— Ok. Amo você.

— Te amo, baby. — Jules me deu um último abraço antes de sair e fechar a porta atrás dela com um *clique* suave.

Afundei de volta na cama e puxei as cobertas até o queixo, tentando adormecer novamente, embora soubesse que era um exercício inútil. Mas mesmo que eu estivesse enfiada debaixo do meu edredom em uma sala bem isolada no meio do verão, o frio permaneceu, um espectro fantasmagórico me avisando que o passado nunca é passado, e o futuro nunca se desenrola

da maneira que queremos.

7

Alex

— Não faça isso.

Eu me servi de uma xícara de café, encostei-me no balcão e tomei um gole antes de responder.

— Não sei por que você está me ligando, Andrew. Eu sou o COO. Você deveria falar com Ivan.

— Isso é besteira, — Cuspiu Andrew. — Você puxa os cordõezinhos nos bastidores e todo mundo sabe disso.

— Então todo mundo está errado, o que não seria a primeira vez. — Verifiquei meu relógio Patek Philippe. Edição limitada, hermeticamente selada e à prova d'água, o relógio de aço inoxidável custou-me uns valiosos vinte mil dólares. Eu o comprei depois de vender meu software de modelagem financeira por oito dígitos, um mês depois de meu décimo quarto aniversário.

— Ah, está quase na hora da minha sessão noturna de meditação. — Eu não meditava, e nós dois sabíamos disso. — Eu te desejo o melhor. Tenho certeza que você terá uma próspera segunda carreira como artista de rua. Você estudou

banda no colégio, não é?

— Alex, por favor. — A voz de Andrew tornou-se suplicante. — Eu tenho uma família. Crianças. Minha filha mais velha vai começar a faculdade em breve. O que quer que você tenha contra mim, não arraste eles ou meus funcionários para isso.

— Mas eu não tenho nada contra você, Andrew. — Eu disse coloquialmente, tomando outro gole de café. A maioria das pessoas não tomava café expresso tão tarde por medo de não conseguir dormir, mas eu não tinha esse problema. Eu nunca conseguia dormir. — Isto é um negócio. Nada pessoal.

Fiquei perplexo que as pessoas ainda não entendessem. Os apelos pessoais não tinham lugar no mundo corporativo. Era comer ou ser comido, e eu, pelo menos, não tinha grandes aspirações de me tornar uma presa.

Apenas os mais fortes sobreviveram, e eu tinha toda a intenção de permanecer no topo da cadeia alimentar.

— Alex...

Cansei de ouvir meu nome. Sempre foi Alex isso, Alex aquilo. Pessoas implorando por tempo, dinheiro, atenção ou, o pior de tudo, carinho. Foi uma tarefa fodida. Realmente foi.

— Boa noite. — Desliguei antes que ele pudesse fazer outro pedido de misericórdia. Não havia nada mais triste do que ver ou, neste caso, ouvir um CEO reduzido a um mendigo.

A aquisição hostil da Gruppmann Enterprises ocorreria conforme planejado. Eu não teria me importado com a empresa, exceto que era um peão útil no grande esquema das coisas.

O Archer Group era uma empresa de incorporação imobiliária, mas em cinco, dez, vinte anos, seria muito mais. Telecomunicações, e-commerce, finanças, energia... o mundo estava pronto para mim. Gruppmann era um peixe pequeno no setor financeiro, mas foi um trampolim em direção às minhas ambições maiores. Eu queria resolver todas as torções antes de enfrentar os tubarões.

Além disso, Andrew era um idiota. Eu sabia com certeza que ele discretamente acertou com várias de suas ex-secretárias fora do tribunal por causa de acusações de assédio sexual.

Eu bloqueei o número de Andrew e fiz uma nota mental para demitir minha assistente por permitir que minhas informações pessoais de celular caíssem nas mãos de alguém fora da minha lista de contatos rigidamente controlada. Ela já tinha estragado tudo várias vezes, papelada com erros, compromissos agendados para horários errados, chamadas perdidas de VIPs e esta foi a gota d'água. Eu a mantive apenas enquanto um favor para seu pai, um deputado que queria que sua filha tivesse uma experiência real de trabalho, mas sua experiência acabaria às oito da manhã de amanhã.

Eu lidaria com seu pai mais tarde.

O silêncio zumbiu no ar quando coloquei minha xícara de café na pia e caminhei em direção à sala de estar. Afundei no sofá e fechei os olhos, deixando minhas imagens escolhidas passarem por minha mente. Eu não meditei, mas esta era a minha própria forma fodida de terapia.

29 de outubro de 2006.

Meu primeiro aniversário como órfão.

Parecia deprimente quando eu colocava dessa forma, mas não era triste. Simplesmente... foi.

Eu não me importava com aniversários. Não tinham sentido, datas em um calendário que as pessoas celebravam porque as fazia se sentir especiais quando, na realidade, não eram nada especiais. Como os aniversários podem ser especiais quando todos o têm?

Eu costumava pensar que eles eram especiais porque meus pais sempre faziam disso um grande alarido. Um ano, eles levaram toda a família e seis de meus amigos mais próximos para o Six Flags em Nova Jersey, onde comemos cachorro-quente e andamos de montanha-russa até vomitar. Outro ano, eles me compraram o PlayStation mais recente e eu fui a inveja da minha turma. Mas algumas coisas eram iguais todos os anos. Eu ficava na cama, fingindo estar dormindo enquanto meus pais entravam no meu quarto usando chapéus de casquinha de papel idiotas e carregando meu café da manhã favorito, panquecas de mirtilo encharcadas em calda com batatas fritas e bacon crocante na lateral. Meu pai segurava

meu café da manhã enquanto minha mãe me abordava e gritava: — Feliz aniversário! — E eu ria e gritava enquanto ela fazia cócegas em mim totalmente acordado. Era o único dia do ano em que me deixavam tomar o café da manhã na cama. Depois que minha irmã tinha idade suficiente para andar, ela se juntou a eles, subindo em cima de mim e bagunçando meu cabelo enquanto eu reclamava das garotas com piolhos se espalhando por todo o meu quarto.

Agora eles se foram. Chega de viagens em família, chega de panquecas de mirtilo e bacon. Não há mais aniversários que importem.

Meu tio tentou. Ele me comprou um grande bolo de chocolate e me levou a um famoso fliperama da cidade.

Sentei-me à mesa da sala de jantar, olhando pela janela. Pensando. Lembrando. Analisando. Eu não tinha tocado em nenhum dos jogos de fliperama.

— Alex, vá jogar, — Disse meu tio. — É seu aniversário.

Ele se sentou à minha frente, um homem forte, com cabelos grisalhos e olhos castanhos claros quase idênticos aos de meu pai. Ele não era um homem bonito, mas era vaidoso, então seu cabelo estava sempre perfeitamente penteado e suas roupas perfeitamente passadas. Hoje, ele usava um terno azul elegante que parecia lamentavelmente deslocado entre todas as crianças pegajosas e pais de rosto abatido e vestindo camisetas vagando pelo fliperama.

Eu não tinha visto o tio Ivan com frequência antes de aquele dia. Ele e meu pai tiveram uma briga quando eu tinha sete anos, e meu pai nunca mais falou dele. Mesmo assim, o tio Ivan me acolheu em vez de me deixar vagar pelo sistema de adoção, o que foi legal da parte dele, eu acho.

— Eu não quero jogar. — Bati meus dedos contra a mesa. Bater. Bater. Bater. Um. Dois. Três. Três tiros. Três corpos caindo no chão. *Fechei os olhos com força e usei toda a minha força para tirar aquelas imagens da minha cabeça. Elas voltariam, como fizeram todos os dias desde aquele dia. Mas eu não estava lidando com eles agora, no meio de uma galeria suburbana fedorenta com carpete azul barato e manchas de água na mesa.*

Eu odiava meu presente. Mas, além de esculpir meu cérebro, não pude fazer nada a respeito, então aprendi a viver com isso. E um dia, eu iria transformá-lo em uma arma.

— O que você quer? — Perguntou o tio Ivan.

Mudei meu olhar para encontrar o dele. Ele o segurou por alguns segundos antes de baixar os olhos.

As pessoas nunca costumavam fazer isso. Mas desde o assassinato da minha família, eles agiram de forma diferente. Quando eu olhava para eles, eles desviavam o olhar, não porque tivessem pena de mim, mas porque me temiam, algum instinto de sobrevivência básico dentro deles gritando para que corressem e nunca olhassem para trás.

Era bobagem, adultos temendo um menino de onze, agora doze anos. Mas eu não os culpei. Eles tinham motivos para ter medo.

Porque um dia, eu iria rasgar o mundo com minhas próprias mãos e forçá-lo a pagar pelo que ele tirou de mim.

— O que eu quero, tio. — Eu disse, minha voz ainda registrando o tom agudo e claro de um menino que ainda não havia atingido a puberdade. — É vingança.

Abri meus olhos e exalei lentamente, deixando a memória passar por mim. Foi nesse momento que descobri meu propósito e o repassei todos os dias por quatorze anos.

Eu tive que ver um terapeuta por alguns anos após a morte de minha família. Mais de um, na verdade, porque nenhum fez qualquer incursão e meu tio continuou substituindo-os na esperança de que um me curasse. Eles nunca o fizeram.

Mas todos eles me disseram a mesma coisa, que meu foco obsessivo no passado impediria meu processo de cura e que eu precisava concentrar minha energia em outras atividades mais construtivas. Alguns sugeriram arte, enquanto outros sugeriram esportes.

Sugeri que enfiassem suas sugestões na bunda.

Esses terapeutas não entenderam. Eu não *queria* me curar. Eu queria queimar. Eu queria sangrar. Eu queria sentir cada pontada de dor escaldante.

E logo, o responsável por aquela dor também sentiria. Mil vezes.

8

Ava

OPERAÇÃO EMOÇÃO: FASE DA TRISTEZA

Eu vim armada para a batalha.

Apliquei maquiagem, escovei meu cabelo e usei meu vestido de verão de algodão branco favorito com margaridas amarelas na parte inferior. Era bonito e confortável, e exibia decote suficiente para intrigar. Liam adorava. Sempre que eu o usava, íamos para a casa dele e meu vestido acabava no chão.

Eu considerei jogar a roupa fora depois que terminamos *porque* ele adorou, mas pensei melhor. Recusei-me a deixá-lo estragar as coisas boas para mim, fosse um vestido ou sorvete de chocolate de menta, que ele costumava me comprar sempre que eu tinha desejos menstruais.

Achei que parecer bem não faria mal se eu estivesse querendo um filme noturno não anunciado com Alex.

Eu não conseguia pensar em nenhuma boa ideia para deixá-lo triste sem ser uma vadia total, então eu escolhi a opção neutra de filmes tristes. Eles trabalharam em todos.

Sim, até mesmo homens.

Eu vi Josh chorar uma vez no final do *Titanic,* embora ele alegasse que era alergia e ameaçasse jogar minha câmera do topo do Monumento de Washington se eu contasse a alguém.

Okay, certo. Uma década depois, ele ainda não conseguia calar a boca sobre como havia espaço para Jack na porta. Concordei com ele, mas isso não significava que não pudesse zombar dele.

Já que Alex era um *pouquinho* mais reservado do que Josh, pulei o *Titanic* e peguei as grandes armas: *A Walk to Remember*[5] (mais triste que *The Notebook*[6]) e *Marley and Me.*

Bati na porta da casa de Alex. Para minha surpresa, ele abriu menos de dois segundos depois.

— Ei, eu...— Eu parei. Encarando.

Eu esperava ver Alex em um terno do escritório ou roupa de lazer casual, embora nada que ele possuísse fosse realmente *casual.* Até suas camisetas custam centenas de dólares. Em vez disso, ele usava uma camisa cinza profunda enfiada em jeans escuro e um blazer preto Hugo Boss sob medida.

Extremamente elegante para uma noite de quinta-feira.

— Eu te peguei no caminho para sair? — Tentei espiar

[5] Um amor para recordar
[6] Diário de uma paixão

atrás dele para ver se ele tinha companhia, mas o corpo de Alex bloqueava a maior parte da porta.

— Devo me mover para que você tenha uma visão mais clara da minha sala de estar? — Ele perguntou sarcasticamente.

O calor queimou minhas bochechas. *Pega.* — Eu não sei do que você está falando. Sua sala de estar não é tão interessante. — Eu menti. — Falta de cor. Sem toques pessoais. — *O que estou dizendo? Alguém me pare.* — A pintura também é feia. — *Me pare* agora. — *Eu* poderia usar o toque de uma mulher. — *Porra. Me. Parem.*

Eu *não* acabei de dizer isso.

Os lábios de Alex se apertaram. Se ele fosse outra pessoa, eu poderia jurar que ele estava tentando não rir.

— Eu vejo. A pintura tecnicamente pertence a Josh, você sabe.

— O que deveria ter sido a primeira bandeira vermelha.

Desta vez, um pequeno sorriso afetou a boca de Alex.

— Para responder à sua pergunta, eu *estava* de saída. Eu tenho um encontro.

Eu pisquei. Alex em um encontro. *Não tinha calculado isso.*

Porque é claro que o cara namora. *Olhe* para ele. Mas eu

nunca tinha ouvido ou visto evidência de atividade em sua vida amorosa, a menos que você conte as mulheres se atirando nele onde quer que ele fosse, então eu presumi que ele era um daqueles workaholics que tinha uma relação exclusiva com seu trabalho.

Quer dizer, éramos vizinhos há mais de um mês e eu não o tinha visto trazer uma única mulher para casa embora, admito, eu não estivesse vigiando sua casa 24 horas por dia, sete dias por semana como uma idiota total.

A ideia de Alex namorando era... estranha.

Essa foi a única palavra que eu poderia usar para descrever a sensação incômoda no meu estômago, aquela que fez minha pele coçar e meu pulso bater em dobro.

— Ah, não quero te atrapalhar então. — Recuei e não tropecei em nada, porque é claro que tropecei. Ele estendeu a mão para me firmar e meu coração deu um pulo. Não foi um grande salto digno de uma competição de líderes de torcida. Foi apenas um pequeno salto, na verdade. Mas foi o suficiente para me perturbar ainda mais. — Vejo você mais tarde.

— Já que você já está aqui, pode muito bem me dizer por quê. — Alex ainda estava segurando meu braço, e o calor de seu toque me queimou até os ossos. — Presumo que isso signifique que o tratamento do ombro frio acabou.

Eu o estava ignorando por dias desde que ele invadiu a casa de Owen como um tornado autoritário de olhos verdes.

Foi o mais longo que eu já segurei minha raiva. Ficar chateada era exaustivo e eu tinha coisas melhores para fazer com meu tempo, mas queria deixar claro que ele não poderia invadir e tentar assumir o controle da minha vida sem consequências.

— Em geral. — Eu estreitei meus olhos. — Não faça isso de novo.

— Não desfile na frente de outros homens seminua, e eu não terei que fazer isso.

— Eu não estava desfilando. —Suas palavras não se encaixaram. — *Outros* homens?

Alex largou meu braço, seus olhos ficando ainda mais glaciais.

— Diga-me por que você está aqui, Ava. Alguém está incomodando você? — Seu olhar se estreitou. — Liam?

Uma tentativa óbvia de mudar de assunto, mas minha cabeça girava demais para que eu o chamasse. — Não. Não foi nada. Jules está em um encontro e estou entediada, então pensei em ver se você gostaria de sair.

Percebi que deveria ter inventado uma desculpa menos patética e mais convincente para o porquê de eu ter aparecido em sua casa sem avisar em uma noite de quinta-feira, especialmente porque não éramos amigos em si, mas era tarde demais.

Veja, foi por isso que nunca consegui ser espiã *ou*

advogada. Jules ficaria muito decepcionada comigo.

— Você é uma péssima mentirosa. — Alex não pareceu impressionado. — Diga-me a verdadeira razão de você estar aqui.

Porcaria. Eu teria que inventar *outra* desculpa? Não era como se eu pudesse deixá-lo saber sobre a Operação Emoção.

— Achei que você poderia usar a companhia agora que Josh não está aqui. — Eu disse. — Eu não vi você sair com mais ninguém desde que ele saiu, então pensei que você poderia estar sozinho? — A frase se transformou em uma pergunta quando percebi o quão idiota era essa lógica, porque duh, a vida de Alex não girava em torno de sua casa. Ele pode não dar festas em casa todas as semanas como Josh, mas provavelmente jantava com os amigos e ia a jogos esportivos como todo mundo. — O que obviamente não é o caso, já que você está indo para um encontro. — Acrescentei rapidamente. — Então, eu vou voltar para a minha casa, e você pode esquecer que isso aconteceu. Aproveite o seu encontro!

— Pare.

Eu congelei, meu coração trovejando contra meu peito enquanto me perguntava como esse encontro tinha saído tão fora dos trilhos. O engraçado é que não foi *realmente* fora dos trilhos; apenas parecia isso.

Alex alargou a porta e deu um passo para o lado. — Entre.

O que? — Mas seu encontro...

— Deixe-me preocupar com ela. Eu não sei o que está acontecendo com você, mas desde que você quebrou seu tratamento de silêncio para vir e 'sair', algo deve estar errado.

A semente da culpa floresceu em uma árvore totalmente desenvolvida, com tronco e tudo, no meu estômago. Era para ser um experimento inofensivo. Eu não queria que ele cancelasse seus planos programados para mim.

Mas enquanto eu seguia Alex para a sala de estar, o pensamento de que ele não iria mais jantar ou o que quer que ele tenha planejado com alguma mulher linda e misteriosa me agradou mais do que deveria.

Eu sufoquei uma risada com a expressão de Alex quando ele avistou os filmes que eu trouxe.

— Não é fã de Mandy Moore? — Eu provoquei, colocando o DVD no reprodutor e me enrolando no sofá enquanto os créditos do pré-filme passavam. Eu ainda possuía DVDs da mesma forma que possuía livros de bolso. Havia algo tão mágico em segurar seus itens favoritos em vez de vê-los na tela.

— Não tenho nada contra Mandy Moore, mas não sou fã de piegas ou melodrama. — Alex tirou seu blazer e o pendurou nas costas do sofá. Sua camisa se esticou sobre seus ombros largos, e os dois primeiros botões foram abertos, revelando uma fatia de seu peito e clavículas sexy.

Eu não pensei que clavículas pudessem ser sexy, mas aqui estávamos.

Eu engoli em seco. — N*ão é* piegas ou melodramático. É romântico.

— Ela não morre no final?

— Que jeito de estragar isso. — Eu resmunguei.

Ele me lançou um olhar incrédulo. — Você já assistiu.

— Mas e você?

— Eu sei o que acontece. As pessoas não queriam calar a boca sobre isso quando foi lançado.

— Shh. — Cutuquei sua perna com meu pé. — O filme está começando.

Ele suspirou.

Eu adorei *A Walk to Remember,* mas dei uma olhada em Alex ao longo do filme, na esperança de captar *algum* tipo de reação.

Nenhum. Nada. Zilch, mesmo durante o casamento de Jamie e Landon.

— Como você não está chorando? — Eu exigi, enxugando minhas lágrimas com as costas da minha mão depois que os créditos finais rolaram. — Este filme é *tão triste.*

— É ficção. — Alex fez uma careta. — Pare de chorar.

— Não consigo parar quando estou com vontade. É uma reação biológica.

— As reações biológicas podem ser dominadas.

Eu não pude resistir eu cheguei mais perto dele no sofá e empurrei seus ombros para frente para que eu pudesse correr minha palma em suas costas.

Seus músculos se contraíram sob meu toque.

— O que... — Ele disse em uma voz controlada e tensa. — Você está fazendo?

— Estou procurando seu painel de controle. — Eu dei um tapinha em suas costas, tentando e falhando não notar os contornos esculpidos de seus músculos. Eu nunca tinha visto Alex sem camisa, mas imaginei que era glorioso. — Você deve ser um robô.

Recebi um brilho de pedra em resposta. Vê? Robô.

— Você tem que trocar suas baterias ou você é recarregável? — Eu provoquei. — Devo chamá-lo de R2-D...

Eu gritei quando ele agarrou meu braço e me girou até que eu montei uma de suas pernas. Meu sangue rugiu em meus ouvidos enquanto ele apertava meu pulso não o suficiente para doer, mas o suficiente para me avisar que ele poderia facilmente me quebrar se quisesse.

Nossos olhos se encontraram e o rugido se intensificou. Sob aquelas piscinas de gelo de jade, eu vislumbrei uma faísca de algo que enviou uma onda de calor pelo meu estômago.

— Eu não sou um brinquedo, Ava. — Alex disse, sua voz

letalmente suave. — Não brinque comigo a menos que queira se machucar.

Eu engoli meu medo. — Você não me machucaria.

Essa misteriosa centelha se cristalizou em raiva. — É por isso que Josh estava tão preocupado com você. Você confia demais. — Ele se inclinou uma fração de centímetro, e tudo que eu pude fazer foi não me inclinar para trás. A presença de Alex estalava com energia espiralada, e eu tive a sensação enervante de que sob todo aquele gelo havia um vulcão esperando para entrar em erupção e Deus ajude quem estiver por perto quando isso acontecer. — Não tente me humanizar. Não sou um herói torturado por uma de suas fantasias românticas. Você *não* tem *ideia do* que sou capaz, e só porque prometi a Josh que cuidaria de você não significa que posso protegê-la de si mesma e do seu coração sangrando.

Rosa floresceu em meu rosto e peito. Eu estava dividida entre o medo e a fúria, medo daquele olhar duro e inflexível em seus olhos; fúria sobre como ele falava comigo como se eu fosse uma criança ingênua que não conseguia amarrar o cadarço sem se machucar.

— Isso parece uma reação exagerada a uma simples piada. — Eu disse, minha mandíbula apertada. — Lamento ter tocado em você sem permissão, mas você poderia ter me dito para parar em vez de me dar um discurso inteiro sobre como você acha que sou uma idiota indefesa.

Suas narinas dilataram-se. — Não acho que você seja

uma idiota indefesa.

Minha raiva afiou meu medo. — Sim, você acha. Você e Josh. Você sempre diz que quer me 'proteger' como se eu não fosse uma mulher adulta perfeitamente capaz de cuidar de si mesma. Só porque vejo o lado bom das pessoas, não significa que sou uma idiota. Acho que o otimismo é uma *boa* característica e sinto pena das pessoas que passam a vida acreditando no pior dos outros.

— Isso é porque eles viram o pior.

— As pessoas veem o que querem ver. — Rebati. — Existem pessoas horríveis no mundo? Sim. Coisas horríveis acontecem? Sim. Mas existem pessoas maravilhosas e coisas maravilhosas acontecem também, e se você se concentrar muito no negativo, perderá todo o positivo.

Silêncio absoluto, ainda mais estranho pelo fato de que eu ainda estava montada na perna de Alex.

Eu tinha certeza que ele gritaria comigo, mas para meu choque, o rosto de Alex relaxou em uma sugestão de sorriso. Seus dedos roçaram minhas costas e eu quase pulei para fora da minha pele.

— Esses óculos rosa ficam bem em você, Sunshine.

Luz do sol? Eu tinha certeza que ele quis dizer isso em tom de zombaria, mas as borboletas no meu estômago se agitaram de qualquer maneira, espalhando minha raiva. *Traidoras.*

— Obrigada. Você pode pegá-los emprestados. Você precisa deles mais do que eu — Eu disse docilmente.

Uma risada baixa escapou de sua garganta e quase caí no chão em estado de choque. Esta noite estava se revelando uma noite de estreias.

A mão de Alex subiu pela minha espinha até descansar na minha nuca, deixando uma cascata de arrepios em seu rastro. — Eu sinto isso pingando em mim.

Ele não, o quê? Um inferno consumiu meu corpo.

— Você é....você...não, eu não estou! — Eu gaguejei, empurrando-o para longe e saindo de cima dele. Meu núcleo pulsou. *Oh meu Deus, e se eu estivesse?* Eu não conseguia olhar, com medo de ver uma mancha molhada reveladora em sua calça jeans.

Eu teria que me mudar para a Antártica. Construir uma caverna de gelo e aprender a falar pinguim, porque eu nunca poderia mostrar meu rosto em Hazelburg, DC, ou em qualquer cidade onde pudesse encontrar Alex Volkov novamente.

Sua risada floresceu em uma risada completa. O efeito de seu sorriso verdadeiro foi tão devastador, mesmo em meio à minha mortificação, que tudo que pude fazer foi olhar para a forma como seu rosto se iluminou e o brilho que transformou seus olhos de lindos para absolutamente deslumbrantes.

Puta merda. Talvez eu deveria ser grata por ele nunca sorrir, porque se *isso* era o que ele parecia ao fazê-lo... as

mulheres não tinham a menor chance.

— Estou falando sobre o seu coração sangrando. — Ele falou lentamente. — Do que você achou que eu estava falando?

— Eu... você — Esqueça a Antártica. Eu teria que me mudar para Marte.

A risada de Alex diminuiu, mas o brilho em seus olhos permaneceu. — Qual é o próximo filme?

— Desculpe?

Ele inclinou o queixo em direção ao DVD na mesa. — Você trouxe dois filmes. Qual é o segundo?

A mudança repentina de assunto me deu uma chicotada, mas eu não estava reclamando. Eu não queria falar sobre eu pingar alguma coisa com Alex. Nunca.

Minhas coxas cerraram e eu soltei. — *Marley & Me.*

— Coloque dentro.

Coloque... oh, o DVD.

Eu precisava tirar minha mente da sarjeta.

Enquanto os créditos iniciais tocavam, sentei-me o mais longe possível de Alex e casualmente coloquei duas almofadas entre nós para garantir. Ele não disse nada, mas eu vi seu sorriso com o canto do meu olho.

Eu estava tão focada em *não* olhar para ele que mal

prestei atenção no filme, mas uma hora depois, quando meus olhos caíram e o sono acenou, eu ainda estava pensando em seu sorriso.

9

Alex

Eu silenciosamente amaldiçoei Josh enquanto carregava Ava escada acima. Aquele idiota sempre me colocou em situações em que eu não queria estar.

Caso em questão: dormir no mesmo quarto que sua irmã.

Tenho certeza de que ele ficaria ainda menos feliz com isso do que eu, mas eu não tinha arrumado o quarto de hóspedes, nunca tive hóspedes, não se pudesse evitar, e estava chovendo do lado de fora, então não pude leva-la para casa sem que nós dois fiquemos encharcados. Eu poderia tê-la deixado no sofá, mas ela ficaria muito desconfortável.

Eu chutei a porta do meu quarto e a coloquei na cama. Ela não se mexeu.

Meus olhos se demoraram em sua forma, percebendo detalhes que eu não tinha que notar. Seu cabelo escuro se espalhou sob ela como um cobertor de seda preta longo o suficiente para eu envolver meu punho ao redor, e sua saia subiu, deixando à mostra uma polegada de fora a mais de coxa do que seria modesto. Sua pele parecia mais lisa do que seda,

e eu tive que apertar minhas mãos para evitar tocá-la.

Minha mente voltou ao início da noite. Sua pele tinha ficado com o tom mais bonito de vermelho quando eu fiz meu comentário pingando, e enquanto eu brincava sobre seu coração sangrando, uma parte de mim, uma parte muito grande queria dobrá-la sobre meu joelho, puxar sua saia, e descobrir o quão molhada ela estava. Porque eu tinha visto a luxúria naqueles grandes olhos castanhos, ela estava excitada. E se ela não tivesse se afastado quando o fez...

Eu desviei meu olhar, minha mandíbula apertando com os pensamentos indesejáveis lotando meu cérebro.

Eu não deveria estar pensando na irmã do meu melhor amigo dessa maneira, mas algo mudou. Eu não tinha certeza de quando ou como, mas comecei a ver Ava menos como a irmã mais nova de Josh e mais como uma mulher. Uma mulher linda, de coração puro, mas agressiva, que poderia ser a minha morte um dia desses.

Eu nunca deveria ter convidado ela antes. Eu deveria ter ido ao meu encontro com Madeline como tinha planejado, mas verdade seja dita, eu não suportava a companhia de Madeline fora do quarto. Ela era linda, rica, sofisticada e sabia que ela não conseguiria nada mais do que um relacionamento físico de mim, mas ela insistia em beber e comer antes de cada uma de nossas sessões de sexo. Eu só obedeci porque a mulher fodia como uma estrela pornô.

Uma noite com Ava, por pior que fosse a ideia, parecia

muito mais atraente do que outra refeição cansativa em um restaurante chique genérico onde Madeline se exibia e fingia que éramos um casal na frente dos promotores de DC.

Ela não esperava nenhuma corda do nosso acordo, mas gostava de símbolos de status, e eu como um dos solteiros mais ricos e elegíveis da área do DMV, de acordo com o último Power Issue do *Mode de Vie,* era um símbolo de status.

Eu não me importei. Eu a usei; ela me usou. Temos orgasmos com isso. Era um relacionamento mutuamente benéfico, mas meu acordo com Madeline tinha chegado ao fim. Sua reação nada satisfeita quando liguei para dizer que não poderia comparecer esta noite cimentou minha decisão.

Madeline não tinha nenhum direito sobre mim, e se ela pensou que alguns jantares e boquetes iriam mudar minha mente, ela estava redondamente enganada.

Eu levantei Ava para que eu pudesse colocá-la sob as cobertas. Eu esperava que ela dormisse com um sorriso sonhador como o que ela sempre usava quando estava acordada. Em vez disso, suas sobrancelhas estavam arqueadas, sua boca apertada, sua respiração superficial.

Quase passei a mão em sua testa antes de me conter.

Em vez disso, coloquei um moletom preto, apaguei a luz e subi no outro lado da cama. Um cavalheiro dormia no sofá ou no chão, mas de todos os insultos que as pessoas me lançaram ao longo dos anos, cavalheiro não era um deles.

Entrelacei minhas mãos atrás da cabeça, tentando ignorar a suave presença feminina ao meu lado. O sono não veio, como de costume, mas em vez de passar para um dia específico na minha página de recados mental, deixei minha mente vagar como quis.

27 de novembro de 2013.

— Acredite em mim, cara, meu pai vai ficar feliz por ter alguém para conversar sobre futebol. — Josh saltou do carro. — Ser um cara da NBA em vez de um cara da NFL é sua maior decepção.

Eu sorri, seguindo-o até a calçada em direção à imponente casa de tijolos de sua família nos subúrbios de Maryland. Não era tão grande quanto minha mansão nos arredores da Filadélfia, onde morava com meu tio, mas deve ter custado pelo menos um milhão ou dois. Cercas espessas alinhavam-se no caminho de pedra que conduzia à enorme porta de mogno da frente, e uma coroa de flores com tema de outono acentuada por um laço de seda pendurada sobre a aldrava de latão.

— Minha irmã está fazendo, provavelmente, — Josh disse, notando meu olhar. — Meu pai odeia toda essa merda, mas Ava adora.

Eu sabia pouco sobre sua irmã, exceto que ela era alguns anos mais nova que nós e gostava de fotografia. Josh comprou para ela uma câmera DSLR de segunda mão no eBay porque ela sempre dava dicas sobre isso sempre que falavam ao telefone.

Conheci o pai de Josh primeiro. Ele estava sentado na sala de estar, assistindo ao jogo dos Cowboys contra o Lions, como Josh havia previsto. Michael era mais baixo que o filho, mas seu rosto esculpido e olhos penetrantes o faziam parecer mais alto do que seu um metro e meio.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Eu segurei seu olhar, sem vacilar, quando balancei sua mão.

Michael grunhiu uma resposta.

Josh era um sino-americano de terceira geração, o que significava que seu pai nascera nos Estados Unidos. Michael era o filho modelo, um estudante nota dez que frequentou escolas de primeira linha e fundou uma empresa de sucesso, apesar de seus pais nunca terem terminado o ensino médio. Semelhante ao meu pai, exceto que o meu nasceu na Ucrânia e imigrou para os Estados Unidos na adolescência.

Meu peito se apertou. Quando Josh descobriu que eu não tinha família para comemorar o Dia de Ação de Graças além do meu tio, que não ligava para o feriado, ele me convidou para comemorar com os Chens. Fiquei ao mesmo tempo grato e um tanto irritado. Eu odiava ser objeto de pena de qualquer pessoa.

— Josh, você...oh. — A voz feminina atrás de mim parou.

Eu me virei, meu olhar frio avaliando a pequena morena na minha frente. Ela não era realmente tão baixa, provavelmente um metro e sessenta e cinco, mas comparada com a minha altura 1,80, ela era do tamanho de uma miniatura.

Com seus lábios em forma de botão de rosa e rosto delicado, ela parecia uma boneca.

Ela sorriu e eu lutei contra uma careta. Não era normal que os sorrisos fossem tão brilhantes.

— Oi! Sou Ava, irmã de Josh. Você deve ser Alex. — Ela estendeu sua mão.

Fiquei olhando para ela por tempo suficiente para que seu sorriso desaparecesse, substituído por uma expressão desconfortável, e Josh me cutucou nas costelas.

— Cara. — Ele tossiu pelo canto da boca.

Eu finalmente apertei a mão dela. Era minúscula e delicada, e não pude deixar de pensar em como seria fácil esmagá-la.

Essa garota e seu sorriso radiante não durariam um dia no mundo real, onde monstros espreitavam em cada esquina e as pessoas escondiam suas intenções sombrias atrás de máscaras. Eu tinha certeza disso

Um grito me arrancou das minhas memórias e me puxou para a vida real novamente, onde as sombras se alongaram e o corpo ao lado do meu se contorceu de angústia.

— Pare! — Terror total encharcou a voz de Ava. — Não! *Ajuda!*

Cinco segundos depois, eu acendi a lâmpada de cabeceira e estava fora da cama, arma na mão. Sempre mantive uma

arma de fogo ao meu lado e instalei um novo sistema de segurança de última geração logo depois que me mudei. Não sabia como um intruso passou por todas as defesas sem disparar um alarme, mas eles escolheram a casa errada para arrombar.

Quando olhei em volta, porém, não vi mais ninguém na sala.

— Por favor pare! — Ava se torceu na cama, o rosto pálido. Seus olhos estavam bem abertos, mas cegos. — Ele...— Ela engasgou como se não pudesse ter ar suficiente em seus pulmões.

Pesadelo.

Meus ombros relaxaram antes de ficar tensos novamente.

Ela não estava tendo pesadelos; ela estava tendo terrores noturnos. Poderosos, se a reação dela fosse alguma indicação.

Ava gritou de novo e meu coração disparou. Eu quase desejei que *fosse* um intruso, então eu tinha algo físico para lutar.

Eu não pude acordá-la ou contê-la; essa é a pior coisa que você pode fazer quando alguém tem terror noturno. Tudo que eu podia fazer era esperar o episódio passar.

Deixei a lâmpada de cabeceira acesa e fiquei de olho nela para o caso de ela se machucar com toda a movimentação. Eu odiava me sentir impotente, mas sabia melhor do que qualquer

pessoa que ninguém pode lutar nossas batalhas mentais por nós.

Meia hora depois, os gritos de Ava se acalmaram, mas continuei minha vigília. Não era como se eu pudesse dormir. Minha insônia significava que eu só dormia duas ou três horas por noite, embora muitas vezes eu deixasse para cochilar no meio do dia, quando podia.

Abri meu laptop e estava revisando novos documentos de negócios quando meu telefone apitou.

Josh: *Ei, estou entediado.*

Acho que não fui a única pessoa que não conseguiu dormir esta noite.

Eu: *O que você quer que eu faça sobre isso?*

Josh: *Me divirta.*

Eu: *Foda-se. Eu não sou seu macaco de circo.*

Josh: *Eu acordei meu colega de quarto, ri tão alto. Você deve definitivamente se vestir como um macaco de circo para o Halloween.*

Eu: *Só se você se vestir de idiota. Desculpe, quero dizer burro.*

Eu: *Você já é um idiota.*

Josh: *Que comediante. Não desista do seu trabalho diário.*

Josh: *PS Você acha que não vou fazer isso? Vou fazer isso só para te chantagear com as fotos do macaco.*

Eu: *Você não diz a alguém que deseja chantagear antes de obter o material da chantagem, seu idiota.*

Enquanto Josh e eu brincávamos e trocávamos merda, olhei para o lado, onde Ava dormia com o rosto enterrado em um dos meus travesseiros. Um filete de algo que pode ter sido culpa rastejou em meu estômago, o que foi ridículo. Não era como se tivéssemos brincado.

Além disso, dormir na mesma cama que a irmã do meu melhor amigo não foi a pior coisa que eu já fiz... ou faria.

Não por um longo tempo.

10

Ava

Algo tinha um cheiro delicioso, como especiarias e calor. Eu queria envolvê-lo em torno de mim como um cobertor.

Eu me aconcheguei mais perto da fonte, apreciando o calor forte e sólido sob minha bochecha. Eu não queria acordar, mas prometi a Bridget que seria voluntária em um abrigo de animais de estimação local com ela esta manhã, antes do meu turno da tarde na galeria.

Eu me permiti mais um minuto de aconchego, se minha cama sempre tivesse sido tão grande e macia, antes de abrir meus olhos e bocejar.

Esquisito. Meu quarto parecia diferente. Nenhuma fotografia impressa nas paredes, nenhum vaso de girassóis ao lado da cama. E minha cama se mexeu sozinha?

Meus olhos se fixaram na vasta extensão de pele nua abaixo de mim, e meu estômago embrulhou. Eu olhei para cima, direto para um par de olhos verdes familiares. Olhos que me encararam de volta sem nenhum traço de humor da noite passada.

Ele desviou o olhar para baixo. Eu o segui... e percebi, para meu horror absoluto, que estava tocando o pau de Alex Volkov. Sem querer, ele estava de moletom, mas ainda assim.

Eu estava. Tocando. Alex. De Volkov. No pau.

E foi difícil.

A mortificação tomou conta de mim em uma onda. *Mova sua mão. Mova-se agora!* Meu cérebro gritou, e eu queria. Eu realmente fiz. Mas fiquei paralisada pelo choque e pela humilhação e por outra coisa que preferia não nomear.

Uma breve imagem passou pela minha mente do que Alex deve estar carregando por baixo das calças. Tive a sensação, trocadilho intencional, que rivalizaria com o de qualquer ator pornô.

— Por favor, retire sua mão do meu pau, a menos que você planeje fazer algo com ele. — Alex disse friamente.

Eu finalmente puxei minha mão e recuei, meu coração batendo em um ritmo selvagem no meu peito enquanto eu tentava me orientar.

— O que aconteceu? Por que estou aqui? Nós... você e eu... — Fiz um gesto entre nós, doente de antecipação.

Oh, Deus, Josh iria me matar, e eu não poderia nem culpá-lo.

Eu dormi com o melhor amigo do meu irmão.

Merda!

— Relaxe. — Alex rolou para fora da cama, ágil e gracioso como uma pantera. A luz do sol entrava pelas janelas e iluminava sua estrutura esculpida, lançando seu peito e abdômen perfeitamente esculpidos em um brilho pálido. — Você adormeceu durante aquele filme de cachorro e estava chovendo, então eu a trouxe aqui. Fim.

— Então, nós não...

— Porra? Não.

— Oh! Graças a deus. — Eu pressionei a mão na minha testa, o alívio um bálsamo frio para o calor em minhas bochechas. — Isso teria sido horrível.

— Vou tentar não me ofender com isso. — Disse Alex secamente.

— Você sabe o que eu quero dizer. Josh teria nos assassinado, nos trazido de volta para limpar a bagunça e depois nos assassinado novamente. Não que eu queira dormir com você de qualquer maneira. — *Mentirosa,* uma voz irritante sussurrou em minha cabeça. Eu a empurrei de lado. — Você não faz meu tipo.

Os olhos de Alex se estreitaram. — Não? Então quem, por favor, diga, *é o* seu tipo?

Era muito cedo para isso. — Hum... — Eu me esforcei para pensar em uma resposta segura. — Ian Somerhalder?

Ele soltou um bufo zombeteiro. — Melhor do que o vampiro brilhante. — Ele murmurou. — Novidade, Sunshine, você e Ian não vão acontecer.

Revirei os olhos e saí da cama, estremecendo quando vi meu reflexo no espelho. Vestido amassado, cabelo emaranhado, rugas do travesseiro na minha bochecha, e isso era uma linha de baba em crosta no lado dos meus lábios? Sim, eu não ganharia um concurso de beleza tão cedo.

— Obrigada, Capitão Óbvio. — Eu disse, discretamente enxugando a baba do meu rosto enquanto Alex puxava uma camiseta pela cabeça. Seu quarto era tão espartano quanto a sala de estar, com nada exceto sua cama enorme, uma mesinha de cabeceira com uma lâmpada e despertador e uma cômoda decorando o espaço. — Não torça sua cueca. Eu também não sou o seu tipo, lembra? Ou talvez eu seja... — Eu levantei minhas sobrancelhas para a tenda óbvia em suas calças.

Ele queria ser um idiota de novo? Dois poderiam jogar este jogo.

— Não se deixe convencer muito sobre isso. É ereção da manhã. Todo cara tem. — Alex passou a mão pelo cabelo, que obviamente ainda estava perfeito depois de uma noite de sono. — E minha cueca *não* está torcida.

— Se você diz. — Cantei. — Além disso, pare de me chamar de Sunshine.

— Por que?

— Porque não é meu nome.

— Estou ciente. É um apelido.

Eu soltei um suspiro exasperado. — Não nos conhecemos bem o suficiente para receber apelidos.

— Nós nos conhecemos há oito anos.

— Sim, mas não temos esse tipo de relação! Além disso, tenho certeza de que você está zombando de mim, com o coração sangrando e tudo.

Alex ergueu uma sobrancelha. — Me esclareça. Que tipo de relacionamento nós temos?

Estávamos pisando em terreno perigoso.

— Somos vizinhos. Conhecidos amigáveis. — Esforcei-me para falar mais porque esses termos não pareciam corretos. — Companheiros de cinema?

Ele fechou a distância entre nós e eu engoli em seco, segurando minha posição, embora eu quisesse correr. — Você sempre dorme na mesma cama que seus conhecidos? — Ele perguntou suavemente.

— Eu não *pedi* para dormir na mesma cama que você. — Tentei não olhar para a região abaixo de sua cintura, mas era difícil de ignorar. Meus mamilos endureceram e arranharam meu sutiã, e minha pele corou de excitação.

O que diabos estava acontecendo? Este era *Alex,* pelo amor de Deus. O Anticristo. O idiota. O robô.

Exceto que meu corpo não deve ter recebido o memorando, porque de repente eu estava fantasiando sobre empurrá-lo na cama e terminar o que minha mão inadvertidamente começou antes.

Não. Segure-se. Você não está dormindo com Alex Volkov, agora ou nunca.

— De qualquer forma, eu...eu tenho que ir. Voluntária. Animais de estimação. — Eu gaguejei, mal fazendo sentido para mim mesma. — *Obrigada por me deixar ficar aqui adeus!*

Desci as escadas rapidamente em retirada e corri para casa.

Eu precisava de um banho frio, o mais rápido possível.

STATUS DA FASE TRISTEZA: FALHOU

— VOCÊ *TOCOU* NO PAU DO ALEX? — Os olhos de Bridget se arregalaram. — Qual foi a sensação?

— *Shhh!* — Olhei em volta para ver se alguém estava ouvindo, mas todos estavam ocupados demais com suas

tarefas para prestar atenção em nós. Bridget havia se oferecido no abrigo por tempo suficiente para que a equipe não piscasse para a princesa no meio deles, e sempre éramos as únicas voluntárias nos dias em que Bridget chegava, a pedido da família real. — É impróprio para uma princesa dizer a palavra pau.

Especialmente na voz elegante e levemente acentuada de Bridget, que parecia ter sido feita para discutir bailes chiques e diamantes Harry Winston, *não* genitália masculina.

— Eu disse coisas piores do que pau.

Como alguém que era amigo dela há quase quatro anos, eu poderia confirmar. Mas ainda parecia errado.

— Então? — Ela perguntou. — Qual foi a sensação?

— Eu não sei o que você quer que eu diga. Parecia um pênis. — Um grande, duro, *não. Não* vou lá.

Agora não. Nunca.

Bridget e eu estávamos limpando e higienizando as gaiolas em Wags and Whiskers, um abrigo de resgate de animais de estimação localizado perto do campus. Ela era uma grande amante animal e tinha sido voluntária aqui desde o segundo ano. Eu a acompanhei quando tive tempo, assim como Stella. Jules era alérgica a gatos, então ela ficou longe. Mas este abrigo era o bebê de Bridget. Ela vinha duas vezes por semana sem falhar, para grande consternação de Booth.

Eu reprimi um sorriso ao ver o guarda costas ruivo e corpulento olhando um papagaio com suspeita. Apesar do nome, Wags and Whiskers aceitava todos os tipos de animais, não apenas cães e gatos, e tinha uma seção de pássaros pequena, mas robusta.

Booth não tinha medo de pássaros em si, mas não gostava deles; ele disse que eles o lembravam de ratos voadores gigantes.

— Hmm. — Bridget pareceu desapontada com minha resposta desinteressante. — E os filmes realmente não o deixavam triste? Em absoluto?

— Não. — Enrolei o jornal da minha gaiola e joguei na lata de lixo. — Bem, adormeci antes do final de *Marley & Me,* mas duvido que ele tenha chorado ou algo parecido. Ele parecia entediado o tempo todo.

— Mesmo assim, ele continuou assistindo os *dois* filmes. — Bridget ergueu uma sobrancelha loira perfeita. — Interessante.

— Ele não tinha escolha. Eu já estava na casa dele.

— Por favor. Estamos falando de Alex Volkov. Ele jogaria alguém para fora em um piscar de olhos, se quisesse.

Verdade.

Eu fiz uma careta e considerei suas palavras. — Ele é mais legal comigo porque sou irmã de Josh.

— Certo. — Bridget soltou uma risada suave. — Qual é a próxima fase de novo?

Ugh, a estúpida Operação Emoção, ou OE, como comecei a chamá-la. Foi a ruína da minha existência.

— Nojo. — Eu não tinha ideia do que faria, mas essa fase parecia mais fácil. Tive a sensação de que muitas coisas enojavam Alex.

— Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso. — Bridget lançou um olhar sorridente na direção de Booth. — Você está bem, Booth?

— Sim, sua Majestade. — Ele fez uma careta quando o papagaio gritou: — Ooh, sim! Bata em mim, mestre!

— Eu não sou seu mestre. — Disse ele ao pássaro. — Vá embora.

O papagaio se ergueu e agitou as penas de indignação.

Bridget e eu caímos na gargalhada. Aparentemente, o antigo dono do papagaio era bastante ativo sexualmente... e pervertido. Sua explosão de hoje foi moderada em comparação com suas tiradas anteriores.

— Vou sentir sua falta. — Bridget suspirou. — Espero que meu próximo guarda-costas tenha senso de humor.

Parei de esfregar a gaiola. — Espere o que? Booth, você está nos deixando?

Booth coçou a nuca, parecendo envergonhado. — Minha esposa vai dar à luz em breve, então vou estar de licença paternidade.

— Parabéns. — Eu sorri, embora estivesse muito triste. Ele era empregado de Bridget, mas o aceitamos como membro honorário de nosso grupo. Ele nos livrou de muitas situações duvidosas no passado e deu bons conselhos para meninos também. — Sentiremos sua falta, mas isso é tão emocionante!

Seu rosto ficou vermelho de prazer. — Obrigado, Srta. Ava.

Ele era infalivelmente educado e insistia em me chamar de senhorita, não importava quantas vezes eu dissesse que ele poderia usar apenas meu primeiro nome.

— Vamos dar uma festa de despedida quando chegar a hora. — Disse Bridget. — Você merece por me aturar todos esses anos.

O rubor de Booth aumentou. — Isso não é necessário, Sua Alteza. Foi...é....um prazer servir ao seu lado.

Os olhos de Bridget brilharam. — Veja, é por isso que você merece uma festa de despedida. Você é o melhor.

Antes que Booth pudesse explodir de quão vermelho ele estava ficando, eu acrescentei — Faremos com que tenha o tema papagaio.

Bridget e eu caímos na gargalhada de novo enquanto o

guarda-costas balançava a cabeça com um sorriso meio resignado e meio envergonhado.

Foi quase o suficiente para tirar minha mente de Alex.

11

Ava

OPERAÇÃO EMOÇÃO: FASE DO NOJO

— Você já me trouxe biscoitos de boas-vindas ao bairro. — Alex olhou para a cesta na mesa de jantar.

— Esses cookies não são de boas-vindas. — Empurrei a cesta em sua direção. — Isto é uma experiência. Experimentei uma nova receita e queria ver o que você acha.

Ele fez um barulho impaciente. — Eu não tenho tempo para isso. Tenho uma chamada em conferência em meia hora.

— Você não vai demorar meia hora para comer um biscoito.

Sim, eu havia conseguido um convite para entrar na casa de Alex *novamente,* desta vez para a segunda fase do OE. Nem Alex nem eu mencionamos sua, er, situação de ereção matinal alguns dias antes. Eu não sabia sobre ele, mas preferia que nos esquecêssemos completamente daquela manhã.

— Certo. — Ele examinou os doces com desconfiança. — Que sabor?

Espargos, passas e alho quebradiços. Eu escolhi a mistura de ingredientes mais nojenta que pude pensar porque esta era, afinal, Fase do Nojo. Parte de mim se sentiu mal porque ele foi muito legal na noite em que assistimos aqueles filmes e ele cancelou seu encontro por mim; a outra parte ainda estava um pouco irritada com a forma como ele tratou Owen, que estava com medo de falar comigo agora porque temia que Alex surgisse do nada e o matasse.

Eu limpei minha garganta. — É uma, hum, surpresa.

Coloquei minhas mãos sob minhas coxas e agitei meu pé quando Alex levou um biscoito à boca. Quase mergulhei em sua direção e o tirei de sua mão, mas estava curiosa para saber como ele reagiria.

Ele cuspiria? Engoliria? Jogaria o biscoito em mim e me expulsar de casa?

Ele mastigou lentamente, seu rosto não traindo nenhuma emoção.

— Então? O que você achou? — Eu injetei vitalidade falsa na minha voz. — Bom?

— Você assou isso. — Não é uma pergunta.

— Sim.

— Você assou os biscoitos de veludo vermelho e assou... estes.

Meu lábio inferior desapareceu atrás dos meus dentes. —

Uh-huh. — Eu não conseguia olhar nos olhos dele. Não era apenas terrível em mentir, era terrível em manter o rosto sério.

— Eles estão bons.

Minha cabeça se ergueu. — O que? — Os cookies não estavam bons, eles eram *nojentos.* Eu mesmo tentei um e quase vomitei. Os espargos e os pedaços de alho não *se* misturavam.

Alex terminou de mastigar, engoliu e espanou as migalhas de suas mãos.

— Eles estão bons. — Ele repetiu. — Agora, se me dá licença, tenho uma ligação a atender.

Ele me deixou na sala de jantar boquiaberta.

Peguei um biscoito da cesta e mordisquei, apenas no caso...

Blech! Eu engasguei e corri para a cozinha para cuspir a abominação, então lavei minha boca com água da pia para apagar o gosto persistente.

Alex deve ter bagunçado as papilas gustativas, porque nenhuma pessoa normal seria capaz de engolir aqueles biscoitos sem pelo menos fazer uma careta.

Cheguei à única conclusão que fazia sentido.

— Ele é definitivamente um robô.

STATUS DA FASE DO NOJO: FALHOU

OPERAÇÃO EMOÇÃO: FASE DA FELICIDADE

O que torna os homens felizes?

A questão me atormentou durante a preparação para a terceira fase do OE. A maioria das coisas que fariam os homens felizes não se aplicavam a Alex ou à minha situação.

Dinheiro? Ele tinha bastante.

Satisfação no trabalho? Nada que eu pudesse fazer a respeito.

Passar tempo com amigos? Josh era o único amigo de Alex que eu conhecia, e eu tinha certeza de que Alex não gostava da companhia da maioria das pessoas.

Sexo? Hum, eu não estava fazendo sexo com ele para um experimento. Ou qualquer outro motivo, mesmo que eu estivesse um pouquinho curiosa sobre como seria.

Amor? Lol, tudo bem. Alex Volkov apaixonado. Certo.

Jules sugeriu um boquete, que caiu no sexo e que eu vetei.

Demorou dias de pensamentos, mas descobri algo que *podia* funcionar. Talvez isso não deixasse Alex feliz, mas o ajudaria a relaxar e rir um pouco.

Pode ser.

— Não gosto de sentar no chão. — Ele olhou para a grama como se fosse um poço de lama. — É desconfortável e anti-higiênico.

— Não é. Como é anti-higiênico? — Eu coloquei um cobertor e prendi-o com a cesta de piquenique para que não voasse. Eu o convenci a fazer um piquenique no Meridian Hill Park. Quando eu toquei no assunto, ele agiu como se eu de repente tivesse brotado duas cabeças, mas ele concordou.

Agora, se ele parasse de agir como um resmungão, poderíamos aproveitar os últimos dias de verão.

— A grama provavelmente está encharcada de urina de cachorro. — Disse ele.

Eu estremeci com a imagem mental. — É para isso que serve o cobertor. *Senta.*

Alex soltou um suspiro de raiva e se sentou, parecendo infeliz com isso o tempo todo.

Sem desanimar, desembrulhei a cesta de piquenique, que continha macarrão de verão (meu favorito), rolos de lagosta (os favoritos de Alex, de acordo com Josh), frutas variadas, queijo e biscoitos, limonada de morango e, claro, meus biscoitos de veludo vermelho, que Alex parecia gostar tanto.

— Isso é muito melhor do que ficar preso dentro de casa. — Eu estiquei meus braços sobre minha cabeça, me deleitando

com o sol. — Ar puro, boa comida. Você já não se sente mais feliz?

— Não. Há crianças gritando por toda parte, e uma mosca pousou na sua salada.

Malditas moscas. Eu rapidamente as afastei.

— Por que estamos aqui, Ava? — A sobrancelha de Alex se apertou.

— Estou tentando ajudá-lo a relaxar, mas você está tornando isso muito difícil. — Eu joguei minhas mãos no ar, bastante exasperada. — Você sabe aquela coisa mágica que você fez durante a noite de cinema chamada de risada? Você fez isso uma vez, você pode fazer de novo. Vamos lá, — eu encorajei enquanto ele me olhava como se eu fosse louca. — Você deve ter *alguns* sentimentos calorosos e confusos deixados dentro de você em algum lugar.

E foi nesse momento que um cachorro de uma festa próxima se aproximou e fez xixi nos sapatos de Alex.

STATUS DA FASE DE FELICIDADE: FALHOU

OPERAÇÃO EMOÇÃO: FASE DO MEDO

Estávamos sem ideias.

Entre minhas amigas e eu, nenhuma de nós conseguia pensar em uma única coisa que inspirasse medo em Alex, pelo menos, nada que não fosse legal ou fodido.

Jules, que estava mais confortável com o fodido do que o resto de nós, brincou sobre fingir roubá-lo com uma faca, pelo menos, eu esperava que ela estivesse brincando, até que Stella apontou que Alex provavelmente mudaria a situação e *me* mataria antes dele descobrir que era uma brincadeira.

Eu concordei.

Eu era muito jovem para morrer, então descartamos qualquer ideia que envolvesse um confronto físico.

Na ausência de qualquer momento luminoso, voltei-me para o meu último recurso, Josh.

Conversamos por vídeo todas as semanas, atualizando um ao outro sobre nossas vidas e, agora, ele estava me contando sobre sua nova amiga com benefícios.

Sério.

Confie em Josh para encontrar mulheres até mesmo no meio de uma pequena aldeia da América Central fazendo trabalho médico voluntário.

— Como isso é possível? — Eu exigi. — Há menos de cem pessoas naquela vila! — Eu sabia porque pesquisei no Google depois que Josh anunciou sua colocação.

— O que posso dizer? Estou encantado. — Ele demorou. — Onde quer que eu vá, as mulheres vão atrás.

— Acho que ela estava lá antes de você, idiota, e espero que você não esteja negligenciando seu trabalho para ficar com sua nova 'amiga'.

— De foda? Me diga que você está brincando.

Eu acenei minha mão no ar. — Eu estou. Não confunda sua cueca.

Por mais que meu irmão fosse um horndog, ele levava seu trabalho a sério. Considerando que eu tive que quebrar minha bunda para obter meus A's, ele era uma daquelas pessoas irritantes que não tinham que estudar muito para se destacar na escola. Mas ele amava o trabalho médico e ajudar as pessoas. Mesmo quando éramos jovens, foi ele quem me enfaixou depois que arranhei meu joelho e procurou maneiras de me ajudar com meus pesadelos enquanto nosso pai se jogava no trabalho.

Foi por isso que deixei Josh escapar impune de sua superproteção. Ele podia ser irritante como o inferno, mas ainda era o melhor irmão.

Eu nunca diria isso a ele, no entanto. Se sua cabeça inflasse mais, ele teria dificuldade para andar.

— A propósito. — Tentei parecer casual enquanto mexia na manga da minha camisa. — O Halloween está chegando e eu estava pensando em pregar algumas peças. Existe alguma

coisa de que Alex tem medo? Palhaços, aranhas, alturas...

A suspeita invadiu o rosto de Josh. — Faltam mais de dois meses para o Halloween.

— Sim, mas ele pega você furtivamente e eu quero me preparar.

— Hmm. — Josh bateu os dedos na coxa. — *Hmm...*

— Qualquer momento antes dos oitenta seria ótimo.

— Cale-se. Você sabe como é difícil pensar em algo de que Alex tem medo? Eu o conheço há oito anos e nunca o vi com medo.

Meu rosto caiu. *Bem, merda.*

— Você poderia tentar as coisas usuais que as pessoas odeiam, mas duvido que vá chegar a algum lugar. — Josh encolheu os ombros. — Uma vez, encontramos um urso durante uma caminhada e o filho da puta nem piscou. Apenas ficou ali parecendo entediado e irritado até que o urso se afastou. Dar sustos também não funcionam. Acredite em mim, eu tentei muitas vezes fazer uma brincadeira com ele no passado e falhei todas as vezes.

— Bom saber.

Talvez essa fase tenha sido uma causa perdida. Se Josh, que conhecia Alex melhor do que ninguém, não conseguia assustá-lo, nenhum de nós poderia.

A suspeita voltou aos olhos de Josh. — A ideia é sua ou de uma certa ruiva?

— Ummm... minha?

— Besteira. — Josh fez uma careta. — Não me diga que ela ainda está apaixonada por Alex. Ele é uma causa perdida quando se trata de relacionamentos, nunca entrará em um, e ele só fode com certas mulheres.

Eu estava morrendo de vontade de perguntar quem eram essas certas mulheres, mas não podia sem parecer que estava interessada em Alex. O que eu não estava.

— Acho que Jules nunca se *apaixonou* por ele. — Eu disse. — Ela só acha que ele é gostoso.

— O que seja. — Josh passou a mão pelo cabelo. — Ei, eu tenho que levantar cedo amanhã, então eu vou dormir. Avise-me se você conseguir pregar uma peça nele e grave um vídeo para mim. Eu poderia rir.

— Certo. — A preocupação substituiu meu desconforto anterior ao ouvir sobre certas mulheres de Alex. Eu poderia dizer que Josh estava exausto, apesar de suas piadas e comentários espertos. Havia círculos escuros sob seus olhos e linhas de tensão cercavam sua boca. Ele desligou cedo em nossas últimas ligações e, normalmente, ele poderia ficar acordado a noite toda falando sobre as coisas mais idiotas.

Certa vez, ele se tornou poético sobre seus novos tênis até as três da manhã.

— Descanse um pouco. Se eu tiver que voar até a América Central para chutar sua bunda, vou ficar puta.

— Ha. — Josh bufou. — Você *gostaria de* poder chutar minha bunda.

— Boa noite, Joshy.

— *Não me* chame assim. — Ele resmungou. — Noite.

Depois que desliguei, peguei meu bloco de notas e risquei a fase três.

STATUS DA FASE DE MEDO: EM ESPERA (INDEFINITIVAMENTE)

12

Ava

— O experimento é um fracasso, mas pelo menos acabou. — Eu engoli o resto da minha vodca de cranberry. Eu segurei ela por tanto tempo que todo o gelo tinha derretido e tinha gosto de água frutada. — Graças a Deus.

— Muito ruim. — Bridget parecia desapontada. — Eu estava ansiosa para ver Alex perder a calma.

— Ele ainda pode. O experimento ainda não acabou. — Jules balançou o dedo no ar.

A inquietação desceu pelo meu pescoço. — Sim, acabou. Decidimos em quatro fases: tristeza, nojo, felicidade e medo.

— Existem *cinco* fases. — Os olhos castanhos de Jules brilharam com malícia. — O último é o ciúme, ou você esqueceu?

— Eu nunca concordei com isso!

Estávamos no The Crypt, o bar fora do campus mais popular de Thayer, para um último passeio antes do início das aulas na segunda-feira. Os alunos começaram a voltar, e o bar

estava mais lotado do que no início do verão.

— Mas é o melhor. — Argumentou Jules. — Não...

— Ava.

Eu endureci ao som do meu nome dito *naquela* voz. A voz que costumava sussurrar para mim à noite e me dizer que ele me amava. A voz que eu não ouvia há dois meses, desde que ele apareceu do lado de fora da galeria em um dia de julho e exigiu que eu falasse com ele.

Inclinei minha cabeça até que os olhos castanhos colidiram com os meus castanhos escuros.

Liam elevou-se sobre mim, bonito e mauricinho como sempre em uma polo azul marinho e calça cáqui. Ele havia cortado o cabelo, os fios loiros não eram mais a bagunça de cachos macios que eu adorava passar meus dedos, mas mais curtos, cortados mais perto de seu crânio.

Minha visão periférica revelou as reações das minhas amigas à sua aparição inesperada de uma só vez: nervosismo no rosto de Stella, apreensão no de Bridget, raiva no de Jules.

— O que você está fazendo aqui? — Disse a mim mesma que não precisava ter medo. Estávamos em público, sentadas bem no meio de um bar lotado. Eu estava cercada por minhas amigas e Booth, que olhou para Liam como se ele quisesse dar um chute no cara.

Eu estava segura.

Mesmo assim, minha pele formigou de inquietação. Eu pensei que Liam tinha desistido de sua busca para me reconquistar, mas aqui estava ele, olhando para mim como se nada tivesse mudado. Como se eu não o tivesse pego com as calças abaixadas e enterrado dentro de uma loira estranha na noite em que ele alegou estar com febre. Eu passei por seu apartamento na esperança de surpreendê-lo com canja de galinha e acabei sendo a única surpreendida

— Podemos conversar?

— Estou ocupada. — Eu podia sentir o cheiro de álcool em seu hálito, e não estava interessada em falar com um Liam sóbrio, muito menos com um bêbado.

— Ava, por favor.

— Ela disse que está ocupada, idiota. — Jules retrucou.

Liam olhou para ela. Eles nunca se deram bem. — Não me lembro de ter falado com você. — Ele zombou.

— Veja se você se lembra quando eu enfio meu...

— Cinco minutos. — Eu me levantei, meus ombros rígidos.

— O que...

— Ava...

— Tem certeza...

Todas minhas amigas falaram ao mesmo tempo.

Eu concordei. — Sim. Estarei de volta em cinco minutos, ok? Se eu não estiver, — Eu olhei para Liam. — Vocês podem vir me procurar com tochas e forcados. — Ele ficaria pairando a noite toda a menos que eu falasse com ele, e eu prefiro acabar com isso.

— Eu tenho mais do que tochas e forcados. — Booth rosnou.

Liam se encolheu.

Eu o segui para fora do bar e cruzei os braços sobre o peito. — Faça isso rápido.

— Eu quero que você me dê outra chance.

— Eu já disse mil vezes, não.

A frustração tomou em seu rosto. — Querida, já faz *meses.* O que você quer que eu faça, caia de joelhos e implore? Você não me puniu o suficiente?

— Não se trata de punição. — Para alguém que se formou com honrarias, Liam não conseguia entender um conceito tão simples. — É sobre o fato de que *você me traiu.* Eu não me importo quanto tempo faz ou o quanto você está arrependido. Trapaça é inaceitável e não vamos voltar a ficar juntos. Nunca.

A frustração se transformou em raiva. — Por que? Você tem um novo homem? — Ele rosnou. — Você tem um pau novo e não precisa mais de mim, é isso? Eu nunca soube que você era uma vagabunda.

— Foda-se. — Meu coração bateu rápido. Liam nunca disse coisas tão desagradáveis para mim. Nunca. — Seus cinco minutos acabaram. Essa conversa acabou.

Tentei sair, mas ele agarrou meu pulso e me puxou de volta. Foi a primeira vez que ele colocou a mão em mim de raiva.

Meu coração estava batendo o triplo da velocidade agora, mas me forcei a manter a calma. — Tire suas mãos de mim, — Eu sibilei. — Ou você vai se arrepender.

— Quem é ele? — Os olhos de Liam estavam selvagens, e eu percebi com o estômago embrulhado que ele não estava apenas bêbado, mas chapado. Uma combinação perigosa. — Diga-me!

— Não *é* nenhum outro cara, e mesmo que houvesse, não é da sua conta! — Eu gostaria de ter trazido meu spray de pimenta. Como eu não tinha feito isso, me conformei com a próxima melhor coisa: dar uma joelhada nas bolas dele. Duro.

Liam me soltou e se dobrou de dor. — Sua vadia. — Ele ofegou. — Você...

Não esperei para ouvir o que ele disse a seguir. Eu fugi de volta para a segurança do bar, meu pulso rugindo em meus ouvidos.

Eu não posso acreditar que isso aconteceu. Liam nunca agiu tão fora de controle. Ele tinha sido persistente e meio idiota, mas nunca me machucou fisicamente.

No momento em que contei as minhas amigas o que aconteceu e elas correram para fora para confrontar Liam sobre meus protestos, ele tinha ido embora, mas meu enjoo permaneceu.

Você pensa que conhece alguém até que algo aconteça que prova que você nunca realmente conheceu alguém.

13

Alex

O evento anual de gala de caridade para ex-alunos da Thayer University foi o evento da temporada, mas embora tenha arrecadado dinheiro para a última causa do dia, não se tratava realmente de caridade. Era sobre ego.

Eu participei todos os anos.

Não porque eu quisesse ser um filantropo ou relembrar meus dias de faculdade, mas porque o baile de gala foi uma fonte de informações. Thayer contou as pessoas mais poderosas do mundo entre seus ex-alunos, e todos eles se reuniam no salão de baile do Z Hotel DC todo mês de agosto. Foi a oportunidade perfeita para estabelecer uma rede e reunir informações.

— ...Aprovar o projeto, mas ele será morto no Congresso...

Eu fingi escutar enquanto Colton, um antigo colega de classe que agora trabalhava em assuntos governamentais para uma grande empresa de software, falava monotonamente sobre a última peça da legislação de tecnologia.

Ele raramente tinha algo interessante a dizer, mas seu pai era um funcionário do FBI, então eu o mantive em minha órbita para o caso de precisar dele no futuro.

Sempre foi sobre o longo jogo, medido não em semanas ou meses, mas em anos. Décadas.

Mesmo a menor das sementes pode brotar o mais poderoso dos carvalhos.

Era um conceito simples que a maioria das pessoas não entendia porque estavam muito ocupadas perseguindo a gratificação de curto prazo, e esse é o motivo pelo qual a maioria das pessoas falha. Eles passaram suas vidas sentados em suas bundas e dizendo a si mesmos, algum dia, quando a preparação deveria ter começado ontem. Quando algum dia chegou, era tarde demais.

— ...esse problema de IP com a China... — Colton parou abruptamente. *Graças a Deus.* Se eu tivesse que ouvir sua voz anasalada mais um segundo, eu teria caminhado até o bar e me esfaqueado no olho com um garfo.

— Quem é *essa?* — Ele perguntou, um olhar faminto ultrapassando seu rosto enquanto ele olhava por cima do meu ombro. — Ela é *gostosa.* — Sua voz era tão faminta quanto sua expressão. — Eu nunca a vi antes. E você?

Eu acabei com uma leve curiosidade. Levei um segundo para ver a garota desavisada que havia capturado sua atenção. Colton era quase tão mulherengo quanto Josh.

Quando eu finalmente localizei a fonte do olhar voraz de Colton, meus músculos estalaram em uma linha rígida e meu punho se fechou em torno da haste da minha taça de champanhe, com força o suficiente para que a delicada taça pudesse quebrar a qualquer momento.

Ela deslizou para o salão de baile, seu corpo ágil envolto em um vestido elegante que fluía sobre suas curvas como líquido, ouro cintilante. Ela prendeu o cabelo em um penteado chique, expondo seu pescoço de cisne e ombros lisos. Olhos escuros. Pele de bronze. Lábios vermelhos. Toda sorrisos e raios de sol, sem saber que ela entrou em um poço de víboras.

Uma deusa entrando nos portões do inferno, e ela nem sabia disso.

Um pulso bateu em minha mandíbula.

O que *diabos Ava estava* fazendo aqui, usando aquele vestido? Ela ainda não era ex-aluna. Ela não deveria estar aqui. Não perto dessas pessoas.

Eu queria arrancar os olhos de cada homem olhando para ela como se estivessem morrendo de fome e ela fosse um bife suculento, o que era quase todo homem aqui, incluindo Colton. Se ele não colocasse a língua de volta na boca logo, eu cortaria para ele.

Eu o deixei salivando atrás de mim sem uma palavra e caminhei em direção a Ava, meus passos percorrendo a distância entre nós com passos raivosos e decididos. Cheguei

na metade do caminho antes que alguém bloqueasse meu caminho.

Eu reconheci seu cheiro antes de ver seu rosto, e meus músculos se contraíram ainda mais.

— Alex. — Madeline ronronou. — Eu não tenho notícias suas há um tempo.

Seu vestido escarlate combinava com o batom brilhante cobrindo seus lábios carnudos. Cabelo loiro caia sobre seus ombros em ondas esculpidas, e eu estava perto o suficiente para ver o contorno fraco de seus mamilos através do material sedoso de seu vestido.

Uma vez isso pode ter me excitado. Agora, ela poderia muito bem estar usando um saco de batatas por toda a reação que sua roupa e seu sorriso sedutor provocaram.

— Eu estive ocupado. — Eu a evitei, ela imitou minha ação e bloqueou meu caminho novamente.

— Você nunca me compensou por cancelar nosso encontro. — Ela arrastou os dedos pelo meu braço. Foi um toque leve e experiente, destinado a deixar o receptor querendo mais.

Tudo que eu queria era que ela saísse do meu caminho.

Meus olhos desviaram-se para Ava novamente, e meus músculos já tensos se amontoaram ainda mais com a visão de Colton ao seu lado. Como diabos ele chegou lá tão rápido? Eu

joguei basquete com ele uma vez na faculdade; o homem era mais lento do que uma tartaruga tomando morfina.

— E eu nunca vou. — Tirei a mão de Madeline do meu braço. — Tem sido divertido, mas é hora de nos separarmos.

O choque se espalhou por seu rosto antes de se transformar em uma máscara de raiva atordoada. — Você está *terminando* comigo?

— Para terminar, teríamos que estar namorando. — Eu balancei a cabeça para um dos homens olhando para sua bunda. — O deputado parece interessado. Por que você não vai dizer oi?

O vermelho tingiu sua pele cremosa. — Eu não sou uma prostituta. — Madeline sibilou. — Você não pode me jogar para outro homem quando terminar comigo. E nós *não* terminamos. Não até eu dizer isso. Eu sou a porra da Madeline Hauss.

— É aí que você está errada. Somos todas prostitutas à nossa maneira. — Meu sorriso não tinha qualquer aparência de calor. — Vou deixar você passar pelo seu tom esta noite, dada a nossa história. Mas não entre em contato comigo novamente, ou você descobrirá da maneira mais difícil como ganhei minha reputação de ser implacável. Não estou acima de arruinar mulheres.

Essa conversa acabou.

Deixei uma Madeline irada atrás de mim e me afastei, irritado com a interrupção e furioso com a visão do que me

esperava no meio da pista de dança.

Ava e Colton balançaram ao som da banda ao vivo que a universidade contratou para o baile. Suas mãos repousaram em seus quadris, e eu as vi avançando mais para baixo a cada segundo que passava.

Eu cheguei ao lado deles enquanto ela ria de algo que ele disse. Ela soou pelo ar como sinos de prata, e o tique na minha mandíbula pulsou mais forte.

Ele não merecia sua risada.

— Algo engraçado? — Eu perguntei, mascarando minha ira com uma expressão de fria indiferença.

Surpresa e cautela brilharam nos olhos de Ava ao me ver.

Bom.

Ela deveria ser cautelosa. Ela deveria estar em casa, sã e salva, em vez de dançar com um prostituto como Colton e deixá-lo colocar as mãos em cima dela.

— Eu estava contando uma piada para ela. — Colton riu, mas me lançou um olhar de advertência que dizia: *Por que você está bloqueando o meu pau, cara?* Ele teve sorte se tudo que eu fiz foi bloquear o pau. Fiquei tentado a quebrar todos os ossos de sua mão por tocá-la assim. — Você se importa? Estamos no meio de uma dança.

— Na verdade, é a minha vez. — Eu me manobrei entre eles e o puxei de cima dela com um pouco mais de força do que

o necessário. Colton se encolheu. — Você tem que sair da festa mais cedo. Ligações de negócios.

Sua sobrancelha franziu. —Eu... — Seus olhos vagaram entre mim e Ava, cujos próprios olhos fizeram o mesmo entre mim e Colton. A compreensão surgiu em seu rosto. Acho que ele não era tão lento afinal. — Ah, você está certo. Me desculpe, cara. Eu esqueci.

— Vamos almoçar qualquer dia. — eu disse. Eu não queimei pontes a menos que fosse um rival de negócios ou eu tivesse que fazer. *Sementes. Oaks.* — No Valhalla.

O Valhalla Club era o clube privado mais exclusivo de DC. O número de membros era limitado a cem membros, cada um dos quais tinha permissão para trazer um convidado para uma refeição a cada trimestre. Eu tinha acabado de entregar a Colton a passagem da minha vida.

Seus olhos se arregalaram. — Oh, sim. — Ele gaguejou, tentando e falhando em esconder o espanto em sua voz. — Gostaria disso.

— Boa noite. — Foi uma dispensa e um aviso em um só.

Colton saiu correndo e eu voltei meu descontentamento para Ava. Estávamos perto o suficiente para que eu pudesse ver a maneira como as luzes dos lustres refletiam em seus olhos, como minúsculos raios de estrelas cruzando uma noite sem fim. Seus lábios se separaram, exuberantes e úmidos, e um desejo insano de descobrir se eles eram tão doces quanto

pareciam se apoderou de mim.

— Você afugentou o meu parceiro de dança. — Sua voz saiu mais ofegante do que o normal, e meu pau estremeceu com o som.

Eu cerrei meus dentes e apertei meu domínio sobre ela até que ela engasgou. — Colton não é um parceiro de dança. Ele é um mulherengo e um nojento, e é do seu interesse ficar longe, muito longe dele.

Seria do seu interesse ficar longe de mim também, e a ironia não passou despercebida. *Se ela soubesse por que estou em DC...*

Mas foda-se, eu estava bem com a hipocrisia. Ele nem mesmo quebrou os dez primeiros dos meus piores traços. — Você não sabe o que é do meu interesse. — Os raios estelares se transformaram em fogo, faiscando com o desafio. — Você não me conhece de todo.

— É assim mesmo? — Eu a guiei pelo chão, minha pele formigando com a estranha carga elétrica no ar. Eram mil agulhas perfurando minha carne, em busca de uma fraqueza. Uma rachadura. Uma porta, por menor que fosse, pela qual poderia deslizar e dar a partida em meu coração há muito morto e frio.

— Sim. Não sei o que Josh conta a você sobre mim, se é que ele conta alguma coisa, mas garanto que você não tem ideia do que eu quero ou do que é do meu interesse.

Fiz uma pausa, fazendo com que ela tropeçasse no meu peito. Meu polegar e indicador agarraram seu queixo, forçando-a a olhar para mim. — Me teste.

Ava piscou, sua respiração saindo em baforadas curtas e rasas. — Minha cor favorita.

— Amarelo.

— Meu sabor favorito de sorvete.

— Pedaços de chocolate com menta.

Seu peito subia e descia com mais força. — Minha estação Favorita.

— Verão, por causa do calor, do sol e do verde. Mas, secretamente, o inverno fascina você. — Abaixei minha cabeça até que minha própria respiração patinou sobre sua pele e seu cheiro rastejou em minhas narinas, me drogando. Transformando minha voz em uma versão rouca e pecaminosa de si mesma. — Fala com as partes mais sombrias de sua alma. As manifestações de seus pesadelos. É tudo o que você teme e, por isso, você adora. Porque o medo faz você se sentir viva.

A banda tocava e as pessoas ao nosso redor giraram e dançaram, mas neste mundo que havíamos esculpido para nós mesmos, tudo estava em silêncio, exceto por nossas respirações irregulares.

Ava estremeceu sob meu toque. — Como você sabe de

tudo isso?

— É meu trabalho saber as coisas. Eu observo. Eu assisto. Eu lembro. — Eu cedi ao meu desejo, um minúsculo, e tracei seus lábios com o meu polegar. Um arrepio percorreu nosso corpo; nossos corpos tão em sincronia que reagimos da maneira exata, porra, na hora exata. Eu trouxe meu polegar para baixo e endureci meu aperto em seu queixo. — Mas essas são perguntas superficiais, Sunshine. Pergunte-me algo real.

Ela olhou para mim, aqueles olhos de chocolate líquido sob as luzes. — O que eu quero?

Uma pergunta perigosa e carregada.

Os humanos querem muitas coisas, mas em cada coração, há um desejo verdadeiro. Uma coisa que molda todos os nossos pensamentos e ações.

A minha foi a vingança. Afiada, cruel, sanguinária. Floresceu dos cadáveres ensanguentados dos corpos da minha família, marcando minha pele e alma até que meus pecados não fossem mais meus, mas nossos. Minha e da vingança, duas sombras caminhando no mesmo caminho tortuoso.

Ava era diferente. E eu soube qual era o seu verdadeiro desejo no momento em que coloquei os olhos nela pela primeira vez, oito anos atrás, seu rosto brilhando e sua boca esticada em um sorriso caloroso e bem-vindo.

— Amor. — A palavra flutuou entre nós em uma leve rajada de ar. — Amor profundo, permanente e incondicional.

Você o deseja tanto que está disposta a viver para isso. — A maioria das pessoas pensava que o maior sacrifício que podiam fazer era morrer por alguma coisa. Eles estavam errados. O maior sacrifício que alguém poderia fazer era *viver* por algo, permitir que isso o consumisse e o transformasse em uma versão de si mesmo que você não reconhecesse. A morte era o esquecimento, a vida era realidade, a verdade mais dura que já existiu. — Você quer tanto que diria sim para qualquer coisa. Acreditaria em qualquer pessoa. Mais um favor, mais um gesto gentil... e talvez, apenas talvez, eles vão te dar o amor que você deseja tão desesperadamente que você se prostituiria por isso.

Meu tom ficou mordaz, a conversa deu meia-volta e foi direto para áspera e brutal.

Porque o que eu mais admirava em Ava também era o que eu odiava nela. A escuridão anseia por luz tanto quanto quer destruí-la, e aqui, neste salão de baile, com ela em meus braços e meu pau lutando contra meu zíper, isso nunca esteve mais claro.

Eu odiava o quanto eu a queria, e odiava que ela não fosse inteligente o suficiente para fugir de mim enquanto ela ainda tinha uma chance.

Embora sejamos honestos, já era tarde demais.

Ela era minha. Ela só não sabia ainda.

Eu não sabia disso até que a vi nos braços de Colton e cada instinto me perseguiu para afastá-la. Para reivindicar o

que me pertencia.

Eu esperava que ela ficasse com raiva de minhas palavras, chorasse ou fugisse. Em vez disso, ela olhou para mim, sem vacilar, e disse a coisa mais inacreditável que eu tinha ouvido em muito, muito tempo.

— Você está falando de mim ou de você mesmo?

Eu quase ri do absurdo da declaração. — Você deve ter me confundido com outra pessoa, Sunshine.

— Acho que não. — Ava ficou na ponta dos pés para que ela pudesse sussurrar no meu ouvido. — Você não me engana mais, Alex Volkov. Tenho pensado nisso, na maneira como você percebeu todas essas coisas sobre mim. Como você concordou em cuidar de mim, embora pudesse ter dito não. Como você ficou para assistir aqueles filmes comigo quando pensou que eu estava chateada e me deixou passar a noite em sua cama depois que adormeci. E cheguei a uma conclusão. Você quer que o mundo pense que você não tem coração quando, na realidade, você tem um coração de várias camadas: um coração de ouro envolto em um coração de gelo. E a única coisa que todos os corações de ouro têm em comum? Eles anseiam por amor.

Eu aumentei meu aperto sobre ela, em partes iguais furioso e excitado por sua *bondade* tola e teimosia. — O que eu disse a você sobre me romantizar?

Eu a queria, mas não era um tipo de desejo doce e terno.

Era um desejo sujo e feio, manchado pelo sangue em minhas mãos e um desejo de arrastá-la para fora do sol e para a minha noite.

— Não é romantizar se for verdade.

Um grunhido escapou da minha garganta. Eu me permiti segurá-la por mais um momento antes de empurrá-la para longe. — Vá para casa, Ava. Este não é o lugar para você.

— Eu vou para casa quando eu quiser ir para casa.

— Pare de ser difícil.

— Pare de ser um idiota.

— Achei que tinha um coração de ouro. — Zombei. — Escolha um lado e cumpra-o, Sunshine.

— Até o ouro pode manchar se você não cuidar dele. — Ava deu um passo para trás e eu contive o desejo ridículo de segui-la. — Paguei o ingresso e vou ficar aqui até decidir que quero ir embora. Obrigada pela dança.

Ela se afastou, deixando-me em um silêncio fumegante.

FIZ um esforço concentrado para ignorar Ava pelo resto da noite, embora ela pairasse na minha visão periférica como

uma faísca dourada que não iria embora. Felizmente para cada homem na sala, ela não dançou com mais ninguém, ela passava a maior parte do tempo conversando e rindo com ex-alunos.

Passei meu tempo reunindo informações sobre congressistas que eu precisaria se quisesse expandir Archer em um conglomerado, informações sobre concorrentes, informações interessantes sobre amigos e inimigos.

Eu tinha acabado de encerrar uma... conversa esclarecedora com o chefe de uma grande empresa de consultoria quando perdi Ava de vista. Um minuto ela estava lá, no próximo, ela se foi. Ela ainda havia sumido vinte minutos depois, tempo demais para uma pausa no banheiro.

Estava ficando tarde; talvez ela tivesse partido. Não nos separamos da melhor maneira, mas eu a verificaria para ter certeza de que ela chegaria em casa em segurança. Apenas no caso de...

Já estava saindo quando ouvi um baque surdo do pequeno salão ao lado do salão de baile, que servia de espaço para as malas e jaquetas dos convidados.

— Sai de *cima de* mim!

Eu congelei, meu sangue congelou. Abri a porta e o gelo explodiu em chamas escaldantes.

O ex de Ava, Liam, tinha-a presa contra a parede com os pulsos acima da cabeça. Eles estavam tão focados um no outro

que nem me notaram entrar.

— Você me disse que não tinha um novo homem. — Liam arrastou. — Mas eu vi você dançando e olhando para *ele*. Você mentiu, Ava. Por que você mentiu?

— Você é louco. — Mesmo daqui, eu vi seus olhos brilhando de fogo. — Solte-me. Quero dizer isso. Ou você quer repetir a semana passada?

Semana Anterior? O que *diabos* aconteceu na semana passada?

— Mas eu te amo. — Sua voz ficou queixosa. — Por que você não me ama de volta? Foi um erro, querida. — Ele pressionou seu corpo contra o dela, impedindo que suas pernas se movessem. O fogo queimava minhas veias enquanto eu caminhava, minha abordagem abafada pelo carpete macio sob meus pés. — Você *ainda* me ama. Eu sei isso.

— Estou lhe dando três segundos para se mover, ou não posso ser responsabilizada por minhas ações. — Uma explosão de orgulho passou por mim com o tom implacável de Ava. *Garota linda.* — Um, dois, três.

Eu tinha acabado de alcançá-los quando ela deu uma cabeçada nele. Um uivo saiu de sua garganta, ele tropeçou para trás, segurando o nariz, que agora jorrava sangue.

— Você quebrou meu nariz! — Ele cuspiu. — Você pediu por isso, sua vagabunda. — Ele se lançou para ela, mas só conseguiu chegar até a metade antes de eu fechar meu punho

em torno de sua camisa e puxá-lo de volta.

Foi só então que Ava me notou. — Alex. O que...

— Importa-se se eu me juntar à diversão? — Eu puxei Liam pelo colarinho, meus lábios se curvando ao ver seus olhos lacrimejando e seu nariz sangrando, e dei um soco no estômago dele. — Isso é por chamá-la de vadia. — Outro golpe no queixo. — Isso é por prendê-la contra sua vontade. — Um terceiro golpe em seu nariz já dolorido. — Isso é por traí-la.

Continuei meus golpes, deixando o fogo me lavar até que Liam estivesse inconsciente e Ava tivesse que me arrastar para longe dele.

— Alex, pare. Você vai matá-lo!

Eu ajustei as mangas da minha camisa, respirando com dificuldade. — Isso é para me deter?

Eu poderia passar a noite toda e não parar até que o bastardo não fosse nada mais do que uma pilha de carne ensanguentada e ossos quebrados. Uma película vermelha tingiu minha visão e meus dedos ficaram machucados com a força dos meus golpes.

A imagem dele prendendo Ava contra a parede passou pela minha mente, e minha raiva explodiu novamente.

— Vamos embora. Ele aprendeu a lição, e se alguém te ver, você terá problemas. — O rosto de Ava era da cor de porcelana. — Por favor.

— Ele não ousaria dizer nada. — No entanto, cedi porque ela estava tremendo muito. Apesar de sua resistência anterior, Ava estava abalada com o incidente. Além disso, ela estava certa, tínhamos sorte de ninguém ter nos descoberto ainda. Eu não me importava se eles ligassem, mas não havia necessidade de prolongar uma noite já desagradável.

— Devíamos chamar uma ambulância. — Ela olhou para a forma inclinada de Liam com inquietação. — E se ele estiver gravemente ferido?

Claro que ela ainda se importava com seu bem-estar depois que ele tentou agredi-la. Eu não sabia se devia rir em descrença ou sacudi-la.

— Ele não vai morrer. — Eu tinha controlado meus golpes, então eles eram punitivos, mas não fatais. — Ele vai acordar com a cara machucada e algumas costelas quebradas, mas vai sobreviver. — *Infelizmente.*

A preocupação permaneceu no rosto de Ava. — Devíamos ligar para o 911 de qualquer maneira.

Pelo amor de Deus. — Vou fazer uma ligação anônima do carro. — Eu tinha um telefone no porta-luvas.

Eu coloquei uma mão firme em suas costas enquanto saíamos do hotel. Felizmente, não cruzamos com ninguém, exceto o porteiro ao longo do caminho. — Agora, — Eu fixei Ava com um olhar. — diga-me o que *diabos* aconteceu entre vocês dois na semana passada.

14

Ava

Ele ficou furioso.

Ele estava lívido com isso, pulsando com isso. Uma mão agarrou o volante, os nós dos dedos brancos, enquanto a outra descansou na alavanca de câmbio, flexionando e desdobrando como se quisesse estrangular alguém. O brilho dos postes de luz que passavam iluminava os lindos planos esculpidos de seu rosto enquanto acelerávamos pelas ruas escuras, destacando o conjunto tenso de sua boca e a forma como suas sobrancelhas franziam sobre os olhos.

Quando contei a ele sobre o incidente com Liam fora da Cripta, quase desintegrei com a força de sua fúria.

— Estou bem. — Eu disse, envolvendo meus braços em volta do meu torso. Minha voz soou áspera e insegura. — Mesmo.

Isso só o deixou mais furioso.

— Se você tivesse assistido às aulas de Krav Maga como eu pedi, ele não teria sido capaz de encurralá-la assim. — A voz de Alex era suave. Mortal. Lembrei-me de seu rosto quando

ele bateu o rosto de Liam em uma polpa, e um arrepio patinou pela minha espinha. Eu não estava com medo de Alex me machucar, mas a visão de toda aquela força enrolada liberada era enervante. — Você tem que aprender a se proteger. Se alguma coisa tivesse acontecido com você...

— Eu me defendi bem. — Eu pressionei meus lábios. Eu não tinha visto Liam no baile de gala, mas havia tantas pessoas que seria impossível para mim identificá-lo no meio da multidão. Bridget me arranjou um convite para o baile para que eu pudesse me conectar com um ex-aluno que havia sido bolsista do WYP alguns anos atrás. Tínhamos tido uma ótima conversa, mas eu me cansei da conversa fiada com o resto dos convidados do baile e estava saindo quando Liam me encurralou no vestiário.

Ele estava chapado esta noite também. Eu tinha visto em suas pupilas dilatadas e energia maníaca. Ele nunca usava drogas quando estávamos juntos, pelo menos não que eu soubesse, mas o que quer que ele usasse, isso o fazia balançar entre acessos de raiva e tristeza.

Apesar do que ele fez e das coisas que disse, não pude deixar de sentir pena dele.

— Desta vez. — A mandíbula de Alex flexionou. — Quem sabe o que pode acontecer da próxima vez que você estiver sozinha?

Abri minha boca para responder, mas antes que pudesse pronunciar as palavras, imagens e sons bateram em meu

cérebro, deixando-me muda.

Eu joguei uma pedra no lago e ri das ondas que se espalharam pela superfície lisa.

O lago era minha parte favorita do nosso quintal. Tínhamos um cais que ia até o meio da água e, durante os verões, Josh disparava como um tiro de canhão enquanto papai pescava e mamãe lia revistas e eu saltava pedras. Josh sempre me provocou por não saber nadar, muito menos como uma bala de canhão.

Eu iria, no entanto. Mamãe me inscreveu em aulas de natação e eu seria a melhor nadadora do mundo. Melhor do que Josh, que se achava o melhor em tudo.

Eu mostraria a ele.

Minha boca se curvou nos cantos. Não haveria mais verões à beira do lago com todos nós, no entanto. Não desde que papai se mudou e levou Josh com ele.

Senti falta deles. Às vezes era solitário, especialmente porque a mamãe não brincava comigo como costumava fazer. Tudo o que ela fez agora foi gritar no telefone e chorar. Às vezes, ela se sentava na cozinha e apenas olhava para o nada.

Isso me deixou triste. Tentei animá-la, fiz desenhos para ela e até dei a ela Bethany, minha boneca mais bonita e melhor para brincar, mas não funcionou. Ela ainda chorava.

Mas hoje foi um dia melhor. Foi a primeira vez que

brincamos no lago desde que papai se mudou, então talvez isso significasse que ela se sentiu melhor. Ela tinha entrado em casa para pegar mais protetor solar, ela sempre se preocupava com sardas e coisas assim, mas quando ela voltasse, planejava pedir a ela para brincar comigo como costumávamos fazer.

Peguei outra pedra do chão. Era lisa e plana, o tipo que faria ondulações realmente *bonitas. Eu puxei meu braço para trás para jogá-lo, mas senti um cheiro floral, o perfume da mamãe, que me distraiu.*

Meu objetivo mudou e a pedra caiu no chão, mas eu não me importei. Mamãe estava de volta! Podíamos jogar agora.

Eu me virei, sorrindo um grande sorriso sem dentes, meu dente da frente caiu na semana passada, e eu encontrei cinco dólares da Fada do Dente embaixo do meu travesseiro depois, o que foi super legal, mas eu só consegui metade do caminho antes de ela me empurrar. Eu caí para frente, para baixo, para baixo, fora da borda do convés, meu grito engolido pela água correndo em direção ao meu rosto.

A realidade me puxou de volta ao presente com uma força chocante. Eu me curvei, o peito arfando, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. *Quando comecei a chorar?*

Não importa. Tudo o que importava era que eu *estava* chorando. Soluços enormes e fortes, do tipo que deixava meu nariz todo ranhoso e meu estômago doía. Riachos grossos e salgados corriam pelo meu rosto e pingavam do meu queixo no chão.

Talvez eu finalmente tenha quebrado, me separado para o mundo ver. Sempre soube que não era normal, eu com minha infância esquecida e pesadelos fragmentados, mas fui capaz de esconder isso por trás de sorrisos e risos. Até agora.

Meus pesadelos geralmente se limitavam a quando eu estava dormindo. Eles nunca me consumiram quando eu estava acordada.

Talvez a adrenalina do que aconteceu com Liam desencadeou algo em meu cérebro. Se eu tivesse que me preocupar com minhas horas de vigília *e de* sono...

Pressionei as palmas das mãos nos olhos. Eu estava perdendo o controle.

Uma mão fria e forte tocou meu ombro.

Eu estremeci, lembrando com pressa que não estava sozinha. Que alguém testemunhou meu colapso repentino e humilhante. Eu também não tinha percebido que Alex havia parado ao lado da estrada até agora.

Se ele estava furioso antes, ele estava enlouquecido agora. Não de uma forma psicopata ou zangada, bem, talvez um pouco, mas mais de uma forma em pânico. Seus olhos estavam selvagens, aquele músculo em sua mandíbula pulando tão rápido que tinha vida própria. Eu nunca o tinha visto assim. Puto, sim. Irritado, definitivamente. Mas não assim.

Como se ele quisesse queimar o mundo ao me ver

machucada.

Meu coração ingênuo cantou, cortando uma faixa de esperança em meio ao meu pânico persistente. Porque ninguém olha para alguém assim, a menos que se importe, e percebi que queria que Alex Volkov se importasse. Muito.

Eu queria que ele se importasse por *minha* causa, não por causa de uma promessa que ele fez ao meu irmão.

Fale sobre uma época terrível para chegar a tal conclusão. Eu estava uma bagunça terrível, e ele tinha acabado de arrancar a vida do meu ex-namorado.

Eu respirei fundo e limpei as lágrimas do meu rosto com as costas das minhas mãos.

— Eu irei destruí-lo. — As palavras de Alex cortaram o ar como lâminas letais de gelo. Arrepios floresceram na minha pele e eu estremeci, meus dentes batendo de frio. — Tudo o que ele já tocou, todos que ele amou. Vou arruiná-los até que não sejam nada mais do que um monte de cinzas aos seus pés.

Eu deveria ter ficado apavorada com a violência controlada piscando no carro, mas me senti estranhamente segura. Sempre me senti segura perto dele.

— Não estou chorando por causa do Liam. — Eu respirei fundo. — Não vamos mais falar ou pensar sobre ele, ok? Vamos salvar o resto da noite. Por favor.

Eu precisava tirar minha mente de tudo o que aconteceu

esta noite, ou eu gritaria.

Algumas batidas se passaram antes que Alex relaxasse os ombros, embora seu rosto permanecesse tenso. — O que você tem em mente?

— A comida seria bom. — Eu estava muito nervosa para comer no baile de gala e estava morrendo de fome. — Algo gorduroso e ruim para você. Você não é um daqueles malucos por saúde, é?

Seu corpo estava tão cortado que parecia que subsistia de proteínas magras e shakes verdes.

Descrença sombreou seus olhos antes que ele soltasse uma risada curta. — Não, Sunshine, eu não sou um daqueles loucos por saúde.

Dez minutos depois, paramos em frente a uma lanchonete que parecia não servir nada *além de* comida que fazia mal.

Perfeito.

As cabeças giraram em nossa direção quando entramos na lanchonete. Eu não poderia culpá-los. Não é todo dia que você vê uma dupla de trajes de gala entrando em uma lanchonete à beira da estrada. Eu tentei o meu melhor para me consertar para estar apresentável antes de sair do carro, mas há um limite para o que uma garota pode fazer sem sua bolsa de maquiagem.

Algo quente e sedoso me envolveu, e percebi que Alex tirou sua jaqueta e a colocou sobre meus ombros.

— Está frio. — Ele disse quando eu lhe lancei um olhar questionador. Ele olhou para um grupo de caras que estavam olhando para mim ou melhor, meus seios, de uma mesa próxima.

Eu não protestei. *Estava* frio, e meu vestido não cobria muito.

Eu também não protestei quando Alex insistiu que nos sentássemos na parte de trás e me posicionou na cabine de frente para a parede, então eu estava fora da vista dos outros clientes.

Fizemos nossos pedidos e me mexi sob o peso de seu olhar.

— Diga-me o que aconteceu no carro. — Pela primeira vez, seu tom era gentil, não autoritário. — Se não foi Liam, o que te fez...

— Surtar? — Eu mexi em uma mecha solta de cabelo. Ninguém sabia sobre minhas memórias perdidas ou pesadelos, exceto minha família e amigos mais próximos, mas eu tive uma estranha necessidade de contar a verdade para Alex. — Eu tive um... flashback. De algo que aconteceu quando eu era jovem. — Eu estive em negação todos esses anos, dizendo a mim mesma que eles eram pesadelos fictícios em vez de flashbacks fragmentados, mas eu não podia mentir mais.

Engoli em seco antes de contar a Alex, em frases hesitantes, sobre meu passado, ou o que eu lembrava dele. Não foi a conversa alegre que imaginei quando sugeri que salvássemos o resto da noite, mas me senti dez vezes mais leve quando terminei.

— Eles me disseram que foi a minha mãe. — Eu disse. — Meus pais estavam passando por um divórcio desagradável e, aparentemente, minha mãe teve algum tipo de colapso nervoso e me empurrou para o lago, sabendo que eu não sabia nadar. Eu *teria me* afogado se meu pai não tivesse vindo para entregar alguns papéis e ver o que aconteceu. Ele me salvou, e a condição de minha mãe piorou ainda mais, até que ela se matou. Eles me disseram que eu tive sorte de estar viva, mas... — Eu respirei fundo, estremecendo. — Às vezes, não me sinto com sorte.

Alex ouviu pacientemente o tempo todo, mas seus olhos piscaram perigosamente com a minha última declaração. — Não diga isso.

— Eu sei. É super auto piedade, que não é o que eu quero. Mas o que você disse no baile antes? Sobre mim ansiando por amor? Você tem razão. — Meu queixo vacilou. Pode me chamar de louca, mas algo sobre estar escondida neste canto de uma lanchonete aleatória, sentada em frente a um homem que eu achava que nem gostava de mim até algumas horas atrás, me fez expressar meus pensamentos mais insidiosos. — Minha mãe tentou me matar. Meu pai mal presta atenção em mim. Os pais deveriam ser as forças mais amorosas na vida de seus

filhos, mas... — Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e minha voz se quebrou. — Não sei o que fiz de errado. Talvez se eu tentasse mais ser uma boa filha...

— Pare. — A mão de Alex se enrolou na minha sobre a mesa. — Não se culpe por coisas fodidas que outras pessoas fazem.

— Eu tento não me culpar, mas... — Outra respiração instável. — É por isso que Liam me traindo doeu tanto. Eu não estava realmente apaixonada por ele, então não fiquei com o coração partido em si, mas ele é outra pessoa que deveria me amar, mas não amou. — Meu peito doeu. Se eu não fosse o problema, por que isso continuava acontecendo comigo? Tentei ser uma boa pessoa. Uma boa filha, boa namorada... mas, por mais que eu tentasse, sempre acabava magoada.

Eu tinha Josh e meus amigos, mas havia uma diferença entre o amor platônico e os laços profundos que ligavam uma pessoa a seus pais e a outras pessoas significativas. Pelo menos, deveria haver.

— Liam é um idiota e um imbecil. — Alex disse categoricamente. — Se você permitir que pessoas inferiores determinem sua autoestima, você nunca alcançará algo além de sua imaginação limitada. — Ele se inclinou para frente, sua expressão intensa. — Você não precisa trabalhar hora extra para fazer com que as pessoas amem você, Ava. O amor não é merecido, é dado.

Meu coração bateu forte no meu peito.

— Achei que você não acreditasse no amor.

— Pessoalmente? Não. Mas amor é como dinheiro. Seu valor é determinado por aqueles que acreditam nele. E você obviamente acredita.

É um jeito cínico de Alex de encarar as coisas, mas apreciei sua franqueza.

— Obrigada. — Eu disse. — Por me ouvir e... tudo.

Ele soltou minha mão e eu a fechei em um punho leve, lamentando a perda do seu calor.

— Se você realmente quiser me agradecer, faça aulas de Krav Maga. — Alex arqueou uma sobrancelha e eu ri baixinho, grata pela pequena pausa. Foi uma noite pesada.

— Ok, mas você tem que sentar para algumas fotos comigo.

A ideia me veio por um capricho, mas quanto mais eu pensava nisso, mais percebia que nunca quis fotografar alguém tanto quanto queria fotografar Alex. Eu queria descascar essas camadas e revelar o fogo que eu sabia que batia naquele peito frio e lindo.

As narinas de Alex dilataram-se.

— Você está negociando comigo.

— Sim. — Prendi a respiração, esperando, orando...

— Certo. Uma sessão.

Eu não pude conter meu sorriso.

Eu tinha razão. Alex Volkov tinha um coração de várias camadas.

15

Ava

Eu agoniei por dias pensando se deveria fotografar Alex em um estúdio ou ao ar livre.

Levei todas as minhas sessões de fotos a sério, mas esta parecia diferente. Mais íntima. Mais... mudança de vida, como se tivesse o poder de me construir ou quebrar, e não apenas porque eu poderia enviá-lo como parte do meu portfólio para a irmandade WYP.

Eu teria Alex Volkov só para mim por duas horas, e não desperdiçaria um único segundo.

Acabei optando por fotografá-lo em um estúdio. Reservei o espaço no prédio de fotografia da universidade e esperei, com o pulso acelerado, que ele chegasse.

Eu estava mais nervosa do que deveria, mas talvez isso tivesse algo a ver com o sonho totalmente inapropriado que tive na noite anterior. Um que mostrava eu, Alex, e posições que fariam o queixo de um acrobata cair.

Mesmo agora, eu corei com a memória.

Para evitar o ataque de imagens eróticas espontâneas, mexi na minha câmera e olhei para fora da janela, onde sinais de outono floresciam nas árvores e as folhas giravam preguiçosamente em rajadas suaves de vento. Vermelho, amarelo, laranja, fogo no ar. Um marcador físico da transição dos dias quentes e tranquilos do verão para a beleza gelada e de gelar os ossos do inverno.

Era setembro, mas um tipo diferente de inverno soprou em uma nuvem de especiarias deliciosas e reserva fresca.

Alex entrou na sala, uma figura elegante e poderosa em sua roupa toda preta, casaco preto, calça preta, sapatos pretos, luvas de couro pretas. Um nítido contraste com a beleza pálida de seu rosto.

Meus dedos se apertaram em volta da minha câmera. Minha alma criativa salivou, desesperada para capturar aquele mistério e revelá-lo na página.

Descobri que as pessoas mais caladas e reservadas costumam ser os melhores temas para retratos porque o exercício não exige que falem; requer que eles *sintam.* Aqueles que reprimem suas emoções todos os dias se sentem mais fortes e amam mais, os melhores fotógrafos são aqueles que podem capturar cada gota de emoção que se espalha e moldá-la em algo visceral, identificável. Universal.

Alex e eu não nos cumprimentamos. Sem palavras, nem mesmo com um aceno de cabeça.

Em vez disso, o ar zumbiu com o silêncio enquanto ele tirava o casaco e as luvas. Não era abertamente sexual, mas *tudo* sobre o homem era sexual. A maneira como seus dedos fortes e hábeis deslizaram cada botão de seu buraco sem fazer uma pausa ou tropeçar, à maneira como seus ombros e braços flexionavam sob a camisa enquanto pendurava o casaco no cabide ao lado da porta; a maneira como ele se moveu em minha direção como uma pantera perseguindo sua presa, seus olhos brilhando com uma intensidade abrasadora.

As pontas aveludadas das asas de uma borboleta roçaram meu coração e eu agarrei minha câmera com mais força, desejando não recuar ou tremer. O calor líquido se acumulou em meu estômago e cada centímetro do meu corpo se tornou uma terminação nervosa, hipersensibilizada e latejante de excitação.

Ele não tinha me tocado, e eu já estava tão excitada que tremi. Eu não pensei que isso fosse possível fora de romances e filmes.

Aqueles olhos verdes brilharam, como se ele soubesse exatamente o que fazia comigo. Como meus mamilos estavam apertados sob meu suéter grosso, como eu estava molhada entre minhas coxas. Quanto eu queria devorá-lo, me derramar nas fendas de sua alma para que ele nunca estivesse sozinho.

— Onde você me quer? — Grave raspou sua voz pela primeira vez desde que eu o conheci, transformando o tom claro e autoritário em algo mais sombrio. Mais pecaminoso.

Onde eu o quero? *Em todos os lugares. Sobre mim. Abaixo de mim. Dentro de mim.*

Lambi meus lábios repentinamente secos. O olhar de Alex caiu para minha boca e meu corpo inteiro pulsou.

Não. Eu não era uma colegial em um encontro. Eu era uma profissional. *Isso* era profissional.

Uma sessão de fotos com um assunto, assim como inúmeras outras sessões que tive no passado.

Claro, eu não queria jogar nenhum dos meus temas anteriores no chão e montá-los até o reino chegar, mas esse era um pequeno detalhe.

— Uh, aqui está bom. — Eu resmunguei, gesticulando para o banquinho que eu coloquei em um fundo branco liso.

Eu mantive a configuração de hoje simples. Eu não queria que nada prejudicasse Alex, não que eles pudessem. Sua presença obliterou tudo ao seu redor até que ele foi a única coisa que ficou de pé.

Ele se dobrou graciosamente no banquinho enquanto eu verificava minhas configurações e tirava algumas fotos de teste. Mesmo não posadas, suas fotos saltaram da tela, seus lindos traços e olhos penetrantes feitos sob medida para a câmera.

Eu reinei em minha luxúria desavergonhada e passei a próxima hora persuadindo-o a sair de sua concha, movendo-o

em várias poses e encorajando-o a relaxar.

Eu não tinha certeza se Alex entendia o significado da palavra.

As fotos até agora eram lindas, mas faltava emoção. Sem emoção, uma bela foto é apenas uma foto.

Tentei abri-lo com um bate-papo, conversando com ele sobre tudo, desde o tempo até a última atualização de Josh até as notícias daquele dia, mas ele permaneceu indiferente e cauteloso.

Tentei uma tática diferente. — Conte-me sobre sua memória mais feliz.

Os lábios de Alex se estreitaram.

— Achei que fosse uma sessão de fotos, não uma sessão de terapia.

— Se fosse uma sessão de terapia, estaria cobrando quinhentos dólares por hora. — Brinquei.

— Você tem um senso inflado de seu valor como terapeuta.

— Se você não pode me pagar, é só dizer. — Tirei mais fotos. *Finalmente.* Um sinal de vida.

O clique e o zumbido da veneziana encheram o ar.

— Querida, eu poderia te pagar com um estalar de dedos e não teria que desembolsar um único centavo.

Abaixei minha câmera e olhei para ele. — O que diabos isso quer dizer?

Um pequeno sorriso apareceu no canto da boca de Alex. — Significa que você me quer. Você usa suas emoções em todo o seu rosto.

Minhas coxas cerraram e minha pele queimou até que pensei que iria desabar em uma pilha de cinzas no chão.

— Agora, quem é aquele com um senso inflado de autoestima? — Eu consegui falar, meu coração disparado. Alex nunca disse nada tão direto para mim antes. Ele geralmente fechava qualquer indício de atração entre nós, mas aqui estava ele, falando sobre eu o querer.

Ele estava certo, mas ainda assim…

Alex se inclinou para frente e juntou as mãos frouxamente. Gracioso, casual, mas alerta. Esperando para me atrair para sua armadilha.

— Diga-me que não é verdade.

Lambi meus lábios novamente, minha garganta seca e seu olhar se fixou em minha boca. O movimento pequeno, mas inconfundível, reforçou minha confiança e me compeliu a dizer algo que eu nunca teria coragem de dizer de outra forma.

— É verdade. — Quase sorri com o brilho de surpresa em seus olhos. Ele não esperava honestidade. — Mas você me quer também. A questão é: você está com muito medo de admitir?

As sobrancelhas grossas e escuras de Alex baixaram. — Não tenho medo de nada.

Mentira. Eu teria acreditado nele um mês atrás, mas agora eu sabia melhor. Todo mundo tem medo de alguma coisa; é o que nos torna humanos. E Alex Volkov com todo o seu controle, todo o seu poder, ainda era maravilhosamente, assustadoramente, dolorosamente humano.

— Isso não responde à minha pergunta. — Fui até ele, minha câmera balançando com a alça enrolada em meu pescoço. Ele não se moveu um centímetro, nem mesmo quando eu escovei meus dedos ao longo de sua mandíbula. — Admita que você me quer também.

Eu não tinha certeza de onde vinha minha ousadia. Eu não era Jules. Sempre esperei que o cara me convidasse para sair, em parte por medo de rejeição, em parte porque era muito tímida para dar o primeiro passo.

Mas tive a sensação de que, se esperasse por Alex, teria que esperar para sempre.

Era hora de resolver o problema com minhas próprias mãos

— Se eu quisesse você, já a teria levado. — Alex disse com suavidade letal.

— A menos que você esteja com muito medo.

Eu estava brincando com fogo, mas isso era melhor do

que ficar sozinha no frio.

Eu enrijeci quando Alex arrastou seus dedos pelo meu pescoço e por cima do meu ombro. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso.

— Nervosa? Achei que era isso que você queria. — Ele zombou. Sua mão mergulhou mais para baixo, mais perto da curva do meu seio. As piscinas de gelo em seus olhos derreteram, revelando um inferno ardente que me aqueceu da cabeça aos pés.

Minha cabeça girou. Meus mamilos se contraíram em contas firmes e meu pulso latejou em cada centímetro do meu corpo. De alguma forma, era *pior* que ele não estava me tocando onde eu mais doía, a antecipação aumentou meus sentidos e minha pele formigou com carícias fantasmas.

— Não foi isso que eu disse. — Eu ofeguei. Oh Deus, isso era constrangedor. O que eu estava pensando? Eu não era uma femme fatale ou uma... uma... qualquer outra coisa que fosse parecida com uma femme fatale.

Eu não conseguia pensar direito.

Alex roçou o polegar sobre meu seio e eu gemi. *Gemi.* De um toque que durou menos de dois segundos.

Eu queria morrer.

Suas pupilas dilataram até que as íris verdes eram eclipses rodeados de fogo de jade. Ele largou a mão e o ar frio

entrou para substituir o calor de seu toque.

— Termine a sessão de fotos, Ava. — A aspereza de sua voz arranhou minha pele.

— O que? — Fiquei muito chocada com a mudança repentina na atmosfera para processar suas palavras.

— A sessão de fotos. Termine. — Ele rugiu para fora. — A menos que você queira começar algo, e você não está pronta para terminar.

— Eu... — A sessão de fotos. Certo.

Recuei com as pernas instáveis e tentei me concentrar na tarefa em questão. Alex se sentou com as costas retas, seu rosto rígido, enquanto eu circulava ele e capturava todos os ângulos que eu poderia pensar.

O zumbido baixo do aquecedor foi o único som quebrando o silêncio.

— Ok. Terminamos. — Eu disse depois de vinte minutos de um silêncio excruciante. — Obrigada...

Alex se levantou, pegou seu casaco e saiu sem dizer uma palavra.

— Por fazer isso. — Eu terminei, minhas palavras ecoando na sala vazia.

Eu exalei um longo suspiro. Alex era a pessoa mais inconstante que conheci. Um minuto, ele foi gentil e protetor.

No próximo, ele estava fechado e distante.

Eu rolei pelas fotos, curiosa para saber como elas ficaram.

Oh. Uau. As emoções de Alex saltaram da tela após nossa... interação, e sim, a maior parte era irritação, mas irritação nele parecia melhor do que contentamento em qualquer outra pessoa. A forma como as sombras atingem as linhas nítidas de suas sobrancelhas, o brilho de seus olhos, a postura de sua mandíbula... essas foram possivelmente as melhores fotos que eu já tirei.

Fiz uma pausa em uma das últimas fotos e meu coração gaguejou até parar.

Eu estive tão ocupada tirando fotos que não prestei atenção no momento, mas agora eu vi claro como o dia. Desejo puro rabiscado no rosto de Alex enquanto ele olhava para mim, seus olhos queimando através da câmera e direto em minha alma. Era a única foto com aquela expressão, então deve ter sido um deslize momentâneo de sua parte.

Tirei sua máscara, mesmo que apenas por alguns segundos.

Mas é o seguinte: mesmo alguns segundos podem mudar a vida de alguém. E quando desliguei a câmera e arrumei meu equipamento com as mãos trêmulas, não pude evitar a sensação de que a minha havia sido alterada para sempre.

16

Alex

— Vai acabar em alguns meses. — Eu me inclinei na minha cadeira e rolei meu copo de uísque em minhas mãos, observando os ácaros dançarem no ar diante de mim.

— Hmmm. — Meu tio esfregou o queixo, seus olhos afiados enquanto me examinava pela tela. Transformei o quarto de hóspedes em meu escritório em casa, pois preferia trabalhar de casa nos dias em que não *precisava* estar no escritório. Menos interações cansativas dessa forma. — Você não parece animado para alguém que está trabalhando nisso desde que você tinha dez anos.

— A excitação é superestimada. Tudo que me importa é que isso seja feito.

Apesar das minhas palavras, meu peito apertou, porque meu tio estava certo. Eu *deveria estar* animado. A vingança estava tão perto que eu podia sentir o gosto, mas em vez do doce alívio, cobriu minha língua com amargura e azedou meu estômago.

O que viria depois da vingança?

Qualquer outro propósito que eu poderia ter era empalidecido em comparação com a força que me impulsionou todos esses anos. Isso me segurou enquanto eu quebrava por dentro. Isso me reanimou enquanto eu estava sangrando, em coma em uma piscina de culpa e horror. Ele criou o tabuleiro de xadrez no qual cuidadosamente alinhei todas as peças, uma a uma, ano após ano, até que chegasse o momento de derrubar o rei.

Eu não temia muito, mas temia o que aconteceria depois que perdesse meu propósito.

— Falando em pronto... — Eu coloquei meu copo na mesa. — Suponho que você tenha assinado os papéis para o negócio Gruppmann hoje.

Ivan sorriu. — Parabéns. Você está um passo mais perto da dominação mundial.

Eu. Porque o Grupo Archer sempre foi meu.

Eu financiei seu início com meu dinheiro, e a empresa floresceu sob minha orientação ao longo dos anos. Meu pai tinha fundado sua própria construtora de sucesso depois de imigrar para os Estados Unidos, e seu sonho era me ver assumi-la um dia. A empresa havia entrado em colapso após sua morte, eu era muito jovem para evitar sua morte, mas construí seu legado e criei algo novo. Algo maior.

Tudo o que meus pais queriam era que eu crescesse feliz e bem-sucedido. Enquanto a parte feliz poderia ser adiada, eu

poderia muito bem trabalhar na parte bem-sucedida.

Depois que meu tio e eu concluímos nosso check-in semanal, abri meu laptop e puxei a pasta criptografada onde guardava todos os documentos detalhando as finanças do meu inimigo, negócios, legais e ilegais, e contratos futuros. Eu tinha destruído seu império ao longo dos anos, lento o suficiente para que ele pensasse que estava apenas passando por uma longa sequência de uma sorte de merda. Agora eu precisava de apenas mais uma evidência antes de derrubá-lo para sempre.

Eu encarei a tela, os números borrando diante dos meus olhos enquanto eu visualizava meu jogo final. A perspectiva não me excitava tanto quanto antes.

Pelo menos fiquei satisfeito com a queda de Liam Brooks. Algumas ligações bem-feitas e ele foi demitido e colocado na lista negra de todas as empresas importantes no nordeste dos Estados Unidos. Alguns sussurros nos ouvidos certos e ele caiu na lista negra da sociedade de DC. Honestamente, eu acabei de acelerar sua queda inevitável em desgraça. De acordo com a informação que meu pessoal desenterrou, Liam pegou um vício em drogas desagradável e vários DUIs desde a graduação. Era apenas uma questão de tempo antes que ele fodesse com seu trabalho ou irritasse as pessoas erradas sozinho.

Ele era um homem que tinha tudo entregue a ele em uma bandeja de prata, e ele jogou fora por um período temporário. *Com licença, enquanto eu choro um rio inexistente.*

Então, novamente, ele traiu Ava, então ele claramente carecia do gene do bom julgamento.

Meu telefone apitou com uma notificação de rede social. Eu desprezava a rede social, mas era a maior mina de ouro de informações do mundo. Era incrível a quantidade de informações pessoais que as pessoas compartilhavam online com pouca ou nenhuma consideração por quem poderia estar assistindo.

Toquei na notificação para que ela desaparecesse e acidentalmente cliquei no aplicativo, onde um vídeo trêmulo de duas pessoas discutindo foi reproduzido automaticamente. Eu estava prestes a sair quando parei. Olhei mais de perto.

Porra!

O vídeo ainda estava passando quando eu saí e corri em direção à casa de Madeline.

17

Ava

De todas as maneiras que eu imaginei minha noite de sexta-feira acontecendo, ficar presa em uma sala de sinuca por uma loira que me olhou como se eu tivesse roubado sua bolsa Prada favorita não era uma delas.

— Me desculpe, eu te conheço? — Esforcei-me para ser educada mesmo dando um passo para trás. A mulher parecia familiar, mas eu não conseguia lembrar de onde a tinha visto antes.

— Eu não acredito que nós nos conhecemos. — Seu sorriso poderia ter cortado vidro. Objetivamente, ela era uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Com seu cabelo dourado fiado, olhos azul celeste e corpo escultural, ela era o que eu imaginei que Afrodite seria se ela fosse uma pessoa real. Mas havia algo duro em sua expressão que a tornava nada atraente. — Madeline Hauss da petroquímica Hausses. Esta é a minha casa.

— Oh. Eu sou a Ava. Chen. — Eu adicionei quando ela continuou olhando para mim. — Do, uh, Maryland Chens.

Posso ajudar? — Eu esperava que isso não soasse rude, considerando que esta era a casa dela, mas eu não queria ir a esta festa em primeiro lugar. Stella, que era amiga da que devia ser a irmã de Madeline, me convenceu a sair depois que passei os últimos dias enterrada na escola, no trabalho e em meu formulário de bolsa. Jules e Bridget estavam ocupadas esta noite, então éramos apenas nós duas.

— Eu queria dar uma boa olhada em você. — Madeline ronronou. — Já que você capturou muito a atenção de Alex durante o baile.

O baile. Claro. Esta era a mulher com quem eu tinha visto Alex conversando enquanto eu dançava com Colton. Eu tentei não olhar, mas não pude deixar de fazer e me comparar a ela o tempo todo.

Para o desânimo de Jules, eu rejeitei a parte do ciúme da Operação Emoção, mas reconheci que usei Colton para deixar Alex com ciúme no baile. Foi estúpido e mesquinho, mas Colton apareceu na mesma hora em que vi Alex com Madeline, e eu mesma estava tão consumida pelo ciúme que fui em frente. A julgar pela reação de Alex quando nos viu dançando, tinha funcionado, um pouco bem demais, a julgar pelo olhar de Madeline.

— Não sabia que você conhecia Alex. — Menti. Meu estômago embrulhou, e não por causa do tom venenoso de Madeline.

A sala da piscina dos Hausses parecia um luxuoso e

moderno banho romano, todo em mármore branco e colunas douradas. A própria piscina brilhava turquesa sob uma cúpula de vidro que revelava o céu noturno em toda a sua glória, e vi o redemoinho colorido de mosaicos sob a água formando a forma de uma sereia. Mas o cheiro de cloro e a visão de toda aquela água...

Meu jantar subiu na minha garganta.

Os Hausses moravam em uma casa gigante em Bethesda, e Stella e eu passamos a noite pulando, curtindo as diferentes opções de música e entretenimento em cada espaço. Enquanto Stella saía para buscar bebidas para nós, eu entrei no quarto ao lado daquele em que estávamos e me vi enfrentando meu pior pesadelo aguado. Madeline me encurralou antes que eu pudesse sair, e aqui estávamos.

— Oh, eu conheço Alex *muito* bem — Madeline disse, e eu soube, com uma queda nauseante no estômago, que ela era uma das certas mulheres com quem ele tinha se envolvido. Eles ainda estavam envolvidos? Foi com ela que ele quase teve um encontro antes de eu emboscá-lo para a noite de cinema?

O ciúme me corroeu, quase superando minha náusea por causa do cloro.

— O que eu não entendo é por que ele estaria interessado em *você.* — Ela lançou seu olhar sobre mim. — Duvido que você consiga acompanhar os gostos dele no quarto.

Apesar de mim, a curiosidade mostrou sua cara feia. *Que*

Gostos?

— Você ficaria surpresa. — Blefei, esperando que ela revelasse mais informações.

Minha mente voltou ao meu sonho sexual estrelado por Alex, e meu coração disparou.

Madeline sorriu maliciosamente.

— Por favor. Você parece o tipo que espera beijos ternos e palavras doces na cama. Mas como você provavelmente sabe... — Seu sorriso se tornou vicioso. — Alex não faz nenhuma dessas coisas. É bem conhecido entre um certo segmento da população feminina de DC. Sem beijos, sem contato cara a cara durante o sexo. — Ela abaixou a cabeça para poder sussurrar em meu ouvido. — Mas ele vai te pegar por trás. Sufocá-la e te foder até você ver estrelas. Chamar você dos nomes mais imundos e tratá-la como uma vagabunda. — Ela se endireitou, seus olhos brilhando de triunfo em meu rosto escarlate. — Algumas mulheres gostam disso. Você... — Ela me olhou de novo com uma risada. — Volte para suas vendas de bolos, querida. Você está fora do seu alcance.

Meu corpo latejava com suas palavras, tanto de raiva por sua condescendência quanto de excitação impressionante com o quadro que ela pintou.

Estávamos atraindo atenção. Outros foliões se reuniram ao nosso redor, famintos por drama. Alguns até tinham seus telefones gravados. Achei que Madeline era a atração, porque

eu não era conhecida o suficiente para ser tão interessante.

— Talvez. — Eu disse, combinando com o veneno com mel da loira. — Ele simplesmente não gosta de olhar para *você* durante o sexo. Porque ele nunca teve esse problema comigo.

Mentiras. Mas ela não precisava saber disso.

Eu mantive minha cabeça acima da briga o melhor que pude, mas eu poderia jogar sujo quando a situação pedisse.

O sorriso de Madeline desapareceu.

— Ele vai enjoar de você em uma semana. Há uma quantidade limitada de açúcar que um homem como Alex pode ingerir antes de sentir dor de estômago.

— E ele só pode aguentar um pouco de amargura antes de chutá-lo para o meio-fio. — Eu levantei minhas sobrancelhas. — Mas você já sabe disso, não é? — Eu não tinha certeza de onde meu atrevimento veio, já que eu não era uma pessoa atrevida, mas Madeline trouxe todas as minhas garras.

Eu odiava ser o tipo de garota que brigava com outras garotas por um cara, mas ela me atacou primeiro. Eu não ficaria aqui e a deixaria passar por cima de mim.

A pele cremosa de Madeline ficou vermelha de raiva.

— Você está me chamando de amargurada?

Vá embora, meus melhores anjos me encorajaram. Quase

o fiz, até que imaginei Madeline e Alex juntos e as palavras saíram da minha boca.

— Sim e? O que você vai fazer a respeito?

Infantil. Tão assustadoramente infantil. Mas a provocação estava lá fora, e eu não podia...

Minha mente ficou em branco quando meu corpo caiu para trás e bateu na piscina com um respingo.

Ela me empurrou. Dentro da piscina.

A piscina.

Oh, bom...

Uma risada grotesca e ecoante irrompeu, mas soou fraca em comparação com o rugido em meus ouvidos. O choque e o pânico tomaram conta de mim, congelando meus membros, e tudo que pude fazer foi olhar para o sorriso torto de Madeline até meu rosto afundar na água.

Vou morrer.

18

Alex

— Onde ela está? — Eu agarrei Madeline pela garganta, resistindo à vontade de apertar até que eu limpei o olhar presunçoso de seu rosto.

Eu nunca levantei a mão para uma mulher fora do quarto, e então apenas se ela consentisse, mas eu estava perto de perder a cabeça.

Depois que vi o vídeo de Madeline empurrando Ava para a piscina, que reconheci de minhas visitas anteriores à mansão Hauss, quebrei todos os limites de velocidade para chegar aqui. Quando cheguei, a festa havia acabado e restavam apenas alguns retardatários. Encontrei Madeline rindo com seus amigos na cozinha, mas só precisei de um olhar furioso para ela se desculpar e me seguir até o corredor.

— Por que você não aperta um pouco seu aperto? — Ela ronronou. — Você sabe que você quer.

— Não estou aqui para jogar. — Eu estava segurando minha paciência por um fio. — Responda minha pergunta, ou as Indústrias Hauss acabaram.

— Você não tem esse tipo de poder.

— Não me subestime, querida. — Não foi um carinho. — Só porque fodemos algumas vezes não significa que você sabe o que ou quem eu tenho no bolso de trás. Portanto, a menos que você queira explicar ao querido e velho pai por que os reguladores estão respirando em seu pescoço e suas preciosas ações da empresa estão afundando, sugiro que me responda. Agora.

Os lábios de Madeline se comprimiram em uma linha fina.

— A amiga dela tirou-a da piscina e elas foram embora. — Disse ela, taciturna. — Como eu poderia saber que ela não sabe nadar?

Meu aperto aumentou e meus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio quando vi o brilho resultante de desejo em seus olhos.

— Reze para que ela esteja bem, ou a queda das Indústrias Hauss será a menor de suas preocupações. — Eu disse suavemente. — Não entre em contato ou chegue perto dela ou de mim novamente. Entendeu?

Madeline ergueu o queixo em desafio.

— Você. Entendeu. — Pressionei meu polegar na carne macia de seu pescoço, não o suficiente para machucar, mas o suficiente para fazê-la estremecer.

— Sim. — Ela sufocou, ressentimento revestindo sua voz.

— Bom. — Eu a soltei e fui embora, mantendo meus passos calmos quando tudo que eu queria era correr para a casa de Ava e verificar se ela estava bem. Ela não respondeu nenhuma das minhas ligações e mensagens de texto e, embora eu entendesse o porquê, ainda me deixava nervoso.

— Ela realmente vale a pena? — Madeline me chamou.

Eu não me incomodei em responder a ela.

Sim.

Quando cheguei ao meu carro, pisei fundo no acelerador e quase atropelei um grupo de garotos de fraternidade bêbados. Meu aperto estrangulou o volante enquanto eu imaginava como Ava deve ter se sentido quando ela caiu na piscina, ou como ela deve se sentir agora.

Uma mistura de preocupação e raiva se enrolou em meu estômago. Foda-se o que eu disse a Madeline antes. Ela colocou um grande alvo nas costas de sua família, e eu não descansaria até que as Indústrias Hauss fossem nada mais do que uma nota de rodapé na história corporativa.

Eu estacionei em frente à casa de Ava a tempo de ver Stella saindo. Desliguei o motor e cheguei à porta da frente em meia dúzia de longas passadas.

— Como ela está? — Eu exigi.

A preocupação se estampou no rosto de Stella.

— Ela poderia estar pior, dadas as circunstâncias. Eu estava pegando bebidas para nós quando ela entrou na sala de piscina... — Ela mordeu o lábio inferior. — De qualquer forma, eu a encontrei quando aquela mulher a empurrou para dentro da piscina. Eu a tirei antes que ela desmaiasse ou algo assim, mas ela está muito abalada. Jules ainda não está em casa e eu queria ficar com ela, mas ela disse que vai dormir e insistiu para que eu fosse embora. — As sobrancelhas de Stella se uniram. — Você deveria ver como ela está. Apenas no caso de...

Esse foi um grande pedido vindo de Stella, que menos gostou de mim entre os amigos de Ava, e isso disse muito sobre o estado atual de Ava.

— Eu assumo a partir daqui. — Passei por ela e entrei na sala de estar.

— Como você descobriu o que aconteceu tão rápido? — Stella me chamou.

— Online. — Foi tudo que eu disse. Fiz uma nota mental para ligar para meu técnico e pedir que ele apagasse todos os vestígios do vídeo da internet. Ele era a mesma pessoa com quem eu confiava para invadir os computadores dos meus concorrentes e desenterrar contas offshore. Cinco anos trabalhando juntos, e não houve um único vazamento ou trabalho que ele não pudesse completar. Em troca, paguei a ele dinheiro suficiente ao longo dos anos para que ele pudesse comprar uma ilha particular na costa de Fiji, se quisesse.

Eu subi as escadas de dois em dois até chegar ao quarto

de Ava. A luz que entrava pela fresta da porta me disse que ela ainda estava acordada, apesar do que dissera a Stella.

Bati meu dedo duas vezes contra a madeira. — É Alex.

Houve uma pequena pausa. — Entre.

Ava se sentou na cama, com o cabelo úmido e o olhar cauteloso enquanto ela me olhava. A preocupação diminuiu minha raiva quando vi como suas bochechas estavam pálidas e como ela estremeceu, mesmo que o aquecedor estivesse ligado e ela tivesse se enfiado embaixo de um edredom grosso.

— Eu vi o que aconteceu. Algum filho da puta filmou ao vivo nas redes sociais. — Sentei-me na beira da cama e resisti ao desejo insano de colocá-la em meu peito. — Eu sinto muito.

— Não é sua culpa. Não se culpe por coisas fodidas que outras pessoas fazem.

Um sorriso apareceu na minha boca enquanto ela jogava minhas palavras de volta para mim.

— Você tem um gosto terrível para mulheres. — Ava fungou. — Faça melhor.

— Madeline e eu terminamos. Nós nem mesmo começamos.

— Não foi isso que ela me disse.

Eu inclinei minha cabeça em seu tom rígido.

— Você é ciumenta? — O pensamento me agradou mais

do que deveria.

— Não. — Com sua carranca e sua blusa cinza fofa, ela parecia um gatinho zangado. — Até parece. E daí se ela for alta e loira e parecer uma modelo da Victoria's Secret? Ela é uma pessoa horrível. Da próxima vez que a vir, vou fazer Krav Maga na bunda dela.

Eu reprimi um sorriso completo. Ava tinha participado de uma única aula. Demoraria um pouco antes que ela fizesse alguma coisa na bunda de alguém, mas sua indignação era adorável.

— Ela não vai incomodar você de novo. — Eu fiquei sério. — A piscina...

— Achei que fosse morrer.

Eu vacilei, horror patinando através de mim com o pensamento.

— Achei que fosse morrer porque não sei nadar e tenho essa fobia idiota e estou *farta disso.* — Ava agarrou suas cobertas, sua boca apertada. — Eu odeio me sentir impotente e fora de controle em minha própria vida. Você sabia que um dos meus maiores sonhos é viajar pelo mundo e não posso nem fazer isso porque a ideia de voar sobre um oceano me deixa doente? — Ela respirou fundo, trêmula. — Eu quero ver o que está lá fora. A Torre Eiffel, as pirâmides do Egito, a Grande Muralha da China. Quero conhecer novas pessoas, experimentar coisas novas e viver a vida, mas não posso. Estou

presa. Quando eu estava naquela piscina, pensando que aqueles eram meus últimos momentos... percebi que não fiz nada do que quero fazer. Se eu morresse amanhã, morreria com uma vida inteira de arrependimentos, e isso me apavorou ainda mais do que a água. — Ela olhou para mim, seus grandes olhos castanhos arregalados e vulneráveis. — É por isso que preciso que você faça algo por mim.

Desta vez, fui eu quem engoliu em seco.

— O que é isso, Sunshine?

— Eu preciso que você me ensine a nadar.

19

Ava

Se eu tivesse que descrever Alex Volkov, várias palavras me ocorreriam. Frio. Lindo. Impiedoso. Gênio.

Paciente não era uma delas. Não estava nem entre as mil primeiras.

Mas, nas últimas semanas, tive que admitir que talvez tivesse que aumentar a lista, porque ele não tinha sido nada *além de* paciente enquanto me guiava por uma série de exercícios de visualização e meditação para me preparar para minha primeira sessão de natação de verdade.

Se você tivesse me dito há dois meses que eu estaria visualizando e meditando com Alex Volkov, eu teria rido pra caramba, mas às vezes a realidade é mais estranha do que a ficção. E sabe de uma coisa? Os exercícios ajudaram. Eu me visualizava perto de um corpo d'água e, em seguida, usava técnicas de respiração profunda e relaxamento para me acalmar. Comecei pequeno, com piscinas e lagoas, e fui subindo até os lagos. Alex também começou a me levar a corpos d'água para que eu pudesse ficar mais confortável perto

deles. Eu até mergulhei meu dedo do pé em uma piscina.

Eu não estava curada do meu medo de água, mas podia pensar sobre isso agora sem ter um ataque de pânico, na maioria das vezes. A ideia de voar sobre um oceano ainda me deixava mal do estômago, mas chegaríamos lá.

O mais importante era que eu tinha esperança. Se eu trabalhasse bastante, então talvez um dia, eu finalmente venceria o medo que me perseguia desde que eu conseguia me lembrar.

Mas essa não foi a única mudança sísmica em minha vida. Algo mudou em meu relacionamento com Alex. Ele não era mais apenas o melhor amigo do meu irmão, mas meu amigo também, embora alguns dos pensamentos que tive em relação a ele fossem menos do que platônicos. O que eu senti durante a nossa sessão de fotos não foi nada comparado às fantasias que passam pela minha mente agora.

Ele vai te levar por trás. Sufocá-la e te foder até você ver estrelas. Chamar você dos nomes mais imundos e tratá-la como uma vagabunda.

Esse foi o único trecho da minha conversa horrível com Madeline que eu não conseguia esquecer. Cada vez que eu pensava nisso, minhas coxas se apertavam e o calor inundava minha barriga. Eu também tinha vergonha de admitir que sim, eu me masturbava com fantasias de Alex fazendo... essas coisas comigo mais de uma vez.

Não que ele fosse fazer. Ele estava frustrantemente composto desde o meu incidente na piscina, sem olhares acalorados, sem toques prolongados, nenhum traço do desejo que eu tinha visto em seu rosto naquela nossa sessão de fotos.

Eu esperava que isso mudasse esta noite.

— Eu estou nervosa. — Stella se agachou atrás do sofá; ela era tão alta que teve que se curvar totalmente para que seus cachos escuros não aparecessem de cima. — Você está nervosa?

— Não. — Eu menti. Eu estava definitivamente nervosa.

Era o aniversário de Alex e eu estava dando uma festa surpresa para ele. Havia todas as chances de ele odiar surpresas e festas, mas me senti compelido a fazer *algo* por ele. Além disso, ninguém deveria estar sozinho no aniversário. Eu perguntei a Alex quais eram seus planos para esta noite, sem deixar transparecer que me lembrei que era seu aniversário, e ele disse que tinha documentos comerciais para examinar.

Documentos de negócios. Em seu aniversário.

Acho que não.

Como não conhecia nenhum de seus amigos, exceto Ralph, nosso instrutor de Krav Maga, mantive a lista de convidados pequena. Jules, Stella, Bridget, Booth e alguns outros alunos da KM Academy se esconderam na sala de estar de Ralph. Ralph havia concordado em ser o anfitrião da festa e fazer Alex pensar que era uma reunião casual de Halloween

para frequentadores regulares da academia; ele e Alex devem chegar a qualquer minuto.

Eu tinha rejeitado a ideia da festa à fantasia, Alex não me parecia um cara do tipo fantasias, mas esperava que a festa em si fosse uma boa ideia. A maioria das pessoas gostava de festas, mas ele não era a maioria das pessoas.

A porta de um carro bateu e meu estômago apertou com antecipação. — Shh! Eles estão aqui. — Eu disse em um sussurro alto.

Os murmúrios persistentes na sala escura se acalmaram.

— ...me ajude a configurar... — Disse Ralph, abrindo a porta e acendendo a luz.

Todos nós saltamos. — Surpresa!

Eu gostaria de ter minha câmera pronta, porque a expressão no rosto de Alex? Impagável. Ele parecia um manequim congelado, exceto pelos olhos, que mudaram dos balões que eu amarrei em vários móveis para o pôster feito à mão com os dizeres *Feliz aniversário, Alex!* em cursiva azul brilhante antes de descansar no meu rosto.

— Feliz aniversário! — Eu gritei, tentando conter meus nervos. Não pude saber se ele gostou ou odiou a surpresa, ou se foi indiferente. O homem era mais difícil de ler do que um livro de latim no escuro.

Sem resposta. Alex permaneceu congelado.

Jules veio ao resgate, ligando a música e encorajando as pessoas a comerem e se misturarem. Enquanto o resto da festa se dispersava, eu me aproximei dele e colei um sorriso brilhante.

— Enganei você, hein?

— Como você sabia que é meu aniversário? — Alex tirou a jaqueta e a jogou nas costas do sofá. Pelo menos isso significava que ele iria ficar.

Eu dei de ombros, me sentindo constrangida. — Você é o melhor amigo de Josh. Claro que eu sei.

Ele franziu a testa. — Você nunca comemorou meu aniversário antes.

— Há uma primeira vez para tudo. Vamos lá. — Eu puxei seu pulso. — Você tem vinte e sete anos! Isso significa que você tem que dar vinte e sete tiros.

Sua carranca se aprofundou. — Absolutamente não.

— Valeu a tentativa. — Eu sorri. — Só queria ver se você era burro o suficiente para fazer isso.

— Ava, eu sou um gênio.

— Um humilde também.

Alex esboçou um sorriso. Não era grande, mas estávamos chegando lá.

Demorou algum tempo, mas ele eventualmente relaxou

mais e mais durante a noite até que começou a comer e conversar com as pessoas como um ser humano normal. Eu fiz um bolo de veludo vermelho para ele, já que ele gostava de veludo vermelho, e cantamos ´´Parabéns pra você`` enquanto ele soprava as velas. Tudo normal.

Ele, no entanto, se recusou a participar quando um Ralph meio bêbado pegou sua máquina de karaokê.

— Vamos! — Eu insisti. — Você não tem que ser um *bom* cantor. Eu sou péssima, mas faço mesmo assim. É tudo uma boa diversão.

Alex balançou a cabeça. — Eu não faço nada a menos que seja bom nisso, mas não me deixe impedi-la.

— Isso é bobo. Como você pode ser bom em alguma coisa a menos que pratique?

Ele ainda não se mexeu, então eu suspirei e fiz uma serenata para a festa com uma versão desafinada de solo de Britney Spears “Oops I Did It Again” enquanto eles me aplaudiam. Alex se recostou no sofá, um braço estendido sobre as costas, os primeiros botões de sua camisa desabotoados. Um sorriso preguiçoso enfeitou seu rosto enquanto ele me observava cantar com o coração.

Ele parecia tão lindo e à vontade que tropecei na letra, mas todos me aplaudiram de pé de qualquer maneira.

A festa acabou algumas horas depois e eu insisti em ficar e limpar tudo, mesmo depois que Ralph me disse que cuidaria

disso. Todos se ofereceram para contribuir também, então nos dividimos em grupos diferentes, serviço de lixo, serviço de varredura, etc.

Alex e eu, de alguma forma, acabamos trabalhando juntos nos pratos. Ralph não tinha lava-louças, então lavei à mão enquanto ele secava.

— Espero que você tenha se divertido. — Falei, esfregando o açúcar endurecido de um prato. — Desculpe se quase lhe causamos um ataque cardíaco.

Sua risada enviou um friozinho na barriga em meu estômago. — Seria preciso mais do que uma festa surpresa para me causar um ataque cardíaco. — Ele pegou o prato de mim e enxugou-o antes de colocá-lo no suporte. Ver Alex fazer algo tão doméstico quanto enxugar pratos enviou outra vibração pelo meu sistema. *Eu tenho problemas sérios.* — Eu me diverti muito. — Ele limpou a garganta, suas bochechas corando. — Esta foi a minha primeira festa de aniversário desde a morte dos meus pais.

Eu congelei. Alex nunca tinha falado sobre seus pais antes, mas eu sabia por Josh que eles morreram quando ele era jovem, o que significava que ele não tinha uma festa de aniversário há pelo menos uma década.

Meu coração doeu por ele. Não por causa da festa, mas porque não podia mais comemorar com a família. Pela primeira vez, percebi como Alex deve ser solitário, sem nenhum parente no mundo, exceto seu tio.

— Então, o que você costuma fazer no seu aniversário? — Eu perguntei em uma voz suave.

Ele encolheu os ombros. — Trabalhos. Sair para uma bebida com Josh. Não é grande coisa. Meus pais fizeram disso um grande negócio, mas depois de sua morte, parecia inútil.

— Como... — Eu me parei antes de terminar a pergunta. O aniversário de um cara *não* era o momento certo para mencionar o método da morte de sua família.

Alex respondeu de qualquer maneira. — Eles foram assassinados. — Depois de um momento de hesitação, ele acrescentou: — O rival de negócios de meu pai ordenou o ataque e fez parecer que era uma invasão de casa que deu errado. Meus pais me esconderam um pouco antes dos intrusos nos encontrarem, mas eu vi... — Sua garganta balançou com uma engolida em seco. — Eu vi isso acontecer. Minha mãe, meu pai e minha irmã mais nova, que não se esconderam a tempo.

O horror tomou conta de mim com a ideia de alguém ter que testemunhar o assassinato de sua própria família.

— Eu sinto muito. Isso é... eu não tenho palavras.

— Está tudo bem. Pelo menos eles pegaram os bastardos que puxaram o gatilho.

— E o rival de negócios? — Eu perguntei suavemente.

Seu olho estremeceu. — O Karma vai pegá-lo.

Meu coração pesava no meu peito antes mesmo de algo mais horrível me ocorrer. — Seu HSAM.[7]

Alex deu um sorriso sem humor. — É uma verdadeira vadia. Eu revivo aquele dia todos os dias. Às vezes eu penso se eu poderia tê-los salvado, mesmo sendo apenas uma criança. Eu costumava ficar furioso com a injustiça de tudo isso até que percebi que ninguém dá a mínima. Não há nenhuma entidade lá fora me ouvindo gritar com eles. Só há vida e sorte, e às vezes ambas as coisas acabam com você.

Lágrimas arderam em meus olhos. Eu tinha me esquecido completamente dos pratos; meu coração doía muito.

Aproximei-me de Alex, que me observou se aproximar com uma expressão tensa.

— Às vezes, mas não o tempo todo. — Eu ouvi a conversa fraca de outros convidados na sala de estar, mas eles podem estar a anos luz de distância. Aqui, na cozinha, Alex e eu entramos em nosso pequeno mundo. — Há algo lindo esperando por você, Alex. Quer você o encontre amanhã ou daqui a alguns anos, espero que restaure sua fé na vida. Você merece toda a beleza e luz do mundo.

Eu quis dizer cada palavra. Sob a casca de gelo, ele era humano como todo mundo, e seu coração partido quebrou o meu cem vezes.

— Lá vai você, me romantizando de novo. — Alex não se

[7] Sigla em ingles de ´´memória autobiográfica altamente superior``

moveu quando dei mais um passo em sua direção, mas seus olhos queimaram com intensidade. — É muito tarde para mim, Sunshine. Eu destruo tudo que é belo na minha vida.

— Eu não acredito nisso. — Eu disse. — E isso não foi romantizar você. Você é.

Antes que eu perdesse a coragem, fiquei na ponta dos pés e o beijei.

Foi um beijo suave e casto, mas o efeito foi o mesmo de uma sessão completa de amassos. Faíscas consumiram minha pele e o calor em meu estômago ganhou vida. Estremeci com a sensação, meu pulso batendo tão descontroladamente que não conseguia ouvir mais nada. Os lábios de Alex eram frios e firmes, seu gosto era de especiarias e veludo vermelho, e eu queria me envolver em torno dele e devorá-lo até que cada pedacinho dele estivesse dentro de mim.

Alex permaneceu imóvel, seu peito subindo e descendo com respirações ásperas sob meu toque hesitante. Eu pressionei uma mão mais firme contra seu peito e corri minha língua ao longo da costura de seus lábios, buscando entrada.

Eu engasguei quando Alex me puxou em direção a ele e aprofundou o beijo. Sua mão agarrou meu cabelo e puxou, forçando minhas costas a arquear enquanto sua língua saqueava minha boca.

— Não é o romance em que você estava pensando, é? — Ele rosnou, seu aperto tão forte que meus olhos lacrimejaram.

Ele me girou de modo que a borda do balcão cavou em minha carne, e ele usou a outra mão para prender minha perna em volta de sua cintura. Sua grossa ereção pressionou contra meu núcleo, e eu me esfreguei contra ela descaradamente, desesperada pelo atrito. — Diga-me para parar, Sunshine.

— Não. — Dizer a ele para parar? Uma manada de cavalos selvagens não poderia me arrastar para longe.

Avancei minha mão por baixo de sua camisa, ansiosa para explorar a extensão de pele lisa e músculos rígidos sob meus dedos. Meu corpo inteiro pulsava de necessidade, e a possibilidade de alguém entrar e nos ver a qualquer momento aumentou ainda mais minha excitação. Foi apenas um beijo, mas parecia muito mais ilícito. Perigoso.

Alex gemeu. Sua boca reivindicou a minha novamente, e o beijo se tornou feroz. Eu o queria. Com fome. Ele foi implacável em sua invasão de meus sentidos, seu toque tão quente e possessivo que marcou minha pele, e eu me rendi a ele sem um pingo de resistência.

Eu estava prestes a desafivelar seu cinto quando ele se afastou com tanta força que tropecei para frente, desorientada pela perda repentina de contato. Meu núcleo latejava, meus mamilos podiam cortar diamantes e minha pele estava tão sensível que até mesmo o sopro de ar me fazia tremer. Mas quando a névoa de sensação se dissipou, percebi que Alex estava olhando para mim.

— Porra. — Ele esfregou a mão no rosto, sua carranca

feroz o suficiente para fazer homens adultos tremerem. — Porra, porra, *porra.*

— Alex...

— Não. O que diabos você estava pensando? — Ele mordeu fora. — Você achou que foderíamos na cozinha enquanto seus amigos estão na outra sala?

O calor queimou minhas bochechas. — Se isso é sobre Josh...

— Não é sobre Josh. — Alex beliscou a ponte do nariz e exalou uma respiração lenta e controlada. — Não inteiramente.

— Então, o que é? — Ele me queria. Eu sabia que sim; Eu senti isso, e não estou falando apenas sobre a protuberância enorme esticando suas calças. Sim, Josh tentaria nos matar se descobrisse o que aconteceu, mas ele não poderia ficar com raiva de nós *para sempre.* Além disso, ele não volta para DC até o Natal. Tínhamos tempo.

— Eu. E você. Juntos. Não vai funcionar. — O olhar de Alex se intensificou. — Quaisquer que sejam as fantasias que você tem de nós girando em sua linda cabeça, mate-as. Esse beijo foi um erro único. Isso nunca vai acontecer novamente.

Eu queria morrer de mortificação. Eu não tinha certeza do que teria sido pior, Alex não me beijando de volta, ou ele me beijando de volta e dizendo essas coisas. Eu queria discutir, mas já usei minha cota de ousadia para esta noite. Demorei muito para beijá-lo primeiro, e uma garota só consegue se jogar

em cima de um cara algumas vezes antes de se tornar humilhante.

— Certo. — Peguei um prato aleatório na pia e esfreguei, incapaz de olhá-lo nos olhos. Meu rosto estava tão quente que pensei que fosse explodir. — Entendo. Vamos fingir que isso nunca aconteceu.

— Bom. — Alex não parecia tão satisfeito quanto eu esperava.

Trabalhamos em silêncio, exceto pelo barulho da porcelana.

— Estou tentando salvar você, Ava. — Ele disse do nada, assim que terminamos todos os pratos e eu me preparava para sair.

— De que? — Recusei-me a olhar para ele, mas podia vê-lo me observando com o canto do olho.

— De mim.

Eu não respondi, porque como eu deveria dizer ao homem determinado a me salvar que eu não queria ser salva?

20

Alex

Eu estava em um caminho de guerra, e todos me deram um amplo espaço enquanto eu caminhava pelo corredor em direção aos elevadores. Minha nova assistente, que contratei após demitir a filha insípida do congressista por vazar meu número de celular para o CEO do Gruppmann, fingiu estar ao telefone quando eu passei, e o resto da equipe manteve os olhos grudados nas telas dos computadores, suas vidas dependiam disso.

Eu não os culpei. Eu tinha arrancado a cabeça das pessoas a torto e a direito na semana passada.

Incompetente, cada um deles.

Recusei-me a pensar em qualquer outro motivo pelo qual eu estava tão mal-humorado desde o meu aniversário, especialmente se aquele outro motivo por acaso fosse um metro e setenta com cabelo preto e lábios com gosto mais doce do que o pecado.

Ignorei as duas pessoas que saltaram do elevador quando me viram entrar e apertei o botão do saguão.

Aquele beijo de merda. Ele tinha se tatuado em minha mente, e me peguei pensando sobre isso, sobre o gosto e a sensação de Ava em meus braços muito mais do que deveria. Graças ao presente da minha memória, revivi aqueles poucos minutos na cozinha de Ralph como se fossem reais todas as noites no chuveiro, meu punho em volta do meu pau e meu peito queimando de ódio por mim mesmo.

Eu não tinha visto ou ouvido falar de Ava desde aquela noite. Ela faltou às nossas sessões de preparação para natação esta semana, e eu nem tive notícias dela diretamente. Jules foi quem mandou uma mensagem dizendo que Ava estava ocupada.

Sua ausência irritou mais do que eu gostaria de admitir.

Eu entrei no meu carro e deliberei. *Um. Dois. Três. Quatro.* Bati meus dedos contra o volante, pensando, antes de finalmente cerrar os dentes e definir o GPS para a Galeria McCann em Hazelburg.

Dezenove minutos depois, entrei na galeria, meus olhos passando rapidamente sobre o piso de madeira clara, as gravuras emolduradas penduradas nas paredes totalmente brancas e a meia dúzia de clientes bem vestidos vagando pelo espaço antes de me concentrar na morena atrás do balcão.

Ava sorriu para uma cliente, seu rosto animado e seu sorriso brilhante quando ela disse algo que fez a mulher sorrir de volta. Ela tinha um talento especial para fazer isso, trazendo a alegria aos outros.

Ela não tinha me notado ainda, e por um tempo, eu simplesmente a observei, deixando sua luz rastejar nos cantos sombreados da minha alma.

Assim que a cliente saiu, eu me aproximei, meus mocassins feitos sob encomenda silenciosos contra o piso polido. Não foi até que minha sombra a envolveu que Ava olhou para cima com um sorriso educado e profissional que murchou no segundo que ela me viu.

Ela engoliu em seco, e a visão daquele pequeno salto na garganta enviou uma sacudida indesejada de desejo direto para o meu pau.

Eu não tinha fodido ninguém exceto minha mão direita em meses, e o celibato estava confundindo meu cérebro.

— Oi. — Ela parecia desconfiada.

— Aqui. — Coloquei um telefone novo, o modelo mais recente, que ainda não estava disponível no mercado e me custou vários mil no balcão.

Sua sobrancelha franziu em confusão.

— Seu telefone atual está claramente quebrado, já que não recebi nenhuma mensagem sua nos últimos cinco dias. — Eu disse friamente.

A confusão durou uma batida antes de derreter em uma expressão provocante, e meu coração disparou como um maldito Rockette no Radio City Hall. Fiz uma nota mental para

discutir isso com meu médico durante meu check-up anual.

— Você sentiu a minha falta. — Disse ela.

Minhas mãos se enrolaram na borda do balcão. — Eu não.

— Você apareceu no meu trabalho e me comprou um telefone novo porque fiquei alguns dias sem lhe enviar mensagens de texto. — Os olhos de Ava brilharam com malícia. — Acho que isso equivale a sentir minha falta.

— Você está errada. Comprei o telefone para você, caso você precise de um novo para *emergências.*

— Nesse caso... — Ela empurrou a caixa na minha direção. — Eu não preciso disso. Meu telefone funciona bem. Eu apenas estive ocupada.

— Fazendo o que? Participando de um ashram silencioso no meio do deserto?

— Isso é para eu saber e para você nunca descobrir.

Uma veia latejava em minha têmpora. — Droga, Ava, isso não é engraçado.

— Eu nunca disse que era. — Ela jogou as mãos para o alto. — Eu não sei o que você quer que eu diga. Eu beijei você, você me beijou de volta, depois disse que foi um erro e concordamos em nunca mais fazer isso. Achei que você queria espaço e dei para você. Eu não sou uma daquelas garotas que persegue caras que não as querem. — Ava apertou os lábios.

— Eu sei que tudo está bagunçado entre nós desde sábado. Talvez precisemos... não passar tanto tempo juntos. Posso fazer as visualizações sozinha e, quando chegar a hora, posso encontrar outro instrutor de natação...

Minha pressão arterial atingiu um recorde.

— O inferno que você vai. — Eu rebati. — Você *me* pediu para te ensinar a nadar. *Fui eu* que trabalhei com você todas essas semanas. Se você acha que vou deixar algum filho da puta entrar e pegar o que é meu, você não me conhece de jeito nenhum. —Ava me encarou com os olhos arregalados de choque. — Estamos retomando as aulas neste fim de semana. Nem *pense* em tentar encontrar outra pessoa.

— Tudo bem, não há necessidade de gritar.

— Eu *não* estou gritando. — Eu nunca levantei minha voz. Certo.

— Então por que todos estão olhando para nós? — Ava estremeceu. — Merda, incluindo meu gerente. Ele está olhando diretamente para nós. — Ela se ocupou com os papéis atrás do balcão. — Eu prometo apenas aprender a nadar com você, ok? Agora saia antes que eu tenha problemas.

Eu me virei e vi um homem mais velho com uma peruca infeliz olhando para nós.

— Você recebe comissão de vendas? — Perguntei a Ava sem tirar os olhos de seu gerente, que marchava em nossa direção, sua pança balançando sobre o cinto a cada passo.

— Sim. Por que?

— Gostaria de comprar uma peça da galeria. — Voltei-me para Ava quando seu gerente nos alcançou. Seu crachá dizia Fred. Ele era um Fred, se é que já vi um. — A mais cara que você tem.

Seu queixo caiu. — Alex, a peça mais cara da galeria é...

— Perfeita para as suas necessidades, tenho certeza. — Fred interrompeu. Ele havia perdido a cara feia e agora sorria para mim como se eu fosse a segunda vinda de Jesus. — Ava, por que você não mostra para este cavalheiro a peça de Richard Argus ao luar?

Ela parecia inquieta. — Mas,,,

— Agora.

Meu sorriso cortou meu rosto com a precisão de uma faca afiada.

— Cuidado com o tom, Fred. Ava é sua melhor funcionária. Você não gostaria de perde-la ou quaisquer clientes que valorizem *muito a* opinião dela, não é?

Ele piscou, seus olhos correndo ao redor enquanto seu pequeno cérebro lutava para processar a ameaça não tão sutil por trás das minhas palavras.

— N-não, claro que não. — Fred gaguejou. — Na verdade, Ava, você fica bem aqui com este cavalheiro. Eu mesmo empacotarei a peça.

— Mas ela vai receber a comissão. — Eu arqueei uma sobrancelha.

— Sim. — O gerente acenou com a cabeça tão rápido que parecia uma boneca bobblehead. — Claro.

Enquanto ele corria para outra parte da galeria, Ava se inclinou e sibilou: — Alex, a peça custa $ 40.000.

— Mesmo? Merda.

— Tenho certeza que podemos...

— Achei que era caro. — Eu me permiti uma risada suave de sua expressão atordoada. — Não é grande coisa. Vou possuir uma nova obra de arte, você receberá uma comissão pesada e seu gerente vai beijar sua bunda até o fim dos dias. Vencer. Vencer.

Fred voltou com uma grande impressão em preto e branco.

Quinze minutos depois, a impressão havia sido embalada com o mesmo cuidado que se usaria para cuidar de um bebê recém-nascido, e minha conta bancária estava quarenta mil dólares mais leve.

— Este fim de semana, nosso horário normal, Z Hotel. — Eu disse a Ava depois de dispensar Fred.

Suas sobrancelhas se ergueram. Geralmente praticávamos em uma de nossas casas ou perto de um lago ou piscina de Thayer para que ela pudesse ficar mais confortável

perto da água.

— Tem a melhor piscina coberta de DC. — Expliquei. — Você está pronta para aulas de natação de verdade.

Ela estava pronta há um tempo, mas eu queria ter certeza antes de jogá-la no fundo do poço, por assim dizer.

Ava respirou fundo. — Mesmo?

— Sim. — Eu abri um sorriso torto. — Vejo você no sábado, Sunshine.

Saí da galeria com um humor notavelmente melhor do que quando entrei.

21

Ava

O dia finalmente chegou.

Fiquei a um metro e meio de distância da piscina, minha pele arrepiada, embora a temperatura oscilasse em quarenta graus, graças ao sistema de aquecimento de última geração do hotel.

Eu usava um maiô Eres de uma peça, cortesia de Alex, que me entregou a sacola de compras sem dizer uma palavra quando me pegou para a aula de hoje.

Depois de semanas aprendendo técnicas de relaxamento e me acostumando com a ideia de estar na água, era hora de entrar *na* água.

Eu queria vomitar. O pânico se apoderou de mim, suas garras geladas cavando em minha pele escorregadia de suor e tirando sangue invisível. Meu estômago bombeava no ritmo do meu coração selvagem, fazendo meu café da manhã espirrar como patos de borracha em uma banheira.

— Respire. — A voz calma de Alex me acalmou um pouco. — Lembre-se de nossas lições.

— OK. — Eu respirei fundo e quase engasguei com o cheiro de cloro. — Eu posso fazer isso, eu posso fazer isso. — Cantei.

— Eu vou primeiro. — Ele entrou na piscina até que estivesse com água até a cintura e estendeu a mão.

Eu o encarei, desejando que meus pés se movessem.

— Eu estarei bem aqui. Eu não vou deixar nada acontecer com você. — Ele irradiava uma confiança calma. — Você confia em mim?

Eu engoli em seco. — S-sim.

Percebi com um sobressalto que sim. Cem por cento. Alex pode não ser a pessoa mais legal ou mais fácil de se conviver, mas eu confiei nele com minha vida. Literalmente.

Avancei em direção à piscina e prendi a respiração quando entrei e agarrei sua mão, deixando sua força acalmar meus nervos trovejantes. A água espirrou em torno de minhas coxas e eu tropecei.

A sala de piscina do hotel girou, as paredes azuis claras e os ladrilhos de terracota brilhando diante de mim em um borrão. *Oh Deus, eu não posso fazer isso. Eu não posso...*

— Feche seus olhos. Respire fundo. — Disse Alex. — É isso...

Fiz o que ele instruiu, permitindo que sua voz me lavasse até que a maior parte do pânico diminuísse.

— Como você está se sentindo? — Ele perguntou.

— Melhor. — Limpei a garganta e tentei me concentrar em um pequeno espaço ao nosso redor, em vez de na piscina inteira. Era uma piscina de tamanho olímpico padrão, mas poderia muito bem ser o Oceano Atlântico. — Eu estou pronta.

Tão pronta como sempre estarei.

Começamos na parte rasa e Alex me fez andar para que eu pudesse me acostumar com a sensação da água e a flutuabilidade do meu corpo. Depois disso, fomos mais fundo até que eu estava submersa até meus ombros. Agarrei-me às técnicas de relaxamento que aprendi nos últimos meses e elas funcionaram, até chegarmos à parte da lição em que tive de colocar minha cabeça debaixo d'água.

Fechei meus olhos antes de mergulhar meu rosto, incapaz de suportar a visão da água correndo em minha direção.

— Ajuda! Mamãe, me ajude!

As palavras ecoaram em minha cabeça.

Tão frio. Tão escuro.

Eu não conseguia respirar.

Algo brilhou nas bordas da minha consciência. Uma vaga memória, talvez, mas flutuava cada vez que eu tentava apreendê-la.

— Por favor!

Eu afundei mais fundo.

Fundo.

Ainda mais fundo.

Por favor por favor por favor.

Eu não conseguia respira.

— Ava!

Eu engasguei, o som do meu nome me puxando de volta ao presente. Meus gritos ecoaram nas paredes de pedra antes de sumirem no esquecimento. Eu não tinha certeza de quanto tempo estava sob o efeito. Pareceram meros segundos, mas a julgar pelo quão fria eu estava e quanto minha garganta doía, deve ter sido mais tempo.

Alex agarrou meus braços, seu rosto branco.

— Jesus. — Ele respirou, puxando-me rudemente em seu peito enquanto eu sufocava um soluço. Não estávamos mais na piscina, ele deve ter me carregado durante meu mini blecaute. — Tudo bem. Você está bem. Estamos fora.

— Eu sinto muito. — Enterrei meu rosto em seu peito, envergonhada e furiosa comigo mesma. — Eu pensei que eu poderia fazer isso. Eu pensei...

— Você foi muito bem. — Disse ele com firmeza. — Esta é a sua primeira lição. Haverá mais e você ficará melhor a cada

vez.

— Promete?

— Eu prometo.

Eu estremeci, me enrolando em seu calor. Ele parecia forte e sólido sob meu toque, e mais uma vez fui atingida pela contradição que era Alex Volkov. Tão frio e indiferente ao mundo, mas tão caloroso e protetor quando queria. Eu o conhecia há oito anos, mas não o conhecia de todo.

Ele não era o homem que eu pensava que era. Ele era muito melhor, mesmo quando tentou me convencer de que era pior, e eu o queria como nada antes. Não apenas fisicamente, mas mentalmente e emocionalmente. Eu queria cada sombra de sua alma e cada pedaço de seu belo coração de várias camadas. Eu queria derramar nele cada gota de luz que eu tinha para dar até que ele me consumisse por inteiro. Até que eu fosse dele e ele fosse meu.

Nós ficamos lá, eu aninhada contra seu peito, ele com seus braços em volta de mim, até que meu pânico persistente desapareceu e eu criei coragem para dizer o que disse a seguir.

— Alex...

— Sim, Sunshine? — Ele passou a mão gentilmente pelo meu cabelo.

— Me beija.

Seu toque acalmou e ele enrijeceu.

— Por favor. — Lambi meus lábios. — Esqueça Josh ou... qualquer outra coisa que possa estar em sua mente. Se você me quer, me beije. Eu sei o que dissemos no seu aniversário, e sinto muito por voltar atrás na minha palavra, mas eu preciso de... — *Você.* — Eu preciso disso.

Alex fechou os olhos com expressão de dor.

— Você não tem ideia do que está me pedindo.

— Sim, eu sei. — Pressionei a mão contra seu abdômen, sentindo-o tremer sob meu toque. — A menos que você não queira.

Ele deixou de fora uma meia risada, meio gemido.

— Parece que eu não quero? — Ele agarrou minha mão e puxou-a para baixo até que descansou na parte mais masculina dele. Minha respiração gaguejou com seu calor e tamanho absolutos, óbvio mesmo sob seu calção de banho, e eu enrolei meus dedos em torno da haste grossa, fascinada pelo poder que eu segurava em minha palma.

Um rosnado baixo retumbou do peito de Alex.

— O que eu disse sobre ficar fora de problemas, Sunshine? Continue fazendo isso e você estará em um *mundo* de problemas.

— Talvez eu goste de encrenca. — Eu aumentei meu aperto, e ele soltou uma maldição. — Talvez eu queira ficar lá.

— Estou começando a achar que *você é* o problema do

qual eu preciso ficar longe. — Ele murmurou. Ele prendeu meu pulso ao meu lado, e uma onda de excitação passou por mim. — Mas não podemos. Você só... — Ele gesticulou em direção à piscina com a mão livre.

— Eu só o quê? Tive um ataque de pânico? Eu sinto isso o tempo todo quando estou perto da água. Se isso te incomoda, estamos em um hotel. Podemos encontrar um quarto. — Parecia que havia recuperado toda a ousadia que perdi depois de beijar Alex em seu aniversário.

Sua boca se inclinou para cima.

— Quando você ficou tão ousada?

— Quando enjoei de todo mundo me tratando como se eu fosse uma flor frágil que se quebra se alguém respirar em mim da maneira errada. Só porque tenho fobia de uma coisa específica, não significa que vou surtar em outras áreas da minha vida. — Fiz uma pausa e acrescentei: — Madeline me contou. Sobre o que você... o que você gosta na cama.

Sua expressão escureceu. O ar ficou pesado e meu coração deu um baque ansioso.

— O que, exatamente, ela disse a você? — Sua voz baixou para um decibel perigoso.

— Ela me disse... — Eu engoli em seco. — Ela me disse que você só faz isso por trás. Que você não gosta de beijos ou contato cara a cara durante o sexo. Que você...

— Eu o quê? — Alex perguntou suavemente.

— Que você gosta de sufocar e xingar as mulheres. Na cama. — O perigo no ar engrossou até que quase pude sentir o gosto, e minha bravata vacilou. *Talvez cutucar o tigre não fosse a melhor ideia...*

— No entanto, você ainda está aqui, me pedindo para beijá-la. — Seu aperto em meu pulso se transformou em ferro. — Por que isso, Sunshine?

Ele não negou, o que significava que devia ser verdade.

Meu coração disparou.

— Talvez... — Molhei os lábios com a língua, consciente de seus olhos rastreando o movimento da mesma forma que um leão faria com uma gazela. — Eu também goste dessas coisas.

As chamas queimaram as poças de gelo em seus olhos até que o calor queimou meu núcleo. Eu não podia acreditar que alguma vez o achei frio. Naquele momento, ele era um vulcão esperando para entrar em erupção e me engolir inteira.

E eu adoraria cada segundo.

Alex me soltou e se levantou, nenhum vestígio do homem paciente e reconfortante de hoje à noite à vista. Em seu lugar estava algo faminto e depravado que me fez tremer de luxúria.

— Levante-se. — Ele disse, sua voz suave, mas tão autoritária que obedeci sem pensar. — Você está prestes a

descobrir o que acontece quando se convida para a cova dos leões.

22

Alex

Não demorou muito para eu pegar a cobertura e quase arrastar Ava para a suíte luxuosa. Eu estava tão fodidamente duro que meu pau quase abriu um buraco na minha calça, e as imagens que eu tinha passando pela minha mente...

Porra. Eu iria destruí-la, mas qualquer resquício de consciência que eu possuía desapareceu no momento em que ela pronunciou essas palavras.

Talvez eu goste dessas coisas também.

Meu sangue rugiu com a memória.

Baby, você não tem ideia em que se meteu, pensei, fechando a porta atrás de mim.

Ava estava no meio do quarto, usando um vestido por cima do maiô e uma expressão meio nervosa. Com seus olhos de corça e traços inocentes, ela parecia uma virgem sacrificial aguardando execução.

Meu pau latejou mais forte.

— Tire suas roupas. — Eu disse, minha voz suave um

estalo de chicote no silêncio.

Parte de mim queria me enterrar profundamente dentro dela o mais rápido possível; a outra parte queria saborear cada momento.

Apesar de um leve tremor em suas mãos, Ava não hesitou. Ela manteve os olhos fixos nos meus enquanto abria o zíper do vestido e o material transparente amontoava-se em torno de seus tornozelos. O maiô foi o próximo, deslizando centímetro por centímetro torturante até que uma obra-prima de carne dourada nua se revelou.

Eu a devorei com meus olhos, captando cada detalhe e gravando-o em minha mente. Sua pele brilhava como bronze sob as luzes fracas da suíte, e seu corpo... Cristo. Bunda redonda, pernas longas, a boceta mais doce e seios firmes e empinados, não grandes, mas o suficiente para um punhado e com mamilos duros e rosados que eram perfeitos para chupar e mordiscar.

Seu peito subia e descia com cada respiração, e ela olhou para mim com nada além de confiança naqueles grandes olhos castanhos.

Oh, Sunshine. Se ao menos você soubesse.

Eu circulei ela, um predador brincando com sua presa, tão perto que eu podia sentir o cheiro de sua excitação.

Parei atrás dela e pressionei meu corpo contra o dela até que ela pudesse sentir minha ereção grande e dura como aço

contra a curva suave de sua bunda. Ela estava nua como no dia em que nasceu, enquanto eu estava totalmente vestido, e de alguma forma isso tornava a cena ainda mais suja.

Pressionei meus lábios em seu pescoço, apreciando a vibração rápida de seu pulso sob minha boca.

— Você quer que eu te leve, Sunshine? — Murmurei. — Arruinar você, deixá-la em uma bagunça patética, transformá-la em minha pequena boneca de merda?

Um gemido escapou de sua boca e disparou direto para minha virilha, endurecendo meu pau já dolorido. — S-sim.

— Você diz sim tão facilmente. — Lambi o oco entre seu pescoço e a mandíbula. Fiel ao meu apelido, ela tinha gosto de luz do sol e mel, e eu queria devorá-la. Alimentar da sua luz, consumir cada centímetro dela até que ela fosse minha e só minha. — Mas você sabe o que significa ser levada por mim?

Ava balançou a cabeça, um movimento rápido e pequeno que ressaltou sua inocência e ingenuidade.

Não por muito mais tempo. Uma vez que eu colocasse minhas mãos sobre ela, ela estaria suja. Quebrada. Assim como tudo que toquei. Mas ela seria minha. E eu era egoísta e cruel o suficiente para levá-la comigo enquanto incendiava o mundo.

— Isso significa que você é minha. Sua boca é minha... — Esfreguei meu polegar sobre seu lábio inferior antes de arrastá-lo para baixo em seu peito e beliscar seus mamilos. Ela

gemeu. — Seus seios são meus... — Desci, ajustando minha posição para poder apertar sua bunda. Forte. — Sua bunda é minha... — Eu estendi a mão e separei suas coxas, deslizando meus dedos por suas dobras escorregadias. Ela estava tão molhada que eles ficaram encharcados em segundos. — E sua boceta é minha. Cada centímetro de você pertence a mim, e se você deixar outro homem tocar em você... — Minha outra mão fechou em torno de sua garganta. — ...Ele vai acabar em pedaços, e você vai acabar amarrada na minha cama e fodida em todos os buracos até que meu nome seja o único de que você se lembra. Você entende?

Sua boceta apertou em torno de meus dedos. — Sim.

— Diz. A quem você pertence?

— Você. — Ava sussurrou. — Eu pertenço a você.

— Isso mesmo. — Eu deslizei meus dedos para fora de sua boceta e os coloquei em sua boca. Eu cantarolei em aprovação quando ela chupou e lambeu seus próprios sucos sem que eu pedisse. — Você prova isso, Sunshine? Esse é o gosto de você assinando sua vida. Porque de agora em diante, eu possuo você. Corpo, mente e alma.

Outro gemido, este ainda mais ansioso que o anterior.

Eu liberei meu domínio sobre ela.

— Fique de joelhos. — Ela afundou no chão, tão linda que fez meu peito doer e meu pau latejar. Eu agarrei seu cabelo e puxei para trás até que ela olhou diretamente para mim. — Se

ficar muito, toque na minha coxa. — Quando ela assentiu, puxei seu cabelo com mais força e ordenei: — Abra a boca.

Enfiei a cabeça do meu pau em sua boca esperando, lentamente empurrando mais fundo até que estava enterrado em sua garganta.

— *Porra.* — A sensação de sua boca me engolfando foi tão quente que um arrepio percorreu todo o meu corpo, e quase gozei ali mesmo. Eu não fazia isso desde que era adolescente, fazendo sexo pela primeira vez.

Ava piscou para mim, seus olhos lacrimejando do meu tamanho e do quão profundo eu estava, mas ela não bateu, então eu fiquei parado enquanto ela se ajustava. Depois do que pareceu uma eternidade, mas na verdade foram alguns segundos, ela começou a lamber e chupar, lentamente no início, mas rapidamente adquirindo um ritmo que a fez balançar a cabeça para cima e para baixo com entusiasmo.

Minha outra mão disparou para a parte de trás de sua cabeça e meu abdômen tremeu com o esforço de não descer por sua garganta antes que eu estivesse pronto.

— É isso. — Eu rosnei. — Chupe esse pau como uma boa putinha.

As vibrações de seu gemido subindo viajaram por todo o caminho até minha espinha. Comecei a empurrar dentro dela, cada vez mais rápido até que os únicos sons fossem da minha respiração irregular, carne batendo contra carne, e os

gorgolejos vindos de sua garganta. Eu fui tão duro que meio que esperava que ela finalmente batesse, mas ela nunca bateu.

Eu retirei no último segundo e gozei em todo seu rosto e peito, as grossas estrias brancas cobrindo sua pele com um brilho cintilante. Meu orgasmo queimou por mim, selvagem e quente, destruindo quaisquer dúvidas remanescentes que estavam em seu caminho, e eu vi meu esperma pingar do queixo de Ava com olhos possessivos e cheios de luxúria.

Um rubor rosa pálido de excitação manchou seu rosto, e seu olhar permaneceu preso ao meu enquanto sua língua disparava para lamber uma gota de esperma do canto de sua boca.

Puta merda.

Eu testemunhei ou participei de quase todos os atos sexuais imundos imagináveis, mas aquele pequeno movimento pode ter sido a coisa mais quente que eu já vi.

— Vá para a cama. — Eu ordenei, minha voz rouca. — Fique de quatro. Agora.

Suas mãos e joelhos mal tiveram tempo de bater no colchão antes de eu tirar minhas roupas e chegar por trás dela, espalhando suas coxas com minhas mãos.

— Você está muito molhada, minha linda puta. — Lambi seus sucos brilhantes de sua pele, saboreando o sabor e o perfume feminino delicado que deixava todo homem louco. Eu empurrei um dedo dentro de suas dobras apertadas e lisas e

fui recompensado com um gemido alto. — Você quer que eu coma essa sua boceta linda?

—Por favor. — Ava engasgou, empurrando de volta para mim. — Eu preciso, O*h Deus.* — Ela baixou a cabeça, seu grito abafado pelos travesseiros quando eu apliquei minha língua contra seu clitóris, alternando entre lambidas longas e lentas e movimentos rápidos. Eu estava com uma muita fome, por ela, por seu gosto, pela inocência quebrando debaixo de mim neste exato momento. Eu me deleitei com ela como um homem possuído, minha mão cavando em sua carne, meus dedos se curvando dentro dela até que eu encontrei o local que a fez resistir contra meu rosto. Eu gentilmente puxei seu clitóris com meus dentes, sacudindo sobre a protuberância sensível com minha língua, e ela explodiu, seus gritos reverberando nas paredes.

— Você tem um gosto bom “pra” caralho. — Eu rosnei, lambendo cada gota enquanto ela tremia sob o meu toque. — O aperitivo perfeito para esta noite.

Ava torceu a cabeça para olhar para mim, seu rosto corado de seu orgasmo e seus olhos redondos em choque. — *Aquilo* foi um aperitivo? Eu pensei em você...

— Sunshine, esta é uma refeição de doze pratos. — Eu rolei uma camisinha e deslizei meu pau já duro de novo ao longo de suas dobras encharcadas. — E estamos apenas começando.

Eu agarrei sua garganta e bati nela, e toda a conversa

parou, a menos que você contasse seus gemidos e meus grunhidos como conversa. Ela parecia o paraíso para o meu inferno, o mais perto que eu já cheguei da salvação, e ainda assim eu queria arrastá-la para as profundezas do Hades comigo. Eu a fodi com tanta força que estava com medo de quebrá-la, mas cada vez que eu relaxava, Ava emitia pequenos grunhidos de advertência que faziam meus lábios se curvarem em uma mistura de satisfação e diversão.

Acontece que meu cordeiro doce e inocente era na verdade uma vagabunda suja disfarçada, e eu nunca estive mais feliz por estar errado.

Eu a virei a tempo de vê-la gozar mais uma vez, seus olhos vidrados de prazer e suspiros me incitando a ir mais rápido e mais fundo até que eu também desmoronei em um orgasmo poderoso que me atingiu com a força de um furacão de categoria cinco.

Quando minha respiração desacelerou e desci do meu ápice, encontrei Ava olhando para mim com uma expressão estranha.

— O que é isso, Sunshine? — Eu escovei meus lábios nos dela, já me preparando para a próxima rodada. Se eu estava indo para o inferno por causa disso, eu poderia muito bem aproveitar cada segundo.

— Sem beijos ou contato cara a cara durante o sexo. — Ela murmurou. — Eu pensei que essas fossem suas regras.

Eu pausei. Ela estava certa. Essas *eram as* minhas regras, aquelas que criei depois de ter idade suficiente para perceber que as emoções não tinham nada a ver com sexo e os sentimentos não tinham lugar no quarto. Eu nunca as tinha quebrado, até esta noite. E eu nem tinha pensado sobre isso ou percebido até que Ava me lembrou. Eu gostava de foder por trás mais do que um homem comum, havia uma sensação de emoção que vinha com isso, e era por isso que era minha posição de escolha, mas eu queria *vê-la*. Para ver a maneira como ela reagia a cada mudança de movimento, para ver seu rosto quando ela desmoronou e gritou meu nome.

E foi então que percebi que estava bem e verdadeiramente fodido.

— Você está certa, querida. — Eu disse, encostando minha testa na dela com um suspiro resignado. *Estou. Fodido.* — Mas as regras não se aplicam a você.

23

Ava

Quando Alex e eu terminamos, eu estava exausta, e acordaria dolorida como o inferno amanhã, mas não me importei. Alex não se conteve e era isso que eu queria. Precisava.

De alguma forma, ao escolher deixar ir, eu nunca me senti mais poderosa. Força na fraqueza, controle na submissão.

— Você não está cansado? — Eu bocejei, observando Alex com os olhos meio caídos. Tínhamos feito isso pelo que deve ter sido horas, mas enquanto eu estava prestes a desmaiar, ele parecia alerta e acordado como sempre.

— Se por cansado você quer dizer que me deixou exausto, talvez. — Ele disse em um tom de provocação incomum. — Mas se você está perguntando se estou com sono, não.

— Como isso é possível? — Murmurei em meu travesseiro.

— Insônia, Sunshine. Eu durmo algumas horas por noite, se tiver sorte.

Eu fiz uma careta. — Mas isso é... — Outro bocejo enorme. — Não é bom. — Os humanos precisam dormir. Como Alex sobreviveu a todo esse tempo apenas algumas horas por noite? — Devemos consertar isso. Chá de camomila. Meditação. Melatonina... — Minha voz sumiu. Se ao menos minha cabeça não estivesse tão pesada e a cama não fosse tão confortável, eu poderia fazer um chá para ele ou encontrar uma meditação guiada no YouTube ou algo assim.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde. Você está exausta. — Ele passou a mão pela minha cabeça e eu ronronei enquanto me aninhava em seu toque. — Boa noite.

Minha respiração desacelerou conforme o sono assumiu. Eu pensei ter sentido um braço em volta da minha cintura e me puxando para perto, mas eu estava fora antes que pudesse confirmar.

Naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, dormi profundamente, sem pesadelos.

24

Ava

Alex e eu passamos o resto do fim de semana trancados em nossa suíte, sobrevivendo do serviço de quarto e orgasmos e batizando todas as superfícies, embora eu não tenha certeza de que batizando fosse a palavra certa para usar, considerando o quão sujas nossas atividades eram.

Sexo com Alex era sexo como eu nunca tinha conhecido. Cru. Animalesco. Destruindo a alma da melhor maneira possível. Isso quebrou todas as noções preconcebidas de quem eu era e me moldou em algo mais sombrio, mais depravado. Ele me chamou de Sunshine em um momento e sua puta no próximo.

E eu adorei.

Mesmo no seu estado mais frio, Alex sempre me tratou com respeito fora do quarto, mas dentro do quarto, eu era seu brinquedo. Sua para foder e usar no chuveiro, pressionada contra a janela, inclinada sobre a mesa e eu ansiava por isso tanto quanto ele.

Eu gritei, meu núcleo apertando em torno de seu pau pelo

que deve ter sido a milésima vez quando outro orgasmo rasgou e me quebrou em um milhão de pedaços de agonia extática.

Quando a névoa de prazer finalmente se dissipou, encontrei Alex olhando para mim com um sorriso malicioso.

— O que? — Murmurei, sonolenta demais para proferir mais palavras.

— Eu amo ver você se desfazer. — Suas mãos agarraram meus quadris possessivamente. — Só para mim, Sunshine. Nunca esqueça isso.

— O que você faria se eu fizesse? — Eu quis dizer isso como uma provocação, mas os olhos de Alex brilharam com perigo quando seus dedos cravaram em minha carne.

— Você teria o assassinato de um homem em suas mãos. É isso que você quer? — Ele roçou minha pele com o nariz antes de cravar os dentes na lateral do meu pescoço, me punindo e marcando ao mesmo tempo.

Dor e prazer explodiram em mim.

— Cuidado. — Eu respirei. — Ou você vai arruinar sua reputação de sexo insensível.

— Ninguém mais vai me ver assim. Só você.

Antes que eu pudesse controlar as borboletas fora de controle no meu estômago, alguém bateu na porta. — Quem é? — Eu perguntei, ainda tentando envolver minha cabeça em suas palavras. *Ninguém mais vai me ver assim. Só você.*

Um sorriso puxou minha boca.

— Serviço de quarto. Nós pedimos antes de você me encurralar e me atrapalhar. — Alex rolou para fora da cama e riu baixinho quando eu zombei e olhei para ele da minha pilha de travesseiros fofos e maravilhosos.

— Para alguém com uma memória supostamente 'superior', você parece ter esquecido que foi *você* quem me acordou com um... problema urgente. — Eu arqueei uma sobrancelha, lembrando da sensação de suas mãos em meus seios e seu pau esfregando contra minha bunda esta manhã.

— Eu fiz? — Ele deu um sorriso preguiçoso e eu quase derreti em uma pilha de gosma. Eu nunca me cansaria dos sorrisos de Alex. *Sinto muito, querido, mas acabou,* eu disse ao meu pobre coração. *Você não me pertence mais.* — Quão desconsiderado da minha parte.

Não foi até que ele trouxe nosso café da manhã que eu percebi que estava morrendo de fome.

Sexo, decidi enquanto mordiscava um croissant, *é minha forma favorita de exercício.*

Mas por mais incrível que o fim de semana tenha sido, tínhamos que voltar à realidade amanhã e havia coisas que ainda precisávamos discutir.

— Alex...

Ele suspirou e pousou o café.

— Eu sei.

— O que vamos dizer a Josh? — Eu estremeci, imaginando a reação do meu irmão. Eu deveria comprar uma armadura de corpo inteiro, apenas no caso.

— Nós dois somos adultos. É nossa decisão o que fazemos com nossas vidas. — Mesmo assim, Alex fez uma careta. — Contaremos pessoalmente quando ele voltar para casa no Natal.

Eu concordei. Ok, isso nos deu mais de um mês para nos preparar, embora eu não tivesse certeza de que algo nos prepararia para a tempestade de merda que Josh desencadearia quando descobrisse que sua irmãzinha e seu melhor amigo estavam dormindo juntos. O que me trouxe à minha próxima pergunta...

— Então, o que exatamente vamos dizer? Quero dizer... — Eu esfaqueei um morango, me odiando por trazer isso à tona durante um fim de semana tão feliz, mas também sabendo que precisávamos descobrir onde estávamos antes de cairmos em uma confusão de mal-entendidos e incertezas. — Somos amigos com benefícios? Namorando? Exclusivo ou não exclusivo?

Alex agarrou meu queixo e trouxe meu olhar para ele.

— O que eu te disse? Você é minha, Sunshine. Você nunca toca em outro homem, a menos que o queira a um metro e meio de profundidade. Então, sim, somos exclusivos “pra”

caralho.

Foi ruim que suas palavras me excitaram tanto? Provavelmente, mas não me importei.

— O mesmo para você e outras mulheres. — Eu fiz uma careta, lembrando de Madeline. — Não importa o quanto elas se joguem em você ou... ou pareçam uma supermodelo. Com quantas mulheres você já dormiu, afinal?

Seu aperto afrouxou, e sua risada sombria disparou em meu estômago.

— Com ciúmes, Sunshine? — Ele ronronou. — Eu gosto desse seu lado.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Não importa. — Alex me rolou até que eu estivesse embaixo dele novamente. — Tudo o que importa é que só vou dormir com uma mulher de agora em diante.

— Então, é isso que somos? — Eu engasguei quando ele deslizou seu pau rapidamente endurecido ao longo da minha fenda já molhada. — Amigos de foda?

— Entre outras coisas. — Ele pescou uma camisinha do nosso estoque cada vez menor, ele teve que sair ontem para comprar uma caixa, e prendeu meus pulsos acima da minha cabeça antes de empurrar para dentro de mim. — Você quer foder, nós fodemos. Você quer namorar, nós namoramos. Você quer me chamar de seu namorado, vou chamá-la de minha

namorada. Mas, por agora, deixe-me cuidar dessa sua bocetinha carente, sim?

E ele fez.

Meus gemidos desavergonhados encheram o ar enquanto Alex me prendia no colchão, suas estocadas tão ásperas que as molas da cama rangeram e a cabeceira da cama bateu contra a parede.

Uma sensação de formigamento floresceu na base da minha espinha. Estendi a mão para brincar com meus mamilos, minha respiração saindo em ofegos curtos. Eu estava perto. *Tão perto.* Eu estava indo...

O toque indesejado de uma chamada recebida interrompeu nossa sinfonia obscena de gemidos e grunhidos, seguida por uma voz fria.

— Alex.

Meus olhos se abriram. Fiquei boquiaberta com Alex, que olhou para mim com uma expressão calma enquanto ouvia quem estava do outro lado da chamada. O apaixonado e brincalhão Alex se foi; em seu lugar estava o homem de negócios Alex.

— Não, estou livre para falar. O que aconteceu com o desenvolvimento do Wilbur?

Livre para conversar? Ele *ainda* estava *dentro de mim!*

Ele não estava se movendo, mas eu podia sentir cada

centímetro duro dele enterrado entre minhas coxas.

Eu abri minha boca para protestar, mas ele me lançou um olhar de advertência e pressionou os dedos de sua mão livre em meu quadril, me silenciando.

— Bastardo. — Eu murmurei. Eu sabia que Alex era ambicioso, mas nunca esperei que ele atendesse uma ligação de negócios no meio de um sexo maldito.

O que era pior, eu estava prestes a gozar e fiquei me contorcendo de necessidade enquanto ele discutia a metragem quadrada e os planos de construção.

Eu rolei meus quadris para cima, desesperada por atrito. Seus olhos brilharam e seu aperto aumentou antes de ele deslizar para fora de mim. Ele silenciou a ligação, colocou no viva-voz e me puxou para fora da cama com um braço enquanto carregava o telefone com o outro.

— O que você está fazendo? — Envolvi minhas pernas em volta de sua cintura enquanto o homem do outro lado da linha falava monotonamente sobre as leis de zoneamento.

Alex me depositou ao lado do sofá. — Curve-se e abra as pernas.

A luxúria passou por mim em seu tom autoritário. Eu tremi, mas obedeci, colocando minhas mãos no braço, arqueando minhas costas e espalhando minhas pernas até que cada centímetro de mim estivesse à mostra para ele.

A satisfação se enrolou no meu estômago quando ouvi sua respiração aguda.

O homem parou de falar e Alex ativou o som da linha para responder à sua pergunta.

Eu podia ver meu reflexo na grande janela de vidro em frente ao sofá. Devassa e corada, meu cabelo despenteado da nossa maratona de sexo e meus seios pendurados pesados e cheios. Atrás de mim, Alex estava orgulhoso como um deus esculpido, seu rosto esculpido com luxúria brutal enquanto ele apertava minha bunda.

Meu gemido suave se transformou em um grito quando ele bateu em mim com força suficiente para que o sofá deslizasse alguns centímetros para frente.

— Não faça barulho. — Ele avisou. — Esta é uma ligação importante.

As chamas do desejo queimaram mais quentes. Eu deveria estar chateada por ele estar em uma ligação de negócios enquanto me fodia, mas eu estava tão excitada que não conseguia ver direito. Havia algo tão sujo e delicioso em foder enquanto seus parceiros tagarelavam, sem noção.

As estocadas de Alex pegaram um ritmo constante e punitivo até que eu não estava mais segurando o braço da poltrona, eu estava no sofá, meus quadris caídos sobre o braço, meu rosto enterrado nas almofadas, meus mamilos duros como pedra e clitóris inchado raspando contra o tecido

enquanto ele me fodia tão violentamente que meus pés levantaram do chão.

Durante todo o tempo, ele continuou sua ligação, retirando-a do mudo apenas quando precisava falar. Quando o fez, sua voz permaneceu calma e uniforme, embora eu pudesse ouvir sua respiração áspera nos momentos em que ele estava em silêncio. Eu não tinha mais ideia do que eles estavam falando, muito perdida em uma névoa de luxúria para decifrar palavras e frases específicas.

Um grito espontâneo saiu da minha garganta quando ele atingiu um ponto que fez minhas costas arquearem.

Alex agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás até que eu estivesse meio ereta novamente, enquanto sua outra mão se fechava em volta da minha garganta. Um aviso e um lembrete juntos. *Não faça barulho.*

Eu tentei o meu melhor. Eu realmente fiz. Mas eu estava uma bagunça, eu podia ver na janela, meu rosto coberto de lágrimas e olhos vidrados, minha boca frouxa enquanto orgasmo após orgasmo caía sobre mim em uma onda infinita e quente de sensação. Era possível morrer de muito prazer? Nesse caso, era isso que estava acontecendo. Eu estava morrendo com um milhão de pequenas mortes, cada uma me rasgando e me remendando apenas para a próxima me destruir novamente.

Outro soluço de prazer, que fez Alex soltar meu cabelo para que pudesse cobrir minha boca e abafar meus gemidos.

Uma mão na minha boca, uma mão em volta da minha garganta.

Eu gozei novamente, meu corpo inteiro estremecendo com a força da minha explosão.

Alex me fodeu mais forte, mais fundo, o sofá rangendo em protesto, ele havia deslizado até a metade do chão agora, seu progresso impedido apenas pela parede, e eu percebi que, de outra forma, estava tudo quieto.

A ligação acabou.

— Eu pensei que você era melhor em seguir as instruções, Sunshine — ele disse suavemente. — Eu não disse para você não fazer barulho?

Eu respondi com um murmúrio incoerente, minha tentativa fracassada de me desculpar.

— Sem palavras? — Alex deslizou sua mão da minha garganta até meus mamilos. Ele os beliscou com força, um após o outro, provocando outro gemido confuso. — Eu fodi seus miolos, minha linda vagabunda?

Considerando que eu nem conseguia lembrar meu nome, provavelmente.

E enquanto os minutos, horas, passavam um no outro, eu me perdi nele. Em nós.

No esquecimento doce, imundo e depravado.

25

Ava

Minhas amigas tiveram reações mistas ao meu novo status de relacionamento com Alex. Jules estava em êxtase, alegando que *sabia que* Alex tinha uma queda por mim e exigindo saber como ele era na cama. Recusei-me a responder, mas corei profundamente, e isso disse a ela tudo o que ela precisava saber. Acho que Jules teria morrido de decepção se as habilidades de Alex no quarto não correspondessem à promessa de sua aparência devastadora e presença intimidante. Felizmente para mim, elas fizeram.

Stella, entretanto, estava preocupada. Feliz por mim, mas preocupada. Ela me avisou para levar as coisas devagar e não me apegar muito forte, muito rápido. Não tive coragem de dizer a ela que o trem havia saído da estação há muito tempo. Talvez não a parte rápido demais, já que Alex Volkov roubou meu coração, aos poucos, ao longo dos anos, antes mesmo de eu achar que gostava dele, mas o mais difícil? *Coração, conheça a queda livre.*

Bridget era neutra. Eu suponho que as princesas eram inerentemente mais diplomáticas, e foi por isso que ela não

disse nada além de se eu estava feliz, ela estava feliz.

O espectro de Josh permaneceu no fundo, e eu agi tão nervosa durante nossa última ligação que ele exigiu saber o que estava errado. Eu disse a ele que tinha cólicas menstruais, o que o calou. A menstruação era péssima, mas eram uma arma útil para fechar as perguntas dos homens.

Hoje, porém, eu tinha outro membro da família em minha mente.

Acenei um tchau para Bridget e Booth, que me levaram até a casa do meu pai, a uma hora e meia de Hazelburg, então não precisei pegar o trem ou o ônibus e destranquei a porta da frente. A casa cheirava a ambientador com aroma de pinho, e meus tênis rangeram contra o chão polido enquanto eu procurava por meu pai.

Era seu aniversário na terça-feira. Como eu tinha aula, trabalho *e* uma sessão de fotos naquele dia, decidi surpreendê-lo hoje com seu bolo favorito da Crumble & Bake.

Eu ouvi sons vindos da sala e, quando entrei na sala, encontrei meu pai debruçado sobre papéis na mesa do canto.

— Olá pai. — Eu deslizei minha alça da bolsa do meu ombro e deixei a bolsa de couro bater no chão.

Ele olhou para cima, surpresa refletida em seu rosto quando me viu ali.

— Ava. Eu não sabia que você voltaria para casa neste

fim de semana.

Michael Chen não era um homem convencionalmente bonito, mas sempre o considerei bonito do jeito que todas as meninas achavam seus pais bonitos. Cabelo preto salpicado de grisalho nas têmporas, ombros largos e uma barba por fazer no queixo. Ele usava uma camisa polo listrada e calça jeans, sua roupa casual de escolha, e um par de óculos de aro metálico descansando na ponta de seu nariz.

— Eu não voltei. Bem, não o fim de semana inteiro. — Eu abri um sorriso estranho. — Queria passar aqui e desejar um feliz aniversário antecipado. — Coloquei a caixa de bolo na mesa. — Sinto muito, Josh e eu não podemos estar aqui no seu aniversário real, mas eu trouxe seu cheesecake favorito da C&B.

— Ah. Obrigado. — Ele olhou para a caixa, mas não a tocou.

Mudei meu peso de um pé para o outro, inquieta no silêncio.

Nunca fomos bons em conversar um com o outro. Felizmente, tivemos Josh para preencher nossas conversas com tagarelice sobre a escola de medicina, esportes e sua mais recente aventura de adrenalina. Paraquedismo, bungee jumping, tirolesa, ele fazia tudo.

Mas agora que Josh estava na América Central, eu percebi o quão pouco meu pai e eu tínhamos a dizer um ao

outro. Quando foi a última vez que tivemos uma conversa real, cara a cara?

Provavelmente nunca, desde que ele sentou comigo aos quatorze anos e explicou o que aconteceu com minha mãe.

— Não entendo. — Meu rosto se contorceu em confusão. — Você me disse que mamãe morreu de um problema cardíaco.

Eu não me lembrava da mamãe. Eu não me lembrava de nada antes do Blackout além de breves momentos que passaram pela minha mente em momentos imprevisíveis, um trecho de uma canção de ninar cantada em uma voz assustadora, o respingo de água seguido por gritos e risos, a queimadura de um joelho arranhado depois que caí da minha bicicleta. Vislumbres do passado que eram pequenos e fragmentados demais para significar alguma coisa.

Claro, havia meus pesadelos, mas tentei não pensar neles, exceto na terapia, e apenas porque era necessário. Phoebe, minha terapeuta, acreditava que desembaraçar meus pesadelos era a chave para desbloquear minhas memórias reprimidas. Eu não era uma psiquiatra treinada como ela, mas às vezes queria retrucar, talvez fosse melhor não *lembrar. Meu cérebro reprimiu as memórias por uma razão, e nada de bom poderia vir de liberar essas lembranças horríveis para o presente.*

Outras vezes, eu queria tirar aquela chave da minha mente distorcida com minhas próprias mãos e desvendar a verdade de uma vez por todas.

Meu pai apoiou as mãos nos joelhos e se inclinou para frente com uma intensidade que me enervou. — Isso não é totalmente verdade. — Ele rugiu com aquela voz profunda dele. — Dissemos isso porque não queríamos incomodá-la, mas Phoebe e eu concordamos que você tem idade suficiente para saber a verdade agora.

Minha pulsação bateu em advertência. Ele sabia. Uma tempestade estava chegando, pronta para chover por toda a minha vida como eu a conhecia. — Q-qual é a verdade?

— Sua mãe morreu de overdose. Ela... tomou muitos comprimidos um dia e seu coração parou.

Engraçado. Isso foi o que meu coração fez também. Apenas por um ou dois segundos, não o suficiente para me matar. Não como se tivesse matado minha mãe.

Porque coração parado era apenas um eufemismo para morte e tomou muitos comprimidos era apenas um eufemismo para cometeu suicídio.

Meu lábio inferior tremeu. Cravei minhas unhas em minha coxa até que marcas crescentes se gravassem em minha carne. — Por que ela faria isso?

Por que ela iria me deixar e Josh? Ela não nos ama? Não fomos o suficiente?

Os pais deveriam estar presentes para seus filhos, mas ela escolheu o caminho mais fácil e foi embora.

Eu sabia que era injusto, porque não tinha ideia do que ela estava passando, mas isso só me irritou mais. Não só eu não tinha minha mãe, mas também nem mesmo tinha lembranças dela. Isso não foi culpa dela, mas eu a culpei de qualquer maneira.

Se ela estivesse aqui, poderíamos ter feito novas memórias, e a ausência das antigas não importaria tanto.

Meu pai esfregou a mão no rosto.

— Ela não deixou carta. — Claro que não, *pensei amargamente. — Mas eu imagino que ela se sentiu... culpada.*

— Sobre o que?

Ele se encolheu.

— Sobre o quê, pai? — Minha voz se elevou. Meu pulso estava acelerado agora, tão alto que quase não ouvi sua resposta.

Quase.

Mas eu fiz, e quando registrei suas palavras, provei o veneno de sua verdade, meu peito desabou sobre si mesmo.

— Sobre o que aconteceu no lago quando você tinha cinco anos. Como você quase se afogou. Como ela empurrou você.

Eu respirei fundo, meus pulmões ávidos por oxigênio.

Meu pai destruiu meu mundo naquele dia no meu quarto. Foi por isso que fiquei tão feliz quando fui para a faculdade.

Eu odiava a memória daquela conversa e a maneira como suas palavras haviam ecoado nas paredes. Elas sussurravam para mim toda vez que eu caminhava pelos corredores, me provocando, transformando meu passado em novas verdades.

Sua própria mãe não te amava. Sua própria mãe tentou matar você.

Pisquei para conter as lágrimas repentinas e coloquei um sorriso no meu rosto. Os sorrisos me ajudaram em tempos difíceis. Eu li na internet que o ato físico de sorrir, mesmo que você esteja infeliz, pode melhorar seu humor ao enganar seu cérebro para liberar hormônios que induzem a felicidade. Então, eu sorria o tempo todo quando era adolescente, e as pessoas provavelmente pensavam que eu era louca, mas era melhor do que afundar em uma escuridão tão profunda que talvez nunca tivesse arranhado meu caminho para sair.

E quando sorrir sozinha se tornou muito difícil, procurei outros motivos para ser feliz, como a beleza de um arco-íris após uma tempestade, o doce sabor de um biscoito perfeitamente assado ou lindas fotografias de cidades cintilantes e paisagens épicas ao redor do mundo. Funcionou... na maior parte.

— ...do bolo?

A voz do meu pai me tirou da minha viagem pela estrada da memória.

Eu pisquei. — Desculpa, o que?

Ele ergueu uma sobrancelha. — Você quer um pedaço do bolo? — Ele repetiu.

— Oh, uh, claro.

Ele pegou a caixa de bolo e nós caminhamos silenciosamente para a cozinha, onde ele silenciosamente cortou nossas fatias e nós mastigamos silenciosamente.

Estranho com E maiúsculo.

Eu me perguntei o que havia de errado conosco. Meu pai nunca teve problemas para conversar e rir com Josh. Por que ele agia tão estranho perto de mim? E por que eu agia tão estranhamente perto dele? Ele era meu *pai,* mas eu nunca fui capaz de me abrir totalmente para ele.

Ele pagou minhas contas, me alimentou e me protegeu até que eu fosse para a faculdade, mas Josh foi minha verdadeira caixa de ressonância ao longo dos anos, aquela que eu ia sempre que queria falar sobre meu dia ou tinha problemas com a escola, amigos ou para seu desgosto, rapazes.

Era mais do que o fato de meu pai ser uma figura de autoridade e Josh ser mais próximo da minha idade. Não tive problemas para me conectar com professores e pais de meus amigos.

Foi outra coisa. Algo que eu não consegui nomear.

Mas talvez essa seja apenas a natureza dos pais asiáticos

de certa idade. Não faz parte da nossa cultura demonstrar afeto abertamente. Não dizemos *eu te amo* ou nos abraçamos o tempo todo como a família de Stella. Os pais chineses mostram seu amor por meio de ações, não de palavras, trabalhando duro para sustentar seus filhos, cozinhando, cuidando de seus filhos quando estão doentes.

Eu cresci sem querer nenhum bem material, e meu pai pagava minha mensalidade integral na Thayer, o que não era barato. Claro, ele desaprovava minha carreira de fotógrafa, e eu tive que financiar todo o meu equipamento sozinha. E sim, ele tinha favoritismo por Josh, provavelmente porque ele manteve uma preferência cultural profundamente arraigada por filhos em vez de filhas. Mas no grande esquema das coisas, eu tive sorte. Eu deveria ser grata.

Ainda assim, seria ótimo se eu pudesse manter uma conversa normal com meu próprio pai sem que isso evoluísse para um silêncio constrangedor.

Eu cortei meu bolo, me perguntando se alguma surpresa de aniversário antecipado tinha sido tão patética quanto esta, quando minha pele formigou.

Eu olhei para cima e o formigamento se transformou em calafrios.

Lá.

Talvez seja por isso que eu nunca me abri com meu pai, porque às vezes eu o pegava me olhando assim.

Como se ele não me conhecesse.

Como se ele me odiasse.

Como se ele me temesse.

26

Ava

— Não é seguro.

Bridget se ergueu em seus um metro e setenta e lançou um olhar gelado para o homem de cabelos escuros que a encarava de volta. Ballsy, considerando que ela era a princesa e ele o guarda-costas, mas Rhys Larsen não era Booth. Isso ficou claro desde que ele chegara a Hazelburg para assumir as funções de proteção de Booth.

Havíamos feito uma grande festa de despedida de Booth na Cripta e enviamos orações rápidas para que o novo guarda-costas de Bridget fosse tão legal quanto Booth.

Orações não respondidas.

Rhys era rude, mal-humorado e arrogante. Ele deixava Bridget louca, o que era incrível, já que ela nunca perdia a paciência. Nos últimos sete dias, no entanto, eu a vi prestes a *gritar.* Fiquei tão chocada que quase deixei cair minha câmera.

— O Fall Fest é uma tradição anual. — Disse ela com uma voz majestosa. — Tenho participado todos os anos nos últimos três anos e não pretendo parar agora.

Os olhos cinzentos de Rhys piscaram. Ele era um pouco mais novo do que Booth, talvez trinta e poucos anos, com cabelo preto espesso, olhos da cor de bronze e uma estrutura larga e musculosa que se elevava sobre a graça de pernas longas de Bridget, mesmo quando ela usava salto alto. A barba por fazer sombreava seu queixo e uma pequena cicatriz irregular cortava sua sobrancelha esquerda. Sem a cicatriz, ele seria desconcertantemente lindo; com isso, ele ainda era desconcertantemente lindo, mas também perigoso. Mais ameaçador.

Boa qualidade para se ter um guarda-costas, eu suponho.

— É um problema de gestão de multidões. — Sua voz retumbou pelo carro, profunda e autoritária, embora ele fosse tecnicamente empregado de Bridget. — Muita gente, muito perto.

Stella, Jules e eu sabiamente ficamos quietas enquanto Bridget correspondia a ele um olhar furioso.

— É um evento da faculdade. Deve haver uma multidão, e eu nunca tive problemas antes. Metade das pessoas lá nem sabe quem eu sou.

— Leva apenas uma pessoa, uma vez. — Rhys rebateu, seu tom até. — Uma olhada e eu sei que o festival está acima da capacidade máxima.

— Isto é ridículo. Não estou entrando em uma zona de guerra e há menos pessoas do que em um jogo de esportes.

Ninguém nunca disse que eu não poderia comparecer a um *desses.*

— As medidas de segurança e o layout dos jogos esportivos são...

— Suficiente. — Bridget ergueu a mão. — Eu me recuso a ficar em minha casa como uma princesa trancada em uma torre no meu último ano de faculdade. Eu estou indo, e você pode ficar no carro ou vir comigo. — Ela abriu a porta do carro e saiu sem olhar para trás.

As narinas de Rhys dilataram-se, mas ele a seguiu um segundo depois, aqueles olhos agudos dele constantemente vagueando, em busca de perigo.

Jules, Stella e eu corremos atrás deles.

Fall Fest foi um dos eventos mais esperados do ano letivo. As empresas locais montaram estandes para vender alimentos sazonais e produtos com desconto para estudantes, chocolate quente decadente e rosquinhas de cidra de maçã, tortas de abóbora e sanduíches de porco desfiado. Havia jogos e atividades clássicas como sacudir as maçãs, leituras de tarô, porque se tratava da faculdade, uma porta traseira onde ex-alunos e alunos locais se reuniam para beber o quanto quisessem.

Rhys estava certo, havia mais gente do que o esperado no festival, mas não era nada em comparação com as festas do feriado de primavera que tínhamos comparecido no passado.

Eu entendi por que ele estava preocupado, mas eu também concordei com Bridget que ele estava exagerando um *minúsculo* bit.

Bridget o ignorou enquanto aproveitamos toda a comida e atividades oferecidas. O Fall Fest foi um alívio do estresse necessário entre as provas intermediárias e as finais, e nos divertimos muito, na maior parte do tempo.

— Ele está me deixando louca. — Disse Bridget um pouco depois, em voz baixa. Ela tomou um gole de chocolate quente com uma expressão taciturna. — Sinto falta de Booth.

Olhei por cima do ombro para Rhys, que nos seguiu com uma expressão impassível. Ou ele não ouviu o que ela disse, ou ele tinha a melhor cara de pau do mundo.

Aposto no último. Tive a sensação de que não havia muito, se é que havia alguma coisa, que Rhys Larsen não visse, ouvisse ou notasse.

— É a primeira semana dele. — Stella tirou uma foto de sua bebida antes de prová-la. — Booth está com você há anos. É natural que Rhys seja mais superprotetor. Dê-lhe tempo.

— Eu suponho. — Bridget suspirou. — Eu não sei como Nik faz isso. Ele tem o dobro da segurança que eu faço porque ele é o príncipe herdeiro, e há tanta coisa em seus ombros. — Ela balançou a cabeça. — Estou feliz por ser a segunda na linha de sucessão ao trono.

— Você quer dizer que não quer governar, Sua Majestade?

— Eu provoquei. — Você poderia ser uma rainha e ver seu rosto em um selo postal.

Bridget riu.

— Não, obrigada. Por mais tentador que seja um selo postal com meu rosto, prefiro um pouco de liberdade. — Ela lançou um olhar sombrio na direção de Rhys. — A menos que meu guarda-costas tenha outras ideias.

— Ele é rígido, mas pelo menos é delicioso. — Jules disse em um sussurro. — Sem ofensa para Booth, mas *ufa.* — Ela se abanou.

— É só nisso que você pensa? — Bridget perguntou, claramente dividida entre o riso e a frustração.

Uma sombra deslizou pelo rosto de Jules antes de desaparecer.

— A maior parte do tempo. Gosto de pensar em coisas agradáveis. Falando nisso... — Ela se virou para mim. — Cadê o Lover Boy?

Revirei os olhos, um rubor espalhando-se por minhas bochechas.

— Não o chame assim, e ele está ocupado dirigindo uma empresa. Ele não tem tempo para eventos da faculdade.

— Você tem certeza disso? — Stella inclinou o queixo para algo atrás de mim.

Eu me virei, meu coração pulando na minha garganta quando vi Alex parado atrás de mim. Em seu suéter de cashmere marinho e jeans, ele era uma figura sofisticada entre a multidão de estudantes universitários bêbados e professores amarrotados.

Eu não pude evitar, corri e joguei meus braços ao redor dele.

— Achei que você tivesse trabalhando!

— Eu acabei mais cedo. — Ele deu um beijo em meus lábios e eu suspirei de prazer. — Estou com saudades do Fall Fest.

— Uh-huh. Tenho certeza de *que é disso* que você sente falta. — Brincou Jules.

Minhas amigas nos olharam fascinados, e percebi que essa era a primeira vez que nos viam juntos como um... casal? Eu não tinha certeza de como chamar nosso relacionamento. Casal parecia muito mundano, mas imaginei que éramos isso.

Saímos, conversamos durante a noite e fizemos sexo selvagem e explosivo. Alex Volkov e eu éramos um casal.

As borboletas no meu estômago estremeceram de excitação.

Alex ficou conosco até o final do Fall Fest. Ele se recusou a jogar a maioria dos jogos do festival, mas nós o convencemos a tirar fotos na cabine de fotos com tema de abóbora.

— Você percebeu que essas são as primeiras fotos que temos de nós dois? — Acenei as Polaroids em triunfo. — Se você não as pendurar na sua sala de estar, ficarei ofendida.

— Não sei. Você não combina com a minha decoração. — Ele disse em um tom suave.

Eu dei um tapa no braço dele, ganhando uma risada rara. Stella quase engasgou com seu chocolate quente de tão chocada.

Foi uma tarde perfeita: ótima comida, ótimo clima, ótima companhia. O único susto ocorreu quando Alex se cortou em algo pontiagudo em uma das cabines. O corte foi profundo o suficiente para que o sangue jorrasse e escorresse por seu dedo.

— Está tudo bem. — Disse ele. — É só um arranhão.

— Você está sangrando. — Eu plantei minhas mãos em meus quadris. — Temos que limpar e enfaixar. Vamos. — Meu tom não admitia oposição.

De jeito nenhum ele estava andando por aí com sangue escorrendo pela mão. E se ele infeccionar?

A boca de Alex se curvou.

— Sim, senhora.

Eu bufei com a diversão dele, ele estava *sangrando,* e o arrastei para o centro de saúde do campus, onde o estudante de aparência entediada nos forneceu uma gaze e um curativo.

Lavei o corte com água corrente da torneira no banheiro e enxuguei com a gaze.

— Segure firme. — Joguei a gaze no lixo e abri o curativo. — Você deveria ter sido mais cuidadoso. — Eu resmunguei. — Você tem sorte de não estar gravemente ferido. O que diabos você estava pensando?

Eu olhei para cima e encontrei Alex me olhando com um pequeno sorriso.

— O que?

— Você é fofa quando está preocupada.

Eu pressionei meus lábios, lutando para conter meu sorriso.

— Não tente ser doce para se livrar dos problemas.

— Eu estou com problemas? — Ele falou lentamente. Ele chutou a porta com o pé e a trancou com a mão livre.

Meu pulso disparou. — Sim.

— Você acha que estou agindo doce?

Eu dei um pequeno aceno de cabeça.

Alex me colocou na pia.

— É melhor remediar essas duas coisas, não é?

Meus dentes cravaram em meu lábio inferior quando ele empurrou meu vestido por cima do meu peito e roçou os dentes

sobre meus mamilos através da renda fina do meu sutiã.

— Alex, estamos no centro de saúde estudantil. — Eu falei, querendo que ele parasse e continuasse. Todo mundo estava no Fall Fest, então o centro não estava cheio, mas a recepcionista estava sentada a alguns metros de distância da porta e as paredes frágeis eram tudo *menos à* prova de som.

— Estou ciente. — Ele puxou meu sutiã de lado com os dentes e esbanjou atenção em meus seios enquanto sua mão sem curativo encontrou o ponto ideal entre as minhas pernas. Eu já estava encharcada por ele, minhas coxas escorregadias com meus sucos enquanto ele me deixava louca com sua boca e dedos. Sua ereção pressionou contra minha perna, grossa e dura como um tubo de aço, mas quando eu estendi a mão para ela, ele bateu em minha mão.

— Espero que você não seja apegada à sua roupa íntima. — Disse ele.

Minhas sobrancelhas se juntaram.

— O qu… — O som de tecido rasgando respondeu minha pergunta incompleta.

A boca de Alex se curvou em um sorriso malicioso com a minha expressão chocada.

— Já que estabelecemos que você é uma gritadora, — Disse ele. — Abra sua boca.

Minha resistência entrou em colapso.

Eu abri minha boca e ele enfiou minha calcinha, abafando meu gemido. Estremeci quando provei a maciez da minha excitação.

Eu estava latejando agora, tão excitada que não conseguia ver direito. Havia algo tão erótico em saber que alguém poderia nos pegar a qualquer minuto.

Alex voltou sua atenção para meus seios enquanto deslizava um dedo, depois dois, em minhas dobras escorregadias. Eu agarrei seu cabelo, puxando com tanta força que deve ter doído enquanto ele me levava ao frenesi, mas se doeu, ele não demonstrou.

Ele ergueu a cabeça do meu peito e me observou com olhos ardentes.

— É isso, Sunshine. — Ele murmurou, seus músculos tensos enquanto ele me fodia com o dedo mais forte. Ele estava com os nós dos dedos profundamente dentro de mim agora, os sons obscenos dele deslizando para dentro e para fora do meu núcleo encharcado, criando uma sinfonia suja que intensificou minha excitação. Eu montei sua mão descaradamente, baba vazando dos cantos da minha boca enquanto eu gritava em torno da minha mordaça improvisada.

— Goze para mim como uma vagabunda.

Eu fiz. Duro, rápido e infinito, voando alto em uma explosão de felicidade estrelada.

Quando finalmente desci, vi que ele tinha desabotoado as

calças e estava agarrando seu pênis. Não demorou muito para que ele explodisse, jorrando jatos grossos e quentes por todas as minhas coxas.

— Não. — Ele disse quando eu estendi a mão para me limpar. Ele puxou minha calcinha rasgada da minha boca e a embolsou, seus movimentos rápidos e precisos. — Eu quero que você ande por aí com meu esperma em você para que saiba exatamente a quem você pertence.

O calor empolou minhas bochechas.

— Alex. — Eu assobiei. — Eu não posso sair por aí sem calcinha e...

— Você pode, e você vai. — Seus dedos roçaram minhas coxas, onde o esperma já estava secando. — Quanto mais rápido você obedecer, mais rápido podemos sair e ir para casa, onde você pode tomar banho. Com ajuda — ele acrescentou com um sorriso malicioso.

— Você é louco. — Mas eu fiz o que ele pediu, puxando meu vestido de malha para baixo e arrumando meu cabelo. Não consegui olhar a recepcionista nos olhos enquanto saíamos. Ela provavelmente sabia o que tínhamos feito, porque demorou mais tempo *que* o necessário para colocar curativo em um ferimento.

O vento roçou minha nudez quando nos juntamos aos nossos amigos e eu pulei, ganhando um sorriso malicioso de Alex e olhares estranhos de todos os outros.

— Você está bem? — Stella perguntou. — Você parece corada.

— Sim. — Eu chiei. — Só, ah, um pouco de frio. — Enquanto os outros se distraíam com o início do concurso de comer tortas, dei um tapa no braço de Alex. — Você vai pagar por isso.

— Estou ansioso por isso.

Revirei os olhos, mas não conseguia ficar com raiva dele, especialmente porque parte de mim amava como me sentia suja andando por aí assim.

— Tenho uma pergunta séria. — Disse eu, enquanto observávamos dois idosos comendo suas tortas de abóbora. — O que você vai fazer no dia de Ação de Graças?

— Eu imagino que vou comer peru em algum lugar. — Ele disse casualmente.

— Você... quer vir para minha casa no fim de semana? Já que seu tio não comemora e tudo. Não que você precise. — Acrescentei rapidamente.

— Sunshine, passei todo o Dia de Ação de Graças com sua família nos últimos oito anos.

— Eu sei, mas Josh não está aqui este ano, e eu não queria presumir. Quer dizer, conhecer o meu pai...

Os olhos de Alex brilharam de tanto rir.

— Eu já conheci seu pai.

— Certo. Mas... — Eu hesitei. — Eu acho que não importa. Não podemos contar a ele que estamos namorando até contarmos a Josh, mas seria suspeito se aparecêssemos juntos? Os pais têm um radar de detecção de mentiras estranho. E se ele...

— Ava. — Ele colocou as mãos nos meus ombros. — Você quer que eu passe o Dia de Ação de Graças com você?

Eu concordei.

— Então é isso que estou fazendo. Não pense demais.

— Diz o Rei do Pensamento Exagerado. — Murmurei, mas estava sorrindo.

27

Ava

Todos os anos, minha família comemorava o Dia de Ação de Graças com um toque chinês. Em vez de peru e purê de batata, comemos pato assado, arroz, bolinhos de massa e sopa de bolo de peixe. Em termos de comida, este ano foi o mesmo, mas sem Josh, o jantar tinha sido duas horas de silêncio e constrangimento. Alex e meu pai tiveram algumas conversas breves sobre futebol e trabalho, e foi isso. Acho que meu pai estava estressado com algo em seu escritório. Ele parecia mais irritado do que o normal.

Também suspeitei que meu pai não gostava muito de Alex. Foi uma surpresa, considerando que ele tinha uma queda por pessoas inteligentes e talentosas, e Alex era tão inteligente e talentoso quanto eles. Eu sempre atribuí isso ao fato de que Alex não beijava tanto quanto os pais chineses gostavam, ele não era de palavras lisonjeiras. Além disso, eu tinha noventa por cento de certeza de que meu pai sabia que algo estava acontecendo comigo e com Alex, embora ele não tenha dito nada.

— Ele sabe. — Eu sussurrei quando meu pai pediu

licença para usar o banheiro. — Eu juro, ele *sabe.*

— Não, ele não sabe. Mesmo se ele fizer isso, ele não terá provas e não dirá nada a Josh, — Disse Alex. — Relaxe. É suposto ser o seu fim de semana de folga.

— Não existe fim de semana de folga para os alunos.

Pode ter sido feriado, mas tive que estudar para as provas finais e concluir meu formulário de inscrição para a bolsa. Tudo foi feito, exceto alguns parágrafos de minha declaração pessoal. Eu incluí as fotos que tirei de Alex em meu portfólio, embora ainda não tenha contado a ele. Elas foram alguns dos meus melhores trabalhos, mas eu não queria dizer nada até ouvir do comitê WYP. Eu não queria azarar.

— É uma pena que não estamos dormindo no mesmo quarto. — Os olhos de Alex brilharam. — Eu poderia ajudar a aliviar o seu estresse.

Eu ri. — É só nisso que você pensa?

Exceto que eu não era muito melhor. Eu queria dormir no mesmo quarto que Alex também, especialmente aqui, nesta casa, onde os pesadelos eram sempre mais sombrios. Mas como meu pai não sabia sobre nosso relacionamento, Alex estava hospedado no quarto de hóspedes.

— Só quando estou perto de você. — Enquanto meu pai parecia mais estressado, Alex estava mais relaxado esses dias. Sorrindo, rindo... ele até fazia piadas ocasionais. Eu gostava de pensar que contribuí para soltá-lo. Eu ainda estava tendo

aulas de Krav Maga com Ralph e Alex ainda estava me dando aulas de natação, eu entrei muito menos em pânico agora do que no início, e depois de tudo que ele me ajudou, eu queria ajudá-lo também. Ele saiu invencível e imperturbável, mas todos, não importa o quão fortes, precisam de um pouco de cuidado e atenção próprios.

— Alex Volkov, quando você se tornou tão cafona? — Eu provoquei.

Ele deixou de fora um rosnado brincalhão e estendeu a mão para mim quando meu pai entrou novamente na sala de jantar. Ficamos sérios e mantivemos uma distância segura entre nós pelo resto da noite, mas as sobrancelhas levantadas de meu pai confirmaram minhas suspeitas. Ele sabia.



EU NÃO CONSEGUIA RESPIRAR. A mão apertou meu pescoço e eu bati meus braços e pernas, desesperada para sair.

— Pare. — Eu tentei dizer. — Por favor pare.

Mas não consegui. A mão estava muito apertada.

Lágrimas turvaram minha visão. Ranho desceu pelo meu nariz.

Eu estava morrendo. Morrendo... morrendo...

Acordei com um suspiro. Meus lençóis encharcados de suor escorregaram do meu corpo, e olhei em volta loucamente, certa de que encontraria um intruso em meu quarto. Sombras profundas se escondiam nos cantos, e os tons de azul claro e misteriosos do crepúsculo filtrados pelas cortinas de renda branca tremulando na janela.

Mas não havia intruso.

— Foi um sonho. — Eu sussurrei, minha voz um tiro no silêncio. — Foi apenas um sonho.

Um diferente dos que eu normalmente tinha. Eu não estava debaixo d'água. Eu não gritei. Mas eu estava apavorada, mais apavorada do que há muito, muito tempo.

Porque meus sonhos nunca foram apenas sonhos, eram memórias.

Sempre tive sonhos piores em casa. Talvez fosse por causa do lago nos fundos. Era um lago diferente daquele da casa da minha mãe antes de ela morrer, mas era um lago, mesmo assim.

Desejei que minha família não gostasse tanto de lagos.

Olhei para o meu relógio digital e os dedos gelados de pavor arranharam minha espinha quando vi a hora. 4:44 da manhã. Novamente.

Eu queria correr pelo corredor e me jogar nos braços de Alex. Com ele, eu estava segura. Até meus pesadelos

diminuíram em frequência e intensidade desde que começamos a dormir juntos todas as noites, eu aninhada em seu lado, seus braços em volta de mim em um abraço protetor. Enquanto eu queria que sua insônia fosse curada, queria que ele tivesse a paz e o descanso que ele merecia todas as noites, uma pequena e vergonhosa parte de mim gostava que ele estivesse acordado para cuidar de mim nas longas horas entre o anoitecer e o amanhecer.

Ele provavelmente estava acordado, mas me forcei a ficar parada caso ele não estivesse. Não queria arriscar interromper as duas ou três preciosas horas de sono que ele tinha todas as noites.

Eu me arrastei de volta para baixo das cobertas e tentei fechar os olhos, mas minha pele coçou e algo me chamou além das paredes. Eu resisti o máximo que pude, até que o crepúsculo se transformou em amanhecer.

7h02 um horário mais respeitável para acordar do que 4h44

Coloquei um moletom e calças de ioga, calcei botas felpudas e na ponta dos pés atravessei a casa silenciosa em direção ao quintal. O ar tinha um cheiro fresco, e uma leve névoa pairava sobre o lago, ocultando a cena de mistério.

A coceira na minha pele se intensificou. A chamada ficou mais alta.

Caminhei em direção ao lago, minhas botas esmagando

as minúsculas pedras de cascalho da área de churrasco que meu pai havia montado para as reuniões de verão. Gotas de orvalho cobriram os móveis de madeira vazios e a churrasqueira a carvão parecia triste e solitária, inútil até o fim de semana do Dia da Memória.

Minha respiração formou pequenas baforadas no ar. Estava mais frio do que eu esperava, mas não parei de andar até chegar à beira do lago, perto o suficiente para sentir o cheiro da terra úmida sob meus pés.

Foi a primeira vez que me lembrei de visitar o lago.

Eu evitei isso enquanto crescia, indo apenas até a área de churrasco. Mesmo assim, ficava tão nervosa que me desculpava no meio das festas e corria para o banheiro para me controlar.

Eu não tinha certeza do que me obrigou a vir aqui esta manhã, mas o canto da sereia do lago me envolveu, persuadindo-me mais perto como se estivesse tentando me contar um segredo que não queria que outros ouvissem.

Eu estava melhor com água agora, depois de todas as minhas aulas com Alex, mas um tremor de inquietação ainda me dominava quando pensei nas profundezas aquosas diante de mim.

Respirações profundas. Você está bem. Você está em terreno sólido. O lago não vai subir e arrastar você...

Um alarme de carro soou à distância e eu vacilei, todas

as técnicas de relaxamento esquecidas enquanto meu pesadelo acontecia em plena luz do dia.

Peguei outra pedra do chão. Era lisa e plana, o tipo que faria ondulações realmente *bonitas. Eu puxei meu braço para trás para jogá-lo, mas senti um cheiro doce e floral, o perfume da mamãe, e me distraí.*

Meu objetivo mudou e a pedra caiu no chão, mas eu não me importei. Mamãe estava de volta! Podíamos jogar agora.

Eu me virei, sorrindo um grande sorriso sem dentes, mas eu só fiz isso pela metade antes de algo me empurrar. Eu caí para trás, para baixo, para baixo, fora da borda do convés, meu grito engolido pela água correndo em direção ao meu rosto.

— Ava? — A voz preocupada de meu pai penetrou em meu torpor. — O que você está fazendo aqui?

Eu esqueci. Ele vinha aqui todas as manhãs para fazer exercícios, chova ou faça sol. Ele era religioso sobre sua rotina matinal.

Eu girei, tentando escapar das imagens piscando em meu cérebro, mas elas não pararam. Pesadelos antigos. Novas revelações.

Não. Não, não, não, não, não, não.

O anel com o sinete de ouro do meu pai brilhou na luz e eu vi seu rosto.

E eu gritei.

28

Alex

Algo estava errado.

Eu senti no fundo dos meus ossos quando entrei na garagem, meu sexto sentido estridente.

Ava olhou para frente, seu rosto pálido, seus olhos cegos. Ela estava assim desde a manhã após o Dia de Ação de Graças, quando seu pai a encontrou à beira do lago e ela gritou tão alto que me acordou de uma de minhas raras crises de sono. Eu corri para fora, minha mente conjurando todos os tipos de cenários horríveis enquanto me amaldiçoava por deixá-la sozinha. Por falhar com ela.

Mas eu a encontrei lá fora, segura e ilesa, pelo menos fisicamente, enquanto seu pai tentava acalmá-la. Linhas de angústia marcavam o rosto de Michael enquanto ela tremia como uma folha ao vento, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela se recusou a nos dizer o que estava errado, e só horas depois ela confessou que tinha pirado por estar tão perto do lago. Ela não tinha certeza por que ela tinha ido lá em primeiro lugar, mas sua aquafobia havia chegado tarde.

Besteira.

Ava podia entrar na piscina agora sem entrar em pânico, e ela ficou calma quando visitamos lagos antes. Não, outra coisa a apavorou a ponto de ela acordar a casa aos gritos e, assim que descobrisse o que era, iria caçá-lo até os confins da terra e rasgá-lo com minhas próprias mãos.

Eu a guiei para minha casa, onde a coloquei debaixo de um cobertor no sofá e fiz uma bebida quente para ela. Eu desliguei o aquecimento desde que tinha ido embora no fim de semana, e até que ele pegou, a casa estava congelando.

— Chocolate quente com leite de aveia e três marshmallows. — Eu mantive meu tom leve enquanto entregava a Ava a bebida. — Assim como você gosta.

— Obrigada. — Ela envolveu a caneca com as mãos e olhou para os marshmallows balançando no líquido, mas não fez menção de beber.

Normalmente, ela já teria bebido metade da caneca agora. Ela adorava chocolate quente. Era sua parte favorita do inverno.

Eu agarrei seu queixo e inclinei seu rosto em direção ao meu.

— Diga-me quem ou o que eu preciso matar. — Eu rosnei. — O que aconteceu na casa do seu pai?

— Eu disse a você, nada. Era apenas o lago. — Ava deu

um sorriso vacilante. — Você não pode matar um lago.

— Vou drenar cada merda de lago e oceano do mundo, se for preciso.

Uma pequena lágrima de cristal escorregou de seu olho.

— Alex…

— Falo sério. — Esfreguei a lágrima com meu polegar. Meu coração disparou em meu peito, uma fera rosnando furiosa com a visão de sua angústia e o pensamento de que havia algo no mundo que ousaria machucá-la. *Hipócrita,* minha consciência sussurrou. *Hipócrita cruel e egoísta. Olhe no espelho. Pense nas coisas que você fez.* Cerrei os dentes e ignorei a voz insultuosa em minha cabeça. — Eu faria isso por você. — Eu beijei o local onde sua lágrima estava. — Eu faria qualquer coisa por você. Não importa o quão distorcido ou impossível.

Um estremecimento percorreu seu corpo.

— Eu sei. Eu confio em você. Mais do que qualquer outra pessoa neste mundo.

Se ela soubesse, minha consciência cantava. *Se ela soubesse que tipo de homem você é. Ela não tocaria em você com uma vara de três metros, muito menos confiaria em você.*

Cale a boca.

Excelente. Agora eu estava tendo conversas silenciosas com uma voz imaginária.

Como os poderosos caíram.

— Não sei se é mesmo... se é verdade. — Ava sussurrou. — Eu poderia ter imaginado isso.

Meus dedos ficaram brancos em torno do meu joelho.

— Imaginou o quê?

— Eu —Ela engoliu em seco, seus olhos assombrados. — Minhas memórias de infância. Elas voltaram.

A confissão me atingiu como um trem de carga, me deixando cego.

De todas as coisas que eu esperava que ela dissesse, essa não era uma delas.

As memórias reprimidas geralmente resultavam de um evento traumático e podiam ressurgir se a pessoa encontrasse um gatilho, um som, um cheiro, um evento. Mas Ava estava em casa, onde ela cresceu durante toda a sua vida. O que aconteceu no Dia de Ação de Graças que poderia tê-la desencadeado? O lago?

— OK. — Eu mantive minha voz calma e uniforme. Suave. — O que você lembra?

Os ombros de Ava tremeram.

— Não me lembro de tudo. Mas eu me lembro do dia que eu... o dia em que quase morri.

Meu corpo inteiro ficou quente, depois frio. *Quase morreu.*

Se ela tivesse morrido, se ela não estivesse mais em algum lugar deste mundo...

O laço invisível em volta do meu pescoço se apertou; uma pequena gota de suor escorreu pela minha nuca.

Sua experiência de quase morte não foi minha culpa. Aconteceu muito antes de eu conhecê-la, mas ainda...

Minha respiração ficou superficial.

— Eu estava brincando no lago. — Ela lambeu os lábios. — Costumava haver um cais que ia até o meio da água. Meu pai o tirou depois do incidente, é assim que chamo o que aconteceu, mas costumávamos sair lá o tempo todo até o divórcio dos meus pais. Meu pai se mudou e minha mãe entrou em depressão. Foi um divórcio realmente desagradável, pelo que descobri ao longo dos anos, e agora me lembro de todos os gritos e ameaças. Eu era muito jovem para entender por que eles estavam loucos; tudo que eu sabia era que eles estavam com raiva. Tão zangado às vezes que pensei que eles se matariam. De qualquer forma, minha mãe parou de me levar para o lago até que um dia... ela o fez. Estávamos brincando no cais e nosso protetor solar acabou. Minha mãe gostava muito de protetor solar, disse que era a coisa mais importante que podíamos fazer pela nossa pele. Eu não queria parar de jogar para ir com ela, então ela me fez prometer ficar parada enquanto ela corria para dentro. Ela deveria ter ido embora por apenas alguns minutos.

Ava traçou a borda da caneca com o dedo, seus olhos

ganhando aquela qualidade distante que me disse que ela estava perdida em suas memórias desenterradas.

— Eu fiz. Eu fiquei parada. Observei os peixes, joguei pedras na água, adorava as ondulações que eles faziam. Esperei que ela voltasse para que pudéssemos jogar de novo. Eu tive pesadelos sobre este dia desde que me lembro, então nem tudo isso é novo. Lembrei-me dela saindo, e lembrei-me dela voltando e eu caindo na água. Apenas... — Ela respirou fundo. — Eu não acho que ela voltou. Pensei ter sentido o perfume dela, mas em meus pesadelos, minhas memórias, nunca tive uma boa visão do rosto da pessoa que me empurrou. Tudo aconteceu tão rápido. Mas quando eu estava perto do lago alguns dias atrás... mais memórias voltaram, e eu percebi que tinha visto mais do que pensava. Antes de cair na água, vi um lampejo de ouro. Um anel de sinete. *MC.*

Pavor e choque enrolaram-se na base da minha espinha e abriram suas asas, envolvendo-me em seu abraço escuro.

— Michael Chen. — Ava tremeu mais forte. — Alex, minha mãe não tentou me matar. Meu pai sim.

29

Ava

Eu não conseguia parar de vomitar.

Eu vomitei no banheiro, meu estômago embrulhando, minha pele encharcada de suor enquanto Alex segurava meu cabelo para trás e esfregava círculos nas minhas costas.

Ele estava lívido. Não comigo, mas com meu pai, meu passado, toda a situação. Eu podia sentir na tensão de suas mãos e na aura de violência mal controlada que girava em torno dele desde que confessei minhas memórias.

O dia no lago foi apenas a ponta do iceberg.

Eu me lembrava de outra coisa - algo que cimentou a culpa do meu pai.

— Papai, olhe! — Corri para o seu escritório, brandindo o papel em minhas mãos com orgulho. Foi um ensaio que escrevi para a aula sobre quem mais admirávamos. Eu escrevi sobre o papai. A Sra. James me deu um A mais nele, e eu mal podia esperar para mostrar a ele.

— O que é, Ava? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu tirei um A mais! Veja!

Ele pegou o papel de mim e o folheou, mas não parecia feliz como eu esperava.

Meu sorriso esmaeceu. Por que ele estava carrancudo? Os A's não eram bons? Ele sempre elogiava Josh quando ele trazia notas A para casa.

— O que é isso?

— É um artigo sobre quem eu mais admiro? — Eu torci minhas mãos, ficando mais nervosa. Queria que Josh estivesse aqui, mas ele estava na casa do amigo. — Eu disse você, porque você me salvou.

Não me lembrava dele me salvando, mas foi o que todos me disseram. Eles disseram que eu caí em um lago há alguns anos e teria morrido se papai não tivesse pulado atrás de mim.

— Sim, não é? — Ele finalmente sorriu, mas não era um sorriso legal.

De repente, não queria mais estar aqui.

— Você se parece tanto com sua mãe. — Disse papai. — Uma cópia carbono de quando ela tinha a sua idade.

Eu não sabia o que era uma cópia carbono, mas com base em seu tom, provavelmente não era uma coisa boa.

Ele se levantou e eu instintivamente dei um passo para trás até minhas pernas baterem no sofá.

— Você se lembra do que aconteceu no lago quando você tinha cinco anos, querida Ava? — Ele roçou os dedos na minha bochecha e eu estremeci.

Eu balancei minha cabeça, com muito medo de falar.

— Isso é o melhor. Facilita as coisas. — Papai sorriu outro sorriso feio. — Eu me pergunto se você vai esquecer isso também? — Ele pegou uma almofada e me empurrou para o sofá.

Não tive tempo de responder antes de perder a capacidade de respirar. O travesseiro pressionou meu rosto, cortando meu suprimento de oxigênio. Tentei empurrar, mas não fui forte o suficiente. Uma mão forte prendeu meus pulsos até que eu não pudesse mais lutar.

Meu peito apertou e minha visão tremeluziu.

Sem ar.

Meu pai não apenas tentou me afogar, ele também tentou me sufocar.

Eu vomitei novamente, e novamente e novamente. Eu consegui manter a calma durante a maior parte do fim de semana de Ação de Graças, mas dizer as palavras em voz alta *meu pai tentou me matar, d*eve ter desencadeado uma resposta física retardada.

Depois de vomitar o que devia ser todo o conteúdo no meu estômago, afundei no chão. Alex me entregou um copo d'água,

e eu o engoli em longos goles agradecidos.

— Sinto muito. — Eu disse asperamente. — Isso é tão embaraçoso. Eu vou limpar...

— Não se preocupe com isso. — Ele passou a mão gentilmente pelo meu cabelo, mas um inferno assolou seus olhos. — Nós vamos descobrir tudo. Deixe para mim.



UMA SEMANA DEPOIS, Alex e eu esperamos meu pai chegar em uma das salas de conferência do Grupo Archer. Foi a primeira vez que vi o local de trabalho de Alex, e o prédio era exatamente como eu o imaginava: elegante, moderno e lindo, todo em vidro e mármore branco.

Eu não pude apreciar isso, no entanto. Eu estava muito nervosa.

O relógio tiquetaqueando na parede, ensurdecedor no silêncio.

Eu tamborilei meus dedos na mesa de madeira polida e olhei pelas janelas de vidro fumê, desejando e temendo a presença de meu pai.

— A segurança aqui é de alto nível. — Assegurou-me Alex. — E estarei ao seu lado o tempo todo.

— Não é com isso que estou preocupada. — Tive que pressionar minha outra mão contra meu joelho para evitar que tremessem. — Eu não acho que ele iria...

Me machucou fisicamente? Mas ele tinha. Ou pelo menos, ele tentou.

O dia em que ele me empurrou para o lago e o dia em que me sufocou. E essas foram apenas as ocorrências de que me lembrei.

Eu relembrei os anos, tentando me lembrar de qualquer outra coisa errada. Achei que ele tinha sido um pai decente durante minha adolescência. Não o mais presente ou afetuoso, mas ele não tentou me matar, o que surgiu a pergunta: por que não tentou? Houve muitas oportunidades, muitas vezes em que ele poderia ter feito minha morte parecer um acidente.

Mas essa pergunta empalideceu em comparação com a maior de todas, e era por isso que ele queria me matar em primeiro lugar. Eu era *filha* dele.

Um único soluço quebrado irrompeu da minha garganta. Alex apertou minha mão, suas sobrancelhas franzidas sobre os olhos, mas eu balancei minha cabeça.

— Estou bem. — Eu disse, reunindo forças para me recompor. Eu poderia fazer isso. Eu não iria desmoronar. *Eu não iria.* Mesmo que meu coração doesse tanto, eu poderia entrar em combustão. — Eu...

A porta se abriu e minhas palavras morreram na minha

garganta.

Meu pai, Michael; eu não conseguia mais pensar nele como meu pai, entrou, parecendo confuso e um pouco irritado. Ele usava sua camisa polo listrada favorita e jeans novamente, assim como aquele maldito anel de sinete.

Eu engasguei com a bile. Ao meu lado, Alex ficou tenso, a ira irradiando dele em ondas escuras e perigosas.

— O que está acontecendo? — Michael franziu a testa. — Ava? Por que você me pediu para vir aqui?

— Sr. Chen. — A voz de Alex parecia bastante agradável; apenas aqueles que o conheciam podiam detectar a lâmina letal sob suas palavras, esperando para atacar. — Por favor, sente-se. — Ele apontou para a cadeira de couro do outro lado da mesa.

Michael o fez, sua expressão ficando cada vez mais irritada.

— Eu tenho trabalho a fazer, e você me fez vir até DC para uma suposta emergência.

— Eu mandei um carro. — Disse Alex, ainda naquele tom aparentemente agradável.

— Seu carro ou o meu leva a mesma quantidade de tempo. — Os olhos de Michael piscaram entre mim e Alex antes de se fixarem em mim. — Não me diga que você está grávida.

Confirmando que ele sabia que Alex e eu estávamos tendo

um caso no Dia de Ação de Graças. Não que eu me importasse mais com o que ele pensava.

— Não. — Eu levantei minha voz para que pudesse ouvir sobre meu pulso acelerado. — Eu não estou.

— Então qual é a emergência?

— Eu... — Eu hesitei. Alex apertou minha mão novamente. — Eu...

Eu não poderia dizer isso. Não com uma audiência.

Alex já sabia de tudo, mas o que Michael e eu tínhamos para discutir parecia muito pessoal para revelar na frente de outras pessoas. Foi entre nós. Pai e filha.

Pontinhos de luz dançaram diante da minha visão. Cravei as unhas da minha mão livre na minha coxa com tanta força que teria tirado sangue se não estivesse usando jeans.

— Alex, você pode nos deixar ter um momento a sós, por favor?

Sua cabeça virou em minha direção, sua expressão ensurdecedora.

Por favor, implorei com meus olhos. *Eu preciso fazer isso sozinha.*

Sabendo o quão protetor ele era, eu esperava mais resistência, mas ele deve ter visto algo em meu rosto, minha crença inabalável de que eu tinha que lutar minhas próprias

batalhas, porque ele soltou minha mão e se levantou.

Relutantemente, mas ele o fez.

— Eu estarei lá fora. — Ele disse. Uma promessa e um aviso.

Alex lançou um olhar sombrio para Michael antes de sair.

E então havia nós dois.

— Ava? — Michael ergueu as sobrancelhas. — Você está em apuros?

Sim.

Eu repassei essa conversa em minha mente centenas, senão milhares, de vezes antes de pisar nesta sala. Eu me esforcei para abordar o assunto e como reagiria à sua resposta, seja ela qual for. *Oh, ei, pai, que bom ver você. A propósito, você tentou me matar? Sim? Oh droga, ok.* Mas não consegui me arrastar mais.

Eu precisava de respostas antes que as perguntas me matassem.

— Não estou com problemas, — Eu disse, orgulhosa de como soava firme. — Mas eu tenho algo para lhe contar sobre o que aconteceu no fim de semana de Ação de Graças.

A cautela invadiu seus olhos.

— Ok...

— Lembrei-me.

— Lembrou o quê?

— Tudo. — Eu o observei de perto para ver uma reação. — Minha infância. O dia em que quase me afoguei.

A cautela se transformou em choque e um leve toque de pânico. Sulcos profundos apareceram em sua testa.

Meu estômago embrulhou. Eu esperava estar errada, mas o olhar selvagem nos olhos de Michael me disse tudo que eu precisava saber, eu não estava errada. Ele realmente tentou me matar.

— Mesmo? — Sua risada soou forçada. — Tem certeza? Você tem tido pesadelos por anos...

— Tenho certeza. — Endireitei meus ombros e o olhei diretamente nos olhos, tentando manter meus tremores sob controle. — Foi você quem me empurrou para o lago naquele dia?

O rosto de Michael desabou, o choque em seus olhos triplicou.

— O que? — Ele sussurrou.

— Você me ouviu.

— Não, claro que não! — Ele passou a mão pelo cabelo grisalho, agitado. — Como você pôde pensar isso? Eu sou seu *pai*. Eu nunca faria nada para te machucar.

Esperança sussurrou em meu coração enquanto meu cérebro balançava a cabeça em ceticismo.

— É disso que eu me lembro.

— As memórias podem enganar. Nós nos lembramos de coisas que não aconteceram de verdade. — Michael se inclinou para frente, seu rosto suavizando. — O que exatamente você acha que aconteceu?

Eu mordi meu lábio inferior.

— Eu estava brincando no lago. Alguém veio por trás de mim e me empurrou. Lembrei-me de me virar e ver um lampejo de ouro. Um anel de sinete. *Seu* anel de sinete. — Meu olhar caiu para o dito anel em seu dedo.

Ele olhou para baixo e esfregou.

— Ava. — Ele parecia angustiado. — Fui eu quem salvou você do afogamento.

Essa era a parte que não fazia sentido. Eu desmaiei, então não vi quem me salvou, mas os paramédicos e a polícia disseram que Michael foi quem os chamou. Por que ele faria isso se foi ele quem me empurrou?

— Vim falar com sua mãe sobre o divórcio e ninguém atendeu a porta, embora o carro dela estivesse na garagem. Eu dei a volta para ver se ela estava lá fora, e eu vi... — Michael engoliu em seco. — Foram os piores minutos da minha vida, pensar que você estava morta. Eu pulei e salvei você, e o tempo

todo sua mãe... ela apenas ficou lá em estado de choque. Como se ela não pudesse acreditar no que tinha acontecido. — Sua voz diminuiu. —Sua mãe não estava bem, Ava. Ela não queria te machucar, mas às vezes ela fazia coisas fora de seu controle. Ela se sentiu tão culpada depois, e entre o divórcio e as acusações criminais... é por isso que ela teve uma overdose.

A dor rasgou minha cabeça. Pressionei meus dedos nas têmporas, tentando classificar as palavras de meu pai e minhas próprias memórias. O que foi real? O que não foi?

As memórias não eram confiáveis. Eu sabia. E Michael parecia sincero. Mas eu realmente estive tão errada? De onde vieram essas visões, senão minhas memórias?

— Há outra lembrança — Eu disse trêmula. — Terceira série. Trouxe para casa uma redação da aula da Sra. James e mostrei a você. Estávamos em seu escritório. Você olhou para mim e disse que eu era uma cópia carbono de mamãe e você... você empurrou um travesseiro no meu rosto e tentou me sufocar. Eu não conseguia respirar. Eu teria morrido, mas Josh voltou para casa e chamou por você, e você parou.

A história parecia ridícula sob as luzes brilhantes da sala de conferências. Minha cabeça latejava com mais força.

O alarme se espalhou pelas feições de Michael.

— Ava. — Ele disse suavemente, calmamente, como se ele não quisesse me assustar. — Você nunca teve uma professora chamada Sra. James.

Meu coração bateu no meu peito.

— Eu tinha! Ela tinha cabelos loiros e óculos, e ela nos deu biscoitos de açúcar em nossos aniversários... — Lágrimas pinicaram meus olhos. — Eu juro, a Sra. James era real.

Ela tinha que ser real. Mas e se ela não fosse? E se eu tivesse inventado tudo e *pensado* que eram memórias? O que estava errado comigo? Por que meu cérebro estava tão confuso?

Eu não conseguia respirar. Eu me sentia louca, como se nada na minha vida fosse real e eu tivesse sonhado com tudo. Pressionei minhas palmas na mesa, meio que esperando que ela se dissolvesse em uma chuva de poeira.

— Querida... — Ele estendeu a mão para mim, mas antes que pudesse me tocar, a porta se abriu.

— É o bastante. Pare de mentir. — Alex entrou, seu rosto como um trovão. Claro que ele tinha este lugar conectado. — Mandei meu pessoal investigar depois que Ava me contou o que ela se lembrava — Disse ele friamente. *Ele fez?* Ele nunca me disse isso. — Você ficaria surpreso com o quanto, e com que rapidez, alguém pode descobrir com a quantia certa de dinheiro. Ela *tinha* uma professora da terceira série chamada Sra. James, que relatou um hematoma suspeito nos pulsos de Ava quando ela entrou na aula no dia seguinte. Você alegou que foi uma lesão no playground e eles acreditaram em você. — Os olhos de Alex arderam de desgosto. — Você é um bom ator, mas tire a máscara. Estamos atrás de você.

Eu encarei Michael. Eu não sabia mais em que acreditar.

— Isso é verdade? Você estava me enganando o tempo todo?

— Ava, eu sou seu pai. — Michael esfregou a mão no rosto, os olhos brilhantes. — Eu nunca mentiria para você.

Eu olhei entre ele e Alex. Minha cabeça latejava com mais força. Havia muita coisa acontecendo, muitos segredos para revelar. Mas no final, tive que confiar em mim mesma.

— Acho que sim, — Eu disse. — Acho que você mentiu para mim durante toda a minha vida.

O rosto de Michael permaneceu angustiado por mais alguns segundos antes de se torcer e se transformar em uma máscara horrível. Seus olhos brilharam com malícia, e sua boca se abriu em um sorriso zombeteiro.

Ele não se parecia mais com meu pai. Ele não parecia humano. Ele parecia um monstro direto dos meus pesadelos.

— Bravo. — Ele bateu palmas lentamente. — Eu quase enganei você. — Ele me disse. — Você deveria ter se visto. *Eu juro, a Sra. James era real.* — Ele imitou, rindo. O som feio arrepiou todos os pelos do meu corpo. — Clássico. Você realmente pensou que estava louca.

Eu dei uma sacudida sutil de minha cabeça quando Alex se moveu em direção a Michael. Eu queria correr e me esconder, mas a adrenalina empurrou as palavras da minha

boca.

— Por que? Eu era uma *criança.* — Meu queixo vacilou. — Eu sou sua filha. Por que você faria essas coisas comigo? Diga-me a verdade. — Eu apertei minha mandíbula. — Não. Mais. Mentiras.

— A verdade é subjetiva. — Michael se recostou na cadeira. — Mas você quer tanto saber? Aqui está a minha verdade - você não é realmente minha filha. — Ele deu um sorriso sem humor na minha ingestão aguda de ar. — Isso mesmo. Sua mãe vadia me traiu. Deve ter sido uma dessas vezes em que estive fora a negócios. Ela sempre reclamava que eu não estava por perto o suficiente, como se não fosse meu negócio colocar o teto sobre sua cabeça e mantê-la bonita e aquecida com roupas de grife. Sempre suspeitei que você não fosse minha, você não se parece em nada comigo, mas imaginei, ei, talvez você apenas tenha uma forte semelhança com Wendy. Fiz um teste de paternidade secreto e, vejam só, você realmente não é minha. Sua mãe tentou negar, mas não havia muito que ela pudesse fazer com as evidências que a encaravam. — Sua expressão escureceu. — Claro, não poderíamos mencionar isso no processo de divórcio. Essas coisas sempre vazam, e nós dois teríamos perdido o prestígio.

Poucas coisas eram piores do que perder prestígio na cultura chinesa. Exceto, é claro, tentar matar sua filha.

— Se eu não sou sua filha, por que você lutou tanto pela custódia? — Eu exigi, minha língua grossa em minha boca.

Os lábios de Michael se curvaram em um sorriso de escárnio.

— Eu não lutei pela custódia para *você.* Eu fiz isso por Josh. Ele é *realmente* meu filho. O teste confirmou. Meu legado, meu herdeiro. Mas como ninguém além de sua mãe e eu sabíamos que você não era minha, você e Josh eram um pacote. Infelizmente, os tribunais quase sempre ficam do lado da mãe, exceto em circunstâncias extraordinárias, então... — Ele deu de ombros. — Tive que projetar uma circunstância extraordinária.

Eu me senti mal, mas fiquei congelada enquanto Michael desvendava a teia emaranhada de nosso passado.

— Eu tive sorte que sua mãe foi estúpida o suficiente para te deixar em paz. Honestamente, isso foi negligência por si só. Mas entrei furtivamente em casa com a intenção de plantar evidências de seu 'vício em drogas' e, em vez disso, encontrei você brincando à beira do lago. Foi como se Deus jogasse a oportunidade em meu colo. Às vezes, os tribunais ficam do lado da mãe mesmo que ela seja viciada em drogas, mas tentar *afogar* a filha? Vitória garantida para mim. Sem mencionar que seria um castigo para ela. Então eu empurrei você para dentro. Fiquei tentado a deixar você se afogar de verdade. — Outro lampejo de dentes. — Mas eu não *era* de coração frio. Você era apenas uma criança. Então eu pesquei você, disse às autoridades que vi Wendy empurrando você. Ela continuou gritando que não foi ela, mas você quer saber a verdadeira genialidade do meu plano? — Ele se inclinou para frente, seus

olhos brilhando. — Foi *você* quem implicou na sua mãe.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Eu não fiz. Eu nem vi, eu não me lembrava...

— Não após. Mas no momento? — Ele sorriu. — É muito fácil implantar memórias falsas, especialmente na mente de uma criança confusa e traumatizada. Algumas sugestões e perguntas importantes minhas, e você se convenceu de que era sua mãe. Disse que você sentiu o perfume dela, e que ela era a única pessoa ali. De qualquer forma, as autoridades tiveram que investigar e me deram a custódia de você e Josh enquanto eles reuniam as evidências. Sua mãe ficou deprimida e, bem, você sabe o que aconteceu com os comprimidos. É muito poético, na verdade. Ela morreu da mesma coisa que eu queria incriminá-la - às 4:44 da manhã, nada menos. O momento mais infeliz.

Meu estômago embrulhou. *4:44 am* A hora em que acordei de meus pesadelos.

Nunca fui uma pessoa supersticiosa, mas não pude deixar de me perguntar se isso tinha sido minha mãe gritando comigo do outro lado, pedindo-me para lembrar. Para deixar o sociopata em cuja casa eu morei todos esses anos.

— Que tal aquele dia em seu escritório? — Eu perguntei, determinada a ver isso, embora eu quisesse vomitar.

Michael bufou.

— Certo. Aquele ensaio estúpido sobre como eu 'salvei'

você. Sabe, fiz um ótimo trabalho em esconder o quanto me ressentia de ter que criar você, a 'filha' que nem mesmo é minha, todos esses anos. Eu desempenhei o papel do pai quieto, desajeitado e angustiado até o fim. — Seu sorriso feio reapareceu. — Mas às vezes, você extrapolava meus limites, especialmente porque você se parece tanto com *ela.* Uma lembrança viva de sua infidelidade. Teria sido tão fácil se você estivesse fora de cena, mas Josh escolheu aquele momento para voltar para casa. Ai de mim. — Ele encolheu os ombros. — Não podia ter tudo. Para ser justo, o incidente do escritório foi um momento de fraqueza da minha parte, você estava muito ciente do que estava acontecendo, e eu teria tido muita dificuldade em explicar o que aconteceu, embora tenha certeza de que teria vindo com *alguma coisa.* Mas imagine minha agradável surpresa quando você acordou não apenas sem nenhuma lembrança do escritório, mas sem nenhuma lembrança de toda a sua infância até aquele ponto. Os médicos não sabiam explicar, mas não importava. Tudo o que importava era que você esqueceu. — Ele sorriu. — Deus realmente sorri para mim, não é?

Senti as mãos de Alex nas minhas costas. Eu nem tinha notado ele se aproximando. Inclinei-me para o conforto de seu toque enquanto minha mente girava. Lembrei-me de correr para o meu quarto e trancar a porta depois que Michael me soltou e cumprimentou Josh como se nada tivesse acontecido. Fiquei lá a noite toda, me recusando a jantar, não importava o quanto Josh tentasse me persuadir a sair. Ele tinha apenas treze anos na época, muito jovem para me ajudar, e eu não

tinha mais ninguém a quem recorrer.

Eu me perguntei se eu tinha entrado em pânico e traumatizada a ponto de ter apagado *todas as* minhas experiências com Michael, que foi basicamente toda a minha infância.

— Eu não podia ter certeza se teria a mesma sorte de novo, no entanto. — Michael continuou. — Então eu te deixei sozinha depois disso. Até mandei você para terapia porque eu tinha que fazer o papel do pai preocupado, mas foi uma coisa boa esses idiotas incompetentes não saberem o que estavam fazendo.

Não admira que ele tenha sido tão inflexível sobre interromper minhas sessões de terapia. Ele deve ter ficado com medo de que eu me lembrasse e o implicasse. O que implorava pela pergunta... por que diabos ele estava tão disposto a me contar tudo isso *agora?*

Foi como se Alex lesse minha mente.

— Não há estatuto de limitações para tentativa de homicídio e toda essa conversa é gravada. — Disse ele. — DC tem uma lei de consentimento de uma parte para gravações, e Ava — Ele gesticulou para mim. — Consentiu de antemão. Você vai para a cadeia por muito, muito tempo.

A máscara de malícia de Michael derreteu, deixando para trás o pai que me levava em visitas à faculdade e planejava minhas festas de aniversário novamente. Era assustador a

facilidade com que ele alternava entre os dois.

— Se eu tiver que ir para a prisão para salvá-la, eu irei. — Ele sussurrou. Ele se virou para mim, seus olhos brilhando com lágrimas reais. — Ava, querida, Alex não é quem você pensa que ele é. Seu motorista me pegou e, no caminho para cá, ele me ameaçou...

— Chega. — Alex sibilou. — Chega de manipula-la. Você terminou, e meus amigos concordariam.

Eu assisti em choque quando dois agentes do FBI irromperam na sala e puxaram Michael para fora de sua cadeira. Alex não mencionou o FBI quando planejamos isso.

— Isso não vai se sustentar no tribunal. — Disse Michael, parecendo bastante calmo para alguém que está entrando em custódia federal. — Eu vou lutar contra isso. Você não vai ganhar.

— Com que dinheiro? — Alex ergueu as sobrancelhas. — Veja, meu pessoal também encontrou algumas coisas interessantes sobre o seu negócio durante as escavações. Coisas interessantes e *ilegais.* Evasão fiscal. Fraude corporativa. Te lembra alguma coisa?

Pela primeira vez desde que ele chegou, a compostura de Michael diminuiu.

— Você está mentindo. — Ele sibilou. — Você não tinha autoridade...

— Ao contrário, trabalhei com o FBI nessa parte. Meus amigos da agência ficaram bastante interessados no que eu tinha a dizer e no que eles encontraram. — Alex sorriu. — Você pode usar seus bens não contaminados para contratar um advogado, mas a maioria de seus bens *está* contaminado e será congelado antes do seu julgamento. Você receberá o aviso oficial antes do final do dia de hoje.

— Josh nunca vai te perdoar por isso. — Os olhos de Michael queimaram. — Ele me adora. Em quem você acha que ele vai acreditar? Eu, o pai dele ou você, um punk que ele conheceu há alguns anos?

— Nesse caso, pai... — Josh entrou, seu rosto mais sombrio do que eu já tinha visto. — Acho que vou acreditar no 'punk'.

Ele bateu com o punho no rosto de Michael, e o inferno desabou.

30

Ava

Várias horas depois, Josh e eu nos sentamos na mesa dos fundos de um restaurante perto do Grupo Archer. Alex reservou o lugar inteiro e dispensou a maioria dos funcionários. Além de um garçom que pairava na entrada, fora do alcance da voz, éramos os únicos aqui. Alex também se retirou para seu escritório para nos dar mais privacidade.

— Sinto muito, Ava. — Josh parecia terrível. Tez sem brilho, bolsas enormes sob os olhos. Estresse e preocupação esculpiam sulcos profundos em seu rosto, e seu habitual sorriso arrogante e charmoso estava longe de ser visto. — Eu deveria saber. Eu deveria ter...

— Não é sua culpa. Papai - Michael - enganou a *todos* nós. — Estremeci, pensando em quão bem Michael havia desempenhado seu papel. — Além disso, ele te amava. Ele te tratou perfeitamente. Você não teria notado nada.

Os lábios de Josh se estreitaram.

— Ele não me amava. Pessoas como ele não podem amar. Ele me viu como um... recipiente para continuar seu legado.

Nada mais.

Alex e eu entramos em contato com Josh e contamos a ele o que eu me lembrava alguns dias atrás. Ele ficou chocado, mas ele acreditou em mim. Ele também insistiu em voar de volta para o confronto e recebeu licença de emergência de seu programa para fazê-lo. Ele assistiu e ouviu a conversa através das câmeras secretas da sala de conferências o tempo todo, e a equipe de segurança de Alex teve que contê-lo para que ele não entrasse muito cedo.

Eu só poderia imaginar. Josh não era nada senão de temperamento explosivo.

Depois que ele socou Michael, a situação se transformou em um caos, com os agentes do FBI, Josh, Michael e vários seguranças lutando uns contra os outros. Josh teria dado uma surra em nosso, seu pai, se Alex finalmente não o tivesse puxado de volta. Os agentes do FBI colocaram Michael machucado e sangrando sob custódia, e agora aguardamos seu julgamento.

Graças a Alex, cujo pai de um amigo aparentemente era de alto escalão no FBI, Josh não foi acusado de agressão por atacar Michael.

Toda a situação parecia surreal.

— De qualquer forma, não foi sua culpa. — Eu repeti. — Você era apenas uma criança também.

— Se eu estivesse lá naquele dia em seu escritório...

— Pare com isso. Você está me ouvindo, Josh Chen? — Eu disse severamente. — Eu *não* vou deixar você se culpar. Mamãe e Michael eram adultos. Eles fizeram suas próprias escolhas. — Engoli em seco, sentindo-me culpada pela minha raiva reprimida em relação à minha mãe ao longo dos anos quando, na verdade, ela também foi uma vítima. — Você *sempre* esteve lá quando eu precisei de você, e você é um irmão incrível. Só direi isso uma vez, então não me peça para repetir. Seu ego não precisa de mais inflação.

Ele esboçou um pequeno sorriso.

— Você vai ficar bem?

Eu respirei fundo. As últimas duas semanas foram... muito. As revelações, a mente fodida, a compreensão de que eu era praticamente uma órfã. Minha mãe estava morta, meu pai não era meu pai verdadeiro, e provavelmente ficaria preso por um longo tempo, e eu não tinha ideia de quem era meu pai verdadeiro. Mas pelo menos eu sabia a verdade e tinha Josh, Alex e minhas amigas.

Talvez a importância do que aconteceu me atingisse mais tarde, mas, por enquanto, tudo o que senti foi alívio misturado com tristeza e choque persistente.

— Sim. — Eu disse. — Eu vou.

Josh deve ter ouvido minha convicção, porque seus ombros relaxaram um pouco. — Se você precisar conversar ou algo assim, estou aqui. Não posso garantir que vou dar bons

conselhos, mas serei uma caixa de ressonância ou algo assim.

Eu sorri. — Obrigada, Joshy.

Ele fez uma careta ao seu odiado apelido

— Quantas vezes eu tenho que te dizer? *Não me* chame assim.

Passamos a meia hora seguinte conversando sobre tópicos mais leves, seu tempo na América Central, quais luxos em DC ele se entregaria antes de retornar ao seu programa de voluntariado e seu relacionamento agora morto com a garota que ele me falou. Aparentemente, ele terminou as coisas imediatamente depois que ela mencionou o casamento. Típico de Josh.

Por mais chato que ele fosse, eu sentia falta dele e ficaria triste se ele fosse embora. Ele voltaria para casa no Natal, mas não poderia tirar todo o período de folga entre agora e então, então ele partiria amanhã e voaria de volta em duas semanas.

No entanto, ainda tínhamos um elefante na sala que precisávamos discutir.

— Agora que tiramos todas as pequenas coisas do caminho... — Uma carranca tomou conta do rosto de Josh. — Você e Alex. Que. Porra?

Eu me encolhi.

— Nós não planejamos isso, eu prometo. Apenas aconteceu.

— Você 'por acaso' caiu na cama com meu melhor amigo?

— Não fique bravo.

— Eu não estou bravo com você. — Josh estalou. — Estou bravo com *ele.* Ele deveria saber melhor!

— E eu *não* sei melhor?

— Você sabe o que eu quero dizer. Você é uma romântica. Eu posso ver você se apaixonando por aquela cara idiota taciturna que ele tem. Mas Alex... Jesus Cristo, Ava. — Josh esfregou a mão no rosto. — Ele é meu melhor amigo, mas até eu estremeço com as coisas que ele faz. Em todos os anos que o conheço, ele nunca teve um relacionamento. Nunca mostrou interesse nisso. Ele se preocupa com o trabalho e é isso.

— Sim, ele pode ser um idiota às vezes, mas ele ainda é humano. Ele precisa de amor e cuidado como qualquer outra pessoa. — Eu disse, me sentindo protetora de Alex, embora ele fosse a última pessoa na terra que precisava de proteção. — Quanto à parte do relacionamento, há uma primeira vez para tudo. Ele está... — Eu engoli em seco. — Você não tem ideia do quanto ele me ajudou nos últimos meses. Ele estava lá para tudo. Os pesadelos, os ataques de pânico... ele me ensinou a nadar. *Nadar,* Josh. Ele me ajudou a superar meu medo de água, pelo menos um pouco, e ele foi muito paciente o tempo todo. Mas além do quanto ele me ajudou, ele é inteligente, engraçado e maravilhoso. Ele me faz rir e acreditar em mim mesma, mais do que qualquer outra pessoa já fez. E ele não pode mostrar isso para o mundo, mas ele *tem* um coração. Um

lindo.

Eu me cortei antes de divagar mais, minhas bochechas de um vermelho profundo e brilhante.

Josh olhou para mim, o choque estampado em cada centímetro de seu rosto.

— Ava. — Disse ele. — Você o ama?

Muitas coisas na minha vida tinham sido nebulosas até este ponto, mas meus sentimentos sobre isso eram claros. Não hesitei antes de responder.

— Sim. — Posso não saber o que estava em minha mente, mas sabia o que estava em meu coração. — Eu amo.



JOSH SAIU na manhã seguinte depois de ameaçar matar Alex se ele quebrasse meu coração. Ele ainda estava desconfortável com nosso relacionamento, mas ele aceitou de má vontade depois que viu o quanto eu me importava com Alex.

Alex tinha negócios urgentes para cuidar depois que ele deixou Josh no aeroporto, então eu passei o resto do dia com minhas garotas. Como estava garoando e eu não estava com vontade de sair, tivemos um dia de spa em casa, com

tratamentos faciais faça você mesmo, manicure e pedicure e uma maratona de filmes alegres.

Eu disse a elas o que tinha acontecido com Michael. Elas ficaram atordoadas, mas nenhuma delas me pressionou sobre isso, pelo que eu era grata. Tinham sido pesadas vinte e quatro horas e eu precisava de um tempo de inatividade leve.

Stella verificou seu telefone antes de afastá-lo com uma carranca incomum.

— É aquele esquisito de novo? — Jules perguntou, soprando em suas unhas douradas recém polidas.

Algum cara aleatório tinha mandado mensagens para Stella sem parar nas últimas duas semanas, e isso a estava deixando nervosa. Como uma influenciadora, ela recebeu seu quinhão de DMs não solicitados de caras assustadores, mas este a deixou mais nervosa do que o normal.

— Sim. Eu o bloqueei, mas ele continua fazendo novas contas. — Stella suspirou. — Essa é a parte chata de ser uma figura semi pública.

— Tome cuidado. — Uma sombra de preocupação cruzou o rosto de Bridget. — Tem gente maluca por aí.

Rhys, que vigiava da poltrona, bufou, sem dúvida porque era o que ele sempre dizia, e ela sempre o ignorava, como fazia agora.

Bridget se recusou a olhar para ele enquanto abaixava o

volume de *Meninas Malvadas*. Deve ter sido a milésima vez que assistimos, mas nunca envelheceu. Regina George foi icônica.

— Eu vou. Ele provavelmente é outro maluco da Internet. — Stella fez uma careta. — É por isso que nunca posto minhas histórias antes de sair de um lugar.

Eu não conseguia me imaginar documentando minha vida online como Stella faz. Eu me preocupava com sua segurança física e saúde mental às vezes, mas ela lidou bem com isso até agora. Talvez eu estivesse apenas sendo preocupada.

Alguém bateu na porta.

— Eu atenderei. — Rhys se ergueu em seus um metro e noventa. Sério, o homem era enorme. Ele provavelmente usava roupas feitas sob medida, porque de jeito nenhum uma camisa padrão caberia naqueles ombros largos e peito largo.

— Olhe para essa bunda. — Jules suspirou. — Fale sobre um final apertado.

— Pare de objetificá-lo. Esse é o *guarda-costas* da Bridget. — Eu disse, cutucando ela nas costelas.

— Exatamente. Guarda-costas são gostosos. Você não acha, Bridge?

— Não. — Disse Bridget categoricamente.

— Vocês não são divertidas. — Jules torceu seu cabelo ruivo em um coque bagunçado. — Ooh, olha quem vem

trazendo presentes.

Meu estômago vibrou quando Alex entrou com Rhys em seus calcanhares. Ele carregava uma caixa distinta listrada em preto e branco.

— Bolo? — Stella se animou. Ela se entusiasmou com Alex no último mês depois de ver que ele era capaz de emoções humanas, afinal.

— Cupcakes. — Alex confirmou, colocando as guloseimas na mesa.

Minhas amigas pularam para a caixa como caçadores de tesouros mergulhando em busca de ouro.

Eu sorri e inclinei minha cabeça para que pudesse beijá-lo.

— Obrigada. Você não precisava fazer isso.

— São apenas cupcakes. — Ele devolveu o meu beijo antes de se sentar ao meu lado e enrolar um braço protetor em volta da minha cintura. — Achei que você poderia usar o açúcar rush.

Eu tirei a embalagem do meu cupcake de veludo vermelho com uma pequena carranca. Levaria muito tempo para superar o que Michael fez. Eu não tinha certeza se *superaria* o que Michael fez. Minha vida inteira foi uma mentira. Às vezes, eu ficava acordada à noite, tão ansiosa que não conseguia dormir ou pensar direito. Outras vezes, como agora, eu olhava

ao meu redor e me confortava sabendo que ficaria bem. Aquele velho ditado era verdade: o que não te mata te torna mais forte. Eu quase morri duas vezes na minha vida, que eu sabia, e ainda estava de pé. Eu continuaria me erguendo, muito depois de Michael apodrecer na prisão.

Graças a uma cutucada de Alex, que conhecia metade dos juízes desta cidade, Michael foi preso sem fiança até a data do julgamento. Ele mandou uma mensagem pedindo-me para vê-lo, mas recusei. Eu não tinha mais nada a dizer a ele. Ele me mostrou seu rosto verdadeiro, e eu ficaria feliz se nunca o visse novamente pelo resto da minha vida.

Mas sim, às vezes uma garota precisava de um cupcake ou dois para passar os dias chuvosos.

Parte de mim estava grata por Michael e por eu nunca termos sido próximos. Se tivéssemos, eu não tinha certeza se seria capaz de suportar o desgosto. Era por isso que eu me preocupava com Josh, que era seu filho verdadeiro e que tinha um relacionamento muito mais próximo com ele. Mas Josh insistiu que ele estava bem e não havia como discutir com ele. Ele era ainda mais teimoso do que eu.

Comemos em silêncio por um tempo antes de Stella limpar a garganta.

— Hum, obrigada pelo tratamento, mas eu deveria ir embora. Tenho uma colaboração de marca que preciso filmar.

— Eu também. — Acrescentou Bridget, pegando a deixa

de Stella. — Tenho um artigo de teoria política para escrever.

Depois que Stella, Bridget e Rhys bateram em retirada, Jules anunciou que tinha um encontro hoje à noite e precisava se preparar. Ela subiu as escadas, levando metade dos cupcakes restantes com ela.

— Você sabe como limpar uma sala. — Eu provoquei, passando uma mão distraída pelo braço de Alex. O que eu faria sem ele? Ele não só me ajudou a confrontar meu pai, quero dizer, Michael, mas também me ajudou a lidar com as consequências, incluindo todas as redes financeiras e legais nas quais eu estava agora emaranhada. A maioria dos ativos de Michael foram congelados, mas, felizmente, ele já havia pago minha mensalidade do ano e eu tinha uma renda estável com meu trabalho paralelo. A comissão que recebi por vender a peça de Richard Argus para Alex também ajudou. Josh, que havia recebido uma bolsa integral mais um estipêndio vital durante o período da faculdade de medicina, também foi escolhido em termos de dinheiro. Pelo menos isso era uma coisa a menos com que tínhamos que nos preocupar.

— É um dos meus muitos talentos. — Alex capturou minha boca em um beijo ardente e me derreti nele, deixando sua língua, seu sabor e seu toque me levarem para uma terra onde meus problemas não existiam.

Deus, eu amava esse homem e ele nem sabia disso. Ainda não.

Minha pulsação trovejou em meus ouvidos quando nos

separamos.

— Alex…

— Hmm? — Ele passou os dedos pela minha pele, seu olhar ainda preso na minha boca.

— Eu tenho algo para te dizer. Eu… — *Diga a ele. É agora ou nunca.* — Eu te amo. — Eu sussurrei, meu coração batendo rápido, minha confissão uma corrida sem fôlego.

Uma batida se passou, seguida por um segundo. Terceiro.

A mão de Alex parou, sua expressão feroz e estranhamente assombrada. Um fio de desconforto incomodou meu estômago.

— Você não quis dizer isso.

— Sim, eu quero. — Eu disse, magoada e um pouco zangada com sua reação. — Eu sei o que sinto.

— Não sou uma pessoa fácil de amar.

— Que bom que nunca me importei muito em pegar o caminho fácil. — Sentei-me ereta e olhei diretamente nos olhos dele. — Você é frio e irritante e, eu admito, um pouco assustador. Mas você também é paciente, apoiador e brilhante. Você me inspira a perseguir meus sonhos e afastar meus pesadelos. Você é tudo que eu não sabia que precisava e me faz sentir mais segura do que qualquer outra pessoa no planeta. — Eu respirei fundo. — O que estou tentando dizer de novo é, eu te amo, Alex Volkov. Cada parte de você, até mesmo

as partes que eu quero dar um tapa.

Um sorriso apareceu em sua boca.

— Foi um grande discurso. — O sorriso desapareceu tão rapidamente quanto apareceu, e ele baixou sua testa na minha, sua respiração irregular. — Você é a luz para minha escuridão, Sunshine. — ele disse em uma voz crua. Seus lábios roçaram os meus enquanto ele falava. — Sem você, estou perdido.

Nosso beijo foi ainda mais profundo desta vez, mais urgente, mas sua resposta brincou em um loop no fundo da minha mente.

Você é a luz da minha escuridão. Sem você, estou perdido.

Lindas palavras que fizeram meu coração disparar... mas não pude deixar de notar que nenhuma delas era - Eu também te amo.

31

Alex

Os portões de ferro se abriram, revelando um longo caminho de acesso ladeado por carvalhos vermelhos do norte, seus galhos nus e marrons no frio rigoroso do inverno, e a grande mansão de tijolos aparecendo à distância.

A casa do meu tio, minha também, antes de me mudar para DC, ficava atrás de uma fortaleza virtual nos arredores da Filadélfia, e era assim que ele gostava.

Eu não queria deixar Ava tão cedo depois do show de merda com Michael, mas adiei esse encontro com meu tio por tempo suficiente.

Eu o encontrei em seu escritório, fumando e assistindo a um drama russo na TV de tela plana pendurada no canto. Nunca entendi por que ele insistia em assistir TV aqui quando tinha um quarto perfeitamente bom.

— Alex. — Ele soprou um anel de fumaça no ar. Uma xícara meio vazia de chá verde estava diante dele. Ele estava obcecado pela bebida desde que leu um artigo que dizia que ajudava na perda de peso. — A que devo esta surpresa?

— Você sabe por que estou aqui. — Afundei na cadeira estofada em frente a Ivan e peguei o horrível peso de papel de ouro em sua mesa. Parecia um macaco deformado.

— Ah sim. Ouvi. Xeque-mate. — Meu tio sorriu. — Parabéns. Embora eu tenha que admitir, foi um pouco anticlimático. Eu esperava que seu movimento final fosse mais como um... bang.

Minha mandíbula se apertou.

— A situação mudou e tive que me adaptar.

O olhar de Ivan se tornou conhecedor. — E como a situação mudou?

Eu fiquei em silêncio.

Eu trabalhei em meu plano de vingança por mais de uma década, movendo e manipulando cada peça até que eu as tivesse onde eu queria. *Sempre jogue o jogo longo.*

Mas até eu tive que admitir que fiquei... distraído nos últimos meses. Ava entrou na minha vida como um nascer do sol após o anoitecer, despertando criaturas dentro da minha alma que pensei que tivessem morrido há muito tempo: Culpa. Consciência. Remorso.

Fazendo-me questionar se os fins justificam os meios.

Ao redor dela, minha sede de vingança foi saciada, e eu quase, quase, desisti, só para poder fingir ser o homem que ela pensava que eu era. *Você tem um coração de várias camadas,*

Alex. Um coração de ouro envolto em um coração de gelo.

As pontas afiadas do peso de papel cravaram na minha palma.

Ava sabia que eu tinha cometido minha cota de ações desagradáveis para o Grupo Archer, mas isso era negócio. Ela não tolerava ou aprovava, mas também não era ingênua. Apesar de todas as suas noções românticas e coração mole, ela cresceu perto do poço de víbora em DC e entendeu que em certas situações, seja negócios ou política, era comer ou ser comido.

Mas se ela descobrisse até onde eu tinha ido para causar estragos nos responsáveis pela morte da minha família, não importa o quanto eles merecessem, ela nunca me perdoaria.

Existem algumas linhas que você nunca cruza.

Um pequeno poço de sangue floresceu em minha mão. Soltei o peso de papel, limpei o sangue da minha calça convenientemente escura e coloquei-o de volta na mesa.

— Não se preocupe com isso, tio. — Eu mantive meu rosto e postura relaxados. Eu não queria que ele descobrisse o quanto Ava havia cavado dentro do meu coração.

Meu tio nunca se apaixonou, nunca se casou ou teve filhos e não entenderia meu dilema. Para ele, riqueza, poder e status eram tudo o que importava.

— Ah, mas eu me preocupo. — Ivan deu uma tragada no

cigarro com uma pequena carranca. Ele alisou o cabelo para trás e usava terno e gravata, embora estivesse sozinho em seu escritório, assistindo a um drama estúpido sobre espiões da Guerra Fria. Ele estava sempre consciente de sua aparência, mesmo quando não havia ninguém por perto. Ele mudou de inglês para ucraniano para a próxima parte de nossa conversa. — Você não tem agido como você mesmo. Você está distraído. Desfocado. Carolina mencionou que você só vai ao escritório alguns dias por semana e sai antes das sete.

Eu contive minha explosão de irritação.

— Minha assistente não deveria estar tagarelando sobre minha agenda para os outros.

— Eu sou o CEO, então ela não teve muita escolha. — Ivan apagou o cigarro e se inclinou para a frente, os olhos intensos. — Fale-me sobre Ava.

A tensão disparou pela minha espinha ao som de seu nome em seus lábios. Eu não tive que perguntar como ele sabia sobre ela, eu não era o único com espiões em todos os lugares.

— Não há nada para contar. Ela é uma boa trepada. — Eu disse, as palavras envenenando minha língua. — É isso.

— Hmm. — Meu tio parecia cético. — Então, sua vingança. É isso? — Ele mudou de assunto tão abruptamente que demorei meio segundo a mais do que o normal para responder.

— Não. — Eu não terminei com o homem que eu destruí.

Ainda não. — Tem mais.

Eu tinha um ás final na manga.

Eu queria tirar tudo do homem que tirou tudo de mim. Seu negócio, sua família, sua *vida.*

E eu faria. Eu posso.

Mas valeria a pena?

— Bom. Achei que você tivesse amolecido. — Ivan suspirou e olhou para a foto emoldurada em sua mesa dele e de meu pai quando eram jovens. Eles tinham acabado de se mudar para os Estados Unidos e ambos usavam ternos baratos e chapéus combinando. Enquanto meu tio parecia severo e sério, os olhos de meu pai brilharam como se ele tivesse um grande segredo que ninguém mais sabia. Minha garganta apertou com a visão. — Nunca se esqueça do que aconteceu com seus pais e com a pobre Nina. Eles merecem toda a justiça do mundo.

Como se eu fosse esquecer. Mesmo se eu não tivesse HSAM, a cena ficaria para sempre gravada em minha mente.

— Não trapaceie! — Eu gritei por cima do ombro enquanto corria para o banheiro. Eu tomei dois sucos de maçã esta manhã e estava prestes a estourar. — Eu saberei.

— Você está perdendo, de qualquer maneira! — Minha irmã mais nova Nina gritou de volta, fazendo meus pais rirem.

Eu mostrei minha língua para ela antes de bater a porta

do banheiro atrás de mim. Fiquei chateado por nunca ter vencido Nina no Scrabble for Kids, embora ela fosse dois anos mais nova que eu e eu tivesse um QI de gênio, de acordo com meus professores e pais. Ela sempre foi boa com as palavras. Mamãe disse que provavelmente cresceria para ser escritora.

Usei o banheiro e lavei minhas mãos.

Eu deveria estar em um acampamento especial para crianças superdotadas neste verão, mas o acampamento foi tão chato. Todas as atividades eram fáceis demais; o único que eu gostava era o xadrez, mas eu podia jogar em qualquer lugar. Reclamei com meus pais, que me tiraram ontem e me trouxeram para casa.

Eu estava secando minhas mãos quando ouvi um grande estrondo ao longe, seguido de gritos.

Corri de volta para a sala de estar, onde encontrei meus pais conduzindo Nina em direção à passagem secreta atrás da lareira. Isso era uma coisa que eu amava em nossa casa, era cheia de passagens secretas e cantos escondidos. Nina e eu passamos horas incontáveis explorando todos os cantos e recantos; tornava o esconde-esconde mais emocionante, isso era certo.

— Alex, entre aí. Rápido! — O rosto de mamãe estava tenso de pânico. Ela agarrou meu braço, com mais força do que antes, e me empurrou para a escuridão.

— O que está acontecendo? Quem está aqui? — Meu

coração bateu em um ritmo acelerado. Eu ouvi vozes estranhas e eles estavam se aproximando.

Nina se encolheu no corredor, segurando seu amado gato, Smudges, contra o peito. Tínhamos tropeçado no extraviado um dia durante um piquenique em família no parque, e ela chorou e implorou até que meus pais concordaram em deixá-la ficar com ele como animal de estimação.

— Ficaremos bem. — Papa tinha uma arma na mão. Ele sempre manteve uma em casa, mas eu nunca o vi usar. A visão daquele metal preto brilhante cintilando sob as luzes fez meu sangue gelar. — Entre aí com sua irmã e sua mãe, e não faça barulho. Tudo ficará bem, Lúcia, o que você está fazendo?

Mamãe fechou a passagem enquanto Nina e eu olhávamos com os olhos arregalados.

— Eu não vou deixar você aqui sozinho. — Ela disse ferozmente.

— Droga, Lucy. Você tem que...

O som de um vaso caindo no chão interrompeu Papa e assustou Smudges, que uivou e se livrou dos braços de Nina. Ele disparou pela abertura estreita entre a parede e a porta da passagem.

— Smudges! — Nina gritou, correndo atrás dele.

Tentei agarrá-la, mas ela se desvencilhou do meu alcance e correu atrás dele.

— Nina, não. — Eu sussurrei e gritei, mas era tarde demais. Ela se foi e a porta se fechou, envolvendo-me na escuridão. Eu sentei lá, meu sangue rugindo em meus ouvidos enquanto meus olhos tentavam se ajustar à escuridão.

Mamãe e papai me colocaram aqui por um motivo, e eu não queria preocupá-los partindo. Mas eu também precisava saber o que estava acontecendo, embora algo gritasse para que eu me virasse, para cobrir meus olhos e me esconder.

Eu estava *me escondendo, mas não cobri meus olhos.*

A passagem da lareira tinha um olho mágico disfarçado como os olhos em uma pintura que estava pendurada acima da lareira. Eu era um pouco baixo, mas se ficasse na ponta dos pés e realmente me *esticasse, poderia olhar para a sala de estar.*

O que vi fez meu sangue gelar.

Havia dois homens estranhos na sala de estar. Eles usavam máscaras de esqui e carregavam armas, maiores do que a que papai tinha, que agora estava a seus pés. Uma daquelas armas apontada para papai, a outra para mamãe e Nina. Mamãe cobriu Nina protetoramente enquanto minha irmã chorava e abraçava Smudges com força. O gato estava pirando e uivando a plenos pulmões.

— Cale essa maldita boca. — Um dos homens rosnou. — Ou eu farei isso por você.

Nina chorou ainda mais.

— Pegue o que quiser. — Disse meu pai, com o rosto pálido. — Só não machuque minha família.

— Oh, vamos pegar o que quisermos, — Disse o segundo homem. — Infelizmente, não posso garantir a segunda parte. Na verdade, vamos fazer isso rápido, não vamos? Não adianta arrastar o inevitável. Não somos pagos por hora, sabe.

Um tiro foi disparado. Em algum lugar, mamãe e Nina gritaram. Eu deveria ter gritado também, mas não o fiz. Eu só podia assistir, os olhos arregalados e congelados, as pernas queimando por tanto tempo que duramente fiquei na ponta dos pés, enquanto uma mancha vermelha brilhante florescia no peito de papai. Ele cambaleou, sua boca se movendo, mas não formando palavras. Talvez ele tivesse sobrevivido a um tiro, mas então outro tiro foi disparado, e outro, e outro, até que o corpo grande e forte de papai caiu no chão. Ele ficou lá, imóvel.

— Aquilo, não, é, ele. — Porque o cadáver não era meu papai. Tinha seu rosto, cabelo e pele, mas papai havia sumido. Eu o vi sair, a luz desaparecendo de seus olhos.

— Não! — Mamãe lamentou. Ela rastejou na direção de Papai, mas só conseguiu chegar à metade antes de seu corpo estremecer e seu queixo cair. Ela também desmaiou, seu sangue manchando o chão.

— Droga, para que você faz isso? — O primeiro homem reclamou. — Eu queria me divertir um pouco com ela primeiro.

— A vadia estava me dando nos nervos. Não aguento toda

a lamentação, e estamos aqui para um trabalho, não o seu pau. — O segundo homem rosnou.

O primeiro homem fez uma careta, mas não discutiu.

O par olhou para Nina, que chorou tanto que seu rosto ficou vermelho e seu corpo tremia com a força de seus soluços. Smudges sibilou para os homens, seus olhos brilhando ferozmente em seu rosto minúsculo. Era um gatinho, mas naquele momento, tinha todas as armadilhas de um leão.

— Muito jovem. — Disse o primeiro homem com desgosto.

O segundo homem o ignorou.

— Desculpe, garota, — Ele disse a Nina. — Nada pessoal. Só má sorte por ter nascido nesta família.

Meu sangue rugia e rugia. O líquido escorreu pelo meu pulso, e eu percebi que cravei minhas unhas nas palmas das mãos com tanta força que estava sangrando.

Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento.

Cada gotejamento soava como um estrondo sônico no espaço escuro e apertado. Eles podiam ouvir? Eles podiam me ouvir, agachado atrás da lareira como um covarde enquanto eles assassinavam minha família?

Eu queria sair correndo. Eu queria pular nos homens e chutar e bater. Eu queria bater em suas cabeças com a escultura pesada na cornija da lareira e arrancar a carne de seus ossos, pedaço por pedaço, até que implorassem pela morte.

Foi a primeira vez que tive pensamentos tão violentos. Mamãe era doce e amorosa, e papai era duro, mas justo. Honroso. Eles criaram Nina e eu para sermos iguais.

Mas depois de ver o que aqueles homens faziam, eu queria torturá-los lentamente. Infinitamente.

Exceto que eu não podia. Se eu fosse lá, eles me matariam também, e não haveria vingança. Não há justiça.

Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento. Gotejamento.

Eu sangrei mais rápido. Não consegui desviar o olhar quando o segundo homem ergueu a arma novamente e atirou.

Um disparo. Isso foi tudo que precisou.

Smudges enlouqueceu. Ele voou para os homens, sibilando e arranhando. Um deles praguejou e tentou chutá-lo, mas ele se esquivou bem a tempo.

— Esqueça o maldito gato. — O segundo homem disparou. — Vamos terminar o trabalho e dar o fora daqui.

— Eu odeio animais, porra. — O primeiro homem murmurou em desgosto. — Ei, ele não disse que havia outra criança? Onde está o piralho?

— Não está aqui. — Seu parceiro olhou ao redor, seus olhos passando pela lareira e se fixando na pequena estátua de jade em uma mesa lateral. — No acampamento ou algo assim.

— Merda, eu nunca estive no acampamento. Você já esteve no acampamento? Eu sempre quis...

— Cale a boca.

Eles verificaram a sala de estar, roubando os itens mais valiosos e colocando as mãos imundas sobre os pertences da minha família antes de finalmente irem embora e o silêncio cair.

Minha respiração rouca no silêncio. Eu esperei e esperei. Quando tive certeza de que eles não voltariam, empurrei a pesada porta do corredor, meu rosto ficando vermelho com o esforço, e tropecei em direção aos corpos na sala de estar.

Mama. Papa. Nina.

Eu deveria chamar a polícia. Eu também sabia que não deveria alterar a cena do crime, mas esta era minha família. Esta foi a última chance que eu tive de segurá-los.

Então eu fiz.

Minha respiração desacelerou, minha cabeça clareou.

Eu deveria ficar com raiva.

Eu deveria me sentir triste.

Eu deveria sentir algo.

Mas eu não senti. Eu não senti absolutamente nada.

A pressão em torno do meu pescoço aumentou. Eu não pude protegê-los. As pessoas que eu mais amei no mundo e fui

inútil. Desamparado. Um covarde.

Eu poderia me vingar o quanto quisesse, mas isso não mudaria o fato de que eles se foram e eu estava aqui. Eu, o mais fodido. Se alguma vez houve prova de que o universo tinha um senso de humor doentio, era essa.

— Eu tenho que ir. — Disse meu tio, alisando a mão sobre a gravata. — Estou encontrando um velho amigo. Você vai ficar no fim de semana?

Pisquei para afastar minhas memórias e assenti.

— Excelente. Vamos jogar xadrez quando eu voltar, hein?

Meu tio era a única pessoa que conseguia se defender contra mim no xadrez.

— Claro. — Esfreguei meu polegar sobre o ferimento em minha mão. — Estou ansioso por isso.



DEPOIS QUE MEU TIO FOI EMBORA, eu passei uma hora na academia da casa trabalhando minhas frustrações, mas algo me incomodou.

Algo que Ivan disse e a maneira como ele disse...

Eu sou o CEO, então ela não teve muita escolha.

Por que diabos meu tio estava me checando, e por que ele queria saber minha agenda tanto que ameaçou Carolina para obter as informações? Ela era uma boa assistente e não divulgaria a informação a menos que fosse necessário.

Desliguei o chuveiro e me sequei, minha mente examinando as possibilidades. Eu não tinha chegado tão longe na vida sem ouvir meus instintos, então me vesti, coloquei um par de luvas de couro e voltei para o escritório do meu tio. Ele tinha câmeras de segurança escondidas lá, mas o jammer top de linha que eu comprei no mercado negro cuidou delas rapidamente.

Eu não tinha certeza do que estava procurando, mas depois de uma hora procurando, incluindo gavetas falsas e compartimentos secretos, não encontrei. O mesmo acontecia com seu quarto.

Talvez eu *estivesse* sendo paranoico.

Meu estômago roncou, me lembrando que eu não tinha comido desde o meu café e bagel no café da manhã. Agora estava perto do pôr do sol.

Desisti dos aposentos privados do meu tio e caminhei em direção à cozinha. Ivan contratou uma governanta que vinha duas vezes por semana para limpar, mas fora isso, ele não tinha funcionários; ele era muito paranoico com espiões corporativos, que ele afirmava poder aparecer em qualquer lugar.

Não confie em ninguém, Alex. São sempre as pessoas que você menos espera que vão apunhalá-lo pelas costas.

No último minuto, mudei para a biblioteca, o lugar favorito do meu tio na casa. A alta sala de dois andares parecia algo saído de uma mansão inglesa, com suas lâmpadas de vitral Tiffany e paredes de prateleiras de mogno gemendo sob o peso de volumes encadernados em couro. Tapetes orientais suaves abafavam o som dos meus passos enquanto eu caminhava pela sala, examinando as prateleiras. Eu esperava que o que quer que eu estivesse procurando não estivesse escondido em um livro falso, havia milhares de livros aqui.

Conhecendo meu tio, porém, ele não escolheria nenhum livro. Ele escolheria algo significativo.

Verifiquei as seções de seus autores favoritos. Fyodor Dostoyevsky, Taras Shevchenko, Leo Tolstoy, Alexander Dovzhenko... ele tinha uma queda por clássicos russos e ucranianos. Disse que eles o fundamentaram em suas raízes.

Mas não, todos os livros eram reais.

Meus olhos percorreram o resto da biblioteca e pousaram no jogo de xadrez de edição limitada no canto. As peças ainda estavam dispostas no mesmo padrão do nosso último jogo.

Enquanto eu examinava o cenário e a área ao redor em busca de qualquer coisa que pudesse dar crédito às minhas suspeitas, bati contra a mesa e um peão caiu no chão.

Amaldiçoei baixinho e me inclinei para pegá-lo. Ao fazer

isso, meus olhos se fixaram na tomada embaixo da mesa. Era uma saída simples e comum, exceto...

Meu olhar viajou para a esquerda.

Havia outra tomada, a menos de trinta centímetros de distância. O Código Elétrico Nacional dos Estados Unidos estipulou que as tomadas devem ser posicionadas a não mais do que seis pés de distância, medidas ao longo da linha do piso, mas era raro ver duas tão próximas.

Fiz uma pausa, tentando ouvir algum ruído, o ronronar da Mercedes do meu tio entrando na garagem, o baque de seus passos contra o piso de parquete.

Nada.

Peguei um clipe de papel pesado da escrivaninha da biblioteca e rastejei para baixo da mesa de xadrez, dobrando o clipe até ficar reto. Eu balancei o parafuso no meio da tomada, me sentindo ridículo, mas meus instintos gritaram para que eu continuasse.

Quando eu estava prestes a desistir, a saída se abriu, revelando uma pilha de papéis na parede.

Tomada falsa. *Claro.*

Meu coração bateu forte quando peguei os papéis, exatamente quando um motor rugiu ao longe.

Meu tio estava em casa.

Desdobrei os documentos e cartas, escritas em dois conjuntos familiares de caligrafia.

Eu os li rapidamente, incapaz de acreditar nos meus olhos.

Eu esperava política corporativa. Jogo sujo na sala de reuniões. Eu não ficaria surpreso se meu tio tentasse manter seu cargo de CEO, embora eu devesse assumi-lo em breve. Mas *isso?* Isso, eu nunca imaginei chegando.

As peças do quebra-cabeça em meu cérebro se encaixaram no lugar, e um estranho misto de traição, fúria e alívio deu um nó em meu estômago. Traição e fúria pela revelação; alívio que...

A porta da frente se abriu. Passos se aproximando.

Enfiei as cartas na parede, dobrando-as do jeito que as havia encontrado, e aparafusei a tampa da tomada de volta. Saí de baixo da mesa, coloquei o peão na mesma posição em que estava antes de derrubá-lo e embolsei o clipe de papel e minhas luvas, que eram pequenas o suficiente para não criarem uma protuberância visível em minhas calças.

Tirei *O conde de Monte Cristo,* de Alexander Dumas, um dos meus livros favoritos, da prateleira a caminho da porta.

— Alex. — Disse meu tio quando me viu no corredor. Ele deu uma risadinha. — Dumas de novo? Você não se cansa desse livro.

Eu sorri.

— Não, não canso.

Todo o tempo, meu sangue fervendo.

32

Ava

Ele estava atrasado.

Bati meus dedos na mesa, tentando não verificar a hora no meu telefone. *Novamente.*

Alex e eu combinamos de nos encontrar no restaurante italiano perto do campus às sete. Já eram sete e meia, e todas as minhas mensagens de texto e ligações ficaram sem resposta.

Meia hora não era *muito* tempo, especialmente quando você levava o tráfego da hora do rush em conta, mas Alex nunca se atrasava. E ele sempre, sempre respondeu minhas mensagens.

Eu liguei para seu escritório, mas sua assistente me disse que ele tinha saído há uma hora, então ele *deveria* estar aqui agora.

A preocupação se desenrolou em meu estômago e roeu minhas entranhas.

Algo aconteceu com ele? E se ele tivesse sofrido um

acidente?

Era fácil pensar em Alex como invencível, mas ele sangrava e sentia dor como qualquer outra pessoa.

Mais dez minutos. Vou dar a ele mais dez minutos, e então vou… inferno, eu não sei. Chamar a maldita Guarda Nacional. Se ele estivesse ferido, eu não ficaria aqui sentada sem fazer nada.

— Posso pegar alguma coisa, querida? — A garçonete apareceu novamente. — Além de água. — Acrescentou ela incisivamente.

As pontas das minhas orelhas ficaram vermelhas.

— Não, obrigada. Estou, hum, ainda estou esperando meu amigo. — Isso parecia um pouco menos patético do que admitir que estava esperando pelo meu namorado.

Um pouco.

Ela soltou um suspiro ofendido e mudou-se para o casal mais velho ao meu lado.

Eu me senti mal por monopolizar a mesa em uma noite de sexta-feira, mas eu mal tinha visto Alex na semana passada e sentia sua falta. Dormíamos na mesma cama todas as noites, e nosso sexo era tão explosivo como sempre, mas ele parecia mais distante durante o dia. Distraído.

— Ava?

Minha cabeça se ergueu e meu peito desinflou quando percebi que não era Alex.

— Lembre de mim? — O cara sorriu. Ele era fofo de um jeito geek-chique, com óculos de aro preto e cabelo castanho comprido. — Eu sou Elliott. Nós nos conhecemos na festa de aniversário de Liam na primavera passada.

— Ah, certo. — Eu suprimi um estremecimento ao som do nome de Liam. Eu não tinha visto ou ouvido falar dele desde o baile de caridade, mas Jules, sempre atenta às fofocas, me informou que ele foi demitido e voltou para a casa de seus pais na Virgínia. Não posso dizer que sinto pena dele. — É bom ver você novamente.

— Você também. — Elliott passou uma mão desajeitada pelo cabelo. — Ei, desculpe pelo que aconteceu com Liam. Não mantivemos contato desde que nós formamos, mas ouvi sobre sua separação e, uh... o que aconteceu. Ele era um verdadeiro idiota.

— Obrigada. — Eu não poderia culpá-lo por ser amigo de Liam. *Ex-amigo?* Fui eu quem namorou o idiota, e os caras geralmente tratam seus amigos melhor do que suas namoradas. Foi uma triste verdade.

— Desculpe incomodá-la durante o jantar, — Seu olhar se desviou para o meu copo de água. — Mas estou procurando um fotógrafo que possa fazer uma sessão de foros de noivado para mim, e nenhum dos que eu verifiquei se encaixa no que Sally, minha noiva, está procurando. Mas eu vi você e lembrei

que você é uma fotógrafa, então achei que era um sinal. — Elliott deu um sorriso tímido. — Espero que isso não pareça assustador, mas eu puxei seu site e mostrei para Sally, e ela *adorou* suas fotos. Se você estiver livre nas próximas semanas, adoraríamos contratá-la.

Vi uma loira bonita em uma mesa vizinha nos observando. Ela sorriu e acenou para mim. Eu acenei de volta.

— Parabéns. — Eu disse, meu sorriso genuíno desta vez. — Eu adoraria ajudar. Dê-me seu número e podemos resolver os detalhes mais tarde.

Enquanto trocávamos informações de contato, uma voz gélida cortou o barulho do restaurante.

— Você está no meu caminho.

Alex estava atrás de Elliott, prendendo-o com um olhar tão escuro que fiquei surpresa que o pobre homem não se desintegrou em cinzas.

— Oh, desculpe...

— Por que você está pegando o número da minha namorada?

Elliott me lançou um olhar nervoso e eu cerrei minha mandíbula. *Sério?* Alex estava quase uma hora atrasado, e ele teve a coragem de agir como um idiota ciumento no minuto em que apareceu?

— Ele é um cliente. — Eu disse, lutando para manter a

calma. — Elliott, eu te ligo mais tarde, ok? Parabéns novamente pelo seu *noivado.* — Enfatizei a última palavra. A carranca de Alex diminuiu um pouco, mas ele não relaxou completamente até que Elliott correu de volta para sua mesa.

— Que raio foi aquilo? — Eu exigi.

— O que foi o quê? — Alex se sentou.

— Você está atrasado e foi rude com Elliott sem motivo.

Ele abriu o guardanapo e o colocou no colo.

— Eu tinha negócios urgentes para cuidar e meu telefone descarregou, então não pude ligar para você. Quanto a *Elliott,* eu apareci e vi um cara aleatório flertando com minha namorada. Como você esperava que eu reagisse?

— Ele. Não. Estava. Flertando. Comigo. — Eu exalei um longo suspiro. Não era assim que eu imaginei a noite indo. — Olha, eu não quero brigar. Esta é a primeira vez que fazemos uma refeição juntos em mais de uma semana e quero aproveitar.

— Eu também. — O rosto de Alex se suavizou. — Desculpa, estou atrasado. Eu vou compensar você.

— É melhor mesmo.

Seus lábios se curvaram.

Fizemos nossos pedidos, a garçonete parecia muito mais feliz depois que Alex pediu o vinho branco mais caro do

cardápio. Eu não poderia beber vermelho ou meu rosto explodiria. Eu culpo meus genes asiáticos, um gole de álcool, especialmente vinho tinto, e fico da cor de um tomate.

Esperei até que o garçom trouxesse nossos pratos antes de revelar minhas grandes novidades.

— Tive uma resposta da bolsa de fotografia hoje.

O garfo de Alex parou a meio caminho de sua boca.

— Eu entrei. — Mordi meu lábio inferior, meu peito selvagem com a batida de excitação e nervosismo. — Nova York. Eu entrei.

— Eu sabia que você iria. — Simples e verdadeiro, como se ele nunca tivesse duvidado de mim, mas os olhos de Alex brilharam de orgulho. — Parabéns, Sunshine.

Ele se inclinou sobre a mesa e deu um beijo em meus lábios. Eu estava tão tonta que não conseguia parar de sorrir, e minha irritação anterior se dissipou. E daí se ele se atrasou um pouco? *Eu entrei!*

Quase deixei cair meu telefone quando recebi o e-mail esta manhã. Eu tive que relê-lo várias vezes antes que as palavras caíssem.

Eu, Ava Chen, seria bolsista de Fotografia da Juventude Mundial. Eu passaria um ano em Nova York, estudando com os melhores fotógrafos do mundo. Meu único arrependimento foi não poder estudar com Diane Lange, que ensinou a coorte

de Londres, porque embora eu tivesse progredido com minha aquafobia, ainda não estava pronta para voar sobre o oceano.

Mas estava tudo bem. Eu a encontraria um dia. Nesse ínterim, eu trabalharia para aprimorar meu ofício e, *puta merda, eu seria um bolsista WYP!* Uma das homenagens de maior prestígio da indústria.

Meu coração disparou antes que a realidade me puxasse para baixo.

— Estarei em Nova York. — Eu disse depois que Alex e eu nos separamos. — Você estará em DC.

— Não, não estou. — Seus olhos brilharam com meu olhar questionador. — O Archer Group tem um escritório em Manhattan.

Meu coração esperançoso bateu as asas novamente.

— Mas você construiu sua base aqui. Sua casa, seus amigos...

— Não é minha casa; é de Josh. Estou guardando para ele. E a maioria das pessoas que conheço aqui são conhecidos, não amigos. — Alex encolheu os ombros com elegância. — É uma equação simples, Sunshine. Se você está em Nova York, estou em Nova York.

Os últimos vestígios da minha hesitação foram embora. Eu sorri, tão feliz que poderia dançar bem aqui no meio de um restaurante lotado.

— Você sabe como...

Algo zumbiu. Alex enrijeceu e meus olhos caíram para o bolso do casaco, que zumbiu novamente.

Meu sorriso desapareceu.

— Você disse que seu telefone descarregou.

Só assim, a tensão voltou, fervendo no ar até que se tornasse uma fervura completa.

A noite era uma montanha russa emocional e eu não conseguia acompanhar.

— Eu carreguei no carro. — Alex bebeu um gole de vinho com os ombros tensos.

— Mas você não respondeu a nenhuma das minhas mensagens ou ligações. — Coloquei minhas mãos sob minhas coxas, de repente com frio, embora o aquecedor estivesse ligado. — Por que você estava realmente atrasado, Alex?

— Eu disse a você, eu tinha negócios urgentes para cuidar.

— Isso não é bom o suficiente.

— Não sei o que você quer que eu diga.

— A *verdade!* — Baixei a voz quando os clientes da mesa ao lado me olharam alarmados. — Isso é tudo o que eu quero. Por favor. Meu pai, Michael mentiu para mim durante toda a minha vida, e eu não quero que você comece.

Uma sombra passou pelo rosto de Alex antes de desaparecer.

— Eu não vou mentir a menos que a verdade machuque você.

Meus dentes cerraram.

— Alex...

— A negação plausível existe por uma razão, Sunshine. — Ele cortou o macarrão com mais força do que o necessário.

— O que você fez? — Eu sussurrei.

Alex apertou seu garfo.

— Nem sempre sou uma boa pessoa. Nem sempre faço a coisa certa. Você sabe disso, mesmo que pareça determinada a ver o que há de bom em mim. Eu não vou... — Ele soltou um suspiro reprimido, parecendo frustrado. — Apenas esqueça, Ava. Para o seu próprio bem.

— Certo. Vou esquecer. — Joguei meu guardanapo na mesa, minha própria frustração fervendo. — Eu também estou indo embora. Eu perdi meu apetite.

— Sunshine... — Ele estendeu a mão para mim, mas eu encolhi os ombros e corri antes que ele pudesse me parar.

Meu peito estava apertado enquanto eu caminhava rapidamente para casa. O que deveria ter sido uma das melhores noites da minha vida se tornou uma das piores.

33

Alex

Eu paguei e saí do restaurante imediatamente após Ava. Ela não tinha ido muito longe, e eu a segui discretamente para me certificar de que ela chegasse em casa em segurança antes de eu dirigir de volta para DC

Eu odiava vê-la chateada, especialmente em uma noite em que deveríamos estar comemorando em vez de brigar. Eu queria correr atrás dela e pedir desculpas por ser um idiota, mas o tempo estava passando e eu precisava terminar o que comecei.

Só então poderia deixar o passado para trás de uma vez por todas.

Eu encarei a tela do meu computador, observando os minutos passando. *23:55.* Eu dei ao homem um prazo até meia-noite.

23:56

Eu *não tinha* contado a verdade a Ava... sobre muitas coisas. Eu não tinha negócios urgentes para cuidar antes do jantar, pelo menos nenhum relevante para o Grupo Archer. Em

vez disso, estive conversando com o assassino da minha família.

A polícia considerou os assassinatos de meus pais e de minha irmã como uma invasão de casa que deu errado, mas eu sabia que não. Os homens disseram que era um trabalho e mencionaram um "ele", alguém que sabia que eu deveria estar no acampamento naquele verão, embora isso fosse algo que qualquer pessoa com acesso à Internet e um mínimo de conhecimentos de informática pudesse descobrir, o acampamento postou uma lista de seus participantes online todos os anos.

Eu mantive o conhecimento de seus verdadeiros motivos para mim, no entanto. Eu era jovem, mas tinha idade suficiente para saber que o sistema de justiça criminal não faria o tipo de justiça que eu ansiava: aniquilação total.

Então eu esperei.

23:57

Meu tio foi a única pessoa para quem contei. Ele também não acreditava que fosse uma simples invasão.

Mas a polícia prendeu os culpados alguns dias depois, graças às imagens de segurança da rua que identificaram a placa do carro, e eles confirmaram que era uma invasão de casa. Os ladrões disseram que não queriam deixar testemunhas, então mataram todos. Eles também não haviam chegado a julgamento antes de morrerem misteriosamente na

prisão.

Meu tio fez algumas pesquisas e encontrou o homem que contratou o assassino. Aparentemente, ele era um dos rivais de meu pai nos negócios e tinha um histórico de negócios duvidosos e práticas implacáveis. Pela lógica, deve ter sido ele quem ordenou a matança na minha família também.

Passei cada segundo da minha vida tramando a sua queda.

23:58

Eu era criança e confiava no meu tio, mas o que li na biblioteca jogou tudo que eu sabia sobre ele pela janela.

Ava estava certa, eu estive distraído na semana passada, ocupado com meu jogo de xadrez. Não o inacabado com meu tio na biblioteca, mas aquele que está jogando na vida real.

Eu fiz com que meu técnico invadisse os registros financeiros de Ivan desde a morte da minha família e paguei a ele uma grande soma para trabalhar dia e noite até que ele encontrasse o que eu esperava encontrar o tempo todo. Uma grande quantia de dinheiro havia sido transferida de uma das contas offshore secretas de meu tio para uma conta anônima dois dias antes da morte de minha família, e outra soma igual fora enviada no dia seguinte. Uma quantia ainda maior foi enviada para uma segunda conta anônima um dia após a morte dos ladrões.

Eu paguei ao hacker outra quantia assustadora para

rastrear o segundo assassino. Ele me contatou quando eu estava a caminho para encontrar Ava, dizendo que tinha localizado a pessoa, um notório assassino de aluguel que atendia pelo nome de Falcon. Ele aparentemente se aposentou, mas eu não precisava de suas habilidades. Eu só precisava de um nome.

Como um gesto de boa vontade, transferi para Falcon vinte e cinco por cento dos cinquenta mil que prometi a ele se ele confirmasse quem o contratou para matar os ladrões.

Agora, eu esperei.

23:59

Eu encarei a tela preta em branco do Vortex, um site de mensagens totalmente criptografado popular entre aqueles no submundo do crime. Inquebrável e indetectável, era onde ocorria a maioria das transações mais sórdidas do mundo.

Um arrepio passou por mim.

Não me preocupei em ligar o aquecedor. Comprei esta casa em DC com o nome de uma empresa de fachada porque queria um lugar onde pudesse realizar minhas atividades mais ilícitas sem que ninguém soubesse, nem mesmo meu tio. Ela ostentava um sistema de segurança do qual o Pentágono teria inveja, incluindo um bloqueador oculto que desativava todos os dispositivos eletrônicos dentro da casa, a menos que você tivesse o código, que só eu sabia.

12h00

Uma nova mensagem apareceu na tela.

Meia-noite em ponto. Tenho que reconhecer um assassino pontual.

Eu li a mensagem com calma, meu sangue mais frio do que o frio rastejando ao longo das tábuas do chão e paredes nuas.

Sem saudação, sem perguntas. Apenas um nome, como eu pedi.

Transferi o resto do dinheiro para o Falcon e fiquei sentado no escuro, meditando sobre as notícias.

Eu sabia. Claro que eu sabia. Todas as evidências apontavam para isso, mas agora eu tinha minha confirmação.

O homem responsável pela morte da minha família não era Michael Chen, o pai de Ava.

Era Ivan Volkov, meu tio.

34

Alex

Eu fiz panquecas.

Eu raramente cozinhava, por que perder meu tempo fazendo algo de que não gostava e que poderia pagar a outras pessoas para fazer? Mas abri uma exceção hoje. Eu estava esperando por um visitante e não queria perder tempo comendo fora.

A campainha tocou.

9h07, de acordo com o relógio do meu micro-ondas. Mais cedo do que eu esperava, o que significava que ele estava ansioso.

Desliguei o fogão e tomei um gole de chá ao abrir a porta. Quando o fiz, tive que mascarar minha surpresa.

Não era quem eu esperava.

— O que você está fazendo aqui, Sunshine?

Não era a saudação mais calorosa, mas ela precisava sair antes que ele chegasse.

Um leve pânico passou por mim com a ideia de eles se encontrarem.

Ava franziu a testa. Ela parecia exausta e eu me perguntei se ela estava tendo pesadelos novamente. Eles diminuíram desde que ela recuperou suas memórias, mas eles ainda apareciam de vez em quando.

A preocupação e a culpa tomaram conta de mim. Não nos falávamos há dias. Ela ainda estava com raiva de mim e eu fui pego em meus planos. Foi difícil convocar um conselho corporativo na semana antes do Natal, em segredo, nada menos, mas eu tinha informações de chantagem suficientes sobre cada membro para que eles concordassem com meu pedido.

— Nós precisamos conversar. Sobre nós. — Ava disse.

Não são palavras que qualquer homem queira ouvir sair da boca de sua namorada, especialmente quando ele e a namorada estavam em terreno rochoso. Eu não podia esperar até que essa confusão com meu tio acabasse para que eu pudesse dar a ela a atenção que ela merecia.

Quanto ao meu plano de vingança distorcido e aparentemente mal colocado contra seu pai... isso era uma confissão para outro dia.

Se eu alguma vez confessarei.

Michael Chen era um bastardo sociopata, mesmo que não tivesse planejado o assassinato de minha família, e fiquei

tentado a seguir meu plano original de contratar alguém para matá-lo na prisão. Mas eu não faria... ainda.

— Podemos falar depois? — Uma Mercedes cinza familiar apareceu e meus músculos ficaram tensos. — Agora não é uma boa hora.

Ava balançou a cabeça.

— Já faz uma semana, o Natal é em dois dias e estou cansada de ficarmos na ponta dos pés. Você está agindo estranho há um tempo e eu mereço saber o que está acontecendo. Se você não quiser mais ficar comigo... — Ela exalou uma respiração afiada, seu rosto ficando vermelho. — Apenas me diga. Não me enrole.

Droga. Se ao menos Josh tivesse voltado para o Natal como ele planejou, ele teria mantido Ava longe. Mas houve um terremoto em sua região de voluntários, ele estava bem, graças a Deus, e as pessoas precisavam de toda a ajuda médica que pudessem receber, então ele ficou. Eu doei uma grande quantia para ajudar nas despesas de sua organização também. Parcialmente por caridade, principalmente por culpa.

Ava não foi o único Chen com quem eu fodi nos últimos anos.

Meu tio estacionou e saiu do carro, o rosto ameaçador.

Meu aperto aumentou em torno da minha caneca.

— Claro que quero ficar com você. — Eu disse em voz

baixa, mantendo um olho em Ivan. — Eu sempre vou querer estar com você. Mas eu...

— Alex. — O tom agradável de meu tio desmentia a fúria fervendo em seus olhos. Quando Ava se virou, assustada, ele alisou o rosto em um sorriso gracioso. — Quem é esta adorável criatura?

Se a caneca fosse de vidro, já teria rachado.

— Ava, tio Ivan. — Eu respondi, a voz cortada.

— Ah, a famosa Ava. Que bom conhecê-la, querida.

Ela sorriu, parecendo desconfortável.

— Não sabia que você estava esperando companhia. — Ela me disse. — Hum, você está certo. Podemos conversar mais tarde...

— Absurdo. Estou aqui apenas para uma conversa amigável com meu sobrinho. — Ivan colocou a mão nas costas de Ava e a guiou para dentro de casa. *Tire suas malditas mãos dela.* A raiva passou por mim, mas eu a reprimi.

Eu não conseguia perder a calma. Agora não.

Nós nos acomodamos na sala de jantar, Ava e eu de um lado, Ivan do outro. A tensão envolveu o ar.

— Alguém quer uma bebida? — Eu coloquei minha caneca quase vazia sobre a mesa. — Chá? Chocolate quente?

Ava balançou a cabeça. — Não, obrigada.

— Chá verde para mim. — Ivan deu um tapinha no estômago. Voltei alguns minutos depois com sua bebida e o encontrei em uma conversa profunda com Ava.

— ...Fim de semana de Ação de Graças? — Meu tio pegou o chá de mim com um sorriso malicioso. — Alex, Ava estava me contando sobre como você passou o seu dia de Ação de Graças. Ele adora passar as férias com os Chens. — Disse a ela. — Ele os acha tão... esclarecedores.

Meus músculos queimavam de quão tenso eu estava enquanto Ava retribuía seu sorriso com o seu próprio sorriso incerto.

— O que posso fazer por você, tio? — Eu perguntei, tomando meu assento com indiferença cuidadosa. — Deve ser importante se você veio aqui tão cedo. Longa viagem da Filadélfia.

— Queria dar os parabéns ao meu sobrinho favorito. — O sorriso de Ivan se estreitou. Não me incomodei em apontar que era seu *único* sobrinho. — Ava, querida, você sabia que está sentada ao lado do novo CEO do Archer Group?

Eu não traí nenhuma emoção enquanto a cabeça de Ava chicoteava em minha direção, com os olhos arregalados.

— Meu tio gentilmente deu um passo para o lado. — Eu disse. Eu me dirigi a Ivan. — Agradeço sua tutela e todos os anos que você dedicou à empresa, mas agora você pode se aposentar e se dedicar à pesca, palavras cruzadas, dramas de

TV... uma vida de lazer, como você merece.

— Sim. — Ele disse friamente. — Estou ansioso para isso.

Era tudo besteira, esse show que estávamos fazendo. Meu tio não renunciou, embora essa fosse a história oficial que transmitimos à imprensa. Ele caiu do poder graças ao golpe secreto da diretoria que passei a semana anterior executando. Eu tive que usar mais truques sujos do que o normal para fazer isso em tão pouco tempo, mas a raiva é o maior motivador do mundo.

Eu agora era o CEO do Archer Group e Ivan não era nada. Depois que terminar com ele, ele também não *teria mais* nada.

— Parabéns. Isso é incrível. — Ava parecia genuinamente feliz por mim, mas também parecia confusa e um pouco magoada, provavelmente porque eu não tinha mencionado algo tão grande para ela. Então, novamente, a mudança não tinha sido oficial até ontem à tarde. Sem dúvida, o conselho notificou Ivan, e ele dirigiu até aqui na primeira hora da manhã, com a intenção de me mandar embora.

Ele não tirou os olhos de mim ao dizer:

— Você e Ava deveriam nos visitar um dia. Sou um velho que não tem muitos amigos e não gosto muito de sair de casa. — Ele deu uma risadinha. — Estou um pouco paranoico com a segurança, sabe. Tenho câmeras em toda a minha casa, meu escritório, a cozinha... a biblioteca. Eu raramente assisto todas as fitas, mas... — Ele tomou um gole de chá. — O que é um

homem com muito tempo livre para fazer?

Eu li nas entrelinhas em um instante.

Porra. Como eu perdi as câmeras da biblioteca? Eu bloqueei as do seu quarto e escritório e as ajustei depois para que não mostrassem nenhuma perda de tempo suspeita, mas meu tio nunca tivera câmeras nas outras salas antes. Ele deve ter verificado os feeds para ver o que eu estava fazendo depois que ele recebeu a notícia do golpe.

Ele ficou mais paranoico e eu fiquei mais relaxado.

Eu não cometeria esse erro novamente.

Ivan e eu nos encaramos. O jogo estava pronto. Ele sabia que eu tinha visto as cartas entre ele e minha mãe, aquelas em que ele professou seu amor e implorou para ela deixar meu pai, aquelas em que ela o rejeitou até que ele ficasse cada vez mais agressivo e ela tivesse que fazer ameaçá-lo com uma ordem de restrição... aquelas em que ele prometeu que ela se arrependeria de tê-lo rejeitado.

Assim que tive essa informação, o resto do quebra-cabeça se encaixou, por que meu pai e Ivan se desentenderam, como os ladrões sabiam tanto sobre nossa família, por que meu tio às vezes ficava com uma expressão estranha quando conversávamos sobre meus pais.... Eu sempre soube o quão narcisista meu tio poderia ser, e a rejeição de minha mãe deve ter atingido forte, forte o suficiente para que ele planejasse a morte de seu próprio irmão.

Isso não explica por que ele escolheu Michael Chen como bode expiatório, mas eu descobriria. Eu não pararia até que tivesse retirado cada camada da decepção de Ivan e o estrangulado com elas.

Agora eu entendia como Ava se sentia. Eu tinha mentido para a maior parte da minha vida também, só que minha reação foi muito menos benigna do que a dela.

— Hum, claro. — Ava olhou para mim. — Nós vamos visitar algum dia.

Sim. Sobre o meu cadáver. Ou, para ser mais preciso, o cadáver do meu tio.

— Excelente. — Ivan colocou sua caneca vazia sobre a mesa. — Bem, eu acho que eu exagerei nas minhas boas-vindas. Vou deixar vocês, crianças, sozinhas. Alex, tenho certeza que conversaremos em breve.

— Tenho certeza que iremos. — Eu disse lentamente.

Depois que ele saiu, Ava e eu ficamos em silêncio, olhando um para o outro com cautela. Eu queria puxá-la para mim, beijá-la e tranquilizá-la, mas tudo tinha ficado complicado “pra” caralho. Sem mencionar que ela ainda não sabia a verdade sobre mim e o que eu fazia.

Ela não vai descobrir. A única outra pessoa que sabia era meu tio, e ele logo estaria fora de cena.

Uma pessoa melhor contaria a verdade a ela, mas prefiro

ser o vilão com ela ao meu lado do que o herói que correu o risco de perdê-la por causa de um senso de moralidade equivocado.

O que ela não sabe não vai machucá-la.

— Seu tio não é o que eu esperava. — Ela finalmente disse. — Ele é muito... educado.

Isso puxou um pequeno sorriso de mim. Ela também não gostava dele. *Garota esperta.*

— Por que você não me contou sobre sua promoção? — Ela perguntou. — Isso é uma grande notícia! Devíamos ter comemorado ou algo assim.

— Não era oficial até ontem. Pensei em anunciar como uma surpresa de Natal. — Isso era parcialmente verdade.

Ava suspirou, sua expressão ficando triste.

— Estou com saudades, Alex.

Deus, essa garota. Ela não tinha ideia do que fazia comigo.

— Eu também sinto sua falta, Sunshine. — Abri meus braços e ela subiu no meu colo, envolvendo os braços em volta do meu pescoço. Eu respirei seu perfume, meu coração doendo. Eu queria mantê-la aqui, segura e amada, para sempre. Foda-se o resto do mundo. Isso poderia queimar por tudo que me importava.

— Eu não quero lutar, mas... — Seu lábio inferior desapareceu entre os dentes. — Você *tem* agido de forma estranha ultimamente. Se algo estiver errado, você sabe que pode me dizer e nós resolveremos juntos, certo?

— Eu sei. — Como ela era tão incrível? Qualquer um que passou pelo que ela passou teria se trancado longe do resto do mundo, mas não Ava. Ela estava sempre pensando nos outros.

Eu não a mereço.

— É porque eu disse a você que eu...— Ela fez uma pausa, o rosa desabrochando em suas bochechas. — Te amo?

— Claro que não. — Eu apertei meu abraço e a beijei. — Você sabe que eu faria qualquer coisa por você.

— Ok, porque você começou a agir estranho logo depois...

— É o trabalho. — Eu menti. — Estou estressado com a transição do CEO. — Também parcialmente verdade.

Foi uma prova da confiança de Ava que ela acreditou nas minhas palavras.

— Você será um ótimo CEO. — Ela roçou os lábios em um ponto sensível no meu pescoço e meu pau saltou de interesse. Eu não a tocava há uma semana e estava morrendo de vontade de agarra-la e fazer do meu jeito. — Agora, que tal aliviarmos esse estresse...

Eu respondi com um sorriso malicioso.

— Eu gosto do jeito que você pensa.

Mas enquanto eu a carregava para cima e a fodia em todas as posições até que ela não pudesse mais gritar, a sensação de desgraça iminente pairando sobre mim permaneceu.

35

Alex

Meu mundo desabou duas semanas após a visita do meu tio.

Eu estava dirigindo para o trabalho quando recebi um telefonema de Ivan solicitando que eu o visitasse o mais rápido possível. Ele estava suspeitamente quieto desde que foi destronado como CEO, mas eu sabia por quê. Eu também sabia por que ele pediu uma visita, eu estava esperando por isso.

Liguei para minha assistente e disse a ela para cancelar o resto das minhas reuniões do dia e cheguei à Filadélfia em duas horas.

Eu diminuí meus passos enquanto subia as escadas para o escritório do meu tio, certo de que ele tinha câmeras monitorando cada movimento meu desde que eu estacionei nos portões da propriedade.

Eu o encontrei sentado atrás de sua mesa, assistindo seu amado drama russo na TV.

— Olá tio. — Encostei-me na parede e enfiei as mãos nos

bolsos, a imagem da indiferença casual.

O olho de Ivan estremeceu.

— Então você finalmente conseguiu, seu merdinha.

Eu reprimi um sorriso. Meu tio raramente praguejava; ele deve ter enlouquecido de raiva. Eu pude ver por quê; ele parecia horrível. Avistei uma careca em seu cabelo, bem como manchas vermelhas escamosas e algumas erupções pustulosas de aparência desagradável em sua pele. Seu rosto parecia abatido, sua pele pálida.

Para alguém tão vaidoso como meu tio, a deterioração de sua aparência deve ser um pesadelo vivo.

— Sempre vou arranjar tempo para visitar meu tio favorito. — Meu *único* tio, embora não por muito mais tempo. — Você não parece tão bem. Estressado por perder o emprego?

Um músculo pulsou em sua mandíbula.

— Você está devolvendo o cargo de CEO para mim.

Quase ri alto.

— Porque eu faria isso?

— Porque. — Ivan se recostou e cruzou as mãos sobre o estômago. — Eu tenho algo que você quer e tenho a sensação de que você fará qualquer coisa para recuperá-lo incluindo demitir-se do Archer Group, readmitir-me como CEO e me transferir cinquenta milhões de dólares. Pelo sofrimento

emocional. — Explicou.

Suas faculdades mentais devem estar se deteriorando mais rápido do que sua aparência física se ele pensava que eu faria *qualquer uma* dessas coisas.

— Claro que você quer. — Eu disse indulgentemente. — Vamos ver o que é esse 'algo' mágico primeiro.

— Eu disse 'algo'? — Os olhos de Ivan brilharam com malícia. — Eu quis dizer 'alguém'. Traga-as para dentro. — Ele latiu a última declaração em russo.

Houve uma briga do lado de fora da porta, e meu sangue gelou quando um homem enorme em calças camufladas e placas de identificação entrou, arrastando duas garotas amarradas e amordaçadas atrás dele.

Ava e Bridget.

Elas olharam para mim, o medo estampado em cada centímetro de seus rostos.

Demorou cada grama de força de vontade para não exibir uma reação visível.

— Entendo. — Eu disse com uma voz entediada. — Desculpe, tio, mas não vejo nada, nem ninguém, que me faça pensar em te dar alguma merda, muito menos cinquenta milhões de dólares.

Um pequeno corte marcava o rosto de Ava. Lágrimas mancharam suas bochechas e ela olhou para mim com os

olhos arregalados, sua angústia evidente. Hematomas marcavam seus braços de onde Camo a agarrou, e eu vislumbrei pele vermelha e esfolada de onde a corda cravou em seus pulsos.

Ava. Machucada.

Uma raiva selvagem e consumidora explodiu em meu estômago até preencher cada centímetro do meu ser.

Eu encarei Camo, e ele olhou de volta, presunção escorrendo de sua cara feia.

Não por muito tempo.

Ele iria morrer hoje. Devagar. Dolorosamente.

Fiquei satisfeito em notar que ele tinha vários cortes e hematomas. Ava e Bridget claramente brigaram, mas isso não importava.

Ele ousou tocar o que era meu, e por isso, eu o faria implorar por algo tão doce quanto a morte.

O guarda que contratei para cuidar de Ava caso meu tio fizesse uma merda como essa? Ele morreria também por falhar em seu trabalho.

Ao lado de Ava, Bridget mexeu, com o rosto pálido. O pequeno movimento levou Camo a puxar seu braço em advertência, mas para seu crédito, ela não vacilou. Em vez disso, ela olhou para ele, seu olhar duro.

A princesa real, mesmo quando sequestrada.

Falando nisso, onde diabos estava *seu* guarda-costas? Rhys era um ex-SEAL da Marinha. Ele deveria ser mais competente do que o idiota aparente que eu contratei.

Não tive tempo para pensar nessa questão. Mudei minha atenção de volta para meu tio, que tinha um sorriso malicioso.

— Você não pode me enganar, Alex. — Disse ele, sua voz fina e esganiçada. — Eu vi o jeito que você olhou para ela. Ela é a razão pela qual você puxou seu freio com o plano de vingança. Você a ama. Mas ela vai te amar depois que descobrir o que você fez?

Uma forte pressão circulou meu pescoço, apertando. Minha respiração se acelerou.

Eu sabia o que meu tio estava fazendo. Ele estava me forçando a confessar, a maior mentira que já contei, a pior coisa que já fiz. Ele queria que Ava me odiasse.

E a pior parte era que eu tinha que fazer isso. Eu desistiria dela se isso significasse salvá-la.

— É aí que você está errado. — Eu disse lentamente, mantendo meu olhar fixo no de Ivan. — Você me subestima, tio. Ela nunca foi mais do que um peão no meu jogo. Por que você acha que eu recuei depois que o pai dela foi para a prisão? Ela foi inútil para mim depois disso. Eu admito, o sexo foi bom. — Dei de ombros. — Essa foi a única razão pela qual eu não a cortei totalmente.

Eu vi a cabeça de Ava se erguer com o canto do meu olho.

— Desculpe, Sunshine. — Obriguei-me a injetar uma cadência zombeteira em seu apelido. — O gato está fora da bolsa, então eu posso muito bem contar a você a história toda. O homem de quem falei, aquele que assassinou meus pais? Esse era o seu pai, bem, pai falso. Michael Chen.

Os olhos de Ava saltaram, e Bridget finalmente se mexeu, sua respiração aguda audível mesmo através de sua mordaça.

— Eu sempre soube. — Eu caminhei em sua direção. Camo ficou tenso e deu um passo em minha direção, mas Ivan acenou para ele com um sorriso encantado. Ele estava gostando disso, aquele bastardo. — Você acha que foi uma coincidência que Josh e eu fomos designados para o mesmo quarto em nosso primeiro ano? Um suborno pesado com a pessoa certa vai longe, e não há maneira melhor de destruir seu inimigo do que por dentro. Joguei a cartada dos pais mortos para ganhar sua simpatia até que ele me convidou para as férias e, enquanto todos dormiam, bisbilhotei. Eu grampeei sua casa, examinei os arquivos do seu pai... encontrei muitas informações interessantes. Por que você acha que o negócio dele sofreu tanto sucesso ao longo dos anos?

Uma lágrima rolou pela bochecha de Ava, mas eu continuei. *Sinto muito, Sunshine.*

— Eu desmontei seu império, peça por peça, e você e Josh não tinham ideia. — Soltei uma risada suave, mesmo enquanto meu peito queimava. — Este ano seria o grande final. O ano

em que meu plano de derrubar sua empresa pública e humilhante aconteceria. Mas eu precisava de mais uma informação, mais uma desculpa para vasculhar seu escritório. Então Josh, minha passagem para sua casa todo Dia de Ação de Graças, anunciou que era voluntário na América Central. Muito inconveniente. Eu precisava de outro. — Eu segurei seu rosto com uma mão, sabendo que esta poderia ser a última vez que a tocaria. — É aí que você entra em cena. Josh fez a maior parte do trabalho pesado sozinho quando me pediu para cuidar de você, mas eu plantei a ideia de me mudar para a casa dele. Depois de tudo. — Eu sorri, meu coração lentamente se despedaçando. — É muito mais fácil fazer você se apaixonar por mim quando você tem que me ver todos os dias. E você fez. Foi tão fácil que foi quase constrangedor. Doce e confiante Ava, tão ansiosa para consertar coisas quebradas. Tão desesperada por amor que ela o levaria a qualquer lugar que pudesse encontrar.

Ela balançou a cabeça, o peito arfando. Ela parou de chorar, mas seus olhos ardiam de raiva e traição. *Essa é minha garota. Me odeie. Não chore por mim. Nunca chore por mim. Eu não valho a pena.*

— Aquela noite depois do jantar de Ação de Graças? Encontrei a informação que procurava. — Disse eu. — Seu pai ficou desesperado ao longo dos anos enquanto seu negócio desmoronava e ele fazia alguns negócios ruins com pessoas ruins. Eu tinha tudo planejado... a apreensão do FBI, o circo da mídia. — Eu deixei de fora a parte em que planejei matar

Michael na prisão. O júri ainda estava decidido se eu puxaria esse plugue. — Mas imagine minha surpresa quando você recuperou suas memórias. Foi como uma surpresa de Natal antecipada. Se eu não conseguisse pegá-lo no negócio da empresa, poderia pegá-lo na tentativa de assassinato. E funcionou. Exceto... — Eu me virei para meu tio, cujos olhos brilhavam com malícia. — Eu estava errado. Nunca foi Michael. Foi, tio?

Os lábios de Ivan se esticaram em um sorriso fino. Ele não tinha nenhuma semelhança com o homem que me trouxe para sua casa e me tratou como seu filho, ou assim eu pensei. Demorou anos para construir um relacionamento e um segundo para destruí-lo, e o nosso estava totalmente arruinado.

Não confie em ninguém, Alex. São sempre as pessoas que você menos espera que vão apunhalá-lo pelas costas.

— Essa é a beleza disso. — Ele disse, mesmo enquanto estremecia. Eu me deliciei com o prazer daquele pequeno movimento, fazia duas semanas; ele deve estar com muita dor agora, mesmo enquanto meu coração se despedaçava com a maneira como Ava parecia comigo. Como se ela não me conhecesse.

Em alguns aspectos, ela não conhecia.

— Michael *era* um dos rivais de negócios de seu pai quando Anton começou a se expandir para Maryland. Eles nunca se deram bem, Anton odiava a maneira como Michael

conduzia os negócios, e Michael odiava que alguém ousasse invadir 'seu' território. Eles finalmente chegaram a uma trégua, mas Michael era um bode expiatório fácil. Não demorou muito para plantar 'evidências' em que um adolescente impressionável como você acreditaria. — Ivan tossiu. — Você é um garoto inteligente, mas seu desejo de vingança o cegou. Sempre odiei o homem, de qualquer maneira. Ele me humilhou uma vez em uma festa para a qual seu pai o convidou como um 'gesto de boa vontade', embora eu tenha dito a Anton para não fazê-lo, e não fiquei surpreso ao descobrir que Michael é um psicopata também.

— Você é quem fala. — Eu disse friamente. Meu tio *ficaria* maluco o suficiente para guardar rancor por causa de algum desprezo em uma festa que aconteceu décadas atrás.

Eu tinha feito o possível para garantir que Michael não soubesse de Ivan nem da minha ligação com meu pai, porque ele não receberia exatamente o filho do homem que ele assassinou (ou assim eu pensei) em sua casa. Eu mudei nossos sobrenomes e apaguei qualquer evidência que nos ligasse a Anton Dudik. Meu tio e eu nascemos Ivan e Alex Dudik; agora éramos Ivan e Alex Volkov. Tive sorte de meu tio ser tão paranoico, havia poucas fotos públicas ou vestígios dele antes de começarmos o Archer Group, o que facilitou meu trabalho.

Aparentemente, tudo isso foi em vão, já que Michael já havia conhecido Ivan e sabia de sua ligação com meu pai. Ele não gostava de mim, mas também não se importava em me ter

em sua casa, porque ele não era o assassino.

Eu não podia acreditar que meu tio colou a venda sobre meus olhos por tanto tempo. Eu deveria ser um gênio. Um mestre estrategista. Mas eu fui vítima da mesma falha de todos os outros humanos, acreditar no melhor de alguém simplesmente porque eles estavam lá para você no seu pior. Ele era meu único parente vivo, e eu deixei isso afetar minha percepção dele.

Agora, por causa da minha confusão, Ava estava ferida.

Meu estômago apertou. Eu mantive meu olhar desviado dela, se eu olhasse para ela eu iria perdê-lo, e eu não poderia me dar ao luxo de perdê-lo. Não com Camo apontando uma arma para ela e os olhos afiados de meu tio observando tudo. Ele pode estar morrendo, mas eu não iria subestimá-lo até que ele estivesse quase dois metros no chão.

— Posso dizer o mesmo para você. — Ivan estremeceu novamente, embora tentasse esconder. Eu esperava que o bastardo sofresse até seu último suspiro na terra. — Você, eu, Michael. Somos todos feitos do mesmo tecido escuro. Estamos dispostos a fazer o que for preciso para alcançar o que queremos. Eu sabia que era inteligente aceitar você. — Disse ele. — Você estava tão grato, e eu não poderia deixar que seu intelecto fosse desperdiçado. Temos nos saído bem, não é? — Ele passou o braço em volta de seu grande escritório.

— *Eu* me *saí* bem. Você me sugou como o parasita que você é.

Ivan riu em decepção.

— Isso é jeito de falar com o homem que te impediu de ser colocado no *horrível* sistema de adoção? Realmente, você deveria ser mais grato.

Ele realmente estava louco.

— Não admira que minha mãe não quisesse nada com você. — Eu disse. — Ela deve ter sentido o seu mal cheiro a um quilômetro de distância.

O sorriso falso de Ivan derreteu e seu rosto se contraiu de raiva.

— Sua mãe era uma prostituta estúpida, — ele cuspiu. — Eu a amava, mas ela me rejeitou, eu, aquele que estava lá para ela muito antes de ela conhecer seu pai, para o ingênuo, de coração mole Anton. Eu esperei e esperei que ela voltasse a si, mas ela nunca o fez. — Ele bufou. — Quando ela contou a Anton sobre minhas cartas, ele parou de falar comigo. Não foi homem o suficiente para me confrontar cara a cara, mas ele falou com nossos amigos em comum, todos os quais me cortaram também. — Seus olhos brilharam de ódio. — *Ninguém* me corta assim. Ele tirou o que eu amava de mim, então eu tirei o que ele amava dele.

— Não o quê. Quem, — Eu disse com os dentes cerrados. — Minha mãe não era um objeto.

Ivan gargalhou.

— Oh, Alex, o amor te *deixou* mole, afinal.

Eu apertei minha mandíbula.

— Eu não estou apaixonado.

— Não foi isso que um passarinho me disse. — Uma tosse sacudiu seus pulmões. — Tive algumas conversas interessantes com uma linda loirinha chamada Madeline. Ela tinha muito a dizer sobre como você reagiu quando ela empurrou a pobre Ava para uma piscina.

A fúria me cortou. *Madeline.* Eu não sabia como ela e meu tio se conheciam, mas Ivan deve ter me rastreado por mais tempo do que eu pensava.

Mais uma vez, me amaldiçoei por deixar minha guarda escorregar.

Por esta altura no próximo mês, as Indústrias Hauss estariam queimadas. Eu me certificaria disso. Eu já tinha recolhido os gravetos após o incidente da piscina; eu só precisava colocar fogo.

— Tudo que você precisa fazer é me dar o dinheiro e a posição, assinar um contrato dizendo que você nunca mais virá atrás de mim ou ocupará um cargo corporativo novamente, e eu deixarei Ava e sua amiguinha irem, — Disse Ivan. — É uma troca simples.

Eu me perguntei se ele sabia que Bridget era a princesa de Eldorra. Se ele sabia disso, ele foi um idiota por arrastá-la

para isso. Se não o fizesse, ele era um idiota por não fazer sua pesquisa.

E se ele pensou que eu acreditaria que deixaria qualquer um de nós ir depois de tudo, admitir o assassinato na nossa frente, ele deve pensar que *eu* era um idiota.

Eu pesei minhas opções. Ivan não faria nada comigo, Ava ou Bridget até que eu recebesse o dinheiro e devolvesse a ele sua posição, mas isso não demoraria muito. Ele sabia que eu tinha o conselho sob o meu polegar. Eu poderia torná-lo CEO novamente com um telefonema.

— Para ser claro, não foi um pedido. — Disse Ivan.

Eu sorri, as engrenagens em meu cérebro clicando no lugar.

— Certo. Posso concordar com seu pedido... — Meu tio sorriu. — Ou eu posso salvar sua vida. Você escolhe.

O sorriso malicioso desapareceu.

— Que diabos você está falando?

Eu dei um passo em direção a ele. Camo ergueu a arma em aviso, mas Ivan acenou para ele, seus olhos remelentos se estreitando enquanto eu olhava incisivamente para sua pele, seu cabelo e a maneira como sua mão tremia com uma dor mal disfarçada.

A realidade apareceu.

— Como? — Ele rosnou.

Meu sorriso apareceu no meu rosto.

— Você estava com muita sede depois de dirigir para minha casa há algumas semanas.

— O chá. — O rosto de Ivan se contraiu. — Eu verifiquei depois que os sintomas começaram a aparecer. Os médicos disseram...

— Que você tinha a doença de Guillain-Barré? — Suspirei. — É uma pena que os sintomas sejam tão semelhantes. Mas não, receio que não seja Guillain-Barre.

— O que você fez, seu merdinha?

Um flash de movimento atrás de Camo, visível apenas de onde eu estava, chamou minha atenção. Não demonstrei nenhuma reação, mesmo quando meus cálculos mentais se ajustaram para dar conta do novo desenvolvimento.

— Você pode comprar qualquer coisa no mercado negro hoje em dia. — Eu disse, brincando preguiçosamente com o peso de papel de macaco feio na mesa. — Incluindo venenos mortais. O que está destruindo seu sistema? Muito semelhante ao tálio. É inodoro, insípido, incolor. Difícil de identificar porque é muito raro e seus sintomas geralmente apontam para uma série de outras doenças. Mas, ao contrário do tálio, não possui um antídoto amplamente conhecido. Felizmente para você, tio, não *é* um antídoto secreto e eu tenho um frasco escondido.

Meu tio tremia de raiva.

— Como vou saber se você não está mentindo?

Dei de ombros.

— Acho que você vai ter que confiar em mim.

Três coisas aconteceram ao mesmo tempo. Ava se jogou em um Camo distraído e tirou a arma de sua mão, o guarda-costas de Bridget agarrou Camo por trás e o segurou com um estrangulamento, e eu tirei a arma escondida no coldre de ombro sob meu casaco e apontei para meu tio. Usei minha outra mão para enviar uma mensagem rápida, de um número no meu telefone, sem tirar meus olhos de Ivan.

— Pare! — Ele gritou.

Todos congelaram até ficarmos parecidos com um quadro cômico grotesco, Rhys com um braço em volta do pescoço de Camo e o outro pressionando uma arma contra sua têmpora; Ava e Bridget escapando de suas restrições, eu pronto para atirar no peito do meu tio à queima-roupa.

— Alex. — Ivan deixou escapar uma risada nervosa. — Meu querido sobrinho, isso é necessário? Afinal, somos uma família.

— Não, não somos. Você assassinou minha família. — Eu engatilhei minha arma e ele empalideceu. — Ava, Bridget, saiam da sala.

Elas não se mexeram.

— *Agora.*

Camo não tinha amarrado suas pernas, então elas podiam sair da sala, embora suas mãos ainda estivessem amarradas.

— Pense em todos os bons momentos que passamos juntos. — Meu tio persuadiu, sua máscara afável voltando ao lugar. — Quando eu levei você para sua primeira aula de Krav Maga, quando visitamos Kiev para o seu décimo sexto nascimento

O tiro ecoou alto e claro sobre seus apelos.

Ivan congelou, sua boca aberta em estado de choque. Uma mancha carmesim floresceu em seu peito.

— Infelizmente para você, não sou alguém que fica poético antes de puxar o gatilho. — Eu disse. Não senti remorso pelo homem que me criou. Ele era um assassino e mentiroso. Eu também era, mas me resignei ao inferno há muito tempo. — Você vai morrer hoje, parecendo tão feio por fora quanto você é por dentro.

— Você é ingrato...

Um segundo tiro foi disparado. Seu corpo estremeceu.

— Isso é pela minha mãe. O primeiro foi para meu pai. Este... — Um terceiro tiro. — É para Nina. Por Ava. Por Bridget. E isso... — Eu engatilhei minha arma pela última vez. — É para mim. — Disparei a bala direto entre seus olhos.

Meu tio já estava morto há muito tempo, seu corpo crivado de buracos e seus pés imersos em uma poça de sangue brilhante, mas minhas palavras, como minhas balas, não eram para ele. Elas eram para mim, minha própria versão fodida de encerramento.

Eu me virei para Camo, cuja pele agora parecia a cor de giz. Rhys ainda o mantinha preso ao chão.

Peguei a arma de Camo do chão e a examinei.

— Você pode deixá-lo ir. — Eu disse a Rhys. — Ele é meu.

Para seu crédito, o guarda-costas nem mesmo piscou. Ele manteve a mesma expressão estoica desde o momento em que entrou na sala. Tive a sensação de que o homem não piscaria nem mesmo se alienígenas em tutus prateados passassem a existir antes dele e começassem a dançar a Macarena.

— Tem certeza? — Ele enfiou a arma com mais força na têmpora de Camo.

— Tenho certeza. Sua princesa está esperando por você. — Minha boca formou um meio sorriso. — Então, deixe-me cuidar do lixo. — Apontei minha arma para Camo enquanto segurava a segunda arma em minha outra mão.

Rhys se afastou, mantendo sua arma apontada para Camo, mas seu olhar em mim.

Homem inteligente.

Eu poderia dizer que ele queria foder com o próprio Camo,

mas Bridget era sua prioridade, e o mandato de um guarda-costas era cobertura e evacuação, não combate.

No segundo em que ele desapareceu, dei dois tiros nas rótulas de Camo, não para matar, apenas para mancá-lo enquanto ia trabalhar. Eu ignorei seus gritos de dor enquanto fechava a porta.

— Você cometeu um erro hoje. — Eu disse em tom de conversa, ajoelhando ao lado dele. Imagens dos hematomas e rosto apavorado de Ava passaram pela minha mente, e minha expressão endureceu. — Você tocou no que era meu. —— Eu puxei uma faca de aparência perversa da minha bota. Os olhos de Camo saltaram de terror. — Você machucou o que era meu. — O cheiro de urina encheu o ar enquanto ele se urinava. Para um cara de aparentava ser tão durão, ele se assustava facilmente. Meus lábios se curvaram em desgosto. — E agora, é hora de pagar. Não se preocupe. — Eu puxei sua camisa e cravei a ponta da lâmina em seu abdômen. — Vou fazer isso lento e doce.

Se Ava e Bridget já tivessem chamado a polícia, o que eu tinha certeza que fizeram, eu só tinha minutos preciosos antes de elas chegarem. Mas com algumas ferramentas úteis e criatividade? Pode-se fazer um minuto parecer uma eternidade.

Não passamos a marca de dez segundos antes que os gritos de Camo começassem novamente.

36

Ava

A próxima hora passou como um borrão. A polícia e os paramédicos chegaram, me enchendo de perguntas, exames médicos e rostos de aparência sombria. Eu suportei todos eles, minhas respostas planas e robóticas.

Quando eles terminaram, eu queria rastejar para a minha cama e nunca mais sair, *se* eu conseguisse me mover.

— Ava? — Bridget colocou uma mão hesitante no meu braço. — A polícia disse que podemos ir. Rhys nos levará de volta.

O enorme guarda-costas pairou tão perto que ele estava praticamente em cima de nós, sua máscara estoica usual substituída por pura fúria.

Eu não o culpo. Nós nos metemos nessa confusão.

Bridget e eu queríamos ver uma de nossas bandas favoritas se apresentar em DC na noite passada. Bandas indie legais não visitavam a cidade com frequência e, quando o faziam, nós aproveitamos. Exceto... Rhys tinha *proibido* Bridget de ir porque não era seguro, e em vez de discutir com

ele, o que todos nós sabíamos agora que era inútil, Bridget escapuliu no meio da noite. Tudo tinha corrido conforme o planejado até que o psicopata vestindo camuflagem nos arrancou da rua após o show e nos jogou na parte de trás de sua van. Aconteceu tão rápido que não tivemos tempo de gritar. Nós lutamos o máximo que podíamos, e meu treinamento amador de autodefesa me permitiu acertar alguns socos, mas ele acabou nos nocauteando. Quando acordamos, nos encontramos na maldita Filadélfia.

Um arrepio percorreu minha espinha. Nosso sequestrador deve ter estado nos observando Deus sabe quanto tempo antes de agir, o que me assustou mais do que a parte do sequestro propriamente dito.

— Você está pronta? — Apesar de seu tom calmo, detectei uma pequena sacudida nos ombros de Bridget e suspeitei que essa era a razão pela qual Rhys ainda não nos havia repreendido. Na verdade, ele não disse uma palavra para nós, exceto para explicar que nos encontrou através do chip que ele colocou no telefone de Bridget, que ele ativou quando descobriu que ela não estava em seu quarto naquela manhã. Foi uma prova do quanto havíamos fodido tudo que Bridget não deu um pio sobre ele secretamente a rastreando.

Meus olhos se voltaram para Alex, que parecia incrivelmente composto por alguém que atirou em seu tio, matou nosso sequestrador e quase morreu.

Ele falava com um policial, seu rosto não revelando um

sinal de agitação.

Você não era nada mais do que um meio para um fim.

— Quase. — Eu disse. Minha voz soou estranha aos meus ouvidos. Baixa e oca, quase sem vida. — Eu preciso falar com ele.

Bridget e Rhys trocaram olhares, sua preocupação mútua por mim ofuscando sua animosidade.

— Ava, não tenho certeza se é uma boa ideia...

Eu a ignorei. Eu me levantei, contornei Bridget e caminhei em direção a Alex, mantendo o cobertor que o EMT me deu enrolado em meus ombros.

Um pé na frente do outro.

Este dia inteiro pareceu surreal. Fiquei pensando que era um novo tipo de pesadelo e que acordaria a qualquer momento, mas nunca o fiz. Mesmo quando contei à polícia o que aconteceu, senti como se estivesse falando de um filme, não da minha vida.

A história saiu em pedaços e meias verdades. Eu disse aos policiais que o tio de Alex contratou alguém para nos sequestrar como vantagem porque Alex o havia destituído do cargo de CEO, mas não mencionei sua história familiar distorcida. Essa não era minha história para contar. Eu poderia dizer honestamente que não sabia o que aconteceu depois que Bridget e eu saímos, como o tio de Alex acabou com

seis balas nele ou como o sequestrador, de acordo com o policial de aparência enjoada, acabou mais esculpido do que uma abobora com esteroides. Eu tecnicamente *não* sabia, mas não precisava ser um gênio para descobrir o que aconteceu.

Eu não tinha certeza do que Alex disse à polícia, mas considerando que eles ainda não o prenderam por matar duas pessoas, presumi que ele contara uma história convincente de autodefesa.

Afinal, ele era o mentiroso consumado. Certo? Ou ele estava mentindo sobre mentir?

Só havia uma maneira de descobrir.

Alex me notou primeiro. Ele disse algo ao oficial, que assentiu e saiu.

Parei a meio metro dele, minhas mãos apertando o cobertor.

Ele parecia o velho Alex de novo, sereno e indiferente, com olhos como lascas de gelo cor de jade. Não vi nenhum indício do Alex que conheci nos últimos meses. Aquele que ficou e cancelou um encontro para assistir filmes comigo, aquele que engoliu um dos biscoitos mais nojentos já feitos e mentiu sobre estar bom porque ele não queria magoar meus sentimentos, aquele que me ensinou a nadar e me mostrou um mundo que eu pensava que só existia em fantasias. Um mundo no qual eu amasse e fosse amada em troca. Ele não disse isso, mas eu pensei.... Eu realmente pensei que ele me amava e estava com

muito medo de dizer isso.

Agora, eu questionava se o Alex que eu conhecia já existiu. Talvez tudo tenha realmente sido um estratagema, um papel desempenhado por um psicopata decidido a se vingar e se aproveitando do meu coração desavisado.

Ou... ele estava mentindo e disse todas aquelas coisas na frente de seu tio para me salvar, porque ele não queria que seu tio soubesse que ele se importava. Sua história parecia muito elaborada para ser falsa, mas Alex era um gênio. Ele poderia fazer qualquer coisa.

Agarrei-me aos restos esfarrapados de minha esperança com dedos ensanguentados.

— Achei que você já tivesse ido embora. — Ele deslizou as mãos nos bolsos, a imagem de uma indiferença fria.

— Eu queria falar com você primeiro.

— Por que?

O calor subiu em meu rosto. *Vá embora antes que você se envergonhe ainda mais!* Meu orgulho gritou, mas aquele horrível lampejo de esperança insistiu que eu ficasse até o fim.

— Eu queria saber.

Ele ergueu uma sobrancelha entediada.

— Você e eu. — Quase tive medo de perguntar, mas precisava saber. — Algo disso era real?

Alex se acalmou e eu prendi a respiração, esperando, orando...

— Eu tentei te avisar, querida. — Ele disse, seu rosto impassível. — Eu disse para você não me romantizar, para endurecer aquele coração mole. Foi minha única cortesia pela gentileza que você me mostrou ao longo dos anos. Mas você se apaixonou por mim, de qualquer maneira. — Sua mandíbula se apertou. — Considere isso uma lição para o futuro. Palavras bonitas e rostos bonitos não equivalem a almas bonitas.

Minha esperança se transformou em cinzas.

Meu coração mole? Não. Eu não tinha coração, não mais. Ele o arrancou do meu peito, fatiou-o em tiras com as lâminas de suas palavras e jogou os pedaços de lado sem pensar duas vezes.

Eu deveria dizer algo. Alguma coisa. Mas não consegui pensar em nada.

Eu desejei um pingo de minha raiva e mágoa anteriores, mas nenhuma veio. Eu estava entorpecida.

Eu poderia ter ficado lá para sempre, se mãos gentis não tivessem me guiado até o carro de Rhys. Pensei ter ouvido Bridget sussurrar algo para Alex, mas não tive certeza. Não importa.

Nada importava.

Bridget não tentou falar comigo ou me alimentar com

banalidades. Isso só teria piorado as coisas. Em vez disso, ela me deixou sentar em silêncio e olhar para fora da janela, observando árvore morta após árvore morta passar voando. Não conseguia lembrar por que gostava do inverno. Tudo parecia opaco e cinza. Sem vida.

Eu fiz todo o caminho até a fronteira de Maryland. Lá, começou a chover, as pequenas gotas espirrando sobre a janela como cristais espalhados. Lembrei-me do dia em que Alex me pegou quando eu estava presa na chuva e eu quebrei. Cai.

Todas as minhas emoções reprimidas nas últimas horas, nos últimos *meses,* explodiram ao mesmo tempo. Eu era uma formiga varrida por um maremoto e não me incomodei em lutar. Eu deixei isso passar por mim, a dor, a raiva, o coração partido e a traição e a tristeza, até que meus olhos arderam e meus músculos doeram com a força dos soluços.

De alguma forma, eu me encontrei enrolada no colo de Bridget enquanto ela acariciava meu cabelo e murmurava palavras suaves. Teria sido terrivelmente embaraçoso chorar no colo de uma princesa real, exceto que eu estava além de me importar.

Por que sempre fui assim?

O que tenho para me tornar tão desagradável? Tão *ingênua?*

Minha cor favorita.

Amarelo.

Meu sabor favorito de sorvete.

Pedaços de chocolate com menta.

Você é a luz para minha escuridão, Sunshine. Sem você, estou perdido.

Mentiras. Tudo isso.

Cada beijo, cada palavra, cada segundo que eu valorizava... contaminado.

Meus olhos queimaram com fogo líquido. Eu não conseguia respirar. Tudo doía, de fora para dentro, enquanto eu soluçava lágrimas terríveis, miseráveis, de devastar a alma.

Michael mentiu para mim. Alex mentiu para mim. Não por dias, semanas ou meses, mas por *anos.*

Algo dentro de mim quebrou, e eu não estava mais chorando apenas pelo meu coração despedaçado, mas pela garota que eu costumava ser, aquela que acreditava na luz, no amor e na bondade do mundo.

Essa garota se foi.

37

Alex

Eu assisti Ava sair, meu peito vazio, meus olhos queimando com uma emoção estranha reprimida.

Eu queria correr atrás dela e arrancá-la dos braços de Bridget. Cair de joelhos e implorar seu perdão pelo imperdoável. Para mantê-la ao meu lado pelo resto de nossos dias para que nada e ninguém pudesse machucá-la novamente.

Exceto que eu não podia, porque *fui eu* quem a machuquei. Fui eu quem mentiu e manipulei. Fui eu quem a colocou em perigo com minha sede de vingança e planos distorcidos contra meu tio.

A única maneira de proteger Ava era deixá-la ir, mesmo que isso significasse me destruir.

O carro que levava Ava de volta para Maryland e para longe de mim desapareceu de vista, e eu soltei um suspiro trêmulo, tentando dar sentido à dor arranhando minhas entranhas. Parecia que alguém estava arrancando pedaços do meu coração e alma e esmagando-os sob seus pés. Nunca senti

tão agudamente, *tanto.*

Eu odiei isso. Eu ansiava pela indiferença gelada do entorpecimento, mas temia que essa fosse minha penitência, queimar nas chamas de minha agonia auto infligida pelo resto da eternidade.

Meu inferno pessoal. Minha própria danação ambulante.

— Alex. — O chefe da minha equipe na Filadélfia se aproximou de mim, seus movimentos afiados e precisos. Ele usava um uniforme da polícia da Filadélfia, o distintivo brilhando logo à tarde, mas ele não era um oficial da lei. — A casa está pronta.

— Bom. — Percebi Rocco me olhando com uma expressão estranha. — O que? — Eu perguntei.

— Nada. — Ele pigarreou. — Você parece que está prestes a... deixa “pra” lá.

— Termine a sentença. Prestes a quê? — Minha voz caiu para um decibel perigoso. Eu tinha equipes de limpeza de prontidão em várias cidades, prontas para atacar caso algum dos meus planos desse errado. Ninguém sabia sobre eles, nem mesmo meu tio quando ele estava vivo. Eles eram discretos, eficientes e pareciam pessoas normais que tinham empregos normais, não consertadores que poderiam enterrar qualquer corpo, apagar qualquer evidência e bloquear qualquer comunicação... incluindo ligações para delegacias locais.

Cada policial e paramédico que apareceu hoje estava na

minha equipe, e eles desempenharam seus papéis de forma convincente.

Rocco parecia que gostaria de nunca ter aberto a boca.

— Como se você estivesse prestes a, ah, chorar. — Ele se encolheu, sem dúvida ciente de que, embora tivesse interceptado a ligação de Ava para o 911 e reunido a equipe em tempo recorde, isso não o protegeria da minha ira.

O fogo em minhas veias combinava com o ardor atrás dos meus olhos. Não dignifiquei a declaração de Rocco com uma resposta; Eu meramente olhei para ele até que ele murchasse. — Há alguma outra observação tola que você gostaria de compartilhar comigo? — Minha voz poderia ter congelado o Saara.

Ele engoliu em seco.

— Não, senhor.

— Bom. Eu vou cuidar da casa.

Houve uma pequena pausa.

— Pessoalmente? Você tem... — Ele parou quando viu a expressão no meu rosto. — Claro. Vou contar aos outros.

Enquanto ele reunia o resto da equipe, entrei na mansão onde passei a maior parte da minha vida. Era um lar, mas nunca me senti em casa, nem mesmo quando meu tio e eu estávamos nos dando bem.

Isso tornou o que eu tinha que fazer muito mais fácil.

Rocco me deu o sinal para ir do lado de fora da entrada.

Peguei o isqueiro do bolso e abri. O cheiro de querosene encharcou o ar, mas não hesitei enquanto caminhava até o conjunto de cortinas mais próximo e joguei o isqueiro no espesso material dourado.

Era incrível como o fogo podia se espalhar rapidamente por um prédio de dez mil pés quadrados. As chamas lamberam as paredes e o teto, vorazes em sua busca pela destruição, e fiquei tentado a ficar lá e deixar que me consumissem. Mas meu senso de autopreservação entrou em ação no último minuto, e eu escapei pela porta da frente aberta, o cheiro de cinzas queimadas persistindo em meu nariz.

Minha equipe e eu ficamos a uma distância segura, observando a orgulhosa mansão de tijolos queimar até chegar a hora de contê-la antes que se espalhasse fora de controle. A mansão ficava em acres de propriedade privada, e ninguém saberia sobre o incêndio até horas, senão dias, mais tarde. Não, a menos que eu contasse a eles.

Eventualmente, eu faria. Seria uma história trágica de como um cigarro errante pegou fogo e como o senhor da mansão doente, que se recusou a contratar uma equipe completa e vivia sozinho, não conseguiu apagá-lo a tempo. Seria uma pequena notícia, enterrada nas últimas páginas do jornal local. Eu me certificaria disso.

Mas, por enquanto, eu simplesmente fiquei parado e observei as chamas incinerarem os cadáveres do meu tio, Camo, e do meu passado até que não houvesse mais nada.

38

Alex

O punho de Josh bateu no meu rosto e ouvi um *estalo* sinistro antes de tropeçar para trás. O sangue escorria do meu nariz e lábio e, a julgar pela dor que irradiava do lado direito do meu rosto, eu acordaria com um inferno de um olho roxo amanhã.

Ainda assim, não fiz nenhum movimento para me defender enquanto Josh me esmurrava.

— Seu filho da puta desgraçado. — Ele sussurrou, seus olhos selvagens enquanto ele dava uma joelhada em meu estômago. Eu me dobrei, a respiração roubada de meus pulmões em um suspiro molhado e manchado de vermelho. — Você. Filho da puta. *Desgraçado.* Eu confiei em você! — Outro soco, desta vez ao lado da minha costela. — Você era meu. Melhor. Amigo!

Os golpes continuaram até que eu caí de joelhos, meu corpo uma confusão de cortes e hematomas.

Mas eu dei boas-vindas à dor. Deleitei-me com isso.

Era o que eu merecia.

— Eu sempre soube que você tinha mau gosto. — Eu disse asperamente. *Nota para si mesmo: trabalhe em casa até que os ferimentos cicatrizem.* Eu não precisava que o escritório corresse solto com rumores. Todo mundo ainda estava sussurrando sobre a morte do meu tio, que foi oficialmente atribuída ao incêndio que reduziu a mansão e tudo nela a cinzas.

Josh me agarrou pelo colarinho e me puxou para cima, seu rosto tenso de dor e fúria.

— Você acha isso engraçado? Ava estava certa. Você *é* um psicopata.

Ava. O nome me cortou como uma faca afiada. Nenhuma surra física poderia machucar mais do que pensar nela. Seu rosto antes de ela ir embora iria me assombrar pelo resto dos meus dias, e graças à minha maldita memória amaldiçoada, eu me lembrei de cada detalhe de cada segundo. O cheiro de sangue e suor manchando minha pele, a forma como seus ombros tremiam quando ela agarrou o cobertor com os nós dos dedos brancos... no momento em que a luz fraca de esperança morreu em seus olhos.

Meu estômago doeu.

Posso não tê-la matado fisicamente, mas matei seu espírito, sua inocência. A parte dela que acreditava no melhor das pessoas e via a beleza nos corações mais feios.

Algo disso era real?

Sim, Sunshine. Tudo isso. Mais real do que jamais pensei ser possível.

Palavras que eu gostaria de ter sido capaz de dizer, mas não o fiz. Ela se machucou e quase morreu por minha causa. Eu falhei em protegê-la, assim como eu falhei em proteger minha irmã, meus pais. Talvez tenha sido minha maldição ver todo mundo que eu amava sofrer.

Eu era um gênio, mas fui tão arrogante que esqueci uma fraqueza crucial em meu plano. Eu previ que meu tio poderia ir atrás de Ava, mas eu deveria ter uma equipe monitorando-a 24 horas por dia, sete dias por semana, em vez de apenas durante o dia. Esse único erro de julgamento quase me custou a única coisa sem a qual eu não poderia viver.

Exceto que eu a perdi de qualquer maneira. Porque, embora eu possa ser um filho da puta egoísta, a única coisa que me estriparia mais do que não tê-la ao meu lado era vê-la sofrer novamente. Eu fiz muitos inimigos ao longo dos anos, e uma vez que descobrissem minha fraqueza, porque ela *era* minha fraqueza, a única que eu já tive, eles não hesitariam em fazer o que meu tio fez. Ava nunca estaria segura enquanto ela estivesse comigo, então eu a deixei ir.

Ela era minha... mas eu a deixei ir.

Eu não achava que tinha um coração antes de conhecê-la, mas ela provou que eu tinha, estava em pedaços a seus pés.

— Lute de volta. — Josh rosnou. — Lute para que eu

possa matar você, seu bastardo.

— Não. E não porque tenho medo de morrer. — Inferno, eu gostaria disso. Eu abri um sorriso sombrio. O movimento enviou outra explosão de dor em meu crânio. — Este é o seu brinde. Uma sessão de surra ilimitada por oito anos de mentiras.

Sua boca se torceu e ele me empurrou com nojo.

— Se você acha que uma surra vai compensar o que você fez, você está delirando. Você queria me usar? Ok. Mas você trouxe minha irmã para isso, e por isso, eu nunca vou te perdoar.

Que faz de nós dois.

— Não estou desperdiçando mais energia com você. Você não merece. — A mandíbula de Josh flexionou. — Você era meu melhor amigo. — Ele repetiu, sua voz falhando na última palavra.

Outro tipo de dor totalmente diferente passou por mim. Eu originalmente fiz amizade com Josh porque ele era filho de Michael, mas ao longo dos anos, ele realmente se tornou meu melhor amigo. Meu tio era meu último parente vivo, mas Josh era meu irmão. Não tinha nada a ver com sangue e tudo a ver com escolha.

A verdade era que eu poderia ter derrubado Michael há muito tempo, mas protelei por lealdade a Josh. Eu tinha inventado desculpas para explicar por que arrastei meu plano,

até para mim mesmo, mas no fundo, eu não queria machucá-lo.

Você também era meu melhor amigo.

O rosto de Josh endureceu mais uma vez.

— Se eu ver você perto de mim ou de Ava de novo, *vou* matá-lo. — Ele lançou um último olhar de desgosto em minha direção antes de sair.

A porta se fechou e eu fiquei lá, olhando para o teto pelo que pareceram horas. Carregadores já tinham empacotado meus pertences e os transportado para minha nova cobertura em DC. Eu não poderia mais ficar nesta casa, ela estava muito cheia de memórias, de risadas desbotadas e conversas que se estendiam noite adentro. Não apenas com Ava, mas com Josh. Tínhamos vivido aqui juntos na faculdade, e foram alguns dos melhores anos da minha vida.

Fechei os olhos e, pela primeira vez, me permiti mergulhar em uma boa memória em vez de uma dolorosa.

— Cante uma música. Apenas uma. — Ava implorou. — Vai ser meu presente de aniversário.

Eu lancei a ela um olhar sem expressão, mesmo enquanto segurava uma risada de seu beicinho exagerado e olhos de cachorrinho. Como alguém tão sexy pode ser tão adorável? — Seu aniversário só é em março.

— Será meu presente de aniversário antecipado.

— Boa tentativa, Sunshine. — Passei meus braços em volta da sua cintura por trás e encostei meus lábios em seu pescoço, sorrindo quando a ouvi inalar profundamente. Meu pau endurecido rapidamente se encaixou perfeitamente em sua bunda, como se fôssemos feitos sob medida um para o outro. — Eu não estou cantando.

— O que você tem contra a música? — Ela bufou, mesmo enquanto arqueava contra mim quando eu roçava meu polegar sobre um mamilo pontiagudo perfeito. Eu nunca poderia ter o suficiente dela. Eu queria agarrá-la e devorá-la o dia todo, todos os dias. O resto do mundo não a merecia. Nem eu, mas ela estava aqui, e ela era minha, então foda-se o que eu merecia. Peguei o que queria.

— Nada contra a música. — Eu belisquei seu mamilo e ela se apertou contra meu pau agora duro como uma rocha em resposta. — Só não gosto de cantar.

Eu fiz isso uma vez em algum lugar idiota de karaokê para o qual meu tio me arrastou, e nunca mais cantei. Não porque achasse que era ruim, eu era Alex Volkov; eu poderia fazer qualquer coisa, mas porque cantar parecia muito cru, muito pessoal, como se eu estivesse desnudando minha alma a cada nota que saía da minha garganta. Isso era verdade mesmo quando era uma música pop estúpida. Toda música, não importa o quão brega fosse, era baseada em emoções, e eu construí minha reputação em não ter nenhuma, a menos que eu estivesse com Ava.

O desejo bombeou em minhas veias.

Eu a tinha só para mim antes que Jules voltasse do trabalho em uma hora, e eu aproveitaria cada segundo.

— Mas se você realmente quer um presente de aniversário antecipado... — Girei Ava e ela riu, o som enchendo a sala com seu calor. — Tenho algo em mente.

— Oh? O que seria? — Ela brincou, colocando os braços em volta do meu pescoço.

— Eu poderia te dizer ou... — Eu beijei meu caminho para baixo em seu peito e estômago até que alcancei a doce perfeição entre suas coxas. — Eu poderia te mostrar.

Eu me puxei para fora de cena, meu coração batendo forte. Como todas as minhas memórias, era tão vívida que poderia muito bem estar acontecendo em tempo real. Exceto que não estava, e tudo o que me rodeava era o vazio e o ar frio.

Meu peito estalou. Agora eu me lembrava por que tinha evitado reviver as boas lembranças, cada vez que voltava à realidade, era como perder Ava de novo. Eu era um Prometheus fodido, sofrendo por toda a eternidade, exceto que em vez de ter meu fígado comido por uma águia idiota todos os dias, era meu coração quebrando sem parar.

Fiquei lá até que as sombras cresceram e minhas costas doeram por causa do piso de madeira. Só então me forcei a ficar de pé e mancar até meu carro.

A casa ao lado estava escura e silenciosa, combinando com o clima. Eu estava tão envolvido em minha miséria que não tinha percebido que era uma tempestade. A chuva caiu forte, e raivosos relâmpagos dividiram o céu ao meio, iluminando as áridas árvores de inverno e o pavimento rachado.

Nenhum sinal de sol ou vida para ser encontrado.

39

Ava

DOIS MESES DEPOIS

Bridget convenceu Rhys a não contar ao palácio o que aconteceu na Filadélfia. Eu não sabia como, porque Rhys era um defensor das regras, mesmo que dizer a verdade significasse se meter em problemas, já que Bridget havia sido sequestrada sob seu comando, mas ele fez.

A imprensa também nunca pegou a história real. Além de um pequeno item sobre um incêndio acidental em uma casa que resultou na morte do ex-CEO do Archer Group, Ivan Volkov, era como se as piores seis horas da minha vida não tivessem acontecido.

Suspeitei que Alex estava envolvido tanto no incêndio quanto na falta de cobertura da mídia, mas tentei não pensar nele ultimamente.

Uma ou duas vezes, consegui.

— Eu trouxe bolo. — Jules deslizou um cupcake de veludo vermelho em minha direção. — Seu favorito. — Seu rosto brilhava de esperança enquanto ela esperava pela minha

resposta.

Minhas amigas fizeram o possível para fazer caras felizes ao meu redor, mas ouvi seus sussurros e vi seus olhares de esguelha, elas estavam preocupadas. Muito preocupadas. Josh também, que abandonou seu programa de voluntariado e voltou para Hazelburg em busca de apoio moral. Ele pousou alguns dias depois do incidente na Filadélfia para seu feriado tardio, e quando descobriu o que aconteceu, ficou furioso. Isso foi há quase dois meses.

Fiquei grata pelo apoio das minhas amigas, mas precisava de mais tempo. Espaço. Elas tinham boas intenções, mas eu não conseguia respirar com elas pairando o tempo todo.

— Eu não quero isso. — Eu empurrei o bolinho para longe de mim. *Veludo vermelho.* Como os biscoitos que fiz para Alex como um presente de boas-vindas à vizinhança uma vida atrás.

Eu não aguentava mais nada de veludo vermelho hoje em dia.

— Você ainda não comeu e já é fim da tarde. — Pela primeira vez, Stella não estava grudada em seu telefone. Em vez disso, ela olhou para mim com preocupação estampada em seu rosto.

— Eu não estou com fome.

Jules, Bridget e Stella trocaram olhares. Eu fui morar

com Bridget porque não aguentava mais morar perto de Alex. Mesmo que ele tenha se mudado logo depois de mim, eu não conseguia olhar para aquela casa sem pensar nele, e toda vez que eu pensava nele, eu sentia como se estivesse me afogando.

Desamparada. Sem apoio. Incapaz de respirar.

— Seu aniversário está chegando. Devíamos celebrar. — Bridget mudou de assunto. — Que tal um dia de spa? Você adora massagens, e será por minha conta.

Eu balancei minha cabeça.

— Ou talvez algo simples como uma noite de cinema? — Stella sugeriu. — PJs, guloseimas, filmes ruins.

— Filmes tão ruins que são quase bons. — Acrescentou Jules.

— Ok. — Não tinha vontade de comemorar, mas também não tinha vontade de discutir, e elas iriam me incomodar até que eu concordasse com *alguma coisa.* — Eu vou tirar uma soneca.

Não esperei que elas respondessem antes de empurrar minha cadeira para trás e subir para o meu quarto. Eu tranquei a porta e subi na cama, mas não conseguia dormir. Eu parei de ter tantos pesadelos depois de recuperar minhas memórias, mas agora eram minhas horas de vigília que eu temia.

Fiquei deitada no escuro, ouvindo a chuva lá fora e

observando as sombras dançarem no meu teto. Os últimos dois meses haviam passado voando e se arrastado, com cada dia sangrando no seguinte em uma lama interminável de dormência. Mesmo assim, acordei todas as manhãs, surpresa por ter sobrevivido mais um dia. Entre as traições de Michael e Alex, eu havia esgotado minha capacidade de chorar.

Não derramei uma única lágrima desde que voltei da Filadélfia.

Meu telefone apitou com uma nova notificação de e-mail na mesa de cabeceira. Eu ignorei. Provavelmente era um cupom estúpido de dez por cento de desconto para algo que eu não precisava.

Então, novamente, não era como se eu pudesse dormir, e o som permaneceu no silêncio.

Suspirei e agarrei meu celular, abrindo o novo e-mail com todo o entusiasmo de um prisioneiro a caminho do corredor da morte. Era o pacote de orientação para a bolsa WYP, completo com um calendário de aulas e atividades para o ano, uma lista de sugestões de hospedagem e um miniguia de viagem para a cidade de Nova York.

Eu estava me formando e me mudando para Manhattan em maio. Esse era o meu sonho desde os treze anos, mas não consegui evocar uma centelha de excitação com a perspectiva. Nova York ficava perto demais de DC para ser confortável e, para ser honesta, eu não pegava minha câmera havia semanas. Até cancelei minha sessão de noivado com Elliott e

sua noiva porque não pensei que pudesse fazer justiça a eles. Ele ficou desapontado, mas eu os encaminhei para outro fotógrafo que poderia ajudar. Meus clientes mereciam mais do que eu poderia dar a eles porque, neste ponto, eu não tinha inspiração ou motivação para fotografar.

Eu estava entrando na irmandade de maior prestígio do mundo em dois meses e meio, e meu poço criativo estava mais seco do que o deserto do Kalahari. Mais uma coisa linda na minha vida, arruinada.

Do nada, a fúria explodiu em mim, me tirando do meu estupor.

Esta deveria ter sido a melhor e mais emocionante época da minha vida. Era meu último ano e meu programa dos sonhos havia me aceitado. Em vez de comemorar, eu estava deprimida como uma... bem, uma adolescente com o coração partido. E mesmo que isso fosse meio correto, eu estava farta disso. Cansada de deixar homens que não davam a mínima para mim terem esse controle sobre mim. Doente de ser objeto de olhares de pena e sussurros preocupados.

Talvez eu tenha sido essa pessoa no passado, mas não mais.

Raiva e indignação correram em minhas veias, obrigando-me a sair da cama e vasculhar minhas gavetas até encontrar o que estava procurando. Eu o vesti, cobri com um moletom e jeans e coloquei meus pés nas botas. Desci as escadas e encontrei minhas amigas amontoadas na sala de estar. Rhys

estava no canto, com o rosto impassível e vigilante.

— Você quer uma carona para algum lugar? — Bridget perguntou quando viu minha roupa. — Está chovendo lá fora.

— Não, eu tenho um guarda-chuva.

— Onde você está indo? — Stella perguntou. — Eu irei...

— Tudo bem. Tenho algo que preciso fazer, sozinha.

Uma pequena carranca tomou conta de seu rosto.

— Eu não acho...

— Quero dizer. — Eu respirei fundo. — Agradeço tudo o que vocês fizeram, realmente agradeço, mas preciso fazer isso por mim. Não vou me machucar ou fazer qualquer coisa maluca. Eu só preciso que vocês confiem em mim.

Houve um longo silêncio antes que Jules finalmente o quebrasse.

— Claro que confiamos em você. — Ela disse suavemente. — Você é nossa melhor amiga.

— Mas se precisar de nós, estamos aqui. — O olhar caloroso e simpático de Bridget causou um nó confuso de emoção na minha garganta. — Você não precisa fazer nada sozinha se não quiser.

— Basta enviar uma mensagem de texto, ligar, pombo-correio, qualquer coisa. — Acrescentou Stella. — Minha caixa de entrada do Instagram fica maluca às vezes, mas isso

também funciona.

Engoli o nó na garganta e soltei uma pequena risada.

— Obrigada. Eu volto em breve. Prometo.

Peguei o guarda-chuva perto da porta da frente, sentindo o calor dos olhares preocupados das minhas amigas nas minhas costas, e saí para a tempestade. Minhas botas rangeram nas calçadas molhadas enquanto eu caminhava em direção a um prédio do campus que eu nunca tinha visitado em todos os meus anos em Thayer. Um, porque eu era preguiçosa, e dois, porque eu estava com medo... de um determinado quarto, pelo menos.

Peguei minha carteira de estudante na recepção e consultei o mapa antes de voltar para os fundos. Foi um domingo chuvoso de março, então não havia muitas pessoas aqui. O pessoal da Resolução de Ano Novo, aqueles que prometeram fazer mais exercícios no ano novo, já tinham desistido, e os ratos do ginásio aparentemente estavam tirando o dia de folga.

Empurrei a porta da sala da piscina, dando um suspiro de alívio quando vi que também estava vazia. Era um espaço lindo, com piso de cerâmica clara e uma claraboia gigante sobre a piscina.

Tirei minhas botas e tirei minhas roupas até vestir apenas meu maiô.

O cheiro de cloro não me enjoava tanto quanto antes. Eu

tinha me acostumado com isso depois de todas as minhas aulas de natação com Al....depois de todas as minhas aulas de natação. Ainda assim, minha pele formigou de inquietação com as ondulações na água turquesa pálida, que parecia se esticar para sempre em seu recipiente de concreto de tamanho olímpico.

Eu não tinha uma aula de natação há meses. Achei *que* me lembrava do básico, mas e se não lembrasse?

Meu peito apertou e foi preciso mais esforço do que deveria para atrair oxigênio suficiente para meus pulmões.

Era pior quando Al....quando eu estava sozinha. Se eu me afogasse, ninguém me encontraria até mais tarde. Não haveria ninguém para me salvar.

Mas esse era o objetivo deste exercício, não era? Para fazer isso sozinha.

Respire, Ava. Você não vai se afogar. Você sabe nadar.

Abri os olhos e dei alguns passos trêmulos em direção à borda da piscina. Parecia sem fundo, embora os marcadores indicassem que tinha quase 2,5 metros de profundidade.

Antes de perder a coragem, entrei na água, tentando não recuar com a sensação de água fria batendo em meus tornozelos. Meus joelhos. Minhas coxas. Meu peito. Meus ombros.

OK. Isso não foi tão ruim. Eu já tinha estado em uma

piscina dezenas de vezes antes. Eu poderia fazer isso.

Não sozinha, uma voz provocadora cantou em minha cabeça. *O que a faz pensar que pode fazer isso sozinha?*

— Cale. A. Boca. — Eu rangi, minha voz ecoando no espaço vazio.

Prendi a respiração e, depois de fazer uma oração rápida, mergulhei a cabeça na água. Lutei contra o desejo imediato de entrar em pânico. *Você está bem, você está bem.* Eu ainda estava na parte rasa da piscina e podia levantar a cabeça a qualquer momento.

Fechei os olhos, os eventos dos últimos seis meses passando pela minha mente.

Josh anunciando que estava partindo para a América Central. Eu ficando presa em uma tempestade no meio do nada. Alex, *aí, eu disse seu nome completo,* me pegando. Alex se mudando para a porta ao lado. Alex...

Minha cabeça saiu acima da água e eu engasguei por ar. Eu me permiti uma pausa de um minuto antes de mergulhar novamente.

O aniversário de Alex. Nosso primeiro beijo. Nosso fim de semana no hotel. Ação de graças. Meu pai. Meu sequestro.

Doce e confiante Ava, tão ansiosa para consertar coisas quebradas.

Algo disso era real?

De novo e de novo. Cabeça para dentro, cabeça para fora. Foi a primeira vez que me permiti pensar em Alex e em nosso tempo juntos desde a Filadélfia. Lâminas perfuraram meu peito com a memória de sua voz, seus olhos, seu toque... mas eu ainda estava aqui. Eu estava viva. E, pela primeira vez, a água não parecia um inimigo. Parecia um amigo engolindo minhas lágrimas e me limpando do passado.

Eu não poderia mudar o que aconteceu comigo ou controlar o que outras pessoas fizeram, mas eu poderia controlar o *que* eu fazia. Eu poderia moldar o futuro que queria ter.

Quando a energia inquieta se tornou excessiva, parei de prender a respiração debaixo d'água e comecei a nadar. Eu não ganharia uma medalha olímpica tão cedo, mas podia mover meu corpo de um ponto a outro na piscina, o que era mais do que eu poderia dizer sobre mim mesma no ano passado.

Durante toda a minha vida, as pessoas me mimaram. Josh. Minhas amigas. Alex. Ou, pelo menos, ele fingiu se importar comigo. Eu deixei, porque era mais fácil confiar nos outros do que em mim. Eu me achava livre porque não tinha uma gaiola física quando, na verdade, estava presa pela minha própria mente, pelos medos que assombravam meus dias e os pesadelos que assombravam minhas noites. Fiquei com as escolhas seguras porque pensei que não era forte o suficiente para mais nada.

Mas eu sobrevivi não a uma, não duas, mas *três*

experiências de quase morte. Eu tive meu coração partido e esmagado, mas eu ainda estava respirando. Eu vivi com meus pesadelos quase toda a minha vida e ainda encontrava coragem para sonhar.

Eu nadei até meus membros doerem.

Depois disso, fiquei na piscina por mais algum tempo, festejando minha conquista. Eu, nadando sozinha, por, dei uma espiada no relógio - uma hora sem um ataque de pânico. *Mais* de uma hora.

Eu inclinei minha cabeça para cima, meu primeiro sorriso verdadeiro em meses se espalhando pelo meu rosto. Era pequeno, mas estava lá.

Passos de bebê.

Acima de mim, a tempestade havia diminuído, as nuvens cinzentas raivosas dando lugar ao céu azul. E através do vidro abobadado, eu vi, muito claramente, os reflexos pálidos de um arco-íris.

40

Alex

DOIS MESES E MEIO DEPOIS

— Você está uma merda. — Ralph afundou na cadeira em frente à minha e me avaliou com olhos penetrantes. — Você não ouviu falar de uma rotina de cuidados com a pele?

Não tirei os olhos da tela.

— Carolina!

A porta do meu escritório se abriu e minha assistente colocou a cabeça para dentro.

— Sim, Sr. Volkov?

— Como diabos ele entrou aqui? — Fiz um gesto para Ralph.

— Ele está na sua lista de visitantes aprovados que não precisam de marcação.

— Remova-o da lista.

— Sim, senhor. — Carolina hesitou. — Você...

— Você pode sair.

Ela fugiu sem pensar duas vezes. Eu não a culpei. Eu estive de mau humor por meses, e ela aprendeu que era melhor ficar fora de vista.

Ralph arqueou as sobrancelhas.

— Alguém está de mau humor.

— Você não tem um negócio para administrar? — Eu cliquei fora da planilha que estava examinando e me inclinei para trás, a irritação crescendo no meu estômago. Não tive tempo para besteiras hoje. Mal tive tempo para almoçar.

Desde que assumi o cargo de CEO do Archer Group, as ações da empresa dispararam. Provavelmente porque trabalhei sem parar, mais do que nunca. Mal saí do meu escritório. O trabalho me mantinha ocupado, e ocupado era bom.

— Ah, sobre isso. — Ele esfregou a nuca. — Eu queria te contar pessoalmente.

— Seja o que for, seja rápido. Eu tenho um telefonema com o vice-presidente em uma hora. — Peguei meu copo de uísque e bebi o resto do Macallan.

Sim, era apenas meio-dia. Não, eu não dou a mínima.

— O vice-presidente dos Estados Unidos... — Ralph balançou a cabeça. — Não importa, eu não quero saber. Mas já que você perguntou, aqui está. Estou me aposentando e me mudando para Vermont.

— Engraçado.

— Eu não estou brincando. Estou me aposentando e me mudando para Vermont. — Ele repetiu.

Eu o encarei. Ralph olhou para trás, com o rosto calmo.

— Você está me zoando.

Ralph era um daqueles caras que imaginei trabalhando até o dia de sua morte, simplesmente porque amava seu trabalho. Ele tinha imenso orgulho do fato de ter transformado KMA no melhor centro de treinamento da cidade ao longo dos anos, e ele não tinha dado uma única indicação de que queria se aposentar até agora.

— Nah. Eu estive pensando nisso por um tempo. Eu amo KMA, mas não sou mais uma flor da primavera, e Missy e eu economizamos o suficiente para a aposentadoria. Além disso, a senhora está querendo sair do país há um tempo. — Ralph tamborilou com os dedos na mesa. — Ela cresceu em Vermont. Sempre quis voltar.

Eu precisava de outra bebida.

— O que diabos você vai fazer em Vermont?

— Foda-se se eu sei. Acho que devo encontrar um hobby. — Ralph deu um sorriso torto antes que diminuísse. — Eu sei que é repentino, mas eu não decidi até ontem. Eu queria te contar primeiro. Não diga aos outros alunos, mas... você sempre foi a maior dor na minha bunda.

Isso foi o mais próximo de uma declaração sentimental que Ralph poderia dar.

Eu bufei.

— Obrigado. Então. — Eu o avaliei com os olhos estreitos. — O que está acontecendo com a academia?

— Meu sobrinho vai assumir. Ele fará um bom trabalho. — Ralph riu da minha careta. — Eu sei que você não é o maior fã dele, mas ele tem conduzido as coisas ao meu lado há anos. Ele tem o que é preciso.

— Veremos. — Seu sobrinho pode ter o que for preciso, mas Ralph era Ralph. — Quando irá se mudar?

— Fim de agosto. Nos dá tempo para colocar nossos negócios em ordem aqui, e morar em Vermont será muito bom. — O rosto do meu mentor suavizou. — Você pode ligar ou visitar a qualquer hora. Minha porta está sempre aberta para você.

— Certo. — Eu embaralhei os papéis na minha mesa. — Faremos uma refeição antes de você sair.

— Falo sério, Alex. Não me venha com essa merda de sou um idiota que não precisa de ninguém. Eu sei que tem sido um par de meses difíceis com Ava...

— *Não faça isso.* — Minha mandíbula cerrou. — Não estamos discutindo sobre ela. Pra sempre.

Ava tinha parado de fazer aulas de Krav Maga no KMA, o

que eu esperava, mas Ralph não tinha parado de me incomodar sobre ela desde que descobriu sobre nosso rompimento. Eu não dei a ele o âmago da questão; eu simplesmente disse a ele que as coisas não funcionaram.

O que não o impediu de bisbilhotar. Ele era um bastardo persistente.

— Nunca imaginei que você fugisse de seus problemas. — Disse ele.

— Não estou fugindo de nada.

— Então por que você está horrível? Sem mencionar que você está de mau humor desde janeiro. O que quer que você tenha feito...

— Não. Estamos. Discutindo. Isto. — Uma veia latejava em minha têmpora. *Era* por isso que eu abominava companhia humana. As pessoas não podiam calar a boca. — Agora, se você me der licença...

— Senhor? — Carolina enfiou a cabeça novamente, o rosto pálido e nem um pouco apavorado. — Uh, você tem outro convidado.

— Se eles não têm hora marcada, não quero vê-los.

— Sobre isso, é...

— Não se preocupe, vou me anunciar. — Uma loira escultural entrou como se fosse a dona do lugar. A veia em minha têmpora pulsou com mais força. — Princesa Bridget de

Eldorra, aqui para ver o Idiota, quero dizer, Alex Volkov. — Seu sorriso saiu educado e ameaçador.

Fiquei impressionado, se não aborrecido.

Quão difícil era encontrar uma equipe competente que pudesse manter os intrusos fora do meu escritório nos dias de hoje?

— Princesa. — Ralph acenou com dois dedos no ar.

— Ralphie. — Ela acenou com a cabeça.

Ralphie? Eu não ia perguntar.

O guarda-costas violento de Bridget estava atrás dela com seu olhar sempre presente. Ele pode ser a única pessoa no mundo que tem uma cara de pôquer melhor e uma disposição pior do que eu.

— Eu sinto muito. — Carolina parecia que estava à beira do pânico. — A princesa...

— Saia. Eu cuidarei disso. — Minha ligação com o VP seria em quarenta minutos e eu já havia perdido tempo suficiente.

— Essa é a minha deixa. — Ralph se levantou. — Aceito a refeição, mas parece que você tem algumas coisas para discutir primeiro. — Ele inclinou a cabeça na direção de Bridget, mas manteve os olhos em mim. — Pense no que eu disse.

— Certo. — Prefiro comer pregos enferrujados do que visitar Vermont. Eu não fiz a vida no campo.

Quando a porta se fechou atrás de Ralph e Carolina, recostei-me na cadeira e cruzei os dedos sobre o peito.

— A que devo o prazer, Vossa Alteza? — Eu mantive minha expressão impassível e tentei não pensar na última vez que vi Bridget em seu carro, tirando Ava de mim.

Mesmo se eu fosse o único que empurrou Ava para longe, eu odiava Bridget um pouco por isso. Por ser capaz de confortar Ava quando eu não podia.

A loira olhou para mim por baixo do nariz.

— Eu sei o que você fez.

— Você terá que ser mais específica. Já fiz muitas coisas na minha vida, como você bem sabe.

— Corta essa merda. — Bridget caminhou até minha mesa e se inclinou para frente, pressionando as mãos na mesa. Seus olhos brilharam com conhecimento de aço. — Você está seguindo Ava.

Meus ombros enrijeceram antes de forçá-los a relaxar.

— Princesas não deveriam dizer a palavra 'merda'. É terrivelmente pouco diplomático.

— Não desvie. Rhys... — Ela inclinou a cabeça em direção ao guarda-costas, cujo brilho metálico escurecia quanto mais

ele olhava para mim. — ...pegou-o. Afinal, é um mundo pequeno porque eles serviram no exército juntos. Na verdade, Rhys salvou sua vida, então não demorou muito para ele contar. Agora, quero que você explique por que, exatamente, está seguindo Ava. Você não fez o suficiente?

Esse filho da puta. Não admira que o cara que eu contratei tenha evitado minhas ligações.

SEAL da Marinha de honra, uma ova. Incompetência e deslealdade eram um flagelo mundial.

— Talvez você deva verificar seus fatos, porque eu não fiz tal coisa. — Eu disse friamente. — Delirante demais?

— Não minta, Alex. Você não é tão bom quanto pensa que é. — Bridget me perfurou com seu olhar. — Ele nos disse que você ordenou que ele ficasse de olho nela. Não para machucá-la... mas para protegê-la.

Uma pressão familiar cresceu na base do meu pescoço e se espalhou até envolver meu crânio em um aperto esmagador.

— E você acreditou nele? — Endireitei a manga da minha camisa. — Não diz muito para o seu guarda-costas que ele acredite em mentiras tão facilmente. Não admira que você tenha sido sequestrada.

Um rosnado baixo saiu da garganta do dito guarda-costas. Ele deu um passo à frente, seus olhos prometendo vingança, mas Bridget o parou com um olhar de advertência.

— Você está desviando de novo. — Ela relaxou, sua expressão dura derretendo em uma pensativa que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Ela sentou-se na cadeira desocupada de Ralph e cruzou uma perna sobre a outra.

— Eu não disse que você podia sentar. — Eu não me importava que ela fosse uma princesa. Este era *meu* escritório. *Meu* reino.

Bridget me ignorou.

Eu já tinha pegado meu telefone para ligar para a segurança quando ela disse:

— Você contratou alguém secretamente para cuidar de Ava porque ainda se preocupa com ela.

Por que *diabos* todo mundo quer falar sobre ela? Foi o dia de torturar Alex com o nome de Ava?

Eu bati o telefone e me levantei. Eu estava farto de pessoas hoje. O vice-presidente pode esperar mais um dia ou uma semana pelo nosso telefonema.

— Eu não tenho tempo para isso. Eu...

— Ainda se importa com ela. — Bridget repetiu.

— Tome uma pílula para a ilusão, princesa. Eu a usei. Eu consegui o que queria. Agora está feito. Tem sido feito há meses. — Eu encolhi os ombros em minha jaqueta. — Agora vá se foder.

— Para alguém que geralmente é tão composto, você está terrivelmente agitado. — Disse ela. — Eu quero saber porquê.

— Que tal você cuidar da sua vida, eu cuido da minha. — Virei meus olhos na direção de Rhys, que me encarou de volta com olhos cinzentos perigosos.

Bridget ficou tensa.

— O que isso deveria significar?

— Você sabe o que isso significa.

— Certo. Fique em negação. — Bridget se levantou, sua pele um tom mais pálido do que antes. — Acho que você não quer saber sobre Ava.

— Saber o que sobre Ava? — A pergunta escapou antes que eu pudesse impedi-la.

Merda.

Um pequeno sorriso triunfante se espalhou pelo rosto de Bridget. Entre ela e Jules, irritante como o inferno, deve ser um requisito para as amigas de Ava.

— Esqueça o que eu disse. Você obviamente não se importa. — Disse ela.

— Apenas me diga. — Eu rugi.

— Não, a menos que você admita.

Minha pressão arterial disparou para níveis alarmantes.

Eu estava *quase* chutando uma princesa, guarda-costas que se dane.

— Não há nada a dizer.

— Para um suposto gênio, você é *estúpido.* — Bridget de alguma forma conseguiu me olhar por cima do nariz, embora eu fosse mais alto do que ela. — Você não contratou ninguém para seguir Ava todos esses meses para protegê-la sem motivo. Para ser clara, eu o desprezo pelo que você fez e não *quero que* ela o perdoe. Mas eu a amo mais do que odeio você, e ela não é a mesma desde Filadélfia. — Uma expressão preocupada cruzou seu rosto. — Eu não disse nada no começo porque pensei que você não se importava, mas agora que sei que se importa, não me insulte negando de novo. — Disse ela quando abri a boca. — Posso não ter um QI de nível MENSA, mas não sou uma idiota. Odeio admitir, mas você é a única pessoa com esperança de chegar até ela. Eu tentei, Jules e Stella tentaram, Josh tentou o máximo que pôde... mas não está funcionando.

Eu suprimi um estremecimento com a menção do nome de Josh.

— Ava está bem. Ela é saudável e tem sucesso na escola. Ela está até nadando sozinha agora.

Não adiantava mais fingir. Bridget viu através da minha besteira.

— Por fora, Ava está bem. — Disse ela. — Não no interior. Ela é.... não sei como explicar. É como se ela estivesse

perdendo a centelha que a consome.

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer, porque eu tinha visto aquela faísca morrer na frente dos meus olhos.

Eu exalei uma respiração irregular e tentei organizar meus pensamentos turbulentos. Eles geralmente eram claros como cristal, cada um se organizando em um padrão perfeito para eu analisar e criar estratégias, mas eu mal dormia nos últimos meses e não comia há quase 24 horas. Eu estava uma bagunça.

Eu estava uma bagunça desde que deixei Ava ir.

— Não sei se ela vai te perdoar pelo que você fez. — Disse Bridget. — Ou se eu *quero que* ela te perdoe. Mas não é sobre mim. É sobre ela. Imagine como ela deve se sentir, descobrindo que seu 'pai' e seu 'namorado' mentiram para ela por tanto tempo, *e* descobrindo essas coisas praticamente ao mesmo tempo. Ela diz que superou isso, mas você não 'supera' algo assim. — Ela olhou para mim. — Pelo menos diga a ela seus verdadeiros sentimentos. Ela não confia em si mesma agora, muito menos no amor ou em outras pessoas. E uma Ava que não confia ou não acredita no amor... bem, isso não é realmente Ava, é?

Meu coração deu um nó que bloqueou o ar de meus pulmões.

— Eu não posso.

— Por que não? Você se preocupa com ela. Talvez... — Ela

fez uma pausa, seu rosto contemplativo enquanto examinava meu queixo tenso e estrutura rígida. — Você até a ama.

— Saia.

— Você está sendo um covarde. Achei que você não tinha medo de nada, mas tem medo de dizer a ela como realmente se sente...

— Porque ela está melhor sem mim, ok? — Eu explodi, meses de emoção reprimida explodindo em uma onda gigante e escaldante.

Rhys deu um passo à frente, mas Bridget acenou de volta, aqueles olhos azuis fixos em mim com fascínio. Eu não a culpei. Eu nunca explodi assim na frente de outra pessoa. Nunca.

Foi estranhamente catártico.

— Eu não pude protegê-la. Ela ficou magoada por *minha* causa. Meu tio a sequestrou por *minha* causa. E eu não pude impedi-lo. — Pressionei meus lábios, tentando acalmar minha pulsação violenta.

Cinco meses depois, eu ainda acordava no meio da noite, com medo de que algo tivesse acontecido com Ava. Imaginar todas as coisas que *poderiam ter* acontecido com ela deixou as coisas de lado no escritório do meu tio. Foi por isso que contratei o detetive particular, guarda-costas, não poderia cuidar dela sozinho sem colocá-la em mais perigo, mas estaria condenado se a deixasse indefesa e sozinha lá fora.

Claro, eu precisava demitir o cara por não manter a boca fechada, mas esta era DC. Havia tipos de ex-militares e ex-serviços secretos em todos os lugares.

A expressão de Bridget se suavizou.

— Você salvou a vida dela.

— Fui eu quem a colocou naquela situação em primeiro lugar. — Eu disse amargamente. — As pessoas ao meu redor sempre se machucam, e por tudo que eu tenho... — Passei meu braço em volta do meu escritório. — Não posso garantir a segurança dela. — Passei uma mão frustrada pelo meu cabelo, feliz por meu escritório ser à prova de som e cercado por vidros coloridos. A última coisa que eu precisava era que minha equipe me visse perder o controle.

— Nada na vida é garantido, mas você é Alex Volkov. Seu tio pegou você desprevenido porque era seu tio, mas agora que ele está fora de cena, você realmente acha que alguém pode pegar você? — Bridget balançou a cabeça. — Se você achar isso, então talvez seja melhor você ficar longe de Ava. Como eu disse, eu desprezo o que você fez a ela, mas também acredito que você a ama, mesmo se você for muito teimoso ou estúpido para ver...

— Tenho um QI de 160. — Disse eu, insultado.

— Inteligência intelectual não é igual a inteligência emocional. — Ela retrucou. — E não interrompa uma princesa. É uma quebra de etiqueta terrível. Como eu estava dizendo,

você é muito teimoso ou estúpido para ver isso, e agora é tarde demais.

Fiz uma pausa, deixando suas palavras afundarem. O medo se desenrolou na boca do meu estômago.

— Explique-se.

Bridget e Rhys trocaram olhares antes que ela respondesse em um tom cauteloso.

— Ava está se mudando para Londres. Ela mudou o local de sua bolsa. O avião dela sai em... — Ela verificou o relógio. — Uma hora.

Londres. Outra cidade, outro país, outro *continente.* Ela estaria a milhares de quilômetros de mim.

Que. Porra.

O pavor se transformou em pânico total.

— Informação do voo. — Eu rosnei.

— Eu não sei.

Eu queria estrangulá-la. Eu não me importava que Rhys estivesse segurando e parecesse pronto para me enfrentar se eu me contraísse para o lado errado.

— Juro por Deus, Bridget.

— Por que você quer saber? — Ela exigiu. — Não é como se você fosse atrás dela. Você disse...

— Porque eu a amo! — Eu bati minhas mãos na mesa. — Pronto, feliz? Eu a amo tanto que prefiro desistir dela do que machucá-la. Mas se você acha que vou deixá-la ir para outro país *sozinha,* sem proteção, você tem outra ideia a caminho. Agora me dê a porra das informações do voo dela.

Bridget o fez, uma centelha de triunfo brilhando em seus olhos.

Eu estava bem ciente de que ela me provocou, mas não me importei. Tudo que me importava era chegar ao aeroporto na próxima hora, porra, nos próximos cinquenta e seis minutos. Eu descobriria todo o resto mais tarde, a proteção de Ava, meus inimigos. Por enquanto, eu só precisava vê-la. Segurá-la.

Passei por Bridget e Rhys e corri em direção ao elevador, ignorando o salto assustado de Carolina.

— Cancele minha ligação com o VP, envie minhas sinceras desculpas e diga a ele que tive uma emergência de última hora e reserve uma passagem para a Europa que sai nas próximas três horas. — Ordenei ao passar por ela. — Aeroporto de Dulles.

— Você quer que eu cancele o...

— *Faça isso.*

— Certamente, senhor. — Carolina entrou em ação, seus dedos voando sobre o teclado. — Qual cidade seria...

— Não importa. Apenas faça.

— Imediatamente, senhor.

Eu só precisava da passagem para passar pela segurança.

Em um dia normal, demorava meia hora para chegar ao aeroporto, mas é claro que hoje foi o dia em que todos os funcionários da construção em DC apareceram com força total. Bloqueios de estradas e fechamentos encheram as ruas ao lado de uma porrada de motoristas determinados a ganhar o prêmio Motorista mais lento do mundo.

— Saia do meu caminho. — Eu bati no Lexus na minha frente. *Jesus, ninguém nesta cidade sabe dirigir?*

Quebrei o que deviam ser mil leis de trânsito, mas cheguei ao aeroporto em trinta e cinco minutos. Estacionei, com segurança felizmente, Carolina teve a precaução de me registrar online, e eu estava saindo, correndo pelo terminal em busca do número do portão de Ava.

Eu me senti como o pior clichê do mundo. Correndo pelo aeroporto tentando fazer com que a mulher que eu amava me dessa outra chance... que original. Mas se isso me levasse a Ava a tempo, eu o faria na frente do horário nobre da TV.

Ava e eu não nos falávamos há meses, mas havia um fio nos unindo apesar do que aconteceu na Filadélfia. Algo me disse que, se ela entrasse naquele avião, isso mudaria. Nós, ou o que quer que restasse de nós, mudaríamos. E eu estava

apavorado.

Por trás do medo, porém, havia um lampejo de orgulho. A garota que teve medo de chegar perto da água um ano atrás, que sonhou em viajar pelo mundo, mas nunca pensou que seria capaz, estava pegando um voo internacional pela primeira vez. Voando sobre um oceano. Enfrentando seus medos. Sempre soube que ela poderia fazer isso, e ela não precisava de mim ou de qualquer outra pessoa segurando sua mão.

Eu me perguntei se outras pessoas sentiam emoções conflitantes como essa todos os dias. Nesse caso, quase senti pena deles. Era um pé no saco.

Eu me esquivei de uma mãe com um carrinho de bebê e um grupo lento de alunos em desagradáveis camisetas verdes neon. Os números do portão passaram em um borrão até que eu encontrei o que estava procurando.

Meu estômago afundou quando vi a área de estar vazia e porta que levava ao voo fechada.

— Voo 298. Saiu? — Eu exigi do atendente atrás do balcão.

— Sim, receio que o avião decolou há alguns minutos, senhor. — Disse ela se desculpando. — Você gostaria de reservar outro voo...

Eu me desliguei dela, meu coração batendo em um ritmo desesperado e solitário no meu peito.

O avião havia partido.

Ava se foi.

41

Ava

Eu amei Londres.

Eu amei sua energia, os acentos elegantes e a expectativa de que eu poderia ver um dos membros da realeza a qualquer dia. Eu não fiz, mas *poderia,* embora garantisse a Bridget que ela sempre seria minha realeza favorita. Acima de tudo, adorei o fato de ser um novo começo. Ninguém me conhecia aqui. Eu poderia ser quem eu quisesse, e a centelha criativa que perdi naquelas semanas sombrias depois da Filadélfia voltou rapidamente.

Eu estava nervosa, mudando-me para uma cidade onde não tinha nenhuma conexão, mas o resto dos meus colegas e instrutores WYP eram ótimos. Depois de duas semanas morando em Londres e participando de workshops, já havia formado um pequeno grupo de amigos. Comemoramos o happy hour em pubs, participamos de sessões de fotos juntos nos fins de semana e fazendo atividades turísticas como andar na London Eye e cruzar o Tâmisa.

Sentia saudades das minhas amigas e de Josh, mas

fazíamos vídeo chamadas com frequência, e Bridget prometeu me visitar no caminho de volta para Eldorra no final do verão. Além disso, todos os workshops e atividades WYP e a empolgação de explorar uma nova cidade me mantiveram ocupada. Não tive tempo para ficar na minha cabeça, graças a Deus.

Eu estive na minha cabeça por meses, e não era um bom lugar para se estar. Eu precisava de uma mudança de cenário.

Eu também precisava enviar uma grande cesta de presentes de agradecimento para a colega original de Londres que concordou em trocar de lugar comigo, ela foi para Nova York enquanto eu vim aqui. Era a única maneira de o programa me permitir mudar de local tão tarde no processo, mas funcionou.

— Tem certeza que não pode se juntar a nós? — Jack, um fotógrafo australiano da vida selvagem que também fazia parte da coorte da irmandade deste ano, perguntou. — Bebidas pela metade no The Black Boar hoje.

O Black Boar, localizado a poucos minutos a pé do edifício WYP, era um dos pubs favoritos dos meus colegas.

Eu balancei minha cabeça com um sorriso arrependido.

— Na próxima vez. Estou atrasada na edição de fotos.

Eu queria ter certeza de que os produtos finais eram de primeira qualidade, porque eles não eram para nenhuma oficina antiga, eram para a de Diane Lange. *A* Diane Lange.

Quase tive um ataque cardíaco quando a conheci pessoalmente. Ela era tudo que eu imaginei que ela fosse e muito mais. Ela era inteligente, incisiva e talentosa além da crença. Dura, mas justa. Sua paixão por sua arte irradiava de cada centímetro dela, e eu poderia dizer que ela se importava conosco. Ela *queria que* tivéssemos sucesso e fôssemos o melhor que podíamos ser. Em uma indústria implacável, repleta de tramas e derrubada de outros criadores, sua dedicação em nos ajudar a aperfeiçoar nossa arte sem ego disse muito sobre sua personagem.

— Justo. — Jack deu uma risadinha. — Vejo você amanhã, então.

— Até. — Acenei um adeus e vasculhei minha bolsa atrás dos meus fones de ouvido enquanto descia os degraus. Essa era a desvantagem de carregar uma bolsa grande, era impossível encontrar algo menor do que um laptop de tamanho normal.

Meus dedos se fecharam em torno dos finos fios brancos quando senti uma pontada de calor no pescoço. Uma consciência elétrica que eu não sentia há meses.

Não.

Eu estava com medo de olhar para cima, mas minha curiosidade levantou a minha cabeça. Minha pulsação acelerou quando levantei meus olhos lentamente. Mais alto... mais alto... e lá estava ele, parado a menos de um metro de distância em uma camisa e calça pretas, parecendo um deus

que desceu do céu para causar estragos no meu coração ainda frágil.

Jurei que o coitado parou de bater.

Eu não o via pessoalmente desde Filadélfia, e a visão era demais. Muito vívido, muito opressor, muito bonito e impactante. Aqueles olhos, aquele rosto, a maneira como instintivamente dei um passo em direção a ele antes de me conter...

O oxigênio ficou escasso. Meu peito apertou como costumava acontecer quando eu estava perto da água. Eu podia sentir um ataque de pânico chegando e precisava sair antes que desabasse ali mesmo na calçada, mas meus pés não se moviam.

Isso é uma alucinação. Tem que ser.

Essa foi a única explicação que fez sentido. Por que outro motivo Alex apareceria em Londres em frente à sede da minha irmandade depois de meio ano de silêncio?

Fechei os olhos com força, contei até dez e os abri novamente.

Ele ainda estava aqui. Em Londres. *Na minha frente.*

O pânico se intensificou.

— Oi. — Ele disse suavemente.

Eu vacilei ao som de sua voz. Se olhar para ele era um

soco no estômago, ouvi-lo era como ser atropelada por um caminhão Mack.

— Você não pode estar aqui. — Foi uma coisa estúpida de se dizer, já que estávamos em uma calçada pública e não era como se eu pudesse bani-lo da cidade de Londres, mas oh, como eu gostaria de poder. Eu já estava me afogando nele, e fazia menos de cinco minutos. — Por que você está aqui?

Alex enfiou as mãos nos bolsos, sua garganta flexionando ao engolir em seco. Seus olhos piscaram com incerteza enquanto procuravam no meu rosto por algo que eu não estava pronta para dar. Em todos os anos que o conhecia, nunca o tinha visto tão nervoso.

— Estou aqui por você.

— Você não precisa mais de mim. — Quase não conseguia me ouvir com o rugido estrondoso de meu pulso. Lamentei o sanduíche de falafel que comi no almoço, que ameaçava fazer uma reaparição bagunçada. — Você se vingou e não estou interessada em nenhum jogo novo que esteja jogando. Então saia. Me. Deixe. Sozinha.

A dor cortou seu rosto.

— Isso não é um jogo, eu prometo. Sou só eu, pedindo... não perdão, não agora. Mas espero que um dia, você não me odeie e possamos ter uma segunda chance. — Ele engoliu em seco. — Eu sempre vou precisar de você, Sunshine.

Luz do sol. A palavra me rasgou, arrancou as crostas em

minhas feridas até que sangrei mais uma vez.

Pare de me chamar de Sunshine.

Por quê?

Porque não é meu nome.

Estou ciente. É um apelido.

— Suas promessas não significam nada para mim. — Eu passei meus braços em volta de mim, gelada até os ossos, embora o sol brilhasse alto no céu. — Mesmo que o fizessem, elas estão seis meses atrasadas.

Eu vivi a menos de meia hora de carro de Alex todos aqueles meses, e ele nunca estendeu a mão. Agora, ele apareceu em outro país pedindo uma segunda chance? Inacreditável.

Quase tão inacreditável quanto a pequena e vergonhosa parte de mim que *queria* dar a ele aquela segunda chance.

Aguente firme. Eu sobrevivi a várias tentativas de assassinato. Eu superei minha aquafobia. Eu poderia falar com o homem que quebrou meu coração sem desmoronar.

Esperançosamente.

— Eu sei. — Alex exalou um suspiro trêmulo, as sobrancelhas franzidas sobre os olhos. Ele parecia menos polido do que o normal, com seu cabelo desgrenhado e manchas roxas leves sob os olhos. Eu me perguntei se ele

estava dormindo o suficiente, então mentalmente me chutei por me importar. Seus hábitos de sono não eram mais da minha conta. — Eu pensei que estava protegendo você. Que você estava melhor sem mim. Depois do que aconteceu com meu tio, não podia arriscar que você se machucasse novamente por causa de sua associação comigo. Mas eu nunca te deixei sozinha. Eu tinha alguém de olho em você...

— Espere. — Eu levantei uma mão. — Você me *seguiu?*

— Para sua proteção.

Eu não pude acreditar.

— Como isso está bem? Isso é loucura! Quanto tempo... oh meu Deus. — Meus olhos se arregalaram. — Você também tem alguém me seguindo em Londres?

Ele olhou para mim com o rosto impassível.

— Não acredito. — Eu respirei. — Você é verdadeiramente psicopata. Onde ele está? — Eu olhei em volta freneticamente. Não vi ninguém suspeito, mas as pessoas mais perigosas eram aquelas que pareciam tudo menos isso. — Chame-o fora. Agora mesmo.

— Eu já fiz.

Eu estreitei meus olhos. Isso foi muito fácil.

— Você fez?

— Sim, porque estou assumindo suas funções. É por isso

que demorei tanto. Eu tive que fazer... arranjos para minha ausência em DC. — A boca de Alex se contraiu com a minha expressão atordoada. — Você vai me ver muito mais de agora em diante.

— O inferno que eu vou. — A ideia de vê-lo todos os dias me deixou em pânico. — Vou entrar com uma ordem de restrição contra você. Você será preso por perseguição.

— Você pode tentar, mas não posso garantir que meus amigos do governo britânico concordem. — Seu rosto escureceu. — E se você acha que estou deixando você sozinha e desprotegida em *qualquer lugar,* você não me conhece.

— Eu *não* te conheço. Eu não tenho ideia de quem você é. Eu só conheço a pessoa que você me mostrou, e ela era uma ilusão. Uma fantasia. — A emoção obstruiu minha garganta. — Eu perguntei a você naquele dia se algo disso tinha sido real. Você me olhou nos olhos e me disse que era uma lição para o futuro. Portanto, considere a lição aprendida.

Alex se encolheu.

— *Era* real. — Disse com voz rouca. — Tudo isso.

Eu balancei minha cabeça, meu peito doendo tanto que doía respirar.

— Sei que você é poderoso o suficiente para que eu não consiga impedi-lo de fazer o que quer, mas está perdendo seu tempo se acha que vou cair em suas mentiras de novo.

— Não são mentiras. Sunshine...

— *Não me* chame assim! — Eu não pude conter a maré de lágrimas acumulando em meus olhos. Eu estava indo tão bem, mas cada segundo na presença de Alex corroeu as defesas que eu construí em torno do meu coração até que ele ficou nu e vulnerável mais uma vez. — Você estragou tudo que eu uma vez pensei que era lindo. Luz do sol. Amor. Até mesmo bolo de veludo vermelho, porque me lembra *você.* E quando penso em você.... — Um soluço saiu da minha garganta. — Eu penso em todas as boas lembranças que tínhamos e como elas agora estão contaminadas pelo fato de você ter me usando o tempo todo. Penso em como fui *estúpida por* me apaixonar por você e como você deve ter rido de mim quando disse que te amava. E penso em todas aquelas vezes em que você me avisou sobre ser muito insensível, mas eu o ignorei porque acreditava que o mundo era um lugar inerentemente bom. Bem, parabéns. — Eu limpei as lágrimas do meu rosto, mas elas caíram muito rápido para que eu fizesse alguma diferença. Graças a Deus, a maioria dos meus colegas já havia saído e a rua ao redor estava vazia. — Essa foi a única verdade que você falou. Eu *tinha o* coração muito mole, e o mundo não é o lugar que pensei que era. É cruel e cruel, e não há lugar para corações moles.

— Sun- Ava, não. — Alex estendeu a mão para mim, mas eu instintivamente recuei. A dor encheu seu rosto. Sua mão se fechou em um punho que ele enfiou de volta no bolso, e os tendões de seu pescoço se esticaram. Eu detectei um pequeno

tremor em seus ombros enquanto ele falava. — Isso era o que eu acreditava porque eu nunca tinha conhecido qualquer outra coisa, mas você me mostrou que *há* beleza no mundo. Eu vejo isso toda vez que olho para você, ou vejo você sorrir, ou ouço você rir. Você acredita no melhor das pessoas e isso é uma força, não uma fraqueza. Não deixe ninguém, muito menos eu, tirar isso de você. — Seus olhos queimaram os meus, brilhantes de dor. — Você me disse uma vez que havia algo lindo esperando por mim, algo que ia restaurar minha fé na vida. Eu encontrei. É você.

Eu queria afundar em suas palavras até que se tornassem minha realidade, mas eu já tinha sido queimada antes. Quem sabia o que ele queria de mim desta vez?

— Você continua falando sobre me proteger. — Eu disse. — Mas você me machucou mais do que qualquer outra pessoa em minha vida, até mesmo Michael. Mesmo quando pensei que você era um idiota, confiei em você para dizer a verdade, e você acabou se revelando o maior mentiroso de todos. Apenas... — Eu respirei fundo, incapaz de olhar para ele, doía muito. — Me deixe em paz.

O peito de Alex pesou como se ele não pudesse levar ar suficiente para seus pulmões.

— Eu não posso fazer isso, querida. Vou esperar o tempo que for preciso, mas nunca estarei bem com um mundo em que você está sozinha.

— Quem disse que eu ficarei? Talvez eu encontre outra

pessoa.

Seus olhos escureceram em um tom furioso de esmeralda, e seus ombros ficaram ainda mais tensos. Em algum lugar, um trovão explodiu. Eu não tinha percebido que o tempo mudou de ensolarado para seu atual estado cinza e sombrio, mas não ficaria surpresa se Alex tivesse o poder de controlá-lo com suas emoções.

— O inferno que você vai. — Ele rosnou. — Eu vou matar qualquer homem que tocar em você.

— Você não tem o direito. — Eu sibilei de volta. — Eu não pertenço a você.

Os músculos de sua mandíbula estalaram.

— É aí que você está errada. Eu estraguei tudo. Massivamente. Mas ganharei seu perdão um dia, e você *é* minha. Sempre. Não importa quanto tempo ou distância nos separem.

Você sabe o que significa ser levada por mim? Isso significa que você é minha.

Eu empurrei de lado a memória espontânea.

— Não estou discutindo mais com você. — Não havia como me concentrar na edição esta noite, mas pelo menos eu poderia ir para casa e chorar até dormir como uma idiota patética. Sim, eu. — Você pode perder seu tempo em Londres, mas não importa. Estamos conversados.

Afastei-me antes que Alex pudesse responder. Implacável, ele me seguiu, cada passo seu correspondendo a dois meus. *Droga.* Por que não nasci alta como Bridget ou Stella?

Abaixei minha cabeça e aumentei meu ritmo, tentando ignorar o homem ao meu lado enquanto gotas de chuva caíam em meu rosto e umedeciam meu cabelo.

— Ava, por favor.

Eu agarrei minha bolsa contra meu peito, usando-a como escudo enquanto percorri meu caminho pela calçada.

— Pelo menos me deixe te levar para casa. — Alex implorou. — Não é seguro andar no escuro.

Eu estava voltando para casa nas últimas duas semanas e não tive problemas. Eu não morava no melhor bairro, mas não era uma zona de guerra. Eu só tinha que manter meu juízo sobre mim. Além disso, eu tinha spray de pimenta e reiniciei as aulas de autodefesa em um centro local de artes marciais.

Eu não disse nada disso para Alex, no entanto.

— Está frio e chovendo, e você está de vestido. — Não importa o quão rápido eu andasse, eu não conseguia me livrar dele. — Querida, por favor, você vai ficar doente. — Sua voz falhou na última palavra.

Eu cerrei meus dentes com tanta força que minha mandíbula doeu. Eu mantive minha cabeça baixa,

desesperada para alcançar a segurança quente do meu apartamento. Eventualmente, Alex parou de falar e simplesmente caminhou ao meu lado, uma presença carrancuda que garantiu que todos os outros abrissem caminho para mim.

Depois do que pareceu uma eternidade, chegamos ao meu prédio. Não olhei para ele enquanto pegava minha chave na bolsa e a enfiava na fechadura. A água escorria pelo meu rosto, da chuva ou das minhas lágrimas, eu não sabia.

Alex não me seguiu para dentro do prédio, mas pude sentir o calor de seu olhar quando entrei.

Não olhe. Não olhe.

Eu subi até a metade da escada antes de desabar. O painel de vidro acima da porta proporcionava uma visão clara da calçada e, embora eu já estivesse no prédio, Alex permaneceu do lado de fora, ensopado até os ossos. Sua camisa agarrou-se ao torso esculpido e seu cabelo grudado na testa, a cor castanha clara quase preta da chuva. Ele ergueu os olhos até que encontraram os meus através do vidro, seu rosto marcado com partes iguais de angústia e determinação.

E embora concreto, metal e uns bons quatro metros nos separassem, ele exerceu uma atração magnética que quase me convenceu a abrir a porta e tirá-lo do frio.

Quase.

Obriguei-me a me virar e subir correndo o resto das

escadas para o meu apartamento antes que meu coração estúpido e mole me colocasse em problemas novamente. Mesmo depois de me trocar e entrar no chuveiro, tremendo, seus sussurros sedutores acariciaram meus ouvidos e me incentivaram a ceder.

Peça a ele para entrar. Está escuro e frio lá fora... E se ele ficar doente? For Roubado? Ou se Machucar?

— Ele não vai. — Eu disse em voz alta, esfregando minha pele com tanta força que ficou vermelha. — Alex Volkov não se machuca. Ele *traz* a dor.

A imagem dele miserável na chuva passou pela minha mente, e eu vacilei antes de esfregar com mais força. Eu não *pedi* para me seguir ou ficar lá fora. Se pegasse um resfriado ou... ou hipotermia, era culpa dele.

Desliguei a água com as mãos trêmulas.

Passei as próximas horas comendo ramen instantâneo e tentando editar fotos, mas acabei desistindo. Eu não conseguia me concentrar e meus olhos doíam de tanto chorar. Eu só queria fingir que esta tarde nunca aconteceu.

Eu terminei cedo e deitei na cama, resistindo à vontade de olhar pela janela. Fazia horas. Não era como se Alex ainda estivesse lá fora.

42

Ava

Alex cumpriu sua promessa barra ameaça de aparecer a cada dia. Todo. Dia. Ele estava lá de manhã quando eu saí para a minha bolsa, geralmente com um latte de baunilha e bolinho de mirtilo, meus favoritos. Ele estava lá para me levar para casa depois do meu workshop. Outras vezes, principalmente quando eu estava com outras pessoas ou explorando a cidade nos finais de semana, ele chamava menos atenção, mas estava lá. Senti sua presença, embora não pudesse vê-lo.

Nunca pensei que Alex Volkov se tornaria meu perseguidor, mas lá estávamos nós.

Além disso, os presentes chegavam todos os dias. De barco.

No final da primeira semana, parecia que meu apartamento estava virando um jardim interno. Doei tudo para um hospital local, as rosas de todas as cores, as orquídeas roxas vivas e lírios brancos doces, os girassóis alegres e peônias delicadas.

No final da segunda semana, eu tinha joias suficientes

para deixar a duquesa de Cambridge verde de inveja, pelo menos, até que eu as penhorasse. A quantia que recebi pela pilha de brincos de diamante, pulseiras de safira e colares de rubi fez meus olhos saltassem, mas doei a maior parte para várias instituições de caridade e economizei o resto para o meu sustento. Londres não era barata e o estipêndio da bolsa não era exatamente principesco.

No final da terceira semana, eu estava mergulhada até os joelhos em chocolates gourmet, cestas de presentes e sobremesas personalizadas.

Eu não me importava com joias ou flores chiques, então esses presentes não importavam para mim. Foram as pequenas coisas que fizeram buracos em meu coração, os cupcakes de veludo vermelho que diziam: *Sinto muito;* uma câmera japonesa vintage rara que eu procurei por anos, mas nunca tinha encontrado à venda; a foto emoldurada de Alex e eu no festival de outono. Não tinha percebido que ele guardou uma cópia da cabine de fotos.

Por que eu preciso de fotos?

Para as memórias. Para lembrar de pessoas e eventos?

Não preciso de fotos para isso.

No final da quarta semana, eu estava dividida entre arrancar meus cabelos de frustração e desmoronar como um castelo de areia na maré alta.

— Precisamos conversar. — Disse eu na tarde de sexta-

feira, depois de deixar meu workshop de técnicas de iluminação. Alex se recostou contra um poste de luz do lado de fora do prédio, irritantemente lindo em jeans e uma camiseta branca. Os aviadores esconderam seus olhos, mas a intensidade de seu olhar queimou através dos óculos e queimou em minha carne.

Um grupo de colegiais que passava olhou para ele, rindo e cochichando entre si.

— Ele é *tão gostoso.* — Ouvi uma delas sussurrar quando pensou que estava fora do alcance de ser ouvida.

Spoiler: ela não estava.

Eu gostaria de poder correr atrás dela e dar-lhe alguns conselhos não solicitados de irmã mais velha. *Não se apaixone por caras que parecem que podem quebrar seu coração, porque é bem provável que eles o farão.*

— Claro. — Disse Alex, sem se incomodar com a atenção das meninas. Ele provavelmente estava acostumado com isso. Enquanto ele me seguiu em torno de Londres, as mulheres seguiram ao redor até que todos nós parecêssemos que estávamos jogando um jogo gigante de seguir o líder. — Podemos conversar durante o jantar. — Sua boca se contraiu quando olhei para ele.

— Isso não está acontecendo. — Olhei em volta e vi uma pequena alcova mais adiante na rua. Não exatamente um beco, mas bastante privado. Não queria que os meus colegas o

vissem e fizessem mais perguntas. A maioria já tinha notado Alex esperando por mim todos os dias e incorretamente assumiram que ele era meu namorado. — Bem ali.

Caminhei em direção à alcova e esperei até que estivéssemos abrigados no pequeno espaço antes de falar novamente.

— Você tem que parar.

Alex ergueu uma sobrancelha.

— Parar...?

— Os presentes. A espera. Os jogos. Eles não vão funcionar. — *Mentiras.* Eles estavam perto de funcionar, e era por isso que eu estava pirando. Se ele continuasse assim, eu não sabia quanto tempo poderia aguentar.

Seu sorriso se desvaneceu.

— Eu te disse, eu não estou brincando. Se você quiser que eu pare com os presentes, eu paro. Mas nunca vou parar de esperar.

— Por que? — Eu joguei minhas mãos em frustração. — Você pode ter qualquer mulher que quiser. *Por que* você ainda está aqui?

— Porque nenhuma delas é você. Eu... — A garganta de Alex flexionou com um engolir em seco. A expressão nervosa voltou. — Eu não queria admitir, nem para mim mesmo, mas...

— Não. — Meu coração disparou. Eu sabia o que ele diria a seguir, e não estava nem perto de pronta para ouvir. — Não faça isso.

— Ava, eu te amo. — Seus olhos brilharam de emoção e meu peito apertou até que pensei que fosse explodir. — Quando você me disse que me amava, não respondi porque não sentia que merecia seu amor. Você não sabia a verdade sobre o meu plano ainda, e eu não pensei... porra. — Ele esfregou a nuca, parecendo estranhamente agitado. — Não era assim que eu planejava dizer, — Ele murmurou. — Mas é verdade. E talvez eu ainda não mereça você, mas estou disposto a trabalhar nisso até que eu faça.

— Você não me ama. — Eu balancei minha cabeça, meus olhos e nariz queimando com lágrimas não derramadas. Eu tinha chorado tanto ultimamente que me irritei, mas não conseguia parar. — Você nem sabe o que é amor. Você mentiu e usou a mim e a Josh por oito anos. *Oito anos.* Isso não é amor. Isso é manipulação. Insanidade.

— Começou assim, mas Josh realmente se tornou meu melhor amigo, e eu realmente me apaixonei por você. — Alex soltou uma risada curta. — Você acha que eu *queria que* essas coisas acontecessem? Eu não queria. Eles estragaram completamente meus planos. Eu evitei derrubar Michael por anos por causa de você e Josh.

— Quão generoso da sua parte — eu disse sarcasticamente.

Sua mandíbula se apertou.

— Eu nunca afirmei ser o Príncipe Encantado, e meu amor não é um tipo de amor de conto de fadas. Eu sou uma pessoa fodida com uma moral fodida. Não vou escrever poemas ou serenatas para você sob o luar. Mas você é a *única* mulher para quem tenho olhos. Seus inimigos são meus inimigos, seus amigos são meus amigos, e se você quisesse, eu queimaria o mundo por você.

Meu coração se partiu ao meio. Eu queria tanto acreditar nele, mas...

— Mesmo que isso seja verdade, não é sobre amor. É uma questão de confiança, e eu não confio mais em você. Você provou que é o mestre do jogo longo. E se este for apenas mais um deles? E se um dia, daqui a dez anos, eu acordar e você quebrar meu coração de novo? Não vou sobreviver uma segunda vez.

Se a fonte do desgosto fosse outra pessoa, talvez. Mas não Alex. Ele estava embutido não apenas em meu coração, mas em minha alma, e se eu o perdesse de novo por qualquer motivo, o jogo terminaria.

— Ava. — A voz de Alex falhou. Vermelho apareceu em seus olhos, e eu poderia jurar que ele estava à beira de chorar. Mas este era Alex. Ele não chorava. Ele não era capaz disso. — Querida, por favor. Diga-me o que devo fazer. Eu farei qualquer coisa.

— Não sei se você pode fazer alguma coisa. — Sussurrei. — Eu sinto muito.

— Então terei que tentar de tudo até encontrarmos algo. — Ele disse, seu rosto duro, seu tom sério.

Alex não desistiria até que conseguisse o que queria. Não estava em sua natureza. Mas se eu cedesse a ele do jeito que meu coração queria, mesmo minha mente gritando para que eu não o fizesse, como eu poderia viver comigo mesma? Um relacionamento sem confiança foi construído sobre uma base de areia e, depois de uma vida inteira à deriva, eu precisava de um terreno sólido.

— Vá para casa em DC, Alex. — Eu disse, exausta mentalmente, fisicamente e emocionalmente. — Você tem um negócio para administrar. — Mesmo enquanto eu dizia as palavras, meu estômago embrulhou com a ideia de um oceano nos separando novamente.

Eu estava uma bagunça. Eu não tinha ideia do que queria, meus pensamentos correram muito rápido para que eu pudesse me agarrar a qualquer um deles, e...

— Renunciei ao cargo de CEO, a um mês atrás.

Isso me tirou do meu devaneio com um choque.

— *O quê?* — Ele era a pessoa mais ambiciosa que eu conhecia e era CEO há menos de um ano.

Por que eu não tinha ouvido falar disso? Então,

novamente, eu não acompanhei as notícias financeiras e evitei qualquer notícia sobre o próprio Alex.

Alex encolheu os ombros.

— Eu não poderia continuar como CEO enquanto passava todo o meu tempo em Londres com você, então pedi demissão. — Disse ele com naturalidade, como se não tivesse desistido do trabalho de sua vida por capricho. Exceto que Alex não fez nada por capricho. Ele pensou em cada movimento, e o último não fazia sentido. A menos que...

Eu esmaguei o breve lampejo de esperança antes que pudesse florescer em algo maior.

— Mas e quanto a dinheiro e despesas? — Percebi o quão idiota era essa pergunta no segundo em que a fiz.

A boca de Alex se inclinou para cima.

— Tenho o suficiente em ações, investimentos e economias para o resto da minha vida. Trabalhei porque quis. Mas agora, quero fazer outra coisa.

Eu engoli, meu pulso trovejando.

— O que é isso?

— Ganhar você de volta. Não importa quanto tempo leve.

43

Ava

A bolsa terminou com uma grande exposição com a presença de pessoas que agitam o mundo da arte de Londres. A exposição aconteceu em Shoreditch, e cada colega tinha sua própria seção na galeria pop-up.

Foi emocionante, estressante e totalmente surreal.

Eu encarei minha pequena fatia do céu e as pessoas passando por ela, vestida com esmero e examinando cada peça com o que eu esperava serem olhos de admiração.

Eu cresci muito como fotógrafa no ano passado e, embora ainda tivesse muito a aprender, estava muito orgulhosa do meu trabalho. Eu me especializei em retratos de viagem como Diane Lange, mas coloquei meu toque pessoal nisso. Por mais que a admirasse, não queria *ser* ela; eu queria ser minha própria pessoa, com minha própria visão e ideias criativas.

Eu tirei a maioria das minhas fotos em Londres, mas o bom da Europa era como era fácil viajar para outros países. Nos fins de semana, eu pegava o Eurostar para Paris ou passeios de um dia para os Cotswolds. Eu até reservei voos

curtos para países vizinhos como Irlanda e Holanda e não surtei no avião.

Minha peça favorita era um retrato de dois velhos jogando xadrez em um parque em Paris. Um estava com a cabeça jogada para trás numa gargalhada com um cigarro na mão, enquanto o outro examinava o tabuleiro com a testa franzida. As emoções de ambos saltaram da foto, e eu nunca estive mais orgulhosa.

— Como você está se sentindo? — Diane veio ao meu lado. Seu cabelo loiro claro roçava seus ombros, e seus óculos de aro preto combinavam com sua jaqueta preta e calça combinada. Ela foi a melhor mentora que eu poderia pedir durante a bolsa, e agora eu a considerava uma amiga e modelo.

Eu, amiga de Diane Lange.

Surreal.

— Eu sinto... tudo. — Eu admiti. — Porém, advertindo, eu também posso vomitar.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, não muito diferente do homem da foto. Essa foi uma das minhas coisas favoritas sobre Diane. Fosse alegria, tristeza ou raiva, ela expressava suas emoções de forma plena e sem reservas. Ela se derramou no mundo com a confiança de alguém que se recusava a se conter para deixar os outros confortáveis, e brilhou ainda mais por isso.

— Isso é normal. — Disse ela, com os olhos brilhando. —

Na verdade, vomitei durante a minha primeira exposição. Vomitei em um garçom e em um convidado que por acaso era um dos principais colecionadores de arte de Paris. Fiquei mortificada, mas ele foi um bom esportista. Acabou comprando duas peças minhas naquela noite.

Eu mordi meu lábio inferior. Isso foi outra coisa. Todas as fotos dos companheiros estavam à venda esta noite. Meu coorte o transformou em uma competição para ver quem conseguia vender mais e, portanto, se gabar de ser o melhor, mas eu ficaria feliz se vendesse *um.*

Saber que alguém, qualquer pessoa, gostou do meu trabalho o suficiente para pagar por ele enviou uma onda de nervosismo feliz pelo meu estômago.

— Espero ter uma noite tão boa. — Disse eu, porque ainda não tinha vendido nada.

O brilho nos olhos de Diane se intensificou.

— Você já tem. A Melhor, na verdade.

Eu inclinei minha cabeça em confusão.

— Alguém comprou todas as suas peças. Cada uma.

Quase engasguei com meu champanhe.

— O-o quê? — A exposição começou há uma hora. Como isso foi *possível?*

— Parece que você tem um admirador. — Ela piscou. —

Não fique tão surpresa. Seu trabalho é bom. Muito bom.

Eu não me importava o quão bom meu trabalho era; eu era um nome desconhecido. Uma novata. Os novatos não vendem toda a sua coleção tão rápido, a menos que...

Meu coração bateu forte em advertência ou excitação, eu não tinha certeza.

Olhei freneticamente ao redor da galeria, em busca de cabelos castanhos grossos e olhos verdes frios.

Nada.

Mas ele estava aqui. Ele era meu comprador anônimo. Eu senti isso no meu intestino.

Alex e eu tínhamos desenvolvido uma nova... bem, eu não tinha certeza se poderia chamar isso de amizade, mas era um passo à frente de tudo o que tínhamos quando ele chegou a Londres, um ano atrás. Ele ainda esperava por mim na frente do meu apartamento todas as manhãs e me acompanhava para casa depois dos meus workshops todas as tardes. Às vezes conversávamos, às vezes não. Ele me ajudou a praticar meus movimentos de autodefesa, montou minha nova mesa de jantar depois que a anterior quebrou e serviu como assistente de fato em algumas das minhas sessões de fotos. Levou *muito* tempo antes de chegarmos a esse ponto, mas chegamos lá.

Ele estava tentando. Mais do que tentando. E embora eu tenha recuperado um pouco de confiança nele, algo me impediu de perdoá-lo totalmente. Eu podia ver o quanto isso o

machucava cada vez que o empurrava, mas as feridas das traições dele e de Michael, enquanto elas *estavam* curando, eram profundas, e eu ainda estava aprendendo a confiar em mim mesma, muito menos nas outras pessoas.

Josh, que se formou na faculdade de medicina no mês passado, tinha me visitado algumas vezes, e eu fiz Alex ficar fora de vista enquanto ele estava na cidade. Josh ainda estava furioso com Alex, e eu não precisava que eles entrassem em uma briga no meio de Londres. Jules, Bridget e Stella também visitaram. Eu não tinha contado a elas sobre Alex, mas tive um palpite de que Bridget sabia que algo estava acontecendo, ela ficava olhando para mim com um brilho conhecedor em seus olhos.

O feedback do microfone ondulou pelo ar e a multidão se aquietou. A diretora da irmandade subiu no palco e agradeceu a presença de todos, ela esperava que eles estivessem se divertindo, blá, blá, blá. Eu me desliguei dela, muito concentrada em minha busca para prestar atenção.

Onde ele estava?

Alex não era de se esconder nas sombras, a menos que não quisesse ser visto, e eu não conseguia pensar em nenhum motivo para ele querer se esconder esta noite.

— …Apresentação especial. Por favor, batam palmas para Alex Volkov!

Isso era enlouquecedor. Tinha algo - *espere, o quê?*

Minha cabeça se ergueu e meu estômago caiu em queda livre.

Lá estava ele. Smoking preto, expressão ilegível, o cabelo castanho dourado brilhando sob as luzes. Havia quase duzentas pessoas na sala, mas seus olhos encontraram os meus imediatamente.

Meu pulso bateu com antecipação.

O que ele estava fazendo no palco?

Recebi minha resposta um minuto depois.

— Sei que é uma grande surpresa, já que uma apresentação ao vivo não estava no programa hoje à noite. — Disse Alex. — E se você me conhece, sabe que não sou famoso por meu patrocínio às artes, ou por minhas habilidades para cantar. — Uma risada suave percorreu a multidão, junto com alguns olhares de quem sabe. Alex esperou que as risadas morressem antes de continuar, seu olhar queimando no meu. — Quer se trate de música, fotografia, filme ou pintura, as artes refletem o mundo ao nosso redor, e por muito tempo, eu só vi o lado negro. As mentiras decadentes, as verdades feias. As fotos me lembravam de momentos que nunca duraram. As canções me lembraram que as palavras têm o poder de rasgar o coração de alguém. Por que, então, eu me importaria com a arte quando ela era tão terrível e destrutiva? — Foi uma declaração ousada de se fazer diante do mundo da arte de Londres, mas ninguém questionou. Ninguém respirava. Alex tinha todos nós sob o feitiço de suas palavras. — Então alguém

entrou na minha vida e derrubou tudo que eu pensava que sabia. Ela era tudo que eu não era: coração puro, confiante, otimista. Ela me mostrou a beleza que existia neste mundo e, por meio dela, aprendi o poder da fé. Alegria. Amor. Mas temo tê-la manchado com minhas mentiras e espero, de todo o coração, que um dia ela encontre o caminho para fora da escuridão e para a luz novamente.

A sala tocou em um silêncio sem fôlego no final do discurso de Alex. Meu coração estava batendo forte, batendo tão forte que senti na minha garganta. Meu estômago. Meus dedos do pé. Eu senti isso em cada centímetro de mim.

Então ele abriu a boca novamente e meu coração parou completamente. Porque a voz que saiu e encheu a sala? Foi a coisa mais linda que já ouvi.

Não era só eu, todos olhavam para Alex com fascinação extasiada, e eu tinha certeza que algumas das mulheres desmaiaram.

Pressionei meu punho contra a boca enquanto a letra fluía sobre mim. Era uma música sobre amor e desgosto. Traição e redenção. Arrependimento e perdão. Cada palavra me separou, assim como o fato de Alex ter cantado. Não importa o quanto eu tenha persuadido ou implorado no passado, foi a única coisa que ele se recusou a fazer.

Até agora.

Eu entendi porque ele recusou. Alex não apenas cantou,

ele *cantou.* Com emoção, com beleza, com tanta crueza que me tirou o fôlego. Ele desnudava sua alma a cada nota, e para um homem que pensava que sua alma estava irrevogavelmente amaldiçoada, a ideia de fazer isso na frente de uma plateia deve ter sido insuportável.

Alex terminou sob aplausos estrondosos. Seu olhar permaneceu no meu por um longo momento antes de desaparecer fora do palco, e a multidão explodiu em conversas animadas e suspiros.

Meus pés se moveram antes que eu pudesse pensar, mas eu só dei dois passos antes de Diane me parar.

— Ava, antes de você sair, há alguém que eu quero que você conheça. — Disse ela. — O editor da *World Geographic* está aqui e eles estão sempre procurando por jovens fotógrafos talentosos.

— Eu...tudo bem. — Olhei em volta, mas não vi Alex em lugar nenhum.

— Está tudo bem? Você parece distraída. — Diane me examinou com preocupação. — Você tem falado sobre a *World Geographic o* ano todo. Achei que você ficaria mais animada.

— Sim, estou bem. Desculpe, estou um pouco sobrecarregada. — Normalmente, eu teria pirado só de pensar em conhecer o editor da *World Geographic,* uma revista de viagens e cultura famosa por suas fotos e narrativas impressionantes, mas tudo em que conseguia pensar era em

Alex.

— Foi uma bela atuação, hein? — Diane sorriu enquanto me conduzia em direção a um homem mais velho com cabelo com mechas prateadas e uma barba espessa. Laurent Boucher. Eu o reconheci imediatamente. — Se eu fosse vinte anos mais jovem...

Forcei uma risada fraca.

— Não que isso fosse me fazer muito bem. Ele parecia ter olhos apenas para você. — Ela piscou para mim.

O calor subiu em meu rosto e eu murmurei uma resposta incoerente antes de chegarmos a Laurent.

— Diane, é bom ver você de novo. — A voz profunda de Laurent retumbou com um sotaque francês encantador quando ele a beijou no ar. — Você está linda como sempre.

— Você é sempre um encantador. — Diane inclinou a cabeça em minha direção. — Laurent, eu quero que você conheça Ava. Ela é a pessoa de quem eu estava falando.

— Ah, claro. — Laurent voltou seus penetrantes olhos escuros para mim. — Eu estava conversando com Diane sobre sua exposição no início desta noite. Você é muito talentosa, jovem ainda, e seu trabalho precisa de um pouco mais de refinamento, mas você tem um potencial extraordinário.

— Obrigada, senhor. — Entre a atuação de Alex e o elogio do maldito Laurent Boucher, toda essa noite foi surreal.

— Por favor, me chame de Laurent.

Conversamos por mais quinze minutos, durante os quais Diane pediu licença para falar com o diretor da irmandade. No final da nossa conversa, Laurent me entregou seu cartão e me disse para entrar em contato se eu estivesse interessada em fazer freelance para um papel júnior na *World Geographic. Sim, sim.* Eu estava muito feliz com a oportunidade, mas não pude deixar de suspirar de alívio quando Laurent se distraiu com outro conhecido.

Agradeci e saí em busca de Alex, mas fui interrompida *novamente* por um grupo de colegas que ouviram que eu já tinha vendido toda a minha coleção e queriam saber quem era o comprador. Eu disse a eles que não sabia, o que era tecnicamente verdade.

Isso continuou acontecendo durante toda a noite. Eu terminaria uma conversa apenas para ser atraída para outra. Fiquei grata por todas as pessoas que queriam conversar e me parabenizar, mas caramba, Alex era a única pessoa com quem eu queria falar.

No final da noite, eu não tive um único vislumbre dele desde sua apresentação. Meus pés doíam, minhas bochechas doíam de tanto sorrir e meu estômago roncava com a falta de comida. Sempre ficava nervosa demais para comer em eventos.

Os convidados foram saindo até que eu era uma das poucas pessoas restantes na galeria, incluindo a equipe de limpeza.

Eu não podia acreditar que Alex iria embora sem dizer uma palavra depois do que ele fez, mas não havia como negar, ele não estava aqui.

— Ei, Ava.

Eu me animei, mas a decepção bateu em mim um segundo depois, quando vi quem era o orador.

— Ei, Jack. — Eu fixei outro sorriso no meu rosto. — Pensei que tinha ido embora.

— Nah. Parece que sou um retardatário, assim como você. — Seus olhos azuis brilharam. — Quer comer alguma coisa? Não consegui comer nada a noite toda. Nervosismo — ele explicou.

— Eu também senti isso.

— Nervosismo? Vamos lá, você vendeu sua *coleção inteira.* Isso é incrível! Inédito na história do WFP. — Jack me abraçou. — Devíamos celebrar. Talvez com um jantar adequado e bebidas? Não precisa ser esta noite se você estiver muito cansada. — Acrescentou.

Pisquei, certa de que li seu tom errado.

— Você está me pedindo para sair?

Jack se tornou um bom amigo no ano passado e eu gostava de sair com ele. Ele também era atraente, com seu cabelo loiro comprido, sotaque australiano e vibrações de surfista beijadas pelo sol. Mas quando olhei para ele, meu

estômago não vibrou e meu coração não parou de bater.

Apenas uma pessoa no mundo poderia me fazer sentir assim, e ele não estava aqui.

Jack corou.

— Sim. — Ele deu um sorriso tímido. — Eu queria convidá-lo para sair por um tempo, mas não queria tornar as coisas estranhas entre nós. Já que o programa acabou agora, pensei, por que não? Você é linda, engraçada, talentosa e nos damos bem. — Ele fez uma pausa. — Eu acho.

— Verdade. — Coloquei a mão em seu braço. — Você é um dos meus amigos mais próximos aqui, e estou tão feliz por ter conhecido você. Você é um cara ótimo...

— Ai. — Jack estremeceu. — Eu sinto que isso não é uma coisa boa quando usado neste contexto.

Eu ri.

— Não, acredite em mim, é uma coisa boa. Você é fofo, engraçado e talentoso também, e qualquer garota teria sorte de namorar você.

— Eu sinto um *mas* vindo... — Ele disse ironicamente.

— Mas...

— Mas ela está comprometida. — Uma voz suave interrompeu. — De hoje à noite até o futuro.

Eu me virei, meu pulso acelerando quando vi Alex parado

a menos de um metro e meio de distância. Seu olhar se concentrou em onde eu ainda estava tocando o braço de Jack. Eu me afastei, mas era tarde demais. Eu podia praticamente sentir o gosto do perigo pulsando no ar.

Foi-se o homem que desnudou sua alma no palco; em seu lugar estava o CEO implacável que não hesitaria em transformar seus inimigos em pó.

— Você é o cara que se apresentou hoje à noite e está sempre esperando por Ava do lado de fora do WYP. — Jack estreitou os olhos. — Quem é você?

— Alguém que vai arrancar suas entranhas e estrangular você com elas se você não tirar as mãos dela. — Alex disse em uma voz aparentemente calma.

Foi só então que percebi que Jack ainda estava com a mão na parte inferior das minhas costas de quando ele me abraçou antes.

— Você é um psicopata. — Jack me segurou com mais força e de repente temi por sua vida. — Estou ligando para a segurança...

— Não, está bem. Eu o conheço. — Eu disse antes que Jack pudesse se meter em mais problemas. — Ele é, uh, propenso a hipérboles. — Eu dei um passo para trás, forçando Jack a me soltar. — Eu preciso falar com ele, mas te vejo mais tarde, ok?

Ele me lançou um olhar incrédulo. — Ava, ele é...

— Eu vou ficar bem. — Eu disse, meu tom firme. — Eu prometo. Ele é um velho, hum, conhecido de DC.

O descontentamento irradiava de Alex em ondas. Seu olhar penetrou em mim com intensidade de laser, mas eu ignorei o melhor que pude.

— Ok. — Jack cedeu. — Me mande uma mensagem quando estiver em casa segura. — Ele beijou minha bochecha e um rosnado baixo encheu a sala.

Jack se encolheu e lançou outro olhar desconfiado para Alex antes de sair.

Esperei até que ele estivesse fora do alcance da voz antes de prender Alex com meu próprio olhar de advertência.

— Nem pense nisso.

— Pensar sobre o que?

— Fazendo qualquer coisa para Jack. Ou contratar alguém para fazer qualquer coisa com ele. — Acrescentei, porque sempre é necessário cobrir as bases com Alex. Ele era o rei das lacunas.

— Eu não sabia que você se importava tanto com ele. — Alex disse, sua voz fria.

Eu cerrei meus dentes.

— Como é possível que você seja o mesmo cara que cantou hoje à noite? Um é um idiota, o outro é...

— É o que? — Alex caminhou em minha direção e minha boca secou. — É o quê, Ava?

— Você sabe o que.

— Eu não.

Eu exalei um suspiro trêmulo.

— Você cantou. Em público.

— Sim.

— Por que?

— Por que eu faço qualquer coisa hoje em dia? — Ele roçou os dedos na minha bochecha e arrepios de prazer patinaram na minha espinha. — Eu... — Ele fez uma pausa, sua mandíbula trabalhando antes de dizer com cuidado — Eu não sou o melhor em expressar minhas emoções. É por isso que nunca gostei de cantar. É tudo emoção e parece muito vulnerável. Eu não aguento mais. Mas eu disse que estou disposto a fazer o que for preciso para reconquistá-la, e eu quis dizer isso, assim como quis dizer cada palavra daquela música. Essa música era para você. Mas estou ficando sem ideias, querida. — Alex esfregou o polegar sobre a curva do meu queixo e me deu um sorriso triste. — Você sabia que esta é a primeira vez que você me deixa tocá-la em mais de um ano?

Eu abri minha boca para discutir porque isso não poderia ser verdade... exceto que era. Uma montagem de imagens passou pela minha mente, me encolhendo ou me afastando

toda vez que Alex me procurava nos últimos doze meses. Não porque eu não *queria que* ele me tocasse, mas porque eu não confiava em mim mesma para não ceder se ele chegasse tão perto de novo. Ele nunca disse nada, mas eu percebi a mágoa e a dor em seus olhos.

— Eu procurei por você depois. — Eu disse, meu queixo balançando. — Eu não consegui te encontrar. Você desapareceu.

— É a sua grande noite. Eu não queria tirar isso de você.

— Pensei que tinha ido embora. — Não sei por quê, mas comecei a chorar. As lágrimas escorreram pelo meu rosto e minhas fungadas ecoaram na galeria vazia. Fiquei mortificada, mas pelo menos éramos as únicas pessoas ali. Devia haver funcionários em algum lugar do prédio ou eles teriam nos expulsado, mas eu não conseguia vê-los.

— Eu nunca iria te deixar. — Alex me puxou para seu peito e eu afundei em seu abraço pela primeira vez no que parecia uma eternidade. Era como voltar para casa depois de uma longa e solitária viagem ao exterior. Eu tinha esquecido como me sentia segura em seus braços, como se nada nem ninguém pudesse me machucar. O fato de eu me sentir assim mesmo depois do que ele fez falou muito. — Você *quer que* eu vá embora? — Ele perguntou rispidamente.

Enterrei meu rosto em seu peito e balancei minha cabeça. Ele cheirava a calor e especiarias, e era tão familiar que fez meu coração doer.

Eu perdi. Eu senti falta *dele.* Mesmo que eu tivesse visto Alex todos os dias durante o ano passado, não era o mesmo que tocá-lo e realmente *estar* com ele.

— Você sente minha falta, querida? — Sua voz suavizou.

Eu balancei a cabeça, meu rosto ainda enterrado em seu peito.

Todo esse tempo, eu estava com medo de deixá-lo voltar, em parte porque não confiava nele, mas principalmente porque não confiava em mim mesma. Depois de ter sido enganada por duas pessoas que eu amava por tanto tempo, comecei a pensar em meu coração como meu inimigo e não meu amigo. Como poderia confiar em meus instintos quando eles me desviaram tanto no passado?

Porém, quanto mais eu pensava nisso, mais percebia que *não* estava errada. Eu pensei que Michael era meu pai verdadeiro e que ele salvou minha vida, mas sempre me senti desconfortável perto dele. Nunca me relacionei com ele da maneira que uma filha deveria fazer com o pai. Achei que era porque ele se sentia desconfortável perto de *mim* e, embora isso possa ter influenciado, foi principalmente um sexto sentido que me alertou para não chegar muito perto.

Quanto a Alex, ele puxou a venda sobre os meus olhos e os de Josh. Mas, no fundo do meu coração, acreditei nele quando disse que nosso relacionamento e seus sentimentos eram reais.

Haveria uma chance de eu estar errada, e este ser mais um longo jogo fodido? Sim, embora eu não visse o que mais ele poderia querer de mim. Ele tinha como alvo Michael com base em informações falsas e, mesmo que não o tivesse feito, Michael já estava fora de cogitação, ele foi considerado culpado de várias acusações de tentativa de homicídio e fraude corporativa, e foi condenado a prisão perpétua.

Mas prefiro dar um salto de fé a passar o resto da minha vida vivendo com medo de algo que *possa* acontecer. Eu estava doente e cansada de permitir que meus medos me segurassem, fosse por causa da água, do desgosto ou de qualquer outra coisa.

A única maneira de viver a vida era *vivê-la*. Sem medos, sem arrependimentos.

Alex se afastou, mas manteve um braço em volta da minha cintura. Ele ergueu meu queixo, seus olhos fixos nos meus.

— Você quer que eu fique?

Ele não estava falando sobre a galeria, e nós dois sabíamos disso.

Engoli em seco e balancei a cabeça novamente.

— Sim. — Eu sussurrei.

A palavra mal tinha saído da minha boca antes de Alex me puxar em sua direção e esmagar seus lábios nos meus. Não

foi um beijo doce e vagaroso. Foi feroz e desesperado e tudo que eu precisava. Um estremecimento de alívio percorreu-o sob minhas palmas, e eu não tinha percebido o quão tenso ele estava até agora.

— Você sabe que não há como se livrar de mim agora. — Ele avisou, seu toque quente e possessivo enquanto agarrava minhas mãos.

— Isso não teria acontecido, de qualquer maneira.

Ele soltou uma risada suave.

— Agora você está entendendo.

Sua boca reivindicou a minha mais uma vez, e eu estava tão perdida em seu beijo, seu cheiro, seu toque que não percebi que nos movemos até minhas costas baterem na parede.

— Alex?

— Hmm? — Ele puxou meu lábio inferior entre os dentes e mordeu levemente antes de afastar a picada com a língua. Um formigamento total se espalhou do meu couro cabeludo até os dedos dos pés.

— Não quebre meu coração de novo.

O rosto de Alex se suavizou.

— Eu não vou. Confie em mim, querida.

— Eu confio. — Era verdade. Eu tinha visto o verdadeiro Alex esta noite, despojado de todas as suas máscaras, e confiei

nele de todo o meu coração.

Ele me deu um de seus sorrisos verdadeiros então, o tipo que poderia iniciar uma reação nuclear e destruir toda a população feminina de uma só vez.

— Além disso, eu... — Corei. — Eu sinto falta quando você me chama de Sunshine.

Os olhos de Alex brilharam com calor.

— Sente? — Ele deslizou minha saia para cima, centímetro a centímetro, até que o ar frio atingiu minha bunda e minha parte superior das coxas. — O que mais você sente falta? — Ele mergulhou a mão dentro da minha calcinha já encharcada e roçou a protuberância sensível entre as minhas pernas. — Você sente falta disso?

Um gemido escapou.

— Sim.

— E disso? — Ele pressionou seu corpo contra o meu até que senti sua ereção dura como pedra contra minha coxa. O calor correu em minhas veias. Eu não fazia sexo há um ano e meio, e minha frustração sexual era um vulcão esperando para explodir.

— Sim. Por favor. — Eu gemi.

— Eu disse ao resto da equipe para ir embora antes de vir ver você. É só você e eu, Sunshine. — Sua respiração fez cócegas na minha pele enquanto ele arrastava sua boca pelo

meu pescoço até que ele alcançou o pulso vibrando descontroladamente na base da minha garganta. — Eu vou te foder contra esta parede até que você não consiga lembrar seu próprio nome, mas antes que eu... — Ele agarrou minha garganta, sua voz caindo para um rosnado suave. Meu núcleo teve um espasmo em resposta. — Conte-me sobre o filho da puta loiro que te convidou para sair. Você o deixou tocar em você, Sunshine? Você o deixou tocar o que era meu?

Eu balancei minha cabeça, praticamente ofegante de excitação.

O aperto de Alex aumentou.

— Você está mentindo para salvá-lo?

— Não. — Eu gemi. — Juro. Eu não penso nele dessa forma.

Eu engasguei quando ele me girou e pressionou minha bochecha contra a parede. O concreto gelado cavou em minha pele aquecida e meus mamilos endureceram em pontos doloridos.

Alex puxou minha saia e empurrou minha calcinha de lado com a mão livre.

— Você não pensa nele *nunca.* — Ele rosnou. Eu ouvi seu cinto desafivelando e sua calça abrindo. — Eu sou o único homem em sua mente. Na sua boca. Em sua boceta apertada. Você entende?

— Sim! — Eu estava tão delirante de luxúria que teria dito sim a qualquer coisa neste momento.

— Diga-me a quem você pertence. — Ele deslizou seu pau contra minhas dobras encharcadas, e eu quase tive um mini orgasmo com essa simples ação.

— Eu pertenço a você.

Alex soltou um suspiro, e esse foi o único aviso que recebi antes que ele se chocasse contra mim. Ele tapou minha boca com a mão, abafando meus gritos, mas eu estava tão perdida que mal percebi. Eu só podia me concentrar na sensação de seu pau batendo em mim e no prazer caindo sobre mim em ondas.

As fotos emolduradas da exposição batiam contra a parede com cada impulso, e eu vagamente ouvi algo se espatifando no chão. Eu estava prestes a gozar quando Alex me girou novamente para que ficássemos de frente um para o outro. Sua pele estava ruborizada pelo esforço, seus olhos escuros de luxúria.

Ele era a coisa mais linda que eu já vi.

Ele esmagou seus lábios nos meus, forte e exigente. Eu cedi sem resistência, deixando-o entrar em cada parte de mim, meu coração, minha alma, minha vida.

E sabe de uma coisa?

Alex e eu nos encaixamos perfeitamente.

EPÍLOGO

Ava

— Eu chutei sua bunda.

— Você *não* chutou minha bunda. — Ralph resmungou. — Você teve sorte com o último soco.

— Está tudo bem. — Alex ajustou as mangas de sua camisa, seus olhos brilhando com uma mistura de triunfo e diversão. — Todo aluno eventualmente se torna o professor.

— Rapaz, eu vou te bater na cabeça se você não parar de falar bobagem. — Apesar de suas palavras ásperas, Ralph estava sorrindo.

— O que eu disse sobre discutir na mesa? — A esposa de Ralph, Missy, ergueu as sobrancelhas. — Parem de reclamar para que todos possamos desfrutar do jantar.

Escondi um sorriso quando Alex e Ralph murmuraram baixinho, mas obedeceram.

— O que é que foi isso? — Suas sobrancelhas se ergueram ainda mais.

— Nada. — Eles disseram em coro.

— Ensine-me seus caminhos. — Eu sussurrei para Missy enquanto os caras se ocupavam com o frango assado e purê de batata com alho. — Como você faz isso?

Ela riu.

— Quando você está casada há mais de trinta anos, aprende algumas coisas. Além disso... — Seus olhos brilharam com malícia. — A julgar pela maneira como Alex olha para você, não acho que você precisa se preocupar em mantê-lo na linha.

Alex olhou para cima no mesmo momento em que olhei para ele. Ele piscou, sua boca se curvando em um sorriso diabólico que fez meus dedos dos pés se enrolarem em minhas botas.

Eu sabia o que aquele sorriso prenunciava.

O calor subiu em minhas bochechas e eu fingi estar fascinada com meu prato enquanto a risada baixa de Alex retumbava através da mesa.

Missy não perdeu um segundo disso.

— Oh, ser jovem e apaixonado. — Ela suspirou. — Ralph e eu nos casamos quando tínhamos vinte e poucos anos. Aproveitei cada minuto, exceto quando ele deixa suas roupas sujas em todos os lugares e se recusa a ver o médico, mas não há nada como a paixão que vem com a juventude. Tudo é tão fresco e novo. E a resistência. Uau! — Ela se abanou. — Éramos como coelhos, deixe-me dizer a você.

A essa altura, minhas bochechas estavam da cor do molho de cranberry na mesa.

Eu adorei Missy. Eu a conheci há uma semana, quando Alex e eu chegamos à fazenda dela e de Ralph em Vermont para um fim de semana prolongado de Ação de Graças, mas imediatamente me interessei por ela. Quente, amigável e realista, ela assava uma torta de abóbora deliciosa e tinha uma queda por piadas obscenas, e histórias pessoais obscenas.

Esta manhã, do nada, ela perguntou se eu já tinha feito um ménage à trois, eu não tinha, e eu quase joguei suco de laranja em toda a mesa de cerejeira dela.

— Eu não queria te envergonhar. — Missy deu um tapinha no meu braço, mas a faísca de malícia permaneceu em seus olhos. — Estou tão emocionada que Alex está namorando. Eu conheço esse menino há anos e nunca o vi olhar para alguém como olha para você. Sempre disse que ele só precisava da mulher certa para abri-lo. Ele foi ferido mais apertado do que um espartilho vitoriano.

Inclinei-me para ela e disse em um sussurro conspiratório:

— Honestamente, não mudou muito.

— Você sabe que posso ouvir tudo o que você está dizendo. — disse Alex secamente.

— Bom. Eu estava com medo de não estar alto o suficiente.

Seus olhos se estreitaram enquanto Missy caiu na gargalhada. Até Ralph riu quando eu abri um sorriso atrevido.

— Sunshine, você falar alto nunca foi um problema. — Alex disse em uma voz sedosa.

Meu purê de batatas desceu pelo cano errado e eu tive um ataque de tosse. A risada de Missy se transformou em gargalhadas abertas. O pobre Ralph ficou vermelho, murmurou algo sobre o banheiro e fugiu.

Depois de controlar minha tosse, olhei para Alex, que permaneceu imperturbável.

— Estou falando sobre o volume da sua voz durante as conversas, é claro. — Ele levou a taça de vinho aos lábios. — O que você achou que eu quis dizer?

— Tenho a sensação de que você não vai ouvir minha *voz* durante as conversas por um tempo. — Bufei.

— Veremos. — Ele parecia irritantemente presunçoso.

— Vou deixar vocês dois pombinhos sozinhos enquanto vou buscar Ralph. — Missy riu. — Coitadinho é um leão no quarto, mas um gatinho corado quando se trata de falar sobre sexo em público, direta ou indiretamente.

Isso era algo que eu poderia ter vivido o resto da minha vida sem saber.

Depois que ela saiu, eu olhei para Alex.

— Viu o que você fez? Você afastou nossos anfitriões durante o jantar deles.

— Eu fiz? — Ele encolheu os ombros com elegância. — É melhor tirar vantagem da situação. Venha aqui, Sunshine.

— Acho que não.

— Isso não foi um pedido.

— Eu não sou um cachorro. — Tomei um gole desafiador da minha água.

— Se você não estiver no meu colo nos próximos cinco segundos, — Alex disse na mesma voz calma. — vou dobrar você sobre a mesa, arrancar sua saia e foder com tanta força que Ralph terá um ataque cardíaco com seus gritos.

O bastardo era louco o suficiente para fazer isso também. E eu devo estar igualmente louca, porque minha calcinha umedeceu com suas palavras, e tudo que eu conseguia pensar era fazer exatamente a coisa que ele tinha acabado de ameaçar.

Alex observou, os olhos aquecidos, enquanto eu empurrava minha cadeira para trás, andava até ele e subia em seu colo.

— Boa menina. — Ele ronronou, envolvendo um braço em volta da minha cintura e me puxando em direção a ele até que minhas costas pressionassem contra seu peito. Sua excitação se aninhou contra minha bunda, e minha boca ficou seca. — Não foi tão difícil, foi?

— Te odeio. — Eu teria sido mais convincente se as palavras não tivessem saído tão ofegantes.

— Ódio é apenas outra palavra para amor. — Ele deslizou a mão por baixo do meu suéter e segurou meu seio enquanto arrastava uma sequência de beijos ardentes pelo meu pescoço.

— Eu não acho que isso esteja certo. — Eu disse, entre rir e gemer. Deus, suas mãos e boca eram mágicas.

Eu lancei um olhar furtivo para a porta da sala de jantar. Missy e Ralph não estavam à vista... ainda. Mas a possibilidade de ser pega deixou tudo mais quente, eu estava tão molhada que tinha medo de deixar uma mancha perceptível nas calças de Alex quando me levantasse.

— Não? Ah bem. — Alex beliscou minha orelha. — Perto o suficiente. — Ele segurou meu queixo com a outra mão e virou meu rosto para que eu olhasse para ele. — Você gostou desta semana?

— Sim. Foi o melhor Dia de Ação de Graças que tive em um tempo. — Eu disse suavemente.

Eu me senti culpada porque, embora todas as minhas ações de graças com Michael tenham sido contaminadas, eu passei o feriado com Josh no ano passado. Ele tinha voado para Londres e nos divertimos muito nos enchendo de comida, comprada em restaurante porque não sabíamos cozinhar um peru, enquanto assistíamos a dramas britânicos em excesso. Mas eu não tinha certeza sobre meus sentimentos por Alex, e

Josh estava chateado com seu ex-melhor amigo.

Ele ainda estava.

Quando ele descobriu que Alex e eu estávamos juntos novamente, ele perdeu o controle. Ele ficou semanas sem falar comigo e, mesmo agora, nossas conversas estavam tensas. Josh ficou em DC para sua residência, então ainda morávamos na mesma cidade, mas ele se recusou a me ver se Alex estivesse lá. Ele ignorou todo as tentativas de Alex e viu através de meus esquemas para ajudá-los a consertar as coisas. Eu o convidei para celebrar o Dia de Ação de Graças conosco, mas como eu esperava, ele recusou.

— Eu gostaria que Josh pudesse ter vindo. — Eu admiti. Eu senti falta do meu irmão.

— Eu também. Mas ele vai mudar. — Apesar de suas palavras confiantes, uma pequena ruga vincou a testa de Alex. Ele não disse isso, mas eu sabia que ele sentia falta de Josh também. Eles tinham sido tão próximos quanto irmãos.

Infelizmente, Josh era teimoso como um touro. Quanto mais você o empurrava, mais ele fincava os pés. A única coisa que podíamos fazer era dar-lhe tempo e esperar.

— Ele vai. — Suspirei e coloquei meus braços em volta do pescoço de Alex. — Fora isso, porém, esta semana foi perfeita.

Estávamos em Vermont havia seis dias, e toda a fuga tinha sido um sonho de outono digno do Pinterest. Feiras de artesanato, um trote de peru, a melhor cidra de maçã quente

que já provei... até Alex gostava de estar aqui, embora se recusasse a admitir. Eu ouvi sua conversa com Ralph quando seu antigo instrutor de Krav Maga ligou e o convidou para o Dia de Ação de Graças, e levei uma eternidade para convencê-lo a aceitar.

— Bom. — Alex colocou as duas mãos na minha cintura e me beijou nos lábios. — Fique feliz por ter alugado nossa própria cabana em vez de ficar aqui com Ralph e Missy. — Sussurrou ele. — Porque você vai pagar por seu atrevimento de mais cedo.

Meu coração saltou de excitação. Antes que eu pudesse responder, as vozes de Missy e Ralph flutuaram pela porta, e eu pulei tão rápido que bati meu joelho na parte de baixo da mesa.

Eu pulei em minha cadeira, meu rosto vermelho como uma beterraba, assim que nossos anfitriões entraram novamente na sala.

— Desculpe, demoramos tanto. — Missy cantarolou. — Espero que não estejamos interrompendo nada.

— Não. — Eu respondi. — Eu só estava saboreando seu frango delicioso. — Eu mastiguei a carne agora fria. — Hum.

Alex bufou uma risada, o que lhe rendeu outro olhar furioso de mim.

— A maior parte da comida está fria, querida. — Missy cacarejou em decepção. — Você quer que eu aqueça eles ou

pule direto para a sobremesa? Eu fiz torta de nozes, torta de abóbora, torta de maçã...

— Sobremesa! — Ralph e eu gritamos ao mesmo tempo.

— Alex? — Missy ergueu as sobrancelhas.

— Uma fatia de torta de nozes está bom, obrigado.

— Absurdo. Você está recebendo uma fatia de todos os três. — Ela disse com firmeza. — Eu os fiz por um motivo, não foi?

O que Missy queria, Missy conseguia.

Quando saímos da casa dela e de Ralph, eu estava cheia a ponto de explodir.

Inclinei-me para Alex para me apoiar enquanto caminhávamos de volta para nossa cabana alugada, que ficava a quinze minutos a pé.

— Devíamos vir aqui para o Dia de Ação de Graças todos os anos. — Eu disse. — Se formos convidados, claro.

Ele lançou um olhar incrédulo em minha direção.

— Não.

— Você se divertiu!

— Eu não. Eu odeio cidades pequenas. — Alex colocou a mão nas minhas costas e me guiou ao redor de uma pequena poça que eu não tinha notado.

Eu fiz beicinho.

— Então por que você veio este ano?

— Porque você nunca esteve em Vermont e não quis calar a boca sobre isso. Agora que você veio, não temos que voltar.

— Não tente agir como um durão. Eu vi você comprar aquele cachorrinho de porcelana na feira de artesanato quando você pensou que eu não estava olhando. E você me arrasta para aquela loja de sidra quente descendo a estrada todas as tardes.

O carmesim manchou as bochechas de Alex.

— Chama-se fazer limonada com limões. — Ele rosnou. — Você está pedindo isso esta noite.

— Talvez eu esteja. — Eu gritei e comecei a correr quando Alex se aproximou de mim. Ele me pegou em, oh, cinco vírgula dois segundos, mas eu não estava tentando escapar muito, e eu não era exatamente Usain Bolt depois de todos os carboidratos que ingeri.

— Você vai ser a minha morte. — Disse ele, girando-me até que eu o estive de frente. A luz da lua projetava suas feições em nítido relevo, fazendo as linhas pálidas de suas maçãs do rosto cortarem como lâminas na escuridão. Belo. Perfeito. Frio, exceto pelo calor de seu abraço e o brilho provocador em seus olhos.

Passei meus braços em volta do seu pescoço e minhas

pernas em volta de sua cintura. — Então, vamos voltar para o Dia de Ação de Graças no próximo ano, certo?

Alex suspirou.

— Pode ser.

Em outras palavras, sim.

Eu sorri.

— Talvez pudéssemos vir mais cedo e ir colher maçãs.

— Não abuse da sorte.

Justo. Iríamos colher maçãs no ano seguinte. Setecentos dias deveria ser tempo suficiente para convencê-lo.

— Alex?

— Sim, Sushine?

— Eu amo você.

Seu rosto se suavizou.

— Eu também te amo. — Seus lábios roçaram os meus antes de sussurrar: — Mas não pense que isso vai te salvar da surra que está recebendo quando estivermos de volta na cabana.

Um arrepio de antecipação percorreu meu corpo.

Eu não podia esperar.

Alex

Ao contrário do que Ava disse, eu odiava Vermont. Houve algumas partes não terríveis, como a comida e o ar fresco, mas eu *curtir* o campo? Eu não sabia do que ela estava falando.

Em absoluto.

No entanto, perdi todo o tempo que passei com Ava no Dia de Ação de Graças depois que voltei ao trabalho.

Foi quase constrangedor a rapidez com que o Archer Group me aceitou de volta como CEO quando voltei de Londres. Não fiquei surpreso, eu era o melhor. O cara que me substituiu estava bem como um substituto, mas até ele sabia que seu mandato na Archer havia chegado ao fim da linha quando entrei em meu escritório há quatro meses.

Esse cargo sempre foi meu, não importa quem ocupasse a cadeira.

O conselho ficou muito feliz por me ter de volta, e as ações de Archer saltaram 24% quando minha reintegração como CEO chegou aos jornais.

Eu tinha um equilíbrio melhor entre minha vida pessoal

e profissional agora que Ava tinha se mudado para minha cobertura Logan Circle, principalmente porque eu preferia comê-la em nossa cama do que comer comida na minha mesa. Saí do escritório por volta das seis nesses dias, para grande alívio da minha equipe.

— Sushine? — Eu gritei, a porta da frente fechando atrás de mim. Pendurei meu casaco no cabide e esperei por uma resposta.

Nada.

Ava, que trabalhava como fotógrafa freelance júnior para a *World Geographic* e algumas outras revistas, geralmente estava em casa a essa altura. A preocupação passou pelo meu estômago antes de ouvir o barulho da torneira girando e o som fraco, mas inconfundível, do chuveiro ligado.

Meus ombros relaxaram. Eu ainda estava paranoico com sua segurança e tinha contratado um guarda-costas permanente para cuidar dela, para seu desespero. Tivemos uma luta total e nocauteadora por causa disso, seguida por sexo igualmente nocauteante, mas acabamos nos comprometendo, manteríamos o guarda-costas, mas ele ficaria fora de vista e não interferiria, a menos que Ava estivesse em perigo fisico.

Eu tomei outras precauções para garantir que meus inimigos pensassem duas vezes antes de ir atrás dela também... incluindo espalhar rumores detalhados sobre o que aconteceu com o último cara que ousou tocá-la.

Descanse no inferno, Camo.

Os rumores funcionaram. Algumas pessoas estavam tão apavoradas que não conseguiam mais me olhar nos olhos.

As Indústrias Hauss também estavam fritas, graças à decisão imprudente de Madeline de ficar em conluio com meu tio. Eu tive muita chantagem contra o pai de Madeline. Fraude, lavagem de dinheiro, lida com personagens desagradáveis... ele era um homem ocupado. Tudo que eu tive que fazer foi passar uma denúncia anônima e selecionar informações para o concorrente de Hauss, e eles cuidaram do trabalho sujo para mim.

A última vez que soube, o pai de Madeline enfrentaria anos de prisão e Madeline trabalhava em uma lanchonete skeezy em Maryland depois que o governo congelou todos os bens de sua família.

A única pessoa com quem eu estava preocupada era Michael, que Ava disse que ficava mandando cartas para Josh pedindo para vê-lo. Josh tinha recusado até agora.

Em um esforço para não manchar minhas mãos com mais sangue, abandonei meu plano de enviar Michael para um túmulo prematuro na prisão, mas tinha pessoas de dentro o monitorando, e tornando sua vida mais do que um pouco desconfortável. Se ele apenas pronunciasse o nome de Ava, eu saberia sobre isso, e me certificaria de que ele nunca mais fizesse isso.

Por hábito, liguei a TV de tela plana em nosso quarto e meio que ouvi o noticiário da noite enquanto tirava minhas roupas de trabalho. Eu deveria me juntar a Ava no chuveiro. De que adiantava ter uma ducha forte *com* um assento se não transamos em cima dele pelo menos uma vez por semana?

Minha cobertura era enorme, mas tinha móveis mínimos até que Ava a arrumou depois que ela se mudou. E por arrumar quero dizer arte e flores e fotos emolduradas de nós e seus amigos em todos os lugares. Jules e Stella permaneceram em DC após a formatura, enquanto Bridget dividia seu tempo entre Eldorra, DC e Nova York. Suas amigas aceitavam melhor nosso relacionamento reacendido do que Josh, mas isso não significava que eu queria seus rostos olhando para mim 24 horas por dia, sete dias por semana na minha própria casa. Eu só concordei em exibir as fotos porque Ava não parava de me olhar com tristeza de cachorrinho até que eu cedesse.

— Você deveria ter dito não. — Murmurei para uma foto minha e Ava em um jogo de beisebol Nats durante o verão. Estava pendurada ao lado de uma galeria mais formal de seu trabalho em Londres, as que comprei a na exposição WYP.

Ela me fez fazer todo tipo de coisas malucas hoje em dia, como desistir do café e seguir um horário de sono. Ela disse que ajudaria com minha insônia, e sim, eu dormi mais horas do que antes, mas isso tinha mais a ver com ter Ava ao meu lado do que qualquer outra coisa. Além disso, ainda tomo uma xícara de café ocasional no escritório.

Eu estava prestes a entrar no banheiro quando algo disse o apresentador chamou minha atenção. Eu parei, certo de que tinha ouvido errado, mas o chyron rolando na parte inferior da tela confirmou o que eu tinha ouvido.

O som do chuveiro ligado foi desligado e o barulho da porta do box se abrindo se infiltrou no quarto.

— Ava?

Houve uma breve pausa e um leve farfalhar.

— Você chegou em casa cedo! — Ava saiu do banheiro em um redemoinho de vapor, cabelo e pele úmidos, com nada além de uma toalha enrolada em seu corpo esguio. Ela sorriu quando me viu, e meu rosto suavizou.

— Dia lento no escritório. — Dei um beijo em sua boca. Meu pau se mexeu com interesse, e fiquei tentado a arrancar sua toalha e levá-la ali mesmo contra a parede, mas havia algo que ela precisava saber antes de começarmos uma de nossas noites. — Você teve notícias de Bridget hoje?

— Não. — A sobrancelha de Ava franziu. — Por que?

— Confira as notícias. — Inclinei minha cabeça em direção à TV, onde o apresentador falava a mil por hora.

Ava fez uma pausa, ouvindo a atualização antes de seu queixo cair.

Eu não a culpei. Porque o que aconteceu? Isso não acontecia em mais de 200 anos da história dos Eldorranos.

A voz estridente do apresentador encheu a sala, tão animada que tremia.

— *...O príncipe herdeiro Nikolai abdicou do trono de Eldorra para se casar com Sabrina Philips, a comissária de bordo americana que ele conheceu no ano passado durante uma viagem diplomática a Nova York. A lei Eldorrana estipula que os monarcas do país* devem se *casar com alguém de nascimento nobre. Sua irmã, a princesa Bridget, é agora a primeira na linha de sucessão ao trono. Quando ela se tornar Rainha, ela será a primeira mulher monarca de Eldorra em mais de um século...*

A imagem de uma Bridget inexpressiva saindo do Plaza Hotel em Nova York, seguida por seu guarda-costas de rosto sombrio e cercada por repórteres gritando, apareceu na tela.

— Puta merda. — Disse Ava.

Puta merda estava certo. Pelo que me lembrei, que era tudo, Bridget se irritou com as restrições que vinham com ser uma princesa normal. Agora que ela era a primeira na fila para a coroa? Ela deve estar pirando.

Na TV, Rhys conduziu Bridget até um carro que esperava e lançou aos repórteres um olhar tão ameaçador que eles recuaram em massa. A maioria das pessoas não teria percebido, mas percebi o calor nos olhos de Bridget quando ela olhou para Rhys e a maneira como a mão dele roçou a dela por um segundo a mais do que deveria antes de ele fechar a porta.

Arquivei essa informação para o futuro. Bridget era amiga

de Ava, então ela estava segura, mas nunca machucou ter material de chantagem para uma futura rainha.

Com base no que acabei de testemunhar, os sentimentos de Bridget sobre seu governo iminente eram o menor de seus problemas.

FIM

